

**UNIVERSIDADE ABERTA**



**O COLECIONISMO EM MANUEL TEIXEIRA GOMES:  
CONTRIBUTOS PARA O SEU ESTUDO**

**Ricardo Manuel da Mota e Silva**

**Mestrado em Estudos do Património**

**Dissertação orientada pelo**

**Professor Doutor Pedro Eugénio Dias Ferreira de Almeida Flor**

**janeiro de 2024**



Este trabalho está licenciado sob CC BY-NC-SA 4.0. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

## AGRADECIMENTOS

Este é o espaço e o momento em que posso recordar e agradecer a todos aqueles, mais ou menos próximos, que direta ou indiretamente me acompanharam e cooperaram nesta jornada.

Assim, começo por agradecer aos professores que me transmitiram a paixão pela História, pela História da Arte e pelo Património, nomeadamente à docente de História dos 10.º e 11.º anos, aos professores da licenciatura e a todos os docentes do mestrado em Estudos do Património, sobretudo ao meu orientador, Professor Doutor Pedro Eugénio Dias Ferreira de Almeida Flor, que se permitiu percorrer este caminho ao aceitar a orientação científica desta dissertação e pelas suas instruções que contribuíram para o enriquecimento da minha formação académica.

Quando começamos a cogitar num tema para investigar no âmbito da dissertação de mestrado delineámos um projeto relacionado com o Museu Dr. José Formosinho, em Lagos. Contudo, quis a fortuna conduzirmos mais para o Sotavento e fomos desembarcar em Portimão devido à impossibilidade em estudar a coleção deste museu lacobrigense, que se encontra em fase de remodelação e ampliação, conforme nos foi transmitido pela responsável pelo mesmo, a Professora Doutora María Elena Morán Hernández, à qual expressamos o nosso agradecimento por numa reunião nos ter informado que o Museu de Portimão tinha um pequeno núcleo dedicado a Manuel Teixeira Gomes o qual, provavelmente, ainda não tinha sido objeto de um estudo académico.

Ao Museu de Portimão – em especial à Dr.ª Isabel Soares, ao Dr. Pedro Branco e à Dr.ª Ana Alexandre – estamos profundamente gratos pela sua disponibilidade, colaboração e amabilidade.

Para a consecução dos nossos objetivos foram ainda fundamentais outras instituições, a quem agradecemos, como a Biblioteca Nacional de Portugal, o Centro de Documentação e Arquivo Histórico do Museu de Portimão, a Biblioteca Municipal da Maia, o Museu da Presidência da República, a Fundação Mário Soares e Maria Barroso e a Universidade Aberta.

Uma nota de agradecimento à professora Carla Sousa, nossa colega de História, pela simpática oferta de parte da coleção das obras de Manuel Teixeira Gomes da Portugália Editora.

Um bem-haja aos meus amigos Carlos, Paula, Milton e Elis pelos convívios salutareos.

Agradeço, ainda, aos meus familiares mais próximos, em particular ao meu irmão pelo companheirismo, à minha sobrinha pelo apoio na tradução para inglês de alguns termos, ao meu pai pelo sentido do dever, à minha mãe por permanecer... e aos meus avós maternos pelo carinho e valores legados.

E, por fim, gratidão à Isabel pela leitura e crítica deste trabalho e por caminhar ao meu lado.

## DEDICATÓRIA

Às indagações, dos caminhos cerrados às estradas entreabertas... na  
persistência da existência.



## DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

### STATEMENT OF INTEGRITY

Declaro ter atuado com integridade na elaboração da presente dissertação/tese. Confirmando que em todo o trabalho conducente à sua elaboração não recorri à prática de plágio ou a qualquer outra forma de falsificação de resultados.

Mais declaro que tomei conhecimento integral do Regulamento Disciplinar da Universidade Aberta, publicado no Diário da República, 2.ª série, n.º 215, de 6 de novembro de 2013.

I hereby declare having conducted my thesis with integrity. I confirm that I have not used plagiarism or any form of falsification of results in the process of the thesis elaboration.

I further declare that I have fully acknowledged Disciplinary Regulations of the Universidade Aberta (regulation published in the official journal Diário da República, 2.ª série, N.º 215, de 6 de novembro de 2013).

Universidade Aberta, 10 de janeiro de 2024

Nome completo/Full name: Ricardo Manuel da Mota e Silva

Assinatura/Signature:

manuscrita ou digital / handwritten or digital

TÍTULO: O Coleccionismo em Manuel Teixeira Gomes: contributos para o seu estudo.

## RESUMO

Manuel Teixeira Gomes (1860-1941), senhor de uma vasta cultura artística, amante e consumidor de arte, ao longo da sua vida adquiriu – durante o período em que foi diplomata em Londres (1911-1923) em casas de leilões, antiquários e *marchands* – um conjunto relevante de medalhística, objetos de arte e peças decorativas (ocidentais e orientais). Parte desta coleção foi alienada em quatro leilões realizados na capital inglesa, nos últimos meses de 1923, e o restante enviado para Portugal servindo de recheio à mansão que comprou em Caxias (a casa da Gibalta), onde perspectivava residir após findar o mandato como Chefe de Estado. Contudo, a inesperada renúncia, em dezembro de 1925, ao cargo e o seu autoexílio conduziram ao desmembramento desta coleção através de ofertas a amigos e, em grande medida, de doações a instituições públicas portuguesas como a Casa da Moeda e a museus, como o Museu Nacional de Arte Contemporânea, o Museu Nacional de Arte Antiga, o Museu Nacional Machado de Castro, o Museu Municipal do Porto e o Museu Municipal da Cidade de Lisboa.

Após o seu falecimento, em outubro de 1941, o remanescente da coleção que permanecia na casa da Gibalta rumou a Portimão tendo, entre 1999 e 2007, parte da sua coleção sido comprada em leilões pelo Museu de Portimão o qual conta no seu espaço com o núcleo *Manuel Teixeira Gomes – viajante, político e escritor* onde estão expostas catorze das cento e seis peças da coleção que futuramente integrará o novo Núcleo Museológico *Casa Manuel Teixeira Gomes*.

PALAVRAS-CHAVE: Coleção, Coleccionismo, Manuel Teixeira Gomes, Museu.

TITLE: Collectionism in Manuel Teixeira Gomes: contributions to his study.

#### ABSTRACT

Manuel Teixeira Gomes (1860-1941), master of a vast artistic culture, art lover and consumer, throughout his life acquired – during his time as a diplomat in London (1911-1923) from auction houses, antique dealers and *marchands* – a significant collection of medals, art objects and decorative pieces (Western and Eastern). Part of this collection was sold in four auctions held in the English capital in the last months of 1923, and the rest was sent to Portugal to fill the mansion he bought in Caxias (the Gibalta house), where he intended to live after his post as Head of State ended. However, his unexpected resignation from office in December 1925 and his self-exile led to the dismemberment of this collection through offerings to friends and, to a large extent, donations to Portuguese public institutions such as the Casa da Moeda and museums such as the National Museum of Contemporary Art, the National Museum of Ancient Art, the National Museum of Machado de Castro, the Municipal Museum of Porto and the Municipal Museum of Lisbon.

After his death in October 1941, the remainder of the collection that remained at Gibalta was moved to Portimão and, between 1999 and 2007, part of this was bought at auction by the Portimão Museum, which has the *Manuel Teixeira Gomes - traveller, politician and writer* centre, where fourteen of the one hundred and six pieces from the collection are on display, and which will be part of the new *Manuel Teixeira Gomes House* Museum Nucleus in the future.

KEYWORDS: Collection, Collectionism, Manuel Teixeira Gomes, Museum.

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	1
CAPÍTULO 1 – AMBIENTES DO COLECIONISMO ENTRE FINAIS DO SÉCULO XIX E INÍCIOS DO SÉCULO XX .....	4
1.1 Mutações e Colecionismo .....	4
1.2 Museus entre o Liberalismo e a Ditadura Militar .....	7
1.3 Colecionadores entre o Liberalismo e a Ditadura Militar .....	18
CAPÍTULO 2 – MANUEL TEIXEIRA GOMES: EXCERTOS DE UMA BIOGRAFIA .....	35
2.1 Vida e Obra .....	35
2.1.1 De Estudante a Comerciante .....	36
2.1.2 De Diplomata a Presidente da República .....	42
2.1.3 O Exilado .....	51
CAPÍTULO 3 – MANUEL TEIXEIRA GOMES: ARTE E COLECIONISMO .....	56
3.1 A sensibilidade estética e artística de Teixeira Gomes .....	56
3.2 Manuel Teixeira Gomes, o Colecionador .....	74
CAPÍTULO 4 – A <i>COLEÇÃO MANUEL TEIXEIRA GOMES</i> DO MUSEU DE PORTIMÃO .....	108
4.1 A <i>Coleção Manuel Teixeira Gomes</i> do Museu de Portimão .....	108
4.2 O legado de Manuel Teixeira Gomes ao Museu Nacional de Arte Contemporânea em depósito no Museu de Portimão .....	118
4.3 O Museu de Portimão e a salvaguarda da <i>Coleção Manuel Teixeira Gomes</i> ..	122
4.3.1 O futuro Núcleo Museológico <i>Casa Manuel Teixeira Gomes</i> .....	125
CONCLUSÃO .....	127
BIBLIOGRAFIA .....	131

ANEXO I .....	142
ANEXO II .....	155
ANEXO III .....	202
ANEXO IV .....	219
ANEXO V .....	254

## LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS

£ – Libra esterlina

ABAL – Academia de Belas Artes de Lisboa

ABAP – Academia de Belas Artes do Porto

alt. – altura

c. – *circa*

CAA (1, 2, 3) – Conselho(s) de Arte e Arqueologia (da 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> ou 3.<sup>a</sup> Circunscrição Artística)

CBC – Castelo Branco Chaves

CBP – Columbano Bordalo Pinheiro

Cf. – confrontar

comp. - comprimento

consult. – consultado

doc. – documento

docs. – documentos

EBAL – Escola de Belas Artes de Lisboa

EBAP – Escola de Belas Artes do Porto

Ed. – Edição

et al. – e outros

Fig. – Figura

FLUP – Faculdade de Letras da Universidade do Porto

GAMNAA – Grupo de Amigos do Museu Nacional de Arte Antiga

GNP - Galeria Nacional de Pintura

Inv. – Inventário

larg. – largura

m. – morte

MNMC – Museu Nacional Machado de Castro

MNAA – Museu Nacional de Arte Antiga

MNAC – Museu Nacional de Arte Contemporânea

MNBAA – Museu Nacional de Belas Artes e Arqueologia

MP – CDAH – Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico

MP – Museu de Portimão

MSR – Museu Soares dos Reis

MTG – Manuel Teixeira Gomes

n. – nascimento

n.º - número

n.p. – não paginado

p. – página

PNA - Palácio Nacional da Ajuda

Q. - Questão

s.d. – sem data

s.l. – sem local

s.n. – sem nome

séc. / sécs. – século / séculos

UTR – Urbano Tavares Rodrigues

Vd. - *Vide*

## INTRODUÇÃO

A dissertação que nos propusemos desenvolver intitulada *O Coleccionismo em Manuel Teixeira Gomes: contributos para o seu estudo*, pretende debruçar-se sobre a figura de Manuel Teixeira Gomes enquanto colecionador, articulando-a com o estudo da *Coleção Manuel Teixeira Gomes* pertencente ao Museu de Portimão.

Este estudo enquadra-se na temática do colecionismo e, subsidiariamente, da museologia.

Os principais objetivos da investigação residem nos seguintes vetores: caracterizar a sensibilidade estética e o gosto artístico de Manuel Teixeira Gomes, especialmente através das relações de amizade que manteve com intelectuais, poetas e pintores como Columbano Bordalo Pinheiro e Sousa Lopes e nas viagens realizadas pela Europa e bacia do Mediterrâneo; compreender a sua personalidade enquanto colecionador; estudar a *Coleção Manuel Teixeira Gomes* reunida pelo Museu de Portimão, discernindo em que medida a mesma é reveladora do colecionador que foi Teixeira Gomes. É, ainda, nosso intento analisar, de forma breve, a relevância do projeto de musealização desta coleção no futuro Núcleo Museológico *Casa Manuel Teixeira Gomes*.

A biografia de Manuel Teixeira Gomes é sobejamente conhecida, particularmente na qualidade de diplomata, Presidente da República e de insigne escritor, através dos diversos estudos publicados desde os anos 40 do século passado, com destaque para Norberto Lopes (1942) e Urbano Rodrigues (1946), e mais recentemente por Urbano Tavares Rodrigues (1982), Maria da Graça Mateus Ventura (2010) e por José Alberto Quaresma (2016), os quais abordam de forma, mais ou menos, sucinta o gosto pelo colecionismo em Teixeira Gomes. Todavia, esta faceta ficou, porventura, mais olvidada ou “abafada” pelo homem de Estado e escritor prolífico.

Por outro lado, os estudos que se conhecem sobre a figura de Teixeira Gomes enquanto colecionador centram-se, sobretudo, numa das suas vertentes: a dissertação de mestrado de José Diogo Henriques Sêco Ribeiro (2005) incide, em concreto, na extraordinária coleção de frascos de rapé oferecidos pelo penúltimo Presidente da Primeira República, durante o seu autoexílio, ao Museu Machado de Castro; enquanto

que o sucinto catálogo da exposição *Manuel Teixeira Gomes – O colecionador de pintura* (2009) com textos de José Gameiro, Pedro Lapa e Rui Afonso recai, fundamentalmente, na arte plástica enunciada no seu título e, em particular, no exame de vinte telas oferecidas por Teixeira Gomes ao Museu Nacional de Arte Contemporânea.

Os estudos elencados serviram de referência à nossa dissertação e foram importantes auxiliares na elaboração da mesma.

A finalidade, e pertinência, do nosso trabalho passa por dar um contributo para a caracterização do perfil de colecionador em Manuel Teixeira Gomes, através da análise da coleção que construiu, essencialmente, no período em que foi diplomata em Londres, e debruçar-nos sobre a *Coleção Manuel Teixeira Gomes* adquirida pelo Museu de Portimão, a qual é constituída, pelo menos em parte, como procuramos revelar, por peças provenientes da sua coleção de Londres, as quais integrarão o Núcleo Museológico *Casa Manuel Teixeira Gomes*.

Para atingir os objetivos delineados estruturamos o nosso trabalho em quatro capítulos, sendo que nos dois primeiros procuramos fazer um enquadramento histórico sobre museologia, colecionismo e colecionadores em Portugal – em particular nos finais do século XIX e inícios do século XX – e conhecer a vida e obra de Manuel Teixeira Gomes. Assuntos que abordamos no primeiro e segundo capítulos, respetivamente, onde recorreremos, principalmente, à recolha, seleção e tratamento de informação em bibliografia e pontualmente a fontes de arquivos.

No terceiro e quarto capítulos, recorreremos também a bibliografia editada, mas, assentamos a nossa investigação, substancialmente, em fontes de arquivo que nos permitiram traçar a sensibilidade estética e artística de Teixeira Gomes e definir o seu perfil enquanto colecionador, principalmente através da seguinte documentação: a correspondência enviada por Teixeira Gomes aos pintores Columbano Bordalo Pinheiro e Sousa Lopes (antigos diretores do Museu Nacional de Arte Contemporânea), ao poeta João de Barros, ao historiador e crítico de arte José de Figueiredo (primeiro diretor do Museu Nacional de Arte Antiga), a Viana de Carvalho (seu secretário particular), entre outros; algumas das principais obras escritas por Teixeira Gomes, nomeadamente *Cartas a Columbano*, *Regressos*, *Miscelânea* e *Londres Maravilhosa e outras páginas dispersas*; a

entrevista que concedeu em janeiro de 1939 ao jornalista Norberto Lopes que serviu de mote à publicação da obra *O Exilado de Bougie. Perfil de Teixeira Gomes. Com um estudo de João de Barros*; do relato da sua vida realizado pelo amigo Urbano Rodrigues em *A Vida Romanesca de Teixeira Gomes*. Esta pesquisa documental assentou, ainda, na investigação do *Espólio de Manuel Teixeira Gomes* da Biblioteca Nacional de Portugal, bem como nos arquivos sobre o nosso objeto de estudo existentes no Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico, no Museu da Presidência da República e na plataforma Casa Comum da Fundação Mário Soares e Maria Barroso.

Para consumir o quarto – e último – capítulo, tivemos, ainda, necessidade de realizar inúmeras visitas técnicas à *Coleção Manuel Teixeira Gomes*, pertencente ao Museu de Portimão, para análise e estudo das peças, do inventário e dos catálogos dos leilões onde os objetos foram adquiridos. Por fim, reutilizámos a entrevista realizada, a 13 de julho de 2022, à Dr.<sup>a</sup> Isabel Soares – Chefe da Divisão de Museus, Património e Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Portimão (*Vide Anexo V - Entrevista à Dr.<sup>a</sup> Isabel Soares*), no âmbito do trabalho para a unidade curricular de Seminário de Investigação que se perspetivou como uma antecâmara desta dissertação de mestrado em Estudos do Património.

*A MODA, que tudo altera, corrompe, destroe, imita, inventa, copia e confunde, tem ultimamente adquirido proporções exaggeradas nos paizes europeus, mesmo nos mais cultos, fazendo com que brotasse nas camadas sociaes, desde a mais elevada até á mais modesta, a ideia de um novo “sport”: o de colleccionar antiguidades.*

KEIL, Alfredo<sup>1</sup> – *Collecções e Museus de Arte em Lisboa*. Lisboa: Livraria Ferreira & Oliveira, 1905, p. 5

## **CAPÍTULO 1 – AMBIENTES DO COLECIONISMO ENTRE FINAIS DO SÉCULO XIX E INÍCIOS DO SÉCULO XX**

### **1.1 Mutações e Colecionismo**

Alfredo Keil (1850 – 1907) inconformado com as sucessivas investidas de negociantes estrangeiros no mercado leiloeiro e antiquário português (1905, p. 10-11), o qual delapidava o seu património artístico e cultural<sup>2</sup>, pugna por uma ação estatal que proteja as obras de arte e outros objetos de valor através da publicação de legislação protetora da sua saída para o estrangeiro e da sua aquisição e incorporação em museus nacionais (1905, p. 10)<sup>3</sup>, os quais seriam desta forma enriquecidos à semelhança do

---

<sup>1</sup> Alfredo Keil (1850 – 1907) para além de patrimonialista, foi músico (é o compositor d' *A Portuguesa*, em 1890), poeta, pintor, viajante e um colecionador informado e apaixonado – frequentador de leilões, antiquários e bricabraques – particularmente por instrumentos musicais. Nos últimos anos da sua vida lutou pela criação de um «Museu da Música a partir da colecção por si elaborada e inventariada» (Silva, 2003, p. 18). Carlos Malheiro Dias no artigo que escreveu para a *Ilustração Portuguesa*, sobre Alfredo Keil, descreve-nos a sua coleção: «São importantes e interessantíssimas as collecções de faianças, de relogios, de pergaminhos e de papel sellado, a larga serie da indumentaria; mas a tudo isso sobrepuja em valor e curiosidade, a riquíssima exhibição, sem rival em Portugal ou n'outro paiz, de cerca de quinhentos exemplares de instrumentos de musica antigos e modernos, que elle reuniu, catalogou, descreveu e historiou [...]» (1907, p. 514). Veja-se, ainda, a dissertação de mestrado de Catarina Serafim (2013).

<sup>2</sup> Vera Mariz, que se debruçou sobre esta temática, diz-nos que «os periódicos e obras de intelectuais do século XIX estão pejados de referências a este fenómeno de delapidação patrimonial. Negociantes e colecionadores estrangeiros sobretudo ingleses, holandeses e franceses, rumavam a Portugal adquirindo com facilidade e sem entraves legais à sua saída, obras de arte provenientes de conventos extintos ou dos acervos de uma nobreza decadente» (Mariz, 2018, p. 118).

<sup>3</sup> Keil (1905, p. 10) referindo-se a um leilão de venda de «exemplares raros da ourivesaria portugueza do seculo XVII e XVIII, com pedras finissimas e formas originaes», realizado pelo Ministério da Fazenda, defende a incorporação destas peças no Museu Nacional de Belas Artes e Arqueologia em detrimento do ocorrido: a sua alienação para o estrangeiro.

sucedido em grandes museus europeus, como o do Louvre ou do londrino South Kensington<sup>4</sup>.

Raquel Henriques da Silva, em *Coleccionismo de arte no Portugal de Oitocentos* (2003) – texto fundamental para a compreensão do assunto em estudo –, concorda com Ramalho Ortigão<sup>5</sup> que muito do património nacional foi ao longo do século XIX vítima de «roubos, vendas ao desbarato e grave incúria» (2003, p. 12) e que muitas das mais nobres famílias portuguesas venderam os seus bens (2003, p. 13). No entanto, apesar de todas as contingências, a investigadora considera que: «O último quartel de oitocentos, [...] foi um período de grande importância para o colecionismo português.» (2003, p. 17).

Numa Europa, a que Portugal não era alheio, onde o mercado de arte e de antiguidades fervilhava<sup>6</sup> estimulado pela desconstrução e construção de coleções, motivado pelas alterações políticas, sociais, económicas, religiosas, culturais e artísticas<sup>7</sup> decorrentes da desagregação do Antigo Regime, das guerras e revoluções, ao longo dos finais do séc. XVIII e do séc. XIX, o qual levou à expropriação de bens à Igreja Católica, à ruína de grandes fortunas de uma “velha” aristocracia<sup>8</sup> e à ascensão de uma nova burguesia, alguma recentemente nobilitada pela monarquia constitucional, como o Conde de Daupias aludido por Alfredo Keil como digno colecionador português da segunda metade do séc. XIX (1905, p. 12).

Colecionismo que à época, na opinião de Keil (1905, p. 5), não estava circunscrito a uma elite, antes se alargava a outras camadas sociais sem o mesmo poder de compra,

---

<sup>4</sup> Atual Victoria and Albert Museum.

<sup>5</sup> José Duarte Ramalho Ortigão (1836-1915), autor de obras como *As Farpas* e *O Culto da Arte em Portugal*, onde demonstra ser um profundo conhecedor do seu tempo, nomeadamente ao nível das artes e do património. Para além de escritor foi professor, bibliotecário, membro do Conselho dos Monumentos Nacionais e de diversas instituições científicas (Carrilho, 2016, p. 26 e França, 2004, p. 157).

<sup>6</sup> María Dolores Jiménez-Blanco (2012) considera que os finais do séc. XIX e a primeira metade do séc. XX foram a chamada *Idade de Ouro* do colecionismo. A mesma investigadora e Cindy Mack na obra *Buscadores de beleza: historias de los grandes colleccionistas de arte* (2007, p. 23-24) referindo-se ao 4º Marquês de Hertford e à formação da coleção Wallace afirmam que em meados de oitocentos: «A instabilidade política, as guerras e as revoluções criaram situações em que numerosas famílias aristocráticas descapitalizadas foram obrigadas a se desfazer dos seus patrimónios artísticos. A quantidade de obras-primas que apareciam no mercado era assombrosa.» (tradução nossa).

<sup>7</sup> Carrilho (2016, p. 11) é da opinião que os primeiros museus portugueses oitocentistas são «fruto de transformações políticas, sociais, religiosas e económicas e da renovação artística, literária e científica».

<sup>8</sup> Alguma desta “velha” aristocracia colocou no mercado um considerável número de obras de arte, como foi o caso de famílias apoiantes da causa miguelista, de que são exemplo os marqueses de Abrantes que leilaram a sua coleção em 1834 (França, 2004, p. 89).

pouco instruídas no mundo da arte e das antiguidades, que desejosas de imitar o modo de vida dos endinheirados participam neste novo *sport* colecionista, fomentavam a imitação e a falsificação de obras de arte e de outros objetos com valor patrimonial<sup>9</sup>. Atividade muito em voga nalgumas das grandes cidades europeias, como Londres, Paris, Veneza, Florença, Nuremberga e Munique. Nesta última falsificavam-se «quadros a óleo, de mestres das antigas escolas alemã e holandesa, com suas molduras de talha dourada, já carunchosas.» (Keil, 1905, p. 8).

Este *sport* colecionista fazia-se, maioritariamente, em leilões, antiquários e no *bric-à-brac*<sup>10</sup>.

Segundo Ramalho Ortigão, citado por Hugo Xavier (2012, p. 85), o gosto pelo *bric-à-brac* surgiu em Lisboa pela ação de D. Fernando II na aquisição de peças das artes decorativas, ao que foi imitado pelas elites. Este investigador revela-nos «a existência de um mercado de arte especialmente direcionado para as artes decorativas, o *bric-à-brac* na jocosa expressão coeva, que havia sido em larga medida impulsionado e alimentado pelo rei-artista, possuidor de uma notabilíssima coleção nesse domínio.» (2012, p. 85).

Para Alfredo Keil, ao contrário de alguns colecionadores que o faziam num «espírito imitativo. [...] por vaidade e ostentação» (1905, p. 7), persistia, ainda, um pequeno grupo de “verdadeiros” colecionadores, amantes do belo os quais procuravam preservar as suas coleções da avidez dos mercadores estrangeiros que visitavam Portugal em busca de autênticas preciosidades (Keil, 1905, p.10), como quadros, tapeçarias, faianças, pratas e mobiliário, encontrando-as, muitas das vezes, oriundas da dispersão das coleções das extintas ordens religiosas (Keil, 1905, p.10), as quais marcaram indelevelmente o panorama do colecionismo e da museologia oitocentista portuguesa.

---

<sup>9</sup> Como nos diz Alfredo Keil (1905, p. 8): «O que é bom e raro tem uma cotação bastante alta, e nem todas as bolsas podem dispender sommas importantes: isto faz com que, para contentar os compradores de poucos haveres, apareçam imitações, que se vendem ás dúzias».

<sup>10</sup> O termo *bricabraque*, do francês *bric-à-brac*, pode assumir diferentes significações. Expressão muito em voga nos finais do séc. XIX e inícios de novecentos, segundo José Raimundo Noras e Nuno Prates (2019, p. 142), empregue para se referir ao gosto, por vezes desenfreado, pela aquisição de antiguidades. O termo também poderá significar um espaço que comercializa antiguidades e/ou obras de arte muito diversas com predomínio para as artes decorativas (“bricabraque”, In *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/bricabraque> [consult. em 01-05-2023]). Ainda, segundo o Cambridge Dictionary [em linha] (Disponível na Internet: <URL: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/bric-a-brac> [consult. em 01-05-2023]), podem ser pequenos objetos decorativos de vários tipos e sem grande valor (tradução nossa).

## 1.2 Museus entre o Liberalismo e a Ditadura Militar

A vitória das forças liberais chefiadas por D. Pedro IV, em 1834, conduziu, por motivos ideológicos, à extinção, pelo decreto de 30 de maio de 1834, das ordens religiosas masculinas, e já antes pelo decreto de 5 de agosto de 1833, o mesmo Duque de Bragança, deliberou o fim dos noviciados em conventos femininos, bem como o encerramento de conventos com menos de doze religiosas e nos restantes após a morte da última religiosa de cada comunidade, o que se traduziu num prolongar da situação até aos finais da centúria. Esta legislação liberal<sup>11</sup>, na senda dos ideais da Revolução Francesa, foi de grande importância para a evolução do colecionismo nacional, na medida em que grande parte do espólio das ordens religiosas passou para as mãos do Estado<sup>12</sup>, o qual será vendido a colecionadores particulares, nacionais e estrangeiros, ou formará o núcleo primitivo dos museus nacionais (Roque, 2010, p. 117-121).

De entre os bens patrimoniais das antigas ordens religiosas arrolados pelo Estado que integraram o espólio dos primeiros museus nacionais, destacam-se as pinturas e as esculturas de temática religiosa (Roque, 2010, p. 122).

As desamortizações dos bens patrimoniais das ordens religiosas levadas a cabo pela Monarquia Constitucional produziram, segundo Maria Isabel Roque (2010), amplos efeitos na museologia oitocentista, particularmente na abertura de novos espaços museológicos, na criação de uma nova conceção de museu enquanto «centro dinamizador de cultura e arte, ao serviço não só dos artistas e de uma elite intelectual, mas de um público cada vez mais diversificado.» (Roque, 2010, p. 124) e na mudança da forma de fruição dos objetos religiosos, que no museu passam a assumir novas funções.

O museu passa a ser uma instituição de serviço público, um espaço com objetivos pedagógicos e cívicos – instruir e formar o gosto pelo belo – (Ramos, 1993, p. 30), onde o novo regime procura veicular a sua ideologia liberal. Disso é exemplo o Museu

---

<sup>11</sup> A que acresce outras normativas, como a abolição dos morgadios em 1863 (Malta; Neto, 2014, p. 32).

<sup>12</sup> Segundo Carrilho (2016, p. 16) os bens das ordens religiosas extintas foram incorporados na Fazenda Pública pela Portaria de 4 de junho de 1834, excetuando-se: «Os objectos litúrgicos, sagrados e considerados indispensáveis ao culto [que] eram entregues às autoridades religiosas.» (Roque, 2010, p. 120).

Portuense<sup>13</sup>, fundado, em 1833<sup>14</sup>, na cidade nortenha por D. Pedro, ainda durante o Cerco do Porto, no contexto da Guerra Civil entre Liberais e Absolutistas (1832-1834). A direção daquele que foi o primeiro museu público português<sup>15</sup>, instalado no Convento de Santo António da Cidade (atual Biblioteca Pública Municipal do Porto), coube ao pintor João Baptista Ribeiro (1790-1868) o qual utilizou como recheio os bens eclesiásticos expropriados em várias casas religiosas do Porto (caso do Mosteiro de S. Bento da Vitória), Coimbra (Mosteiro de Santa Cruz) e Mosteiro de S. Martinho de Tibães<sup>16</sup>, bem como os bens das casas confiscadas aos partidários do absolutismo e da antiga Academia Real de Marinha e Comércio (Carrilho, 2016, p. 329). No seu espólio inicial predominavam as pinturas e estampas conventuais, o qual será enriquecido com pintura académica (Couto, 2011, p. 24).

A direção do Museu Portuense será, a partir de 1839, assumida pela Academia Portuense de Belas Artes, criada em 1836, a qual partilhava as mesmas instalações. Em 29 de junho de 1840, no reinado de D. Maria II, o museu é aberto ao público, mas rapidamente é esquecido pelo Estado caindo numa situação calamitosa (Carrilho, 2016, p. 330-331). Após a Implantação da República, pelo Decreto n.º 1 de 26 de maio de 1911, passará a designar-se Museu Soares dos Reis.

Outro exemplo do aproveitamento do espólio das ordens religiosas extintas em prol do colecionismo nacional foi a criação, em 1834, na capital do reino, do depósito de S. Francisco, o qual nos inícios de 1835, segundo o *Boletim da Academia Nacional de Belas-Artes* datado de 1838 e citado por Maria Isabel Roque (2010, p. 127), tinha recebido «mais de mil quadros de Pintura, e entre elles, um grande numero dos mais excellentes, [...], que se tem recolhido das Casas Religiosas extintas nesta Capital, e suas vizinhanças, e que devem a seu tempo servir á fundação de um Museo Nacional de Bellas-Artes.».

---

<sup>13</sup> O objetivo do Museu Portuense (também conhecido por Ateneu Portuense ou Ateneu de D. Pedro) passava pela preservação do património móvel, pela difusão do gosto pelo belo e disponibilização dos meios necessários à instrução pública através dos objetos das belas-artes.

<sup>14</sup> Formalizado por decreto da rainha D. Maria II, em 1836.

<sup>15</sup> Segundo Sónia Couto (2011, p. 22) este foi «o primeiro museu de arte do país».

<sup>16</sup> «Quatro mil quadros constituíam o acervo deste museu mal instalado, provenientes dos mosteiros nortenhos e tendo como núcleo principal a colecção de Tibães, que fora legada ao convento em 1810 por [o pintor] J. Teixeira Barreto.» (Chicó; Gusmão; França, coord. 1973, p. 286).

Porém, muito deste espólio sofrerá com a degradação, vítima da ineficaz gestão das academias de belas-artes do Porto e Lisboa e do mau acondicionamento existente nas instalações de ambos os conventos<sup>17</sup>.

Aquando da Exposição de Arte Ornamental Portuguesa e Espanhola<sup>18</sup>, em 1882, no Palácio Alvor-Pombal, surgiu a ideia da criação de um espaço mais condigno para albergar o valioso acervo depositado no Convento de S. Francisco, gerido, desde 1836, pela Academia de Belas Artes de Lisboa. Assim, em 12 de junho de 1884, abre ao público no Palácio das Janelas Verdes o Museu de Belas Artes e Arqueologia<sup>19</sup> acolhendo uma riquíssima coleção de pinturas, esculturas, artes decorativas e objetos litúrgicos de ourivesaria, principalmente, provenientes dos bens expropriados às ordens religiosas, e ainda gravuras, desenhos, arte ornamental e espólio arqueológico adquirido pelo museu (Roque, 2010, p. 134-135), graças, em grande medida, ao *Legado Valmor*<sup>20</sup> o qual, a partir de 1901, disponibilizou uma verba de 70.000\$000 réis para a «constituição de um fundo

---

<sup>17</sup> Cf. FRANÇA, José-Augusto – *História da Arte em Portugal. O Pombalismo e o Romantismo*. 1ª Edição. Lisboa: Editorial Presença, 2004, p. 88.

<sup>18</sup> A Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental Portuguesa e Espanhola, realizada, em 1882, na cidade de Lisboa, foi nas palavras de Maria Emília de Oliveira Ferreira (2010, p. XXIV) «um notável evento cultural no quadro do Portugal oitocentista.» com uma forte carga política e ideológica num contexto de afirmação dos nacionalismos. A investigadora na sua tese de doutoramento *Lisboa em Festa: a Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental Portuguesa e Espanhola, 1882. Antecedentes e Materialização* debruça-se sobre este acontecimento, bem como dos seus antecedentes que remontam à exposição londrina *Special Loan Exhibition of Spanish and Portuguese Ornamental Art*. Nesta exposição, inaugurada em 1881, apresentaram-se obras emprestadas pelo Estado Português (na sua maioria provenientes do acervo da ABAL), mas também de espaços religiosos, dos palácios reais e de destacadas individualidades do colecionismo português como o Marquês de Fronteira, D. Fernando II, entre outros. A exposição contou, ainda, com peças de outros colecionadores sonantes, como Sir. Richard Wallace (1818-1890) (Ferreira, 2010, p. 111). A comissão portuguesa, presidida por Delfim Guedes (1842-1895) – à época *Inspector da Academia Real das Bellas Artes* –, “calcorreou” o país à procura de preciosidades para figurarem nesta mostra, servindo como oportunidade para realizar um inventário desse património móvel (Ferreira, 2010, p. 135). Apesar das vicissitudes a empresa chefiada por Delfim Guedes foi bem-sucedida, estimulando a ideia de no ano seguinte se realizar em Lisboa uma mostra semelhante. A exposição foi inaugurada no dia 12 de janeiro de 1882, no Palácio dos Condes de Alvor, e contou com uma presença lusa mais vincada. Portugal apresentou peças, sobretudo, das mesmas procedências das que estiveram em Londres, com destaque para as de três colecionadores: D. Fernando II (presidente de honra da exposição), Condessa de Edla e D. Luís. Esta exposição colocou Portugal no mapa das artes ornamentais, sendo visitada por cerca de 100 mil pessoas (Roque, 2010, p. 134), e provou «ao governo que era possível, com a experiência adquirida e com o dinheiro ganho, instalar no Palácio Alvor o Museu Nacional de Bellas Artes e Archeologia.» (Ferreira, 2010, p. 322)

<sup>19</sup> Foi o obreiro da exposição de 1882, Delfim Guedes, quem lançou as bases do Museu de Belas Artes e Arqueologia. Este museu teve como diretores os pintores António Tomás da Fonseca (1884-1894), António José Nunes (1894-1904) e Carlos Reis (1905-1911).

<sup>20</sup> Após as reformas definidas no Decreto n.º 1 de 26 de maio de 1911, o Legado Valmor passou para o MNAA e para o MNAC.

permanente aplicado à aquisição de obras de arte nacionais e estrangeiras» (Carrilho, 2016, p. 122), permitindo, entre outras, a compra de diversas obras de relevo, como desenhos de Domingos António de Sequeira (1768-1836) e os dois quadros (*A pintura e Retrato de desconhecido*) de Vieira Portuense (1765-1805) (Figueiredo, 1915, p. 147).

O acervo do Museu Nacional de Belas Artes e Arqueologia cresceu, ainda, com depósitos, legados, doações e ofertas, como a citada por José de Figueiredo (1915, p. 147) relativa à pintura *Retrato do Rei D. Sebastião* de Cristóvão de Morais, oferecida à instituição pelo Conde dos Olivais e Penha Longa.

Após a Implantação da República, em 05 de outubro de 1910, os republicanos preocupados com o desenvolvimento educativo, cultural e social do país e a proteção patrimonial, vão procurar, à semelhança dos primeiros tempos da Monarquia Constitucional, reafirmar o carácter pedagógico e didático dos museus, num desígnio de «divulgação da cultura entre as massas» (Oliveira Marques, 1990, p. 292 *apud* Ramos, 1993, p. 44), bem como o seu papel de guardiões do património<sup>21</sup>. Esta articulação entre pedagogia e museologia, pode-se atestar no Decreto n.º 1 de 26 de maio de 1911<sup>22</sup> onde os museus são encarados como uma componente essencial da educação geral e um complemento fundamental do ensino artístico (Ramos, 1993, p. 45).

Nesse mesmo documento legal é salientada a importância da aproximação dos museus à população local através da criação ou remodelação de museus regionais<sup>23</sup>. Outra dimensão que os republicanos imprimiram ao museu foi o de dinamização turística, procurando atrair turistas nacionais e estrangeiros e, desta forma, incrementar o crescimento económico do país (Carrilho, 2016, p. 65).

Com a finalidade de proteger o património nacional de valor artístico e histórico da delapidação – por via da incúria, da deterioração ou da saída para o estrangeiro – o

---

<sup>21</sup> Na opinião de Carrilho (2016, p. 33) a conceção museológica da Primeira República assentava em dois vetores: «conservar e educar».

<sup>22</sup> Segundo Carrilho (2016, p. 65) este foi o «diploma que mais diretamente influenciou as instituições museológicas [durante a Primeira República]». Na elaboração do Decreto n.º 1 de 26 de maio de 1911 tiveram papel de relevo dois importantes museólogos: António Augusto Gonçalves e José de Figueiredo; e um importante republicano e colecionador, José Relvas.

<sup>23</sup> Entre 1912 e 1924 foram criados treze museus regionais, de que são exemplo os museus de Évora e de Faro, ambos de 1915, e outros de carácter predominantemente educativo e didático como o Museu de Arqueologia Histórica na Universidade do Porto, em 1922.

Governo Provisório aprovou, em 19 de novembro de 1910, um diploma<sup>24</sup> onde, entre outros, se define os objetos considerados artísticos e arqueológicos; se condiciona a alienação destes bens a decisão governamental, «assegurando ao Estado a preferência na sua aquisição e recomendando o envio dos mais valiosos e em maior risco para os museus» (Carrilho, 2016, p. 638), proibindo-se «a sua exportação sem a autorização do Ministério do Interior.»<sup>25</sup>; e atribui-se a responsabilidade da aprovação dos projetos de restauro à Academia de Belas Artes de Lisboa ou do Porto.

Nas palavras de Oliveira Marques, citado por Paulo Oliveira Ramos (1993, p. 44-45), «o grande mérito da República esteve em fornecer a legislação e o enquadramento indispensáveis para uma revolução cultural em Portugal», porém a falta de verbas<sup>26</sup> impediu a concretização, na sua totalidade, deste projeto de desenvolvimento museológico, cultural e social.

O Decreto de 26 de maio de 1911 estabeleceu, ainda, a criação de três circunscrições artísticas, dirigidas pelo respetivo Conselho de Arte e Arqueologia ao qual, segundo Ramos (1993, p. 45), competia «a guarda dos monumentos e a direcção suprema dos museus» das respetivas áreas geográficas. Da primeira circunscrição, com sede em Lisboa, faziam parte o Museu Nacional dos Coches, o Museu Etnológico Português e, pela cisão do MNBAA, o Museu Nacional de Arte Antiga e o Museu Nacional de Arte Contemporânea. Na segunda circunscrição foi fundado, na cidade de Coimbra, o Museu Machado de Castro. Por fim, na terceira circunscrição artística, sediada na cidade do Porto, o antigo Museu Portuense passou a designar-se de Museu Soares dos Reis.

Ao Museu Nacional de Arte Antiga, instalado no Palácio das Janelas Verdes, foram consignadas as obras de arte produzidas até 1850<sup>27</sup> e a missão «de receber o espólio

---

<sup>24</sup> Conhecido como *Lei da Proteção Artística*.

<sup>25</sup> Cf. <https://www.icomos.pt/recursos/legislacao-nacional> [consult. 14-04-2023].

<sup>26</sup> E, ainda, a tremenda instabilidade governativa nos dezasseis anos de Primeira República. No entanto, nas palavras de Carrilho (2016, p. 70): «Os insucessos não retiram, contudo, o devido mérito ao Regime, pelo esforço empreendido em prol da conservação e divulgação do património.».

<sup>27</sup> Deliberação tomada pela Comissão Executiva do Conselho de Arte e Arqueologia sediada em Lisboa, na sessão de 10 de julho de 1911.

artístico dos paços reais» (Roque, 2010, p. 137), bem como os objetos de valor artístico provenientes da nacionalização dos bens da Igreja Católica<sup>28</sup>.

Ao longo do período (1911 – 1938) que a instituição foi gerida pelo seu primeiro diretor, o Dr. José de Figueiredo<sup>29</sup>, o acervo da instituição foi-se valorizando «com peças oferecidas, legadas ou doadas por colecionadores, colocadas em depósito por entidades públicas e privadas, ou adquiridas directamente pelo museu.» (Roque, 2010, p. 137). Para estas incorporações, que enriqueceram o acervo do museu, em muito contribuiu o Grupo de Amigos do Museu Nacional de Arte Antiga, do qual fizeram parte personalidades ilustres como os poetas Guerra Junqueiro (1850-1923) e Camilo Pessanha (1867-1926), Manuel Teixeira Gomes (1860-1941), entre outros. Esta associação, fundada por iniciativa de José de Figueiredo, em abril de 1912, visava agregar todos os interessados no museu, promovendo a divulgação e engrandecimento do seu espaço e coleções. Nas palavras do seu diretor à época: «A este grupo deve-se, além de bastantes aquisições feitas com o producto das suas quotas anuaes, a oferta e deposito de quadros e outras obras de arte, cujos doadores ou depositantes, [são] na sua quasi totalidade membros do grupo (...)» (Figueiredo, 1915, p. 148).

As verbas do MNAA<sup>30</sup> vão permitir o enriquecimento da coleção de artes decorativas através da aquisição de cerâmica, mobiliário e ourivesaria. Mas, também das belas-artes como escultura e pintura, nomeadamente com a compra de obras de artistas de relevo como Jean Honoré Fragonard (1732-1806) (Figueiredo, 1915, p. 148-149).

Aquando da realização do leilão da coleção Ameal<sup>31</sup>, em 1921, o Estado concedeu uma verba especial de 100 mil escudos para aquisições (Soares, 2016, p. 98-101), após ter

---

<sup>28</sup> A Lei de Separação da Igreja do Estado de 20 de abril de 1911 determinava, no artigo 62.º, como pertença do Estado o património do clero secular. E, já antes pelo Decreto de 8 de outubro de 1910 procedeu-se a uma nova extinção das ordens religiosas e à nacionalização dos bens da Companhia de Jesus. Veja-se <https://www.icomos.pt/recursos/legislacao-nacional> [consult. 14-04-2023] e Carrilho (2016, p. 52).

<sup>29</sup> José de Figueiredo (1872-1937) formou-se em Direito, mas destacou-se como um eminente museólogo, historiador e crítico de arte de grande craveira com uma ampla rede de contactos. A ele se deve o reconhecimento internacional de uma Escola Portuguesa, tendo por base os estudos realizados aos, recentemente descobertos, *Painéis de S. Vicente* que culminaram com a publicação, em 1910, pela sua pena da obra *Arte Portuguesa Primitiva: o Pintor Nuno Gonçalves*.

<sup>30</sup> Principalmente constituídas pelas quotas anuais do GAMNAA, os rendimentos do Legado Valmor e a disponibilizada pelo Estado a partir de 1914.

<sup>31</sup> O título de 1.º Conde do Ameal foi concedido, em 1901, por D. Carlos a João Maria C. Ayres de Campos (1847-1920), o qual se destacou na vida política. O Conde do Ameal para além de mecenas formou uma extraordinária coleção de arte (Soares, 2016, p. 91-92) a qual foi, na sua maioria, colocada em leilão após

nomeado José de Figueiredo e Columbano Bordalo Pinheiro com a incumbência de analisar as peças de interesse *para alguns museus dos Conselhos de Arte e Arqueologia das três circunscrições* e os valores estimados<sup>32</sup>. Ao MNAA coube receber da coleção Ameal uma grande variedade de objetos de cerâmica, dois contadores e pinturas de artistas nacionais e estrangeiros (Carrilho, 2016, p. 135).

O novo Museu Nacional de Arte Contemporânea, aberto ao público no dia 28 de junho de 1914<sup>33</sup>, foi-se acomodar no Convento de S. Francisco da Cidade (Lisboa)<sup>34</sup>, onde já se encontrava a Academia de Belas Artes, recebendo do MNBA as obras de arte posteriores a 1850<sup>35</sup>, as quais formaram o seu acervo primitivo (Carrilho, 2016, p. 172-174 e 182-183). A este fundo original vão-se juntar obras – em particular dos domínios da pintura, do desenho e da escultura – de artistas contemporâneos<sup>36</sup> adquiridas com dotações do Estado<sup>37</sup> e com o Legado Valmor<sup>38</sup>, mas também através de ofertas ou doações de particulares<sup>39</sup> e «peças provenientes de colecções régias<sup>40</sup>» (Barranha, 2011, p. 16).

---

a sua morte pela sua viúva, a Condessa do Juncal, devido a dificuldades económicas. Realizado em 1921, este foi um dos maiores leilões europeus pela quantidade e qualidade dos bens artísticos da sua coleção, o que explica a presença de representantes dos museus nacionais, do Louvre e do Prado (Carrilho, 2016, p. 134-135).

<sup>32</sup> Para uma melhor compreensão do leilão da coleção Ameal em 1921 veja-se SOARES, Clara Moura – A Coleção de arte do Conde do Ameal: o leilão de 1921 e as aquisições do Estado Português para os Museus Nacionais. In MALTA, Marize; NETO, Maria João; CAVALCANTI, Ana; OLIVEIRA, Emerson Dionísio de; COUTO, Maria de Fátima Morethy, eds. – *Coleções de Arte em Portugal e no Brasil nos séculos XIX e XX. Modos de ver e exibir em Brasil e Portugal*. Rio de Janeiro: Rio Books, 2016, p. 89-105.

<sup>33</sup> O MNAC abria ao público às quintas-feiras e aos domingos, das 11h00 às 16h00, com entrada gratuita.

<sup>34</sup> Local onde foram realizadas muitas das exposições dos artistas românticos e naturalistas ao longo da segunda metade do séc. XIX.

<sup>35</sup> Segundo Carrilho (2016, p. 182) num total de 124 obras.

<sup>36</sup> Nomeadamente de obras de professores e alunos da Academia de Belas Artes patentes nas exposições do Grémio Artístico e da Sociedade Nacional de Belas-Artes.

<sup>37</sup> Segundo Carrilho (2016, p. 176) a partir de 1913 o museu «passou a contar com uma verba de 6500 contos anuais inseridos no Orçamento de Estado» para a aquisição de obras de artistas contemporâneos.

<sup>38</sup> Carrilho (2016, p. 183-187) elenca diversas aquisições feitas pelo MNAC com o Legado Valmor, nomeadamente as obras *Em Marvão*, de Alfredo Roque Gameiro (1864-1935), por 150\$00 e *Outono*, de José Malhoa (1855-1933), por 700\$00.

<sup>39</sup> Em agosto de 1915 a viúva de Alfredo Keil ofereceu a aguarela *O Besteiro*, de Miguel Ângelo Lupi.

<sup>40</sup> Do Palácio Nacional da Ajuda foram incorporadas no MNAC algumas obras de relevo, caso de *Eneias salvando Anquises* do pintor António Manuel da Fonseca (1796- 1890).

Durante o mandato do primeiro diretor, Carlos Reis (1911-1914)<sup>41</sup>, o museu formou uma coleção com cerca de duzentas obras (Barranha, 2011, p. 16)<sup>42</sup>, na sua maioria de artistas portugueses do Romantismo e do Naturalismo.

Em 17 de dezembro de 1914 Columbano Bordalo Pinheiro<sup>43</sup> é formalmente nomeado pelo governo para desempenhar as funções de novo diretor do MNAC, cargo onde permaneceu até à sua morte, em 1929. Durante a sua gestão a coleção cresceu consideravelmente contando, em setembro de 1918, «com 438 obras de várias especialidades artísticas» (Carrilho, 2016, p. 180).

Cerca de dois anos antes, em 15 maio de 1916, José de Figueiredo no artigo que publicou na revista *Atlântida*, intitulado *O Museu Nacional de Arte Contemporanea*, abordava as transformações introduzidas por Columbano nas salas de exposição, enaltecendo<sup>44</sup> o trabalho deste na forma harmoniosa como dispôs as coleções do museu. Nas quatro salas dedicadas à pintura José de Figueiredo diz-nos que se encontravam obras de grandes pintores, maioritariamente portugueses, como Tomás da Anunciação, Cristino da Silva, Miguel Ângelo Lupi, Silva Porto, António Ramalho, Sousa Pinto, Columbano Bordalo Pinheiro, Veloso Salgado, Luciano Freire, Alfredo Keil, Carlos Reis e José Malhoa (com uma das suas obras maiores *Os bêbados*), e algumas pinturas de

---

<sup>41</sup> Carlos Reis (1863 – 1940) foi, para além de diretor dos museus MNBAA (1905-1911) e MNAC (1911-1914), um destacado pintor naturalista português e mestre respeitado desde 1895 (França, 2004, p. 196), ano em que assume a docência da cadeira de Pintura de Paisagem na EBAL, sucedendo ao seu antigo mestre Silva Porto (1850-1893) de quem recebeu o gosto pela pintura do ar-livrismo, que procurou inculcar nos seus alunos, fundando para tal a Sociedade Silva Porto, em 1900, e, em 1911, o Grupo Ar Livre.

<sup>42</sup> Carrilho (2016, p. 178) é da opinião que no final do mandato de Carlos Reis as «coleções do Museu, ainda que de grande qualidade, não se constituíam por mais de 150 exemplares.».

<sup>43</sup> Columbano Augusto Bordalo Pinheiro (1857 – 1929) foi um ilustre pintor português das últimas décadas de oitocentos até à sua morte, em 1929. Notabilizou-se na temática do retrato, tendo pintado figuras ilustres como Jaime Batalha Reis (1847-1935) e Bulhão Pato (1828-1912) e «com a formação da Galeria de retratos dos presidentes da República, no Palácio de Belém, o governo incumbiu Columbano do retrato de Manuel de Arriaga. Para esta Galeria, Columbano pintou também o retrato de Teófilo Braga (1917), o de Teixeira Gomes (1925)» (Elias, 2011, p. 167). Filho e irmão de artistas, como o célebre caricaturista e ceramista Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905), Columbano destacou-se ainda noutras temáticas, como a pintura histórica (principalmente nos temas camonianos) e as naturezas-mortas. Estudou e foi docente na EBAL. Em 1881 rumou a Paris como bolseiro e integrou o *Grupo do Leão*, com quem expôs entre 1882 e 1887. Para além de diretor do MNAC, foi presidente da Sociedade Nacional de Belas Artes (1902-1914) e membro da comissão que desenhou a atual Bandeira Nacional (Cf. França, 2004, p. 199-204. Veja-se, ainda, a tese de doutoramento de Margarida Maria A. C. R. de Moura Elias *Columbano no seu Tempo (1857-1929)*, defendida na Universidade Nova de Lisboa, em 2011).

<sup>44</sup> José de Figueiredo (1916, p. 658-659) elogia, ainda, a obra pictórica de Columbano que compara aos grandes pintores holandeses do século XVII.

artistas estrangeiros como Albert Besnard e Jean Paul Laurens. O mesmo crítico de arte revela que na sala de escultura destacavam-se as obras de *O Desterrado* (em gesso) de Soares dos Reis, *A viúva* de Teixeira Lopes e um «lindo bronze de Costa Mota, *Bernardim Ribeiro*» (Figueiredo, 1916, p. 660)<sup>45</sup>.

Da coleção Ameal o MNAC comprou obras de artistas renomados, entre os quais Silva Porto (*Conduzindo o rebanho*), Tomás da Anunciação (*Grupo de cavalos*) e Augusto Metrass (*Camões na gruta de Macau e Só Deus*).

Contudo, o trabalho de CBP, como diretor do MNAC, não era do agrado das gerações mais novas de artistas que se reuniam no café *A Brasileira do Chiado*, os quais proferem críticas pelo facto deste museu se manter fechado à modernidade, numa predileção pelo Naturalismo (Silva, 2010, p. 166) e recusando a entrada de obras de artistas como Almada Negreiros ou Amadeo de Souza-Cardoso (França, 1991, p. 98).

Segundo Raquel Henriques da Silva, o MNAC representou o «reconhecimento da importância simbólica dos artistas naturalistas» (Silva, 2012, p. 82), os quais dominaram a cena artística pictórica portuguesa durante um longo período, sensivelmente entre 1880 e 1930, moldando o “gosto português”<sup>46</sup>.

Raquel Henriques da Silva (2010, p. 163-167), no início do seu artigo para o catálogo da exposição evocativa dos cem anos da Implantação da República refere que: «O panorama artístico português, no ano de 1910, é marcado, como as décadas anteriores e a subsequente, pela estética dos artistas naturalistas que se haviam afirmado como “modernos” nos anos de 1880». A autora é da opinião que este gosto pela representação pictórica do “país real”, tradicional e rural, tornou-se para os artistas «uma espécie de imperativo moral» que se adequava aos desejos de um colecionismo burguês e aristocrático conservador, criando um fecundo mercado de arte que se vivificava mutuamente.

---

<sup>45</sup> Por esta descrição de José de Figueiredo, datada de 1916, percebe-se que as salas do MNAC apresentavam coleções predominantemente do Romantismo e do Naturalismo português.

<sup>46</sup> Cf. FRANÇA, José-Augusto – *A Arte em Portugal no século XX (1911-1961)*. 3ª Edição. Lisboa: Bertrand Editora, 1991, p. 189, onde o autor aborda a persistência da mentalidade oitocentista no Portugal dos anos de 1920.

As obras dos artistas naturalistas, como Silva Porto e Marques de Oliveira, vão integrar novas e velhas coleções decorando palacetes e mansões onde prevalecem as artes decorativas de gosto conservador (Silva, 2003, p. 18).

Como já afirmámos na segunda circunscrição foi fundado, em 1911, na cidade de Coimbra, o Museu Machado de Castro, com António Augusto Gonçalves<sup>47</sup> na qualidade de seu diretor. Ao longo do seu mandato (1911-1928) pautou-se por uma atitude metódica procurando inventariar os objetos das coleções do museu, que aumentaram consideravelmente, e pela defesa do património da sua circunscrição artística, por vezes, ambicionado pela circunscrição lisboeta, como foi o caso da disputa, em novembro de 1911, dos objetos que se encontravam no Convento do Desagravo no Louriçal, os quais cabiam na circunscrição de Coimbra e, após a sua ação enérgica ficaram no MNMC (Carrilho, 2016, p. 262-263).

Enquanto membro do CAA2, foi incumbido de selecionar os objetos dos conventos extintos, apresentando fortes críticas à delapidação do património nacional através da alienação de muitos destes bens em hasta pública (Carrilho, 2016, p. 258-259).

Inicialmente pensado pelo seu primeiro diretor e fundador como um Museu Geral de Arte Geral, com um propósito pedagógico-didático – em rota com os intentos da Primeira República – de contribuir como complemento para a formação de profissionais das diversas áreas do mundo artístico e laboral, através da exposição de «coleções com artefactos antigos e modernos» (Carrilho, 2016, p. 257), cedo se revelou um museu com uma coleção eclética que vai das belas-artes (pintura, desenho e escultura), passando pela arqueologia até às artes decorativas (cerâmica, têxteis, mobiliário, ourivesaria e joalheria) onde se insere uma rica coleção de peças orientais. Desde a sua fundação o

---

<sup>47</sup> António Augusto Gonçalves (1848 – 1932) foi uma personalidade ligada ao mundo do ensino, da arte, da arqueologia, do património e da museologia. Ao nível da arte foi pintor, escultor, crítico de arte e professor de desenho. Como defensor do património e arqueólogo colaborou no restauro da Sé Velha de Coimbra e nas escavações arqueológicas em Conímbriga. Para além de diretor do MNMC, esteve associado a várias outras iniciativas museológicas, das quais destacamos a sua ação no Museu do Instituto de Coimbra, fundado em 1874. (Carrilho, 2016, p. 255-274).

MNMC agregou o acervo do Museu do Instituto de Coimbra<sup>48</sup> e como anexo o Museu de Arte Sacra da Sé de Coimbra<sup>49</sup>.

O Museu Nacional Machado de Castro foi aberto ao público, em 11 de outubro de 1913, no antigo Paço Episcopal de Coimbra recebendo coleções de diferentes tipologias, de origem privada e pública, incorporados através de ofertas, doações e legados, compra ou depositados ao abrigo das leis anticlericais.

Em relação a ofertas, doações e legados António Carrilho, na sua tese de doutoramento *Os Museus em Portugal durante a 1.ª República*, afirma que: «Um dos mais importantes acervos entrados por testamento no MMC foi o do poeta Camilo Pessanha», em 1926 (2016, p. 266), composto essencialmente por peças orientais.

Das aquisições realizadas pelo Estado no leilão da coleção Ameal foram entregues ao MNMC algumas peças, das quais mencionamos «um desenho a carvão de Domingos Sequeira, [...] sete pratos [em cerâmica] hispano-mouriscos e um prato de faiança espanhola do século XVII.» (Carrilho, 2016, p. 267).

As incorporações através da transferência ou depósito de objetos das congregações religiosas extintas tiveram um papel muito importante na formação da coleção do MNMC. Em 1911 são concluídas as transferências dos objetos de interesse para o museu que ainda se encontravam nos antigos conventos de Santa Teresa, nomeadamente uma mesa de pau preto do séc. XVII e uma Sagrada Família em madeira, e de Santa Clara, de que é exemplo um retábulo de 1537 (Carrilho, 2016, p. 262).

Os antecedentes do Museu Soares dos Reis, tutelado a partir do Decreto n.º 1 de 26 de maio de 1911 pelo CAA3, remontam ao Museu Allen<sup>50</sup> e ao Museu Portuense. O seu

---

<sup>48</sup> O Museu do Instituto de Coimbra, surgido em 1874, possuía um rico acervo arqueológico proveniente, principalmente, de escavações realizadas na Conímbriga romana.

<sup>49</sup> Onde se destacava a rica coleção de arte sacra da diocese de Coimbra. O museu foi fundado por D. Manuel Correia de Bastos Pina (Bispo de Coimbra entre 1872 e 1913), e inaugurado em 1884.

<sup>50</sup> O Museu Allen é obra do negociante inglês, João Allen, o qual em 1836 criou, de raiz, um museu eclético, formado por três salas onde se expunha, de forma estruturada: pintura (incluindo quadros de Vieira Portuense, Vieira Lusitano, Sequeira, Caravaggio e Murillo), escultura, artes decorativas (mobiliário, ourivesaria, vasos gregos e estatuetas egípcias), numismática e múltiplos objetos (lavas do Vesúvio, conchas, minerais, etc.) reunidos nas suas viagens por países como os Estados Unidos da América, a Itália, a Suíça e a França. O Museu Allen assemelhava-se aos gabinetes de curiosidades enciclopedistas do séc. XVIII (Silva, 2003, p. 14), reflexo da educação cosmopolita do seu fundador, das suas viagens e vivências. O Museu Allen a partir de 1838, apesar de privado, podia ser visitado pelo público aos domingos e em certos dias úteis por artistas e estudiosos, tornando-se no primeiro do seu género em Portugal. Após o falecimento do seu mentor é adquirido, em 1850, pela Câmara Municipal Porto pelo

primeiro diretor foi o insigne pintor João Marques da Silva Oliveira<sup>51</sup>, contudo mesmo com a mudança de tutela o museu continuou, até 1932, profundamente ligado à EBAP.

Apesar dos esforços de João Marques da Silva Oliveira, não são realizadas as necessárias obras de adaptação do edifício do Convento de Santo António para se conseguir uma adequada conservação, ampliação e musealização das suas coleções (Carrilho, 2016, p. 331-332).

O MSR contou desde o início com um vasto espólio que incluía arte sacra, pintura, escultura, mobiliário, ourivesaria, cerâmica e artefactos arqueológicos, o qual foi crescendo ao longo do período em foco. Entre as principais incorporações destacamos os depósitos de bens das extintas congregações religiosas, como um sacrário estilo renascença do *Recolhimento do Bom Pastor* e um quadro com a Virgem e o Menino da região de Bragança (Carrilho, 2016, p. 334-335); da coleção Ameal o MSR arrecadou a obra *Ceifeiras*, de Silva Porto. Ainda segundo Carrilho (2016, p. 335): «Em 1924, o MSR foi contemplado com a doação da galeria particular de José Meireles Rodrigues Júnior.».

Pelo Decreto n.º 21504, de 25 de julho de 1932, o museu é elevado à categoria de Nacional e separado da EBAP. Em 1 de agosto imediato, Vasco Valente torna-se seu diretor e em 1940 o Palácio dos Carrancas passa a ser a sua nova “casa”.

### 1.3 Colecionadores entre o Liberalismo e a Ditadura Militar

---

valor de 19 contos e gerido pelo filho do fundador, Eduardo Allen, a partir de 1852, ano que é reaberto ao público passando a integrar as coleções do Museu Portuense, o qual em 1858 passou a designar-se de Museu Municipal do Porto. Este museu, em 1937, foi extinto e as suas coleções depositadas no MNSR. Segundo Ramos (1993, p. 34), o Museu Allen: «Foi o primeiro museu português que teve catálogos impressos, tendo o primeiro, o de pintura, saído em 1853.» «que registava 600 quadros» (Chicó; Gusmão; França, coord., 1973, p. 286) e na opinião de Carrilho (2016, p. 507) a sua coleção de pintura terá sido formada, entre 1826-1838, numa época de «desmembramento de muitas coleções particulares, como a do Marquez de Abrantes (...)», onde Allen compra obras. Veja-se, ainda, a entrada da investigadora Emília Ferreira, “ALLEN, João”, no Dicionário *Quem é Quem na Museologia Portuguesa* (Silva [et al.], 2022, p. 17-19) e a dissertação de mestrado de Sónia Couto, intitulada *Objectos da colecção arqueológica do Museu Nacional Soares dos Reis: estudo e mediação*, apresentada à FLUP em 2011.

<sup>51</sup> João Marques da Silva Oliveira (1853 – 1927), foi aluno, professor e diretor da ABAP. Em 1873 partiu, com Silva Porto, como pensionista para Paris, viajando ainda pelos Países Baixos, Inglaterra e Itália. De regresso a Portugal introduz com Silva Porto o Naturalismo e o gosto pela pintura *en plein air*, destacando-se como um grande paisagista. Em 1880 funda com Soares dos Reis (1847 - 1889) o Centro Artístico Portuense e durante a Primeira República foi diretor do CAA3 e do MSR (Cf. França, 2004, p. 147-148 e “João Marques de Oliveira”, In *Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto*, em [http://sigarra.up.pt/up/pt/web\\_base.gera\\_pagina?P\\_pagina=1000881](http://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?P_pagina=1000881) [consult. 19-04-2023]).

No período em estudo, entre o Liberalismo e a Ditadura Militar, deu-se uma espécie de redistribuição das coleções com a colocação à venda dos bens da Igreja, da Coroa, da família real (Grilo, 2016, p. 175) e da “velha aristocracia” que permitiram a formação de novas coleções, algumas das quais seriam, também elas, desmembradas e novamente incorporadas.

Duas coleções reais merecem destaque, a do rei D. Fernando II e a do seu filho, o rei D. Luís. Os dois foram importantes mecenas e protetores das artes e do património. O primeiro constituiu uma grandiosa coleção eclética e o segundo destacou-se na criação, em 1869, de uma pinacoteca no Palácio da Ajuda.

Distinguiram-se, igualmente, as coleções de três condes: Carvalhido, Daupias e Burnay<sup>52</sup>. O Conde de Carvalhido notabilizou-se pelas numerosas doações de quadros à ABAL. Por seu lado o Conde de Daupias elevou o colecionismo em Portugal a um novo patamar, construindo uma esplendorosa pinacoteca com obras de artistas, especialmente estrangeiros do séc. XVIII, passando pelos premiados no *Salon*<sup>53</sup> até aos pintores da *Escola de Barbizon* (Chicó; Gusmão; França, coord., 1973, p. 89). O banqueiro Burnay, amigo de Daupias, formou uma grandiosa coleção ao decorar o seu palácio.

Entre os finais do séc. XIX e as primeiras décadas do séc. XX, devemos, ainda, realçar a coleção eclética constituída pelo abastado proprietário rural e político republicano, José Relvas, na sua quinta em Alpiarça – a Casa dos Patudos – que por testamento legou ao município, para aí ser criada uma casa-museu. Aberta ao público em 15 de maio de 1960, mantém-se praticamente intacta.

D. Fernando de Saxe-Coburgo e Gotha (1816-1885) foi, segundo José Augusto-França (2004, p. 89) e Raquel Henriques da Silva (2003, p. 12), o maior impulsionador e

---

<sup>52</sup> Outras coleções evidenciaram-se neste longo período, pelo que podemos elencar a dos Duques de Palmela (onde se incluía os últimos quatro quadros de Domingos Sequeira); do Conde de Farrobo e do Marquês da Foz (que colecionaram requintadamente, principalmente, para decoração dos seus luxuosos palácios), esta última leiloada em 1901; do político João Arroyo, leiloada em 1905; do Conde do Ameal, leiloada em 1921; e, segundo Raquel Henriques da Silva (2003, p. 17), do poeta Guerra Junqueiro, adquirida pelo MNAA, em 1923, por uma quantia simbólica.

<sup>53</sup> Mostra oficial de artes plásticas (principalmente de pintura e escultura) realizada pela Academia de Belas-Artes de Paris. As exposições tiveram início em 1745 e estenderam-se até 1890, com carácter anual ou bianual. Durante a centúria de oitocentos estas “mostras” ditaram modas e tendências.

protetor das artes e do património nacional no séc. XIX, servindo de modelo à elite social lisboeta que acorreu ao magnífico leilão do seu espólio, realizado em 1892, onde figuraram quatrocentos e trinta quadros (França, 2004, p. 89). Originário da corte austríaca, onde recebe uma forte influência do Romantismo alemão, casa, em 1836, com D. Maria II, tornando-se rei-consorte. A partir de 1856, livre dos afazeres oficiais, deu início a uma série de quatro viagens pelo estrangeiro que lhe permitiram, através de diversas aquisições, enriquecer as suas coleções e desenvolver os seus conhecimentos sobre arte e património<sup>54</sup>. Nesse ano viaja pelo sul de Espanha (Cádiz e Sevilha) e norte de África (Tânger, Teutão e Ceuta). Entre maio e outubro de 1863, realiza um longo périplo por localidades europeias, agora acompanhado pela ex-cantora lírica Elise Hensler (1836-1929), sua futura esposa e Condessa de Edla. Nesta segunda viagem visita, novamente, o país vizinho. Em Sevilha fica encantado com as obras do pintor seiscentista barroco natural dessa cidade, Bartolomé Esteban Murillo (1617-1682). Desta localidade remete uma carta, referenciada por Hugo Xavier (2022, p. 195), dirigida ao seu filho D. Luís em que nos revela o seu gosto pelo bricabraque: «*No bric-à-brac comprei dois belos Limoges em esmalte.*». Explora o Museu do Prado, destacando obras do pintor Diego Velázquez (1599-1660) que considera o pintor espanhol mais talentoso, Toledo e o Mosteiro do Escorial. Segue viagem para Barcelona e daqui para Paris – à época um «fervilhante mercado de arte e antiguidades» (Xavier, 2022, p. 196) – revisitando monumentos e museus, onde compra diversas peças que vão aumentar consideravelmente as suas coleções, em especial esmaltes de Limoges. A viagem prossegue por terras italianas: Génova, Turim, Florença, Veneza e Milão. Na cidade berço da arte renascentista, procura antiquários e conhece as importantes coleções da *Galleria degli Uffizi* e do *Palácio Pitti*, deslumbrando-se com as obras dos grandes mestres italianos da renascença, em particular, Rafael, Leonardo da Vinci, Ticiano e com os trabalhos de ourivesaria de Benvenuto Cellini. Em carta enviada a D. Luís, a partir de Milão, afirma, segundo Hugo Xavier (2022, p. 200), que em Veneza «*algumas famílias nobres vendem tudo ao desbarato*». O périplo segue caminho por Suíça com a Alemanha como destino. Em

---

<sup>54</sup> Veja-se XAVIER, Hugo – “*Propriedade Minha*”: ourivesaria, marfins e esmaltes da coleção de D. Fernando II. Sintra: Parques de Sintra – Monte da Lua, 2022, p. 194-202.

Dresden contacta o negociante Moritz Meyer, a quem adquire, entre outras peças, uma caneca em marfim e prata. Passa, ainda, por Haia, Amesterdão e Bruxelas onde enriquece as suas coleções, nomeadamente com a aquisição de uma taça com uma concha em madrepérola (*nautilus*) e peças de fina e peculiar ourivesaria, como uma estatueta em prata encimada com uma carpa (Xavier, 2022, p. 201-202).

Nove anos depois faz nova viagem e em 1883 realiza o seu último périplo pelo estrangeiro.

A sua ação enquanto colecionador, mas igualmente como mecenas na salvaguarda do património, foi vasta, no que salientamos: a aquisição sistemática de obras de artistas portugueses contemporâneos (românticos e naturalistas), como se atesta pela compra das obras *Eneas salvando o seu pai Anquises* (1843) de Mestre Fonseca (França, 2004, p. 85) e de *Cinco Artistas em Sintra* (1855), de João Cristino da Silva. Interessou-se, ainda, pelo colecionismo de artistas estrangeiros, caso da obra *Casamento Místico de Santa Catarina*, de Hans Holbein, o Velho (1460-1524); o enorme interesse de D. Fernando II (cognominado de rei-artista), de igual forma, pelas artes decorativas levou à encomenda de inúmeras peças, como mobiliário em madeiras exóticas ao marceneiro Pedro Barthomomeu Dejante, e à compra de salvas e gomis do século XVI, cerâmica de diversas manufaturas e períodos, objetos em vidro e armas antigas, as quais serviram de recheio ao interior dos palácios das Necessidades e da Pena onde se juntaram à sua coleção de pintura, a qual nas palavras de Hugo Xavier era, «a maior e mais destacada coleção dos artistas nacionais do seu tempo» (Silva [et al.], 2022, p. 216); a doação de um total de sessenta e cinco contos – da dotação que recebida do Estado –, entre 1865 e 1869, à ABAL que foram aplicados na compra (essencialmente de coleções particulares, como do Conde de Farrobo) de cento e catorze quadros<sup>55</sup>, entre os quais se evidenciam obras de Domingos Sequeira (caso de *Alegoria à Constituição de 1822*, de 1822), de pintores flamengos e holandeses do séc. XVII e um painel de predela de Rafael Sanzio, para figurarem na Galeria Nacional de Pintura<sup>56</sup>; e o seu empenho pessoal na integração de

---

<sup>55</sup> Segundo Hugo Xavier «num gesto mecenático estranho ao país» (2022, p. 215).

<sup>56</sup> A Galeria Nacional de Pintura (também conhecida por *Museu da Academia de Belas Artes*), instalada em cinco salas da ABAL, foi inaugurada no dia 29 de março de 1868 com um catálogo de 324 obras, graças ao empenho e visão – desde 1862 – do vice-inspetor da Academia Real de Belas Artes, o Marquês de Sousa Holstein (1838-1878), em modernizar o ensino artístico da academia e em enriquecer e tornar

preciosidades do património nacional, como a *Custódia de Belém* (de Gil Vicente, 1506) e a *Cruz de D. Sancho* do séc. XIII, nos bens da Coroa impedindo possíveis depredações (Xavier, 2022, p. 66-67).

O seu extraordinário papel como colecionador e mecenas foi coroado, três anos antes da sua morte, com a atribuição de uma sala (a sala F) para expor duzentas e dez peças – entre as quais medalhões de Luca della Robia (Ferreira, 2010, p. 271) – da sua excecional e eclética coleção na, já mencionada, Exposição de Arte Ornamental de 1882 (Xavier, 2022, p. 274-275).

D. Luís (1838 - 1889) recebeu do seu pai o gosto pelo colecionismo. Filho de D. Maria II e de D. Fernando II, subiu ao trono em 1861 devido à morte prematura do seu irmão, o rei D. Pedro V, tendo desposado, em 1862, D. Maria Pia de Sabóia<sup>57</sup>.

A marca distintiva de D. Luís a nível museal ficou a dever-se à fundação, em 1867, de uma pinacoteca real<sup>58</sup> no Palácio Nacional da Ajuda, estruturada num moderno espaço museológico adaptado para o efeito<sup>59</sup>.

Segundo o catálogo de 1869, ano de abertura ao público, a galeria contava com cento e cinquenta quadros, onde imperavam obras flamengas e italianas e algumas nacionais do seu tempo (França, 2004, p. 89), compradas em Portugal e no estrangeiro.

A maioria das aquisições realizadas por D. Luís deram-se, segundo Hugo Xavier (2015), entre 1865 e 1867.

---

pública a exposição do seu acervo (Chicó; Gusmão; França, coord., 1973, p. 286). Este foi transferido em 1884 para o MNBAA. A GNP contou com a ação benemérita dos reis D. Luís e D. Fernando II e de outros colecionadores particulares como o Conde de Carvalhido que ofereceu diversos quadros à instituição. Veja-se, em particular, os trabalhos de Hugo Xavier: “A Galeria Nacional de Pintura da Academia de Belas Artes de Lisboa: da formação do acervo à criação do Museu Nacional de Belas Artes e Arqueologia (1834-1884)”. In *Belas Artes da Academia: Uma Coleção Desconhecida*, ANBA, (2016), p. 27-39 e “O Museu de Arte Ornamental da Academia de Belas Artes de Lisboa”. In *Museu*. Vol. 19, (2012), p. 67-94.

<sup>57</sup> D. Maria Pia de Sabóia (1847-1911) era uma mulher habituada aos luxos da corte faustosa de Turim, de gosto refinado, pautando-se por um colecionismo “desenfreado” e elegante. Destacou-se, igualmente, por um regular apoio às artes e ao mecenato em conjunto com o seu marido, nomeadamente na qualidade de sócios fundadores da Sociedade Promotora das Belas-Artes (fundada em 1861).

<sup>58</sup> Para esta empresa, inaugurada - a 16 de outubro de 1867 - no vigésimo aniversário de D. Maria Pia, terão contribuído as influências recebidas «pelos equipamentos congéneres visitados durante as suas viagens ao estrangeiro, como a Galeria Sabauda de Turim, criada pelo rei Carlos Alberto junto ao palácio real e que o sogro de D. Luís, o rei Vítor Manuel, elevou à categoria de Nacional.» (Xavier, 2015, p. 96).

<sup>59</sup> Segundo o Diário de Notícias de 18 de outubro de 1867, citado por Hugo Xavier (2015, p. 100): «A galeria acha-se estabelecida em duas espaçosas salas, cuja luz vem de clarabóias de vidros opacos.»

O ano de 1865 foi frutuoso para a coleção de D. Luís. Na Exposição Internacional do Porto desse ano adquire duas paisagens do pintor francês Camille Bernier (Xavier, 2015, p. 98). Nesta data a família real realiza o seu primeiro périplo pela Europa passando por França, Alemanha e Itália onde fazem, nas palavras de Hugo Xavier, «avultadas compras e encomendas» (Silva [et al.], 2022, p. 343). Algumas destas foram realizadas pelo rei português na Academia Albertina de Belas-Artes, em Turim, o qual após demoradas visitas compra ou encomenda obras dos pintores Ferri, Gastaldi e Gamba (Xavier, 2015, p. 99-100) para a sua pinacoteca.

Em 1867, outro ano proveitoso para o colecionador, D. Luís empenhou-se na representatividade de Portugal na Exposição Internacional de Paris desse ano, adquirindo obras de temática histórica de Marciano da Silva e de Miguel Ângelo Lupi e uma marinha de João Pedroso, para serem expostas nessa mostra (Xavier, 2015, p. 98-99). Nesta última data o futuro diretor da pinacoteca, o pintor Marciano Henriques da Silva, realizou uma viagem pela Europa, na qualidade de agente do monarca, com a autorização para comprar quadros. Depois de aportar em Bruxelas onde terá levado um quadro para ser restaurado, visita Paris e por fim a Itália. Nesta última morada adquiriu diversas pinturas, destacando-se a obra *A Virgem e o Menino e S. João Baptista* de Cesare da Sesto (atualmente no MNAA).

A estas aquisições juntaram-se outras vindas de doações por parte do Conde de Caralhido, da rainha D. Isabel II de Espanha (o *Casamento Místico de Santa Catarina* de Murillo, atualmente no MNAA) e do Visconde de Menezes, entre outros, que totalizaram cerca de 200 quadros. Do conjunto destacam-se, para além das mencionadas, obras como *As Tentações de Santo Antão* de Jerónimo Bosch (c. 1450-1516), *S. Damião* de Bermejo, *Conversão* de Pieter de Hooch, as quais se encontram atualmente no MNAA.

No MNAA estão igualmente outras preciosidades que fizeram parte do “museu de antiguidades” formado por D. Luís entre 1867 e 1869, numa sala próxima à galeria de pintura. Neste núcleo museológico, gerido por Teixeira de Aragão<sup>60</sup>, estiveram expostas preciosidades de relevo como a *Custódia de Belém*, a *Cruz de D. Sancho* e outras

---

<sup>60</sup> Augusto Carlos Teixeira de Aragão (1823-1903) foi também ele um destacado colecionador, principalmente, ao nível da numismática em que formou uma coleção extraordinária. Foi médico, militar e investigador (Xavier, 2015, p. 102).

adquiridas por D. Luís, como uma salva historiada de pé alto do séc. XVI (atualmente no PNA) e uma extraordinária coleção de numismática constituída, em 1874, por 2653 moedas (Xavier, 2015, p. 102), as quais na sua maioria foram reunidas pelo rei desde tenra idade e incorporadas através da compra, em 1867, da coleção Teixeira de Aragão.

Na senda dos propósitos da Monarquia Liberal a pinacoteca real e o “museu de antiguidades” do PNA estavam abertos ao público aos domingos e nos restantes dias eram reservados à família real e seus convidados, bem como para alunos da academia que desejassem analisar as obras. Após o falecimento do segundo diretor da pinacoteca, o pintor Tomás da Anunciação, em 1879, o espaço perde importância continuando a ser possível a visita com uma autorização da vedoria da Casa Real (Xavier, 2015, p. 104).

O rei D. Luís distinguiu, em 1874, Luís Augusto Ferreira de Almeida com o título de Conde de Carvalhido. Este nasceu no Porto em 1817 e faleceu em Paris no ano de 1900. Ainda jovem partiu para o Brasil onde enriqueceu. Regressado à Europa, assenta residência em Paris, construindo nesta cidade a sua visão das belas-artes e desenvolvendo uma contínua prática colecionista (Xavier, 2015, p. 100), principalmente de pintura, com a orientação do *marchand* francês Étienne-François Haro<sup>61</sup> (Xavier, 2014, p. 402), revelando predileção pela pintura antiga em particular pelos grandes mestres espanhóis do *Siglo de Oro* (Murillo, Ribera, Velázquez, etc.), pela escola francesa do séc. XVIII (exemplo de pintores como Boucher, Fragonard e Vernet), pelas escolas holandesa e flamenga de seiscentos (David Teniers, o Jovem; Rubens; entre outros mestres) e mais reduzidamente pela escola italiana com obras de Correggio, Tiepolo, entre outros mestres. Contudo, a sua valiosa coleção<sup>62</sup> contava, ainda, com alguns pintores do Romantismo francês como Théodore Géricault e Eugène Delacroix (Xavier, 2014, p. 403).

Da capital francesa remete algumas generosas ofertas ao rei D. Luís (Xavier, 2015, p. 100) para a sua pinacoteca, como são de exemplo os quadros *Obras de Misericórdia* de

---

<sup>61</sup> Étienne-François Haro (1827-1897) para além de *marchand*, era pintor e possuía um gabinete de restauro e de fornecimento de produtos a pintores o que lhe permitia o conhecimento do mercado de arte parisiense e de alguns dos mais destacados artistas da época como Eugène Delacroix, Courbet, Manet, Degas e Carolus-Duran (Xavier, 2014, p. 402).

<sup>62</sup> No catálogo da pinacoteca do então Visconde de Carvalhido (título concedido, em 1855, pelo então regente D. Fernando II) elaborado por Étienne-François Haro em 1865, contabilizavam-se 104 obras (Xavier, 2014, p. 403). O mesmo *marchand* prestou consultadoria ao visconde em 1870 quando este alienou parte da sua coleção num leilão que contabilizou 148 lotes (Xavier, 2014, p. 410).

Pieter Brueghel, o Moço, e *Cabeça de negro* do pintor francês Géricault (Xavier, 2014, p. 407). Mas, o seu principal legado destinou-se à ABAL<sup>63</sup> a quem envia, a partir de 1865, regularmente obras, num total de 91 pinturas e 2 desenhos (Silva, 2003, p. 16). Neste conjunto predominam as escolas francesa, italiana, flamenga, espanhola e alemã, onde se destacam duas obras com a mesma temática, uma valiosa *Salomé* de Lucas Cranach, o Velho (1472-1553) (Silva, 2003, p. 16-17) e uma *Salomé com a cabeça de São João Baptista* de Paulus Moreelse (Xavier, 2014, p. 408), ambas atualmente no MNAA. O grande intento do Conde de Carvalhido, acalentado pelo Marquês de Sousa Holstein na qualidade de vice-inspetor da Academia de Belas Artes (Xavier, 2014, p. 410-411), foi a criação de uma sala com o seu nome na GNP<sup>64</sup>, objetivo alcançado em abril de 1896 no já MNBAA onde foram criadas, devido ao elevado número de obras, não uma, mas duas salas com a inscrição *Sala conde de Carvalhido* (Xavier, 2014, p. 420), destinadas a acolher as suas ofertas.

A coleção Carvalhido transitou, em 1911, para o MNAA, tendo o seu primeiro diretor, José de Figueiredo, no âmbito de remodelações realizadas no museu, terminado com o espaço dedicado à mesma e dispersado a coleção. As obras doadas com atribuições erróneas ou duvidosas<sup>65</sup> foram colocadas em reserva e as restantes distribuídas pelas salas do museu nacional (Xavier, 2014, p. 422).

À semelhança dos dois anteriores colecionadores mencionados, os reis D. Luís e D. Fernando, também o Conde de Carvalhido foi um homem cosmopolita, viajando por vários países europeus na companhia da sua mulher (Helena Leichtinger) onde visita museus e galerias. Na década de 1870, segundo Hugo Xavier (2014, p. 404), realizam um périplo por Monte Carlo, Nápoles e pelas cidades italianas de Roma, Veneza, Florença e Milão. Visitam ainda a Hungria e a Alemanha (Dresden, Munique e Colónia). Ainda, na

---

<sup>63</sup> Sobre este assunto veja-se, em particular, XAVIER, Hugo – As doações do conde de Carvalhido à Academia de Belas Artes de Lisboa. In NETO, Maria João; MALTA, Marize, eds. – *Coleções de arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX. Perfis e trânsitos*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2014, p. 399-424.

<sup>64</sup> Luís Augusto Ferreira de Almeida socorreu-se do colecionismo e do mecenato às artes para consolidar a sua posição social junto da alta sociedade nacional e parisiense (Xavier, 2014, p. 423-424).

<sup>65</sup> Esta questão foi levantada no tempo do Marquês de Sousa Holstein, com o vice-inspetor da Academia de Belas Artes a demonstrar interrogações quanto a algumas atribuições sonantes anunciadas pelo Conde de Carvalhido.

opinião do mesmo investigador, sabemos que a família do conde se deslocou por diversas vezes a Portugal onde se fazia anunciar nos jornais.

O industrial Pedro Eugénio Daupias (1818 – 1900), nobilitado conde em 1886 por D. Luís, nasceu em Paris onde o seu pai (Bernardo Daupias) era cônsul-geral de Portugal. Por volta de 1840 Pedro Daupias estabeleceu-se em Lisboa onde se dedica com grande sucesso à gestão das fábricas têxteis da família, na zona de Alcântara.

Em Portugal contrai matrimónio, em 1845, com Joana Pereira de Almeida (1822-1891), de quem teve duas filhas: Vitória Emília (1846-1876) e Júlia Eugénia (1854-1874). O falecimento das filhas, na década de 70, foi um acontecimento marcante na vida do industrial de sucesso – com interesses na esgrima, música e arte – que se direciona para o colecionismo como forma de serenar a tristeza (Gonçalves, 2020)<sup>66</sup>, contudo acaba por colocar termo à vida em 25 de janeiro de 1900.

Para a história ficou a sua extraordinária coleção «[a] maior colecção formada em Portugal nos anos 70 e 80 [do séc. XIX]» (França, 2004, p. 154), a qual seria desmembrada em sucessivos leilões<sup>67</sup>. Nela destacava-se a notável pinacoteca, mais de 400 obras (Silva, 2003, p. 15), adquirida, maioritariamente, nas múltiplas viagens à sua terra natal<sup>68</sup> da qual faziam parte os grandes mestres clássicos (Diego Velázquez, Breughel, Rembrandt, Rubens, Giovanni Battista Tiepolo, Jean-Honoré Fragonard, entre outros)<sup>69</sup>, bem como contemporâneos, especialmente os premiados no *Salon* como Jean Paul Laurens e destacados pintores naturalistas como Courbet, Jean-François Millet, Camille Corot e Daubigny. Segundo José-Augusto França (2004, p. 155) a sua coleção de pintura, disposta em modernas galerias concebidas para receber luz natural diurna pelos tetos

---

<sup>66</sup> Ramiro Gonçalves (2020) classifica Pedro Daupias como um «coleccionador sentimental».

<sup>67</sup> Segundo Raquel Henriques da Silva (2003, p. 16), os problemas financeiros decorrentes da crise de finais do século que se abateu em Portugal e, principalmente, as partilhas do património após a morte da sua mulher, em 1891, bem como as disputas familiares levaram à venda e dispersão da coleção Daupias em sucessivos leilões realizadas em Paris (1892 e 1894) e em Lisboa (1894, 1910 e 1911), os quais foram bastante concorridos.

<sup>68</sup> Terá sido principalmente em Paris que Pedro Daupias ganhou o gosto pela arte e pelo colecionismo.

<sup>69</sup> Keil (1905, p. 12) refere que a coleção incluía, ainda, mestres portugueses «das antigas escolas». E, Ramiro Gonçalves (2020) refere que numa primeira fase Pedro Daupias compra obras em Lisboa.

envidraçados, era recomendada aos pintores portugueses em formação e para Ramalho Ortigão, que a conheceu, uma das melhores a nível mundial<sup>70</sup>.

Segundo Hugo Xavier (2014, p. 412), Pedro Daupias ofertou, em novembro de 1884, o MNBAA com dez pinturas da sua coleção, entre as quais obras de Robert-Fleury, Lameyer e Daique.

O palácio do Conde de Daupias, em Alcântara, frequentado pela elite lisboeta da época<sup>71</sup>, estava ricamente decorado com peças de alta qualidade<sup>72</sup> conforme podemos constatar pelas palavras de Alfredo Keil (1905, p. 13), que nos diz «grandes peças de mobiliário nacional, antigo; faianças, joias, marfins e miniaturas; esculturas e um sem numero de bibelots — termo francez agora adoptado para designar pequenos exemplares de porcellanas e de esculturas de todo o genero».

Ramiro Gonçalves (2020) refere que em termos de mobiliário na coleção do conde destacam-se quatro contadores de origem indo-europeia, bem como algum mobiliário português<sup>73</sup> e, maioritariamente, os móveis estilo Império e *Boule*.

Ao nível da cerâmica, o conjunto era formado por cerâmica e faiança. Ambas de diferentes tipologias como estatuetas decorativas, jarras, frascos de rapé, entre outras; e proveniências, nomeadamente cerâmica originária das fábricas de Meissen e Saxe na Alemanha, de Sèvres na França e portuguesa da Vista Alegre (Gonçalves, 2020).

Da coleção Daupias fazia, ainda, parte um notável acervo de ourivesaria com destaque para as salvas de aparato, duas das quais facultadas para estarem expostas na grande exposição de arte ornamental de 1882, em Lisboa (Gonçalves, 2020).

A coleção Daupias reunia cerca de noventa esculturas, em bronze, mármore e terracota. Deste conjunto pontuam peças italianas e francesas dos sécs. XVIII e XIX, em que pelo menos doze são de artistas contemporâneos, caso dos escultores franceses

---

<sup>70</sup> Nas palavras deste escritor: «A sua galeria de quadros e de objectos d'arte é uma das primeiras do mundo.» (Ortigão, 1882, 1 *apud* Gonçalves, 2020).

<sup>71</sup> Nomeadamente pelos escritores Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão.

<sup>72</sup> Formando uma coleção eclética dentro dos padrões colecionistas da época, norteados pelo gosto que irradiava da *Cidade Luz* e para Ramiro Gonçalves (2020) o Conde de Daupias terá «muito provavelmente, inculido nos seus conterrâneos assim como em gerações de futuros praticantes, o gosto pelo bricabraque e a curiosidade por este “novo sport” .».

<sup>73</sup> O Conde de Daupias emprestou para figurar na *Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental Portuguesa e Espanhola* (1882) uma cadeira de noqueira do século XVIII, da sua coleção de mobiliário.

Antoine-Louis Barye (1795-1875) e de Jean-Alexandre-Joseph Falguière (1831-1900). Deste último conserva-se, atualmente, no MNAA o grupo escultórico em bronze *Cupido e Ninfa*. Neste núcleo existiam três trabalhos do português José Simões de Almeida (1844-1926), conhecido como Simões de Almeida (Tio), que executou os bustos do casal Daupias que se encontram no MNAC (Gonçalves, 2020).

Por fim, salientemos os *bibelots* mencionados por Keil (1905, p. 13) os quais se encontravam expostos em móveis-vitrinas onde os frequentadores das *soirées* da família Daupias podiam admirar, por exemplo, estatuetas em marfim, cigarreiras e caixas de rapé e num grande armário holandês envidraçado estava exposta e guardada a sua preciosa coleção de vasos etruscos, provindos das escavações em Pompeia (Gonçalves, 2020).

Para além da elite social lisboeta a Galeria Daupias podia, segundo Alfredo Keil (1905, p. 13), ser contemplada por outros: «Constituindo uma rara exceção, o Visconde de Daupias facultava, aos domingos principalmente, a entrada na sua vasta galeria, aos visitantes, tanto nacionais como estrangeiros, que a solicitassem.»

No leilão de 1910 foram leiloados 1730 lotes da coleção Daupias «servindo para beneficiar outras coleções que se começavam a formar em Portugal.» (Gonçalves, 2020).

Na opinião da investigadora Giulia Rossi Vairo: «Daupias era um verdadeiro colecionador, [...]. Estudava as peças que comprava com muito cuidado e estava muito atento à produção do seu tempo. Na sua coleção há muitos contemporâneos, ao contrário da de Burnay.»<sup>74</sup>.

Segundo Raquel Henriques da Silva (2003, p. 16) uma parte da coleção Daupias foi comprada, por um frequentador da sua residência, o Conde de Burnay<sup>75</sup>, o que na sua opinião é revelador que «apesar de tantos constrangimentos, um gosto e um espírito colecionista existia em Portugal, nos finais do século XIX.»

---

<sup>74</sup> Cf. <https://www.publico.pt/2003/12/04/jornal/colecao-henri-burnay-um-burgues-pragmatico-208525> [consult. 19-04-2023].

<sup>75</sup> Na opinião de Ramiro Gonçalves o jovem Henri Burnay nos convívios com Daupias trocava impressões e pedia-lhe opiniões «sobre peças que comprava, num evidente processo de formação do gosto.» (Silva [et al.], 2022, p. 199). Já nas palavras de D. Tomás de Mello Breyner, 4.º Conde de Mafra, na sua obra *Memórias* (1930, p. 134-135) citado por Raquel Henriques da Silva (2003, p. 16) afirma ter visto Burnay por diversas vezes na residência dos Daupias num convívio afável e que o primeiro: «Levara embrulhos com objectos d'arte e joias antigas que comprara. Era collecionista entendido.»

Henri Burnay (1838-1909) foi uma personalidade incontornável no Portugal de oitocentos (Lima, 2009, p. 565). Senhor da firma Henry Burnay & C.<sup>a</sup>, construiu, principalmente, durante a segunda metade do séc. XIX uma colossal fortuna arrecadada nos negócios da banca, do tabaco, dos caminhos de ferro, entre muitos outros (Lima, 2009, p. 583). D. Luís concede-lhe o título de conde em 1886.

A investigadora Giulia Rossi Vairo, na sua dissertação de mestrado *A Coleção Burnay no Museu Nacional de Arte Antiga de Lisboa* defendida em 2001<sup>76</sup>, estudou a coleção Burnay tendo chegado à conclusão de que Henri Burnay formou, a partir dos anos 80 até à sua morte, uma esplendorosa coleção de obras de arte<sup>77</sup>, fruto do seu gosto pessoal e de aconselhamentos de especialistas ou de pessoas próximas, com a finalidade de decorar as suas residências numa estética eclética de gosto bricabraque em linha com a moda europeia, numa clara procura de afirmação social e cultural junto do seu círculo (Vairo, 2014, p. 472-474).

O Palácio Junqueira (em Lisboa), comprado em hasta pública em 1882, será o mostruário da sua enorme fortuna e prestígio alcançado. Nas obras que empreendeu de ampliação, restauro e decoração daquela que foi a sua residência oficial, aplicou avultadas somas na aquisição de pinturas, esculturas, peças de mobiliário e outros objetos das artes decorativas (cerâmica, tapeçaria, ourivesaria, etc.), marcando e influenciando a vida cultural e artística nacional sem, contudo, ter existido um programa estético predefinido (Vairo, 2014, p. 474-475).

Segundo Nuno Miguel Lima (2009, p. 575) as coleções de pintura e joalharia do Conde de Burnay eram valiosíssimas: «A sua importante coleção de pintura estava avaliada em 14 contos, valor amplamente superior a coleções como a do 1.º conde do Farrobo (c. 2,5 contos) [...]. Já a coleção de jóias suplantava os 25 contos e incluía, [...] peças especialmente valiosas».

---

<sup>76</sup> A qual não conseguimos ter acesso, pelo que nos socorremos do texto *A Bem da Nação: a passagem da Coleção Burnay nos Museus e Palácios Nacionais* da mesma autora publicado, em 2014, pela Caleidoscópio.

<sup>77</sup> Giulia Rossi Vairo (2014, p. 472) afirma que Burnay foi o «criador em Portugal da primeira coleção de obras de arte que se pode definir não somente como europeia, mas sim autenticamente internacional.».

Contudo, para Vairo (2014, p. 476) esta ânsia do Conde de Burnay em *coleccionar para mobilar* «não diminuem a relevância do conjunto [da coleção], cujo valor é indiscutível».

Para além de comprar peças de arte em leilões no estrangeiro e em Portugal, caso do leilão da coleção de Pedro Daupias, realizado em 1894, o Conde Burnay adquiriu, segundo Vairo (2014, p. 477), uma boa parte da sua coleção em antiquários e mercadores do Porto e de Lisboa, mas principalmente no estrangeiro como em Bruxelas e, em particular, Paris onde possuía agentes, intermediários e colaboradores de confiança. Em Bruxelas compra, entre outros, tapetes, tecidos preciosos, alfaias litúrgicas e na capital francesa adquire sobretudo pintura e mobiliário.

Falecido o conde em 1909, a fortuna passa para a sua mulher (Maria Amélia de Carvalho Burnay) que morre em 1924, tendo os seus descendentes decidido leiloar a coleção Burnay. O leilão, anunciado como o mais importante dos últimos anos, realizou-se entre 1936 e 1937, tendo-se para o efeito elaborado um catálogo em francês e português devido ao carácter internacional da coleção. Dias antes da realização do grande leilão o Estado Português interveio, pressionado pela imprensa e pela opinião pública que não desejava continuar a ver o património nacional a sair do país, com o objetivo de exercer o seu «direito de opção na aquisição de algumas peças pertencentes à Coleção Burnay» (Vairo, 2014, p. 479).

Nesta ação do governo português, desempenhou papel de relevo o diretor do MNAA o qual foi encarregue de selecionar as melhores peças de diferentes tipologias (mobiliário, tapeçaria, ourivesaria, cerâmica, escultura, pintura, etc.) da coleção Burnay para figurar nos museus e palácios nacionais<sup>78</sup>.

José de Figueiredo reservou cinquenta e sete pinturas para o Estado Português, as quais representavam cerca de 1/3 da coleção de pintura colocada em leilão. Neste conjunto contam-se pinturas de todas as grandes escolas europeias (flamenga, holandesa, italiana, francesa, alemã, espanhola e portuguesa) do séc. XIV ao séc. XIX, com

---

<sup>78</sup> A maioria das obras teve como destino o MNAA. Para além deste foram contemplados, por exemplo, os museus Machado de Castro e do Azulejo e os palácios nacionais da Pena e de Queluz, mas também para decoração de embaixadas, ministérios e das residências oficiais do chefe do governo e do Presidente da República (Vairo, 2014, p. 482-483).

destaque para os sécs. XVI e XVII, de diferentes temáticas (retratos, alegorias, paisagens, naturezas-mortas, cenas de género e, em especial, religiosas) (Vairo, 2014, p. 484-485).

O principal beneficiário deste conjunto foi o MNAA que arrecadou 30 pinturas (Vairo, 2014, p. 484), entre as quais «o notável “S. Agostinho” de Piero della Francesca» (Chicó; Gusmão; França, coord., 1973, p. 89) e o óleo *Santo António Pregando aos peixes* do pintor português Garcia Fernandes.

José de Mascarenhas Relvas marca, em certa medida, a transição de um colecionismo de finais da Monarquia para a República. José Relvas construiu uma coleção ímpar formada, em parte, com a aquisição de peças em Portugal (e no estrangeiro) nos antiquários e leilões de venda dos bens expropriados à Igreja Católica<sup>79</sup> (Grilo, 2016, p. 173-185) e das grandes coleções particulares de meados do séc. XIX a inícios do XX (Grilo, 2014, p. 487-501), nomeadamente de colecionadores anteriormente referidos como o Conde de Daupias<sup>80</sup> e o Conde de Burnay<sup>81</sup>, bem como do Conde do Ameal<sup>82</sup> e de João Arroyo<sup>83</sup>.

José de Mascarenhas Relvas nasceu na Golegã em 1858 e faleceu, em 1929, durante a Ditadura Militar, na localidade de Alpiarça. Filho de ricos proprietários rurais da zona do Ribatejo<sup>84</sup>, teve uma educação esmerada culminando com uma carreira política ao serviço da República, a que adere a partir de 1907, no desempenho de cargos como

---

<sup>79</sup> Fernando Jorge Artur Grilo (2016, p. 173-185) apresenta vários exemplos de peças adquiridas neste contexto por José Relvas em antiquários e leilões, como é de exemplo a compra em 05 de setembro de 1911, a Augusto Carlos Vilas, antiquário de Lisboa, de um candeeiro de azeite com quatro bicos por sete mil réis que fora «adquirido em leilão dos bens do Convento da Estrela» (Grilo, 2016, p. 177). José Relvas comprou, ainda, «conjuntos azulejares historiados, provenientes do extinto convento de Sto. António, na Chamusca e do Convento de N. Sr.a da Piedade da Esperança, em Lisboa» (Grilo, 2016, p. 179).

<sup>80</sup> Segundo Nuno Prates *apud* Ramiro Gonçalves (2020) José Relvas «no leilão Daupias de 1910, [...] comprou um par de contadores [...] que se encontra atualmente exposto na “Sala dos Primitivos” na Casa dos Patudos-Museu de Alpiarça.».

<sup>81</sup> Grilo (2014, p. 495), diz-nos que neste caso «antes do leilão ir á [sic] praça o nosso colecionador adquire, em negociação particular com a viúva de Burnay um conjunto alargado de objectos muito interessantes, entre peças de cerâmica e mobiliário do séc. XVIII (...)». José Relvas adquiriu no dia do leilão da coleção Burnay mais seis lotes.

<sup>82</sup> No grande leilão da coleção Ameal, 1921, José Relvas faz, entre outras, a aquisição da obra *Na Arrifana* de Silva Porto (Grilo, 2014, p. 495).

<sup>83</sup> No leilão da coleção de João Arroyo, 1905, Relvas adquire, a título de exemplo, um grupo de Machado de Castro e um candeeiro de Sévres (Grilo, 2014, p. 495) e «Um lustre para 18 lumes, em vidro de Veneza “Murano”, séc. XVI. Alt. 240cm. Vendido ao Sr. José Relvas por 400\$000 reis.» (Lemos, 2015, p. 76).

<sup>84</sup> O pai de José Relvas, Carlos de Mascarenhas Relvas (1838 -1894), realizou o registo fotográfico da exposição de 1882 (Ramos, 2019, p. 3).

ministro das finanças, embaixador em Madrid (Noras; Prates, 2019, p. 141-144) e, por um brevíssimo período, no início de 1919, como chefe do governo. Desde cedo foi-lhe transmitido o gosto pela música, que se manterá por toda a vida. Do seu casamento teve três filhos, dos quais dois morreram ainda adolescentes e Carlos Relvas (1884 -1919) aos 35 anos põe fim à sua existência na Casa dos Patudos (Universidade Aberta, 2004).

A Casa dos Patudos, em Alpiarça, passou a ser a residência permanente da família Relvas desde finais de oitocentos. Entre 1905 e 1909, a habitação recebeu profundas remodelações pelo traço do arquiteto Raul Lino (1879-1974), que lhe impõe uma linha historicista de pendor revivalista nacional, transformando-a num espaço confortável, que contou com mobiliário e adereços desenhados pelo próprio arquiteto (Noras; Prates, 2019, p. 149), digno de acolher uma peculiar coleção de arte em constante crescimento desde 1887 (Grilo, 2014, p. 492) até ao final da vida do colecionador.

Os proventos da exploração agrícola e pecuária das suas vastas propriedades permitem a José Relvas a compra de peças, algumas de alta qualidade, que utiliza para recheiar a Casa dos Patudos, convertendo-a num autêntico “templo da arte e do colecionismo” – numa casa-museu – organizada pelo seu mentor como um espaço unitário articulado pelo diálogo entre as artes maiores e as “ditas” artes menores<sup>85</sup> (Universidade Aberta, 2004).

Segundo José António Falcão (Universidade Aberta, 2004), José Relvas foi um colecionador eclético, com interesse por diferentes épocas (desde a Idade Média ao Primeiro Modernismo), espaços artísticos (desde a Europa ao Oriente) e tipologias (desde a pintura, passando pela escultura até às artes decorativas). Um colecionador com uma predileção pelo naturalismo, principalmente na pintura, e acima de tudo um protetor das artes portuguesas, através da compra de obras a artistas coevos (Columbano, Malhoa, etc.) e encomendas a artesãos (como ao canteiro João Machado e ao entalhador José

---

<sup>85</sup> Na segunda metade do séc. XIX os teóricos ingleses John Ruskin (1819-1900) e William Morris (1834-1896), movidos pela descaracterização das artes imposta pela industrialização foram os mentores e dinamizadores de um movimento que pugnou pela união das artes e sua paridade, valorizando o método artesanal. Este movimento ficou conhecido por *Arts and Crafts* (Pinto; Meireles; Cambotas, 2001, p. 784).

Maior), e do património nacional com a compra em antiquários e leilões (nacionais e estrangeiros<sup>86</sup>) de peças e obras de artes portuguesas<sup>87</sup>.

A sua coleção totaliza cerca de oito mil peças (Noras; Prates, 2019, p. 152), número revelador do colecionador compulsivo. Dela fazem parte um notável conjunto de pinturas, onde pontuam os grandes naturalistas portugueses como Columbano Bordalo Pinheiro, José Malhoa, Silva Porto, Sousa Pinto, Carlos Reis, António Ramalho, Marques de Oliveira, entre outros<sup>88</sup> (Universidade Aberta, 2004). Conjunto denunciador do colecionador esclarecido, que soube reunir obras dos melhores do seu tempo muitas delas adquiridas diretamente aos artistas ou nas exposições nacionais e estrangeiras. Os mestres e escolas estrangeiras também estão representados com obras como o retrato de Domenico Scarlatti (séc. XVIII), atribuído a Domingo António Velasco<sup>89</sup>.

Segundo Nuno Prates (Silva [et al.], 2022, p. 467), nesta coleção, merecem, ainda, destaque o acervo de escultura, artes decorativas e azulejaria.

Os grandes escultores portugueses do séc. XIX, e inícios do séc. XX, em peças de gosto naturalista, estão patentes com obras de Soares dos Reis, Teixeira Lopes e Costa Motta (tio). Os estrangeiros estão, também, bem representados com obras da escultora barroca sevilhana Luisa Roldán e do francês Henri Chapu (1833-1891).

As artes decorativas marcam forte presença na Casa dos Patudos, nomeadamente a coleção de cerâmicas de diversas proveniências, com destaque para as peças da autoria de Rafael Bordalo Pinheiro. As ricas porcelanas da Companhia das Índias, bem como das fábricas de Saxe e Sèvres estão igualmente presentes (Silva [et al.], 2022, p. 467). Salienta-se, ainda, a coleção de mobiliário português (por exemplo de estilo renascença),

---

<sup>86</sup> Nas palavras de Noras e Prates (2019, p. 151): «[Os negócios] Permitiram-lhe ainda uma vida cosmopolita, que incluía viagens pela Europa, durante as quais visitava os melhores museus, adquiria obras de arte e cultivava a sua paixão pela música e pela ópera.»

<sup>87</sup> José Relvas à semelhança de outros, como Ramalho Ortigão e Alfredo Keil, é um patrimonialista, isto é, um defensor do património, em linha, no geral, com as conceções e ações a este nível da Primeira República, onde teve, nesta questão, um papel de relevo enquanto Ministro das Finanças (1910 -1911).

<sup>88</sup> José Relvas foi amigo de vários artistas, nomeadamente de José Malhoa, CBP e Marques de Oliveira. E, ainda, muito próximo de outras destacadas personalidades da sua época, como Manuel Teixeira Gomes.

<sup>89</sup> Este óleo foi adquirido, segundo Noras e Prates (2019, p. 153), em Madrid, no dia 19 janeiro de 1913, por 3250 pesetas. A compra – realizada quando era Embaixador em Madrid – consta com uma descrição de José Relvas na página 19 do seu *Inventario dos Objectos d'Arte existentes nas Salas dos Patudos*.

tapeçaria (onde sobressaí um tapete de Arraiolos bordado a seda sobre linho do séc. XVIII) bem como os paramentos e alfaias litúrgicas (Universidade Aberta, 2004).

Por fim, a azulejaria evidencia-se em muitos espaços da Casa dos Patudos, com um claro efeito decorativo e cenográfico<sup>90</sup>. De diferentes proveniências e cronologias, do século XV ao XX, muitos dos conjuntos azulejares (e azulejos avulsos) adquiridos por José Relvas para a Casa dos Patudos tinham pertencido a antigos espaços religiosos, os quais procura salvaguardar, dando-lhes uma nova finalidade (Grilo, 2016, p. 178). Saliente-se, ainda, como exemplo, a compra para a sua habitação de azulejos hispano-árabes de grande valor ornamental.

---

<sup>90</sup> Grilo (2016, p. 181) refere: «O que interessava a José Relvas era o evidente valor patrimonial destas peças [azulejos] e, neste sentido, a salvaguarda deste património (...)».

*Basta dizer que não tive, nesta minha já tão longa vida, uma hora de aborrecimento. Sofrimentos, desgostos, arrelias, sim; o tédio, o fastio do ocioso mandrião nunca experimentei. [...] Calcule, com o que eu viajei e vi, o que devia andar arrecadado na minha fiel retentiva.*

GOMES, Manuel Teixeira – *Obras completas de M. Teixeira-Gomes (Regressos; Miscelânea; Carnaval Literário; Londres Maravilhosa e outras páginas dispersas)*. Vol. III. 1ª Edição. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2022, p. 139

## **CAPÍTULO 2 – MANUEL TEIXEIRA GOMES: EXCERTOS DE UMA BIOGRAFIA**

### **2.1 Vida e Obra**

Manuel Teixeira Gomes (1860 - 1941) partilha com (o seu amigo) José Relvas de muitas afinidades. Foram colegas de carteira no seminário; camaradas políticos durante a Primeira República; amantes da música, da arte e do colecionismo<sup>91</sup>.

Teixeira Gomes foi um epicurista: procurava o prazer nos encantos femininos, nas tertúlias com os companheiros do mundo das artes e da cultura, na escrita, nas viagens e na fruição da Natureza e da Arte. Viveu, boa parte da sua existência, em busca desses prazeres que formam e enformam o seu espírito, o seu carácter e mentalidade.

Manuel Teixeira Gomes teve uma existência plena de ocupações, emoções e reflexões, sendo para Mário Soares (2001, p. 7), uma «personalidade singular, tanto no panorama político como cultural da [sua] época.».

Para uma breve explanação desta “personalidade singular” consideramos vantajoso estruturar a sua vida e obra em três períodos distintos: de 1860 a 1910 que abordamos no subcapítulo 2.1.1 “De Estudante a Comerciante”; entre 1911 e 1925, isto é, o seu período como Diplomata e Presidente da República (subcapítulo 2.1.2); e por fim a fase do seu retiro (1926-1941), analisada no subcapítulo 2.1.3, “O Exilado”.

---

<sup>91</sup> Manuel Teixeira Gomes correspondeu-se, amiúde, com José Relvas e com o seu filho Carlos Relvas, prodigioso pianista e colaborador do pai na construção da coleção da Casa dos Patudos, a qual, segundo Quaresma (2016), Manuel Teixeira Gomes conheceu pela primeira vez nos inícios de 1911. Nas palavras de Urbano Rodrigues (1946, p. 138) estes dois diplomatas republicanos estavam ligados «pelo espírito e mútuo interesse pelas coisas de arte».

### 2.1.1 De Estudante a Comerciante

Manuel Teixeira Gomes nasceu na vila de Portimão, a 27 de maio de 1860, filho de José Libânio Gomes Xavier (1824 - 1905) e de Maria da Glória Teixeira (? - 1908). Família abastada (Ventura, coord., 2010, p. 105-106) que se dedicava ao negócio dos frutos secos.

Aos seis anos ingressa no colégio particular S. Luís Gonzaga (Ventura, coord., 2010, p. 106), completando a sua formação com leituras na biblioteca familiar onde teve a oportunidade de ler, aos nove anos, as *Mil e Uma Noites*<sup>92</sup> «numa tradução portuguesa feita do Galland<sup>93</sup>» (Gomes, 1989, p. 81).

Após terminar os estudos primários na terra natal, os pais decidem mandar o “jovem” para Coimbra, a fim de frequentar, entre 1870 e 1875, o Seminário dos Olivais. Na obra *Regressos* (Gomes, 2022, p. 85) diz-nos: «Foi no Seminário de Coimbra que conheci inúmeros rapazes que depois ocuparam situações de grande relevo na vida pública.», como José Relvas, seu colega de carteira na aula de Latim.

Aqui, em Coimbra, por volta dos seus quinze anos inicia-se em campanhas de propaganda republicana e, nas suas palavras, «tentava converter ao meu credo o Eduardo Abreu, condiscípulo e companheiro de casa»<sup>94</sup>. Estava-lhe no sangue, o pai era um convicto defensor dos ideais republicanos e o avô paterno, Manuel Gomes Xavier de Ataíde, combateu ao lado das tropas napoleónicas em defesa dos ideais liberais (Ventura, coord., 2010, p. 106).

Em 1875, concluídos os traumatizantes estudos no seminário<sup>95</sup>, onde vinca o seu anticlericalismo (Rodrigues, 1982, p. 22), inscreve-se, por insistência familiar, na

---

<sup>92</sup> Teixeira Gomes, desde jovem, nutriu um grande «fascínio pelo mundo árabe mediterrânico» (Rodrigues, 1982, p. 303).

<sup>93</sup> Antoine Galland (1646 – 1715) foi professor de árabe em França (Gomes, 1989, p. 215 nota 65).

<sup>94</sup> GOMES, Manuel Teixeira – Carta a João de Barros. In *Seara Nova*. Lisboa: Seara Nova. N.º 238 (12 de fevereiro de 1931), p. 339. Para além de Eduardo Abreu (1855-1912), médico e político republicano (Cf. <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/Default.aspx?id=325> [consult. 07-07-2023]), tem como companheiro Eduardo Burnay (1853-1924), médico, professor, político e irmão do banqueiro e colecionador de arte Henri Burnay (Cf. Rodrigues; Ferreira, 1999, p. 112 e <https://arquivoalbertosampaio.org/details?id=54661> [consult. 07-07-2023]).

<sup>95</sup> Em maio de 1932, em Bougie, quando escreve o texto *Coimbra* para a obra *Regressos* relembra desta forma esses tempos de estudante: «Preferia esquecer tudo a lembrar os imaginários ou verídicos tormentos pedagógicos, a bárbara autoridade dos mestres» (Gomes, 2022, p. 86).

Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra (Lopes, 1942, p. 38). Longe do controlo seminarista, revela em carta ao amigo João de Barros que «sôlto e livre [...] desforrei-me e não abrindo mais os compêndios. [...] Resultado: reprovações e anos perdidos [...]; conflitos com a autoridade paterna; boémia descabelada, miséria, fome e...literatura.»<sup>96</sup>. Apesar de não terem sido anos académicos profícuos para o delineado futuro médico, foram aproveitados para o autodidatismo literário, que lhe permitiram continuar a construir as fundações da sua vasta cultura cosmopolita.

Na entrevista que deu ao jornalista Norberto Lopes, em janeiro de 1939, revela-nos algumas dessas leituras: «Sabe que conheço os filósofos como os meus dedos. Comecei muito cedo a lidar com êles. O Leibniz, o Schopenhauer, o Kant<sup>97</sup>, o Nietzsche<sup>98</sup>, o Hartmann e os outros.» (Lopes, 1942, p. 254). Os outros são, d'entre os demais de uma extensa lista, Platão, Baruch de Spinoza, Michel Montaigne e escritores (e pensadores) como Camilo Castelo Branco<sup>99</sup>, Charles Pierre Baudelaire, Charles Dickens, Gustave Flaubert, Johann Wolfgang von Goethe, Heinrich Heine<sup>100</sup>, Jean-Nicolas Arthur Rimbaud, Victor Hugo, António Feliciano de Castilho e Manuel Bernardes e, ao nível da História, Alexandre Herculano, Oliveira Martins, Hippolyte Taine e Fustel de Coulanges (Rodrigues, 1982, p. 31-33).

Ainda jovem inicia-se nos estudos da história da arte com a leitura de obras do «ministro da Prússia em Lisboa, o Conde Raczynski, conceituado historiador da arte contemporânea alemã que deu em estudar a [arte] portuguesa [...], publicando em Paris *Les Arts en Portugal* (1846) e *Dictionnaire histórico-artistique du Portugal* (1847)» (França,

---

<sup>96</sup> GOMES, Manuel Teixeira – cit. 91, p. 339-340.

<sup>97</sup> Immanuel Kant (1724 - 1804), eminente filósofo alemão de quem Teixeira Gomes leu, atentamente, obras como a *Crítica da Razão Prática* e o *Tratado do Sublime e do Belo*. Nas palavras de Urbano Tavares Rodrigues (1982, p. 48-49): «Teixeira-Gomes, tal como Kant, refuta o idealismo. Conhece-se conhecendo as coisas. [...] Onde Teixeira-Gomes se afasta de Kant é no seu arreigado ateísmo. [...] Teixeira-Gomes recusa, em nome da matéria, todo o deísmo.» A Kant vai Teixeira Gomes buscar o seu lado mais racional (apolíneo).

<sup>98</sup> Friedrich Nietzsche (1844 - 1900), reconhecido filósofo alemão de quem Teixeira Gomes «hauriu, senão o seu sentido dionisíaco da vida, boa parte dos argumentos com que se exprime.» (Rodrigues, 1982, p. 11), como é possível constatar nesta passagem da obra *Miscelânea*, em que diz: «Foi a peçonha do cristianismo que desequilibrou a humanidade redimida pelos gregos.» (Gomes, 2022, p. 260).

<sup>99</sup> Segundo José Quaresma (2016), Manuel Teixeira Gomes considerava, à época, Camilo Castelo Branco o «“maior dos escritores” do século XIX».

<sup>100</sup> Heinrich Heine (1797 - 1856), distinto escritor alemão, «crítico da sociedade conversadora, da religião e da exploração industrial» (Ventura, coord., 2010, p. 181), que influenciou Teixeira Gomes.

2004, p. 90), desenvolvendo um crescente interesse pela arte helénica e renascentista, isto é, de matriz clássica.

Em carta dirigida a Columbano Bordalo Pinheiro, Teixeira Gomes diz-nos que leu Atanazy Raczyński (1788-1874) aos 15 anos, quando estava em Coimbra, ficando deslumbrado com o facto de o historiador de arte mencionar que o pintor (e vulto do Renascimento) português Francisco de Holanda (c. 1517-1584) conviveu com Miguel Ângelo (o qual considerava o maior artista da Renascença), o que nas suas palavras «afigurava-se, na minha juvenil exaltação, trazer mais honra e glória ao meu país, do que a descoberta do caminho da Índia.»<sup>101</sup>.

Gorados os estudos universitários, aos dezassete anos vai para Lisboa e depois aos vinte e um para o Porto<sup>102</sup> e “mergulha” na vida boémia e intelectual destas cidades, travando amizade com inúmeros artistas, escritores e intelectuais<sup>103</sup>, que iriam marcar indelevelmente a vida nacional de finais de oitocentos e o início do século passado, como Fialho de Almeida (escritor), João de Deus (poeta e pedagogo), António Nobre (poeta), Teófilo Braga (escritor e político republicano), João Chagas (escritor, diplomata e político republicano), Brito Camacho (escritor, jornalista e político republicano), Gomes Leal (poeta e crítico literário), entre outros.

Na “capital do Norte” frequenta o cenáculo político-literário da “Casa Bonjardim” instalado na padaria do pai do seu amigo Sampaio Bruno<sup>104</sup>, onde convive com vários artistas e homens das letras como Soares dos Reis (escultor), Marques de Oliveira<sup>105</sup> (pintor), Domingos Ciríaco Cardoso (músico), Joaquim Coimbra (poeta), Francisco Carrelhas (jornalista), Basílio Teles (ensaísta e político republicano), Queirós Veloso (historiador), Luís Botelho (crítico literário) e Joaquim de Araújo (diplomata)<sup>106</sup>.

---

<sup>101</sup> GOMES, Manuel Teixeira – Carta para Columbano Bordalo Pinheiro. In *Seara Nova*. Lisboa: Seara Nova. N.º 117 (12 de abril de 1928), p. 409-410.

<sup>102</sup> No Porto ainda se matricula, durante um ano, na Escola Médico-Cirúrgica.

<sup>103</sup> GOMES, Manuel Teixeira – cit. 91, p. 340.

<sup>104</sup> José Pereira de Sampaio (1857-1915), mais (re)conhecido por Sampaio Bruno. Filho de um maçom, participou ativamente na revolta republicana do 31 de Janeiro de 1891 o que lhe levou ao exílio temporário. Foi um destacado ensaísta e pensador heterodoxo dos finais de oitocentos e inícios do século XX (Cf. [https://ciencia.ucp.pt/ws/portalfiles/portal/39951148/Sampaio\\_Bruno\\_e\\_Leonardo.pdf](https://ciencia.ucp.pt/ws/portalfiles/portal/39951148/Sampaio_Bruno_e_Leonardo.pdf) e [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$sampaio-bruno](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$sampaio-bruno) [consult. 07-07-2023]).

<sup>105</sup> O pintor portuense retratou Teixeira Gomes com cerca de 22 anos.

<sup>106</sup> Cf. Rodrigues, 1982, p. 412 e Rodrigues; Ferreira, 1999, p. 113.

No Porto funda, conjuntamente com Joaquim Coimbra e Queirós Veloso, em 1881, o jornal de teatro *Gil Vicente*. Neste mesmo ano faz a sua estreia literária no diário *Folha Nova*<sup>107</sup>, «onde criticava a persistência anacrónica do romantismo» (Ventura, coord., 2010, p. 115), na coluna *Molduras*. Colabora, ainda, durante esta fase da sua vida, nos jornais *A Luta*<sup>108</sup>, *Folha de Hoje* e *O Primeiro de Janeiro* (Ventura, coord., 2010, p. 115).

Em Lisboa, Teixeira Gomes, frequenta os principais espaços de convívio e cultura da época, como os teatros da Trindade e de S. Carlos. Neste último a 3 de junho de 1895 assiste a um programa musical que «compreendia uma sonata de Beethoven, um trio do Mendelssohn e um quarteto de Brahms, tudo muito agradavelmente executado.» (Gomes, 2022, p. 114). Aprecia as cervejarias Leão de Ouro<sup>109</sup> e Trindade, onde a 9 de maio de 1905 depois de um concerto, no teatro com a mesma denominação, foi «tomar refrescos e ler os jornais da noite.» (Gomes, 2022, p. 479). É convidado para os saraus no palácio dos Condes de Proença-a-Velha (Gomes, 2022, p. 114) e para os jantares na casa do embaixador da Bélgica, que lhe foi apresentado pelo pai (Gomes, 2022, p. 101-102).

A vida de “boémia descabelada” termina, em 1885, com o seu regresso a Portimão por ordenança paternal, iniciando um percurso profissional de comerciante «“educado e distinto”» (Rodrigues, 1946, p. 13) na empresa familiar<sup>110</sup> em que ficou incumbido de colocar os produtos nos mercados do Norte da Europa. Momento de mudança na vida de Teixeira Gomes<sup>111</sup>. Os negócios permitem-lhe «granjear uma considerável fortuna e uma

---

<sup>107</sup> O diário republicano *Folha Nova* surgiu no Porto, em 1881, e defendia valores como a liberdade e a fraternidade (Ventura, coord., 2010, p. 115).

<sup>108</sup> O jornal republicano *A Luta* foi fundado, em 1906, por Brito Camacho (1862-1934). Este foi durante muito tempo amigo próximo de Manuel Teixeira Gomes.

<sup>109</sup> A *Cervejaria Leão de Ouro* era um dos principais pontos de encontro, em Lisboa, de poetas, escritores, intelectuais e artistas. Aqui surgiu, em 1881, o *Grupo do Leão* formado por artistas e intelectuais de que faziam parte, entre outros, os pintores Silva Porto, António Ramalho e Ribeiro Cristino, o escritor Fialho de Almeida, o poeta Bulhão Pato, o ator João Anastácio Rosa e o caricaturista Rafael Bordalo Pinheiro (Elias, 2011, p. 31-32). Teixeira Gomes apelida, por vezes, esta cervejaria de «Leão dos quadros» (Gomes, 2022, p. 473), numa alusão à decoração do espaço executada pelos pintores que a frequentavam.

<sup>110</sup> Em 1891, o pai de Teixeira Gomes foi um dos principais sócios fundadores do próspero *Sindicato dos Exportadores de Figo do Algarve*. A sua empresa ao longo dos finais do século XIX e inícios do século XX encontra-se em franca expansão para os mercados do Norte da Europa. José Libânio Gomes, em 1861, foi nomeado cônsul da Bélgica «com jurisdição em todo o Algarve.» (Gomes, 2022, p. 101).

<sup>111</sup> Na *Carta a João de Barros (Com alguns dados autobiográficos)* escrita em Tunes, a 20 de abril de 1927, a qual integra a sua obra *Miscelânea*, Manuel Teixeira Gomes afirma: «Mas a lição dessa vida de privações e desordem frutificou na firme resolução de a abandonar, e tentar a dura cruzada da independência económica. Fiz-me negociante, ganhei bastante dinheiro e durante quase vinte anos viajei, passando em Portugal apenas poucos meses.» (Gomes, 2022, p. 205).

segura independência material» (Soares, 2001, p. 9) e, sensivelmente entre 1885 e 1905, viajar anualmente, durante quatro a cinco meses para o Norte da Europa<sup>112</sup> (França, Holanda e Bélgica, com passagens pela Alemanha e Inglaterra), em representação do negócio dos frutos secos, seguida de uma breve estadia – de cerca de dois meses – em Portimão para “prestar contas” ao pai, e nos restantes meses do ano percorria sozinho em puro deleite de ócio e contemplação cidades e lugares que o encantavam em torno do Mediterrâneo<sup>113</sup>, especialmente a Itália, mas também a Espanha, a Grécia, Marrocos, a Argélia, a Tunísia, o Egito e a Turquia.

Em 1886 visita, vagarosamente, a Itália. Durante quatro meses permanece em Florença, palmilhando diversas localidades da Toscana. O fascínio pela cultura clássica leva-o nos oito anos seguintes a regressar a este país, calcorreando-o de “lés-a-lés” (Lopes, 1942, p. 56), ao qual voltará em 1922<sup>114</sup> e durante o seu exílio. Em carta enviada de Pisa, em 16 de outubro de 1928, ao amigo João de Barros, revela que Florença «é a mais linda, aristocrática e artística cidade do mundo»<sup>115</sup>.

As viagens, ao Norte da Europa e na bacia mediterrânica, são aproveitadas para «assistir a concertos, peças de teatro e espetáculos de toda a ordem, pôr-se a par das novidades literárias [...], nos domínios das artes, das letras e do pensamento» (Soares, 2001, p. 9), desfrutar das paisagens e sentir o “vibrar” de cada localidade, os seus monumentos, bibliotecas, galerias de arte e museus, servindo de conteúdo para a sua obra literária e para muitas das cartas que escreveu ao longo da sua vida.

Nos finais de oitocentos Manuel Teixeira Gomes enamora-se por Belmira das Neves<sup>116</sup>, de quem teve duas filhas, Ana Rosa Teixeira Gomes (1906 - 1997) e Maria Manuela Teixeira Gomes (1910 - 2007). Apesar do descontentamento dos pais, devido a questões de “status” social, monta casa com Belmira das Neves em Portimão.

---

<sup>112</sup> Urbano Tavares Rodrigues refere: «Nessas andanças, veio a conhecer a grande música, que já profundamente amava e entendia, e a familiarizar-se com cidades de arte e com as melhores pinacotecas desses países e com as de Paris» (1982, p. 25-26).

<sup>113</sup> GOMES, Manuel Teixeira – cit. 91, p. 340.

<sup>114</sup> Em abril de 1922 Manuel Teixeira Gomes liderou a delegação portuguesa na Conferência Internacional de Génova.

<sup>115</sup> GOMES, Manuel Teixeira – Carta a João de Barros. In *Seara Nova*. Lisboa: Seara Nova. N.º 135 (1 de novembro de 1928), p. 288.

<sup>116</sup> Belmira das Neves (1886 - 1967) era filha de “gente de poucos recursos”, o pai era pescador. A jovem à época trabalhava na empresa de frutos secos do pai de Teixeira Gomes.

Entre abril e maio de 1905, passa com Belmira das Neves uma temporada em Lisboa (e redondezas), aproveitando para visitar, a 14 de maio de 1905, o Museu Nacional de Belas Artes e Arqueologia. Regista no seu diário<sup>117</sup> a seguinte entrada: «Vou ao Museu das Janelas Verdes, onde vejo com atenção os desenhos do [Domingos] Sequeira (prodigiosos retratos), [...] à meia-noite encontro o Fialho no Suíço» (Gomes, 2022, p. 482). Na capital, grande parte do seu tempo é utilizado para confraternizar, para além do já mencionado Fialho de Almeida, com diversas personalidades das tertúlias literárias: Abel Botelho (escritor, diplomata e militar), Alfredo Mesquita (escritor, jornalista e diplomata), Carlos Malheiro Dias (escritor, jornalista, político, historiador), Henrique de Vasconcelos (escritor, jornalista, político e diplomata), João de Barros<sup>118</sup>, Trindade Coelho (escritor e jurista), entre outros. Durante este período conhece os seguintes homens das letras: Afonso Lopes Vieira<sup>119</sup>, António Feijó (poeta e diplomata), Júlio Dantas (escritor, político e médico) e Teixeira de Queirós (escritor)<sup>120</sup>.

É na revista *Arte e Vida* (1904-1906), fundada e dirigida por João de Barros e o luso-brasileiro Sousa Pinto, que Manuel Teixeira Gomes, em 1906, publica o artigo *Desenhos e Anekdotes de João de Deus*<sup>121</sup>. Nele homenageia o poeta algarvio falecido em

---

<sup>117</sup> A obra *Londres Maravilhosa e outras páginas dispersas* integra um capítulo intitulado *Apontamentos - Extratos dos cadernos de notas de M. Teixeira-Gomes*, onde constam apontamentos pessoais de Manuel Teixeira Gomes entre abril de 1905 e junho de 1918 (Cf. Gomes, 2022, p. 471-496).

<sup>118</sup> João de Barros (1881-1960) foi uns dos grandes amigos e correspondentes de Teixeira Gomes. Personalidade relevante da Primeira República como político republicano, pedagogo e poeta. Como político foi deputado e Ministro dos Negócios Estrangeiros. Ao nível do ensino foi professor e Diretor-Geral da Instrução Pública, pugnando pela importância da instrução pública. Destacou-se, ainda, como escritor e colaborador assíduo em diversos periódicos, tendo sido diretor da revista *Arte e Vida* (1904-1906) e da revista literária *Atlântida* (1915-1920) (Cf. Azevedo, coord., 2010, p. 9-16 e [https://acpc.bnportugal.gov.pt/colecoes\\_autores/n11\\_barros\\_joao.html](https://acpc.bnportugal.gov.pt/colecoes_autores/n11_barros_joao.html) [consult. 08-07-2023]).

<sup>119</sup> Afonso Lopes Vieira (1878-1947) foi um poeta com uma vasta rede de amizades. Após a conclusão do curso de Direito na Universidade de Coimbra, exerceu advocacia em Lisboa. Filho de uma família abastada, regressa à terra natal (Leiria) para se dedicar «à sua obra [literária] e aos inúmeros eventos culturais que organizou ou em que participou» (Rodrigues; Ferreira, 1999, p. 107-108). Afonso Lopes Vieira foi o destinatário de várias cartas de Manuel Teixeira Gomes, as quais, em parte, foram coligidas na obra *O Cristal da Palavra* (1999), onde entre 1907 e 1921 (com foque para o período entre 1907-1914) Manuel Teixeira Gomes aborda diversos assuntos, entre os quais arte e reflexões estéticas. Nas palavras de Urbano Tavares Rodrigues: «Estas cartas são, antes de mais, o diálogo, afectuoso, irónico e entusiástico entre dois estetas.» (Rodrigues; Ferreira, 1999, p. 13).

<sup>120</sup> Cf. Rodrigues; Ferreira, 1999, p. 115.

<sup>121</sup> Cf. Quaresma, 2016.

1896<sup>122</sup>. Nesta revista deu a conhecer, também, o texto *Londres Maravilhosa* que seria a génese do livro homónimo.

No final da centúria e na primeira década da imediata, encontramos um Manuel Teixeira Gomes dedicado, principalmente, à família, à gestão das propriedades e à escrita, conforme podemos verificar numa missiva, datada de 20 de abril de 1927, que remeteu a João de Barros: «Liguei-me à mulher de quem tenho filhos; morreram meus pais<sup>123</sup>, deixando-me propriedades [...], e comprando outras mais me tornei “lavrador abastado”; circunstâncias que me prendiam à minha terra, e [a] compor, e executar obras de arte.» (Gomes, 2022, p. 206).

Neste período, entre 1899 e 1910, publica as suas primeiras obras: *Inventário de Junho* (1899)<sup>124</sup>, *Cartas Sem Moral Nenhuma* (1903), *Agosto Azul* (1904), *Sabine Freire* (1905) e *Gente Singular* (1909)<sup>125</sup>; escritas segundo Norberto Lopes (1942, p. 68) «na traquillidade provincial do seu gabinete de trabalho, na casa que possuía à beira da estrada que leva à Praia da Rocha [em Portimão].».

Em 1906 filia-se no Partido Republicano Português e nasce-lhe a primeira filha, e no ano da Implantação da República a segunda. Mas imperativos de Estado, em breve, obrigariam o pai afetuoso a rumar a outras paragens e a tudo deixar para a Pátria servir (Gomes, 2022, p. 208).

### **2.1.2 De Diplomata a Presidente da República**

Em 1911 inicia uma peculiar carreira política que culmina com a sua renúncia ao cargo de Presidente da República, em dezembro de 1925. Para além de Chefe de Estado, foi embaixador em Londres em dois períodos, primeiro entre abril de 1911 e janeiro de 1918 quando é demitido por Sidónio Pais, e depois de abril de 1919 a setembro 1923. De

---

<sup>122</sup> Este artigo foi escrito por Manuel Teixeira Gomes, ou pelo menos iniciado, em 1905, conforme podemos confirmar nas cartas remetidas por este ao seu amigo João de Barros datadas de Portimão de 6 e 11 de junho de 1905 (Azevedo, coord., 2010, p. 41-43).

<sup>123</sup> O pai faleceu em 1905 e a mãe em 1908.

<sup>124</sup> Em *Carta a João de Barros (Com alguns dados autobiográficos)*, Manuel Teixeira Gomes sobre a obra *Inventário de Junho* diz-nos que enviou «o manuscrito ao [Sampaio] Bruno, para o imprimir no Porto, enquanto [...] deambulava pela Ásia Menor.» (Gomes, 2022, p. 206).

<sup>125</sup> Cf. Rodrigues; Ferreira, 1999, p. 115-116.

fevereiro a abril de 1919 foi chefe da Legação Portuguesa em Madrid e esteve presente em algumas das Conferências de Paz do pós-guerra, chegando a ser chefe da delegação portuguesa nestes convénios e em setembro de 1922 foi eleito Vice-Presidente da 3.<sup>a</sup> Assembleia-Geral da Sociedade das Nações (Ventura, coord., 2010, p. 61).

A 07 de abril de 1911 chega à Inglaterra para desempenhar as funções de Ministro Plenipotenciário na Legação de Londres (Rodrigues; Ferreira, 1999, p. 119)<sup>126</sup>, num período particularmente difícil para as relações luso-britânicas. Não teve vida fácil<sup>127</sup>. Na capital inglesa vivia, ainda, o antigo embaixador do tempo da monarquia portuguesa, o influente Marquês de Soveral<sup>128</sup>, e a família real exilada, muito próxima da coroa britânica (Gomes, 2022, p. 208). Teixeira Gomes na entrevista que concedeu a Norberto Lopes, aborda algumas das difíceis questões que teve de solucionar, nomeadamente a difamação levada avante por alguns políticos e jornais ingleses de maus-tratos às populações indígenas nas colónias portuguesas<sup>129</sup> e a campanha contra a sua pessoa empreendida pelos monárquicos portugueses radicados na Inglaterra e, principalmente, do Marquês de Soveral junto da monarquia inglesa<sup>130</sup>.

---

<sup>126</sup> A nomeação para o cargo de «Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario da Republica Portuguesa na Gran Bretanha e Irlanda» deu-se a 23 de março de 1911 «Attendendo ao reconhecido merito e distintas qualidades que concorrem na pessoa de Manuel Teixeira Gomes» (Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 33, pasta *Nomeação Embaixador em Londres - 1911*, doc. *Carta do Ministério dos Negócios Estrangeiros e cópia autenticada do decreto de nomeação*, 31/03/1911). Para Quaresma (2016) a escolha de Manuel Teixeira Gomes para este importante posto diplomático deveu-se, entre outros, ao facto de ser um poliglota e senhor de uma vasta cultura.

<sup>127</sup> Segundo Rui Ramos (1994, p. 495): «A Inglaterra nunca tratou bem a pequena República Portuguesa. Em Setembro de 1913, o embaixador em Londres, Teixeira Gomes, implorava o envio de um navio da Armada britânica a Lisboa [...]. O Ministério dos Estrangeiros inglês justificava a sua frieza por duas razões: em primeiro lugar, a hostilidade do “público” inglês, suscitada por sucessivas campanhas de propaganda sobre as prisões políticas em Portugal e a escravatura dos indígenas nas colónias portuguesas; em segundo lugar, as antipatias da família real britânica, que prodigalizava atenções para com D. Manuel, exilado em Richmond.».

<sup>128</sup> O Marquês de Soveral (1850-1922) foi Ministro de Portugal em Londres entre 1890 e a Implantação da República em Portugal. Manteve até à sua morte, ocorrida em Londres, uma grande influência junto da corte inglesa. (Cf. [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$marques-de-soveral](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$marques-de-soveral) [consult. 27-11-2023]).

<sup>129</sup> Manuel Teixeira Gomes revela, a Norberto Lopes, como pôs termo, em Londres, à campanha contra Portugal relativa à questão da escravatura nas suas colónias: «Um dia fui ao *Foreign Office* [Ministério dos Negócios Estrangeiros] resolvido a acabar com aquilo. Foi muito fácil. Pús a questão ao secretário geral do ministério, que era como se fôsse meu irmão. Depois de termos conversado durante algum tempo, sir Eyre Crowe pedia-me que tranquilizasse o meu governo, pois podia assegurar-me que o governo inglês não ligava a menor importância a essa campanha.» (Lopes, 1942, p. 247).

<sup>130</sup> Cf. LOPES, Norberto – Visita ao antigo Presidente Teixeira Gomes. In *Diário de Lisboa*. N.º 5819, ano 18 (3 de fevereiro de 1939), p. 4 e 6.

O representante português, senhor de uma ampla rede de conhecimentos (e amizades)<sup>131</sup> e «escrupuloso cuidado político com que exerceu as suas altas funções.» (Soares, 2001, p. 11) contribuiu decisivamente para a resolução destas e de outras questões de maior envergadura como, em primeiro lugar, o reconhecimento oficial pela Inglaterra do regime republicano<sup>132</sup>; a problemática de uma possível partilha – entre alemães e ingleses – das colónias portuguesas em África, realizada “em surdina”; bem como a melindrosa entrada de Portugal na Grande Guerra<sup>133</sup>. Teixeira Gomes desde cedo defendeu uma participação portuguesa ao lado dos Aliados<sup>134</sup> (Soares, 2001, p. 12), ao abrigo da histórica aliança luso-britânica (Rodrigues, 1946, p. 94-101).

As suas funções como representante diplomático de Portugal (em Londres e Madrid) andaram “de mão dada” com a sua vida social e cultural, através de uma habitual participação em eventos sociais mais ou menos (in)formais em clubes privados, teatros, óperas, restaurantes e hotéis<sup>135</sup>, etc. É convidado (e convida) por membros da alta

---

<sup>131</sup> Teixeira Gomes após o primeiro ano e meio de grandes dificuldades granjeou, no seio da sociedade londrina, de «grande prestígio» (Norton de Matos *apud* Lopes, 1942, p. 118), tornando-se muito próximo das elites, onde construiu grandes amizades, nomeadamente com Sir Eyre Crowe, terceiro filho de Sir Joseph Crowe (reconhecido historiador de arte). Sir Eyre Crowe (1864 - 1925) foi um diplomata britânico que defendeu arduamente uma política antialemã nos anos que precederam a Grande Guerra. Sir Eyre Crowe tornou-se, em 1912, subsecretário de Estado adjunto para os Negócios Estrangeiros do Reino Unido e em 1920 foi nomeado subsecretário de Estado permanente para os Negócios Estrangeiros (Cf. Rodrigues; Ferreira, 1999, p. 68 e <https://www.britannica.com/biography/Eyre-Crowe> [consult. 11-07-2023]). Urbano Rodrigues (1946, p. 78), afirma que muito do sucesso das relações diplomáticas luso-britânicas, neste período, se deveram à estreita relação entre Teixeira Gomes e Sir Eyre Crowe. Ainda o mesmo autor refere que os dois iam «sempre juntos aos melhores concertos. [...] Tanto Lady Crowe como as filhas adoravam o diplomata português, que nunca se esquecia de lhes levar lembranças delicadas: pequenos e ricos *bibelots*, livros, as flores de que mais gostavam.» (Rodrigues, 1946, p. 105).

<sup>132</sup> O regime implantado em Portugal no dia 5 de outubro de 1910 foi formalmente reconhecido pela Inglaterra a 11 de setembro de 1911, contribuindo para que outras nações fizessem o mesmo. Na opinião de José Medeiros Ferreira (2010, p. 174-175) esta situação é reveladora da dependência diplomática portuguesa face à poderosa Grã-Bretanha.

<sup>133</sup> Para uma melhor compreensão da ação diplomática de Manuel Teixeira Gomes na capital inglesa veja-se o texto *A ação diplomática em Londres e a afirmação da República no contexto da Primeira Grande Guerra*, de Paulo Girão (*In* Ventura, coord., 2010, p. 19-61).

<sup>134</sup> Atitude que o afastou do «velho amigo Brito Camacho, e ainda mais de Sidónio Paes [defensores da neutralidade portuguesa], aproximando-o, decisivamente, de Afonso Costa, João Chagas, Bernardino Machado e António José d’Almeida [apoiantes da entrada de Portugal na guerra].» (Soares, 2001, p. 13).

<sup>135</sup> Em Londres o Hotel Carlton era o predileto de Teixeira Gomes para fazer as refeições com políticos, mas também com membros da alta sociedade, “gente” da cultura e os demais (Rodrigues, 1946, p. 184-185). Em Paris hospedava-se, normalmente, no Cais de Voltaire ou no Palais d’Orsay. Em Madrid prefere o requinte do Hotel Ritz e em Lisboa o afamado Hotel Avenida Palace (Cf. Gomes, 2022, p. 471-496).

sociedade, como Rosalie de Bolotoff (1893-1977)<sup>136</sup> e J. L. Middleton<sup>137</sup>, e por personalidades do mundo da política, como o ministro da China em Londres ou Mr. Harding (embaixador inglês em Madrid)<sup>138</sup>, para jantares, óperas e *soirées*.

Revê, nos seus momentos de lazer, espaços emblemáticos da capital inglesa como o narrado por Urbano Rodrigues (1946, p. 72) em que Manuel Teixeira Gomes visita *Hampton Court Palace* na companhia de uma *lady*, apreciadora do requinte das coleções de arte que o diplomata possuía na sua residência, em Gloucester Place (Rodrigues, 1946, p. 23-24).

A paixão pela música<sup>139</sup>, em especial pelos compositores e pianistas Franz Liszt (1811-1886) e o seu discípulo Viana da Mota (1868-1948)<sup>140</sup>, leva-o a ser presença assídua em momentos musicais, como o do violoncelista Luiz Figuéras, ocorrido nos finais de 1911, na sala de concertos londrina de Bechstein Hall (Quaresma, 2016). Para um concerto na mesma sala o músico Viana da Mota ofertou dois bilhetes a Teixeira Gomes, para o seu recital a 08 de janeiro de 1913<sup>141</sup>. Grande admirador de Viana da Mota, já a 09 de maio de 1905 (segundo os extratos dos seus cadernos de notas), tinha assistido a um concerto seu no Teatro da Trindade, em que o músico executou Schumann, Chopin e Weber (Gomes, 2022, p. 479).

Em 24 de abril de 1912 discursa, a convite do Shakespeare Club, numa conferência sobre Shakespeare, no Palácio Municipal de Stratford-on Avon<sup>142</sup>, onde revela um

---

<sup>136</sup> Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 7, pasta *Convites*.

<sup>137</sup> A 19 de março de 1912, J. L. Middleton endereça a Manuel Teixeira Gomes uma carta convidando-o para assistir, no dia 09/04/1912, à opereta *Count of Luxembourg* no *Daly's Theatre*, seguida de jantar no Hotel Carlton. Na mesma missiva revela que foi convidado pelo Visconde de Monserrate (Sir Frederick Cook) para visitar Sintra (Fundação Mário Soares – *DTE - Documentos Manuel Teixeira Gomes*, pasta 08078.089, *Sem Título*, 1912 [consult. 13-07-2023]. Disponível na Internet: <URL: <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=08078.089> >)

<sup>138</sup> Cf. Gomes, 2022, p. 491.

<sup>139</sup> É um melômano e conhecedor desta arte – suas origens e melodias –, como podemos verificar em *Carta a Câmara Reys (A propósito de música árabe)*, redigida em Versalhes a 15 de setembro de 1930, onde disserta sobre música medieval europeia, árabe, espanhola, flamenga, alemã, austríaca, russa e jazz. (Gomes, 2022, p. 277-284).

<sup>140</sup> Cf. Rodrigues; Ferreira, 1999, p. 46-49.

<sup>141</sup> Fundação Mário Soares – *DTE - Documentos Manuel Teixeira Gomes*, pasta 08080.107, *Sem Título*, 1913 [consult. 13-07-2023]. Disponível na Internet: <URL: <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=08080.107> >

<sup>142</sup> Um excerto deste discurso proferido por Manuel Teixeira Gomes faz parte da sua obra *Londres Maravilhosa e outras páginas dispersas* (Cf. Gomes, 2022, p. 467-469).

conhecimento apurado da obra e pensamento do poeta e dramaturgo inglês. A imprensa inglesa fica embevecida com a cultura do ministro português (Quaresma, 2016).

Ainda a nível cultural, em 1917, Manuel Teixeira Gomes é um dos grandes defensores e impulsionadores, conjuntamente com o Ministro do Brasil em Londres (A. da Fontoura Xavier<sup>143</sup>), da abertura no *King's College* da aula de Língua, Literatura e História Portuguesa com a designação de *Camões Chair*, tendo para o efeito doado, em 18 de dezembro de 1917, conforme o atesta a missiva dirigida ao professor Gollancz (*Honorary Secretary of the Camoens Professorship Committee*), a quantia de 500 libras para a *Camões Professorship Fund Contribution*<sup>144</sup>. O mesmo valor foi doado por outras importantes personalidades para esta finalidade<sup>145</sup>, como N. M. de Rothschild<sup>146</sup> e Sir Frederick Cook (Visconde de Monserrate)<sup>147</sup>.

Quando vem a Portugal de férias ou em serviço oficial aproveita, também, os momentos de disponibilidade para fruir do mundo da arte e da cultura. Segundo as suas notas pessoais, em 27 de dezembro de 1911, aquando da sua primeira visita ao país natal após a sua nomeação para a embaixada inglesa, regista o seguinte apontamento: «António Carneiro — Visita à exposição das suas obras na *Ilustração*: coisas de grande interesse<sup>148</sup>.» (Gomes, 2022, p. 488). No regresso a Londres, passa por Madrid assinalando no seu “diário”, a 30 de janeiro de 1912, uma visita ao Museu do Prado

---

<sup>143</sup> António Vicente da Fontoura Xavier (1856-1922) embaixador brasileiro em Londres foi, segundo Rodrigues (1946, p. 76-77), amigo íntimo de Manuel Teixeira Gomes, poeta e investigador. Ambos fizeram parte do comité da *Camoens Chair of Portuguese*.

<sup>144</sup> Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 5, pasta *Camões Professorship of Portuguese – London University, 1917*, doc. *Subscrição de M. Teixeira Gomes, 18/12/1917*.

<sup>145</sup> Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 5, pasta *Camões Professorship of Portuguese – London University, 1917*, doc. *Camões Professorship of Portuguese. First List of Donations, 15/11/1917*.

<sup>146</sup> Membro da poderosa família de banqueiros e colecionadores de arte.

<sup>147</sup> Sir Frederick Cook, 2.º Visconde de Monserrate (1844–1920), filho e herdeiro de Sir Francis Cook (1817-1901) o magnata e grande colecionador de arte, obreiro do Palácio de Monserrate, em Sintra. Veja-se, sobre o colecionismo de Sir Francis Cook, os inúmeros trabalhos sobre o tema das investigadoras Maria João Neto e Vera Mariz, nomeadamente os elencados na bibliografia.

<sup>148</sup> Manuel Teixeira Gomes refere-se à exposição individual no Salão da *Ilustração Portuguesa*, em 1911, na cidade de Lisboa. Teixeira Gomes como grande admirador da arte do retrato visitou a exposição do pintor que ficou para a história como o “retratista das almas”, pela sua capacidade de explorar o lado psicológico dos retratados. António Carneiro (1872 – 1930) foi aluno de Marques de Oliveira e de Soares dos Reis na ABAP, onde acabaria por lecionar. Para além de professor foi poeta e pintor, nomeadamente, de paisagens, cenas intimistas e retratos. (Cf. <https://gulbenkian.pt/cam/artist/antonio-carneiro/> [consult. 12-07-2023]).

(Gomes, 2022, p. 488). Museu, esse, ainda segundo a mesma fonte, onde regressará novamente em dois momentos, nas suas viagens entre Londres e Lisboa, com paragens em Paris e Madrid. Primeiro a 10 de julho de 1915 (Gomes, 2022, p. 489) e, depois, nos dias 13 e 15 de janeiro de 1918 (Gomes, 2022, p. 491).

Nestas duas últimas viagens vem a Portugal por motivos profissionais relacionados com a sua demissão das funções de embaixador.

Da primeira vez em julho de 1915 pondera apresentar um pedido de renúncia ao cargo. Nesta jornada que dura entre 8 (data da saída de Londres) e 19 de julho (data da chegada à capital inglesa), como frequente consumidor de arte – que o apazigua e enleva – para além do museu espanhol visita a 13 o Museu Nacional de Arte Antiga<sup>149</sup>, apontando no seu caderno: «Visita interessante — maior interesse pelos primitivos portugueses.» e no dia seguinte regista: «Exposição nas Belas-Artes<sup>150</sup> — Visito-a com o [Brito] Camacho. Três coisas interessantes: retrato pelo [José] Malhoa de um sujeito de pálpebras inflamadas; melão do Columbano [Bordalo Pinheiro] e pôr do sol na Praia da Rocha do [Falcão] Trigoso.» (Gomes, 2022, p. 489).

Da segunda vez é demitido por Sidónio Pais, em 25 de janeiro de 1918<sup>151</sup>, alegando que Manuel Teixeira Gomes não propagandeou devidamente na imprensa inglesa a revolução triunfante a 5 de dezembro de 1917<sup>152</sup> (Lopes, 1942, p. 124), a qual conduziu ao poder o futuro “Presidente-Rei”. Sidónio Pais manda a polícia confiscar o passaporte do diplomata (Lopes, 1942, p. 125).

---

<sup>149</sup> Teixeira Gomes era membro da associação *Amigos do Museu de Arte Antiga*, pelo menos desde 23 agosto de 1919. Data em que lhe é remetida, pelo escritório do *Grupo dos Amigos do Museu*, uma missiva com o seu bilhete de identidade (cartão de sócio número 326) e o recibo do pagamento da quota do ano de 1919, efetuada por intermédio de José de Figueiredo, seu amigo e diretor do museu (Cf. Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 6, pasta *Amigos do Museu de Arte Antiga a Gomes, Manuel Teixeira. 1919 Ago. 23 – carta + recibo*, docs. *Carta e Recibo, 23/08/1919* e Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 6, pasta *Cartões (6)*, docs. *Bilhete de Identidade N.º 326 do Amigo do Museu M. Teixeira Gomes*, s.d.).

<sup>150</sup> Segundo apuramos Teixeira Gomes refere-se à 12.ª Exposição da Sociedade Nacional de Belas-Artes, ocorrida em Lisboa, no ano de 1915, a qual segundo Elias (2011, p. 168), para além da natureza-morta *O melão*, Columbano «apresentou o retrato de Augusto Rosa, o quadro *As minhas sobrinhas*, os retratos da senhora *D. A.L. (Alda Lino)* e de *Maria Cristina Bordalo Pinheiro*».

<sup>151</sup> Cf. Rodrigues, 1982, p. 419 e Rodrigues; Ferreira, 1999, p. 124.

<sup>152</sup> Sidónio Pais (1872- 1918) «liderou o golpe de Estado que derrubou o Presidente Bernardino Machado, em 5 de dezembro de 1917.» (In <https://www.museu.presidencia.pt/pt/conhecer/presidentes-da-republica-biografias/presidentes-da-i-republica/sidonio-pais/> [consult. 13-07-2023]).

Poucos dias após estes acontecimentos, a 5 de fevereiro, Teixeira Gomes visita, na companhia de Augusto de Vasconcelos, o MNAC onde destaca dois trabalhos de Silva Porto que qualifica de «incomparáveis» e uma «admirável» paisagem de Tomás da Anunciação (Gomes, 2022, p. 495).

Augusto de Vasconcelos (1867- 1951) foi o escolhido por Sidónio Pais para substituir Teixeira Gomes na Legação de Londres, ficando a viver no palacete da embaixada localizada no número 12 de Gloucester Place, a qual foi mobilada e recheada a expensas do diplomata algarvio (Gomes, 2022, p. 492-496), afastando-o<sup>153</sup>, nas palavras de Castelo Branco Chaves, entre janeiro de 1918 e abril de 1919, da «sua mobília e preciosidades artísticas<sup>154</sup>» (Gomes, 2022, p. 495). Episódio que muito indignou Teixeira Gomes conforme o mesmo apontou no seu “diário” no dia 16 de junho de 1918 (Gomes, 2022, p. 495).

Após o interregno de um ano e três meses, Teixeira Gomes regressa para o palacete da legação londrina (*Vide* fig. 2.1 Anexo II) e continua a obra que vinha a construir desde 1911, nomeadamente no estreitar de relações com a família real inglesa. Desta situação é significativa a correspondência que trocou com a Princesa Alice de Inglaterra, entre 1920 e 1924, em cartas que deixam transparecer o apreço que esta tinha pelo embaixador e futuro Presidente da República e, nalgumas, o convida para comparecer no palácio real<sup>155</sup>.

Manuel Teixeira Gomes correspondeu-se também, segundo Castelo Branco Chaves, com outras personalidades da «alta sociedade londrina e parisiense [...]». Entre os correspondentes figuram: [...], a Senhora Duquesa de Sevilha, Princesa de Bibesco, Princesa Maria Bonaparte, Lord e Lady Tyrrell, Mrs. Simpson, Lady Mond, família Crowe, Paul Cambon.» (Chaves *apud* Lopes, 1942, p. 123).

Um dos sinais mais notórios do prestígio alcançado por Teixeira Gomes em Londres, e em particular na Corte de St. James, foi o facto, segundo Norberto Lopes

---

<sup>153</sup> Segundo Urbano Rodrigues (1946, p. 148), Teixeira Gomes terá dito sobre esta situação: «- Esse Vasconcelos viveu escandalosamente nos meus lençóis e na casa que eu paguei, burlando-se de mim!».

<sup>154</sup> Assunto que retomaremos, com maior profundidade, no terceiro capítulo do nosso trabalho.

<sup>155</sup> Cf. Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 5, pasta *Correspondência com Princesa Alice de Inglaterra, 1920-1923*. Constatamos que a correspondência existente nesta pasta se prolonga até 1924.

(1942, p. 87-88), de a rainha Alexandra da Inglaterra, esposa de Eduardo VII, ter solicitado a «Teixeira Gomes que dirigisse a decoração do seu gabinete oriental no Palácio de Buckingham»<sup>156</sup>, o que é sintomático da alta consideração em que o diplomata era tido em assuntos de arte.

Em termos de produção literária, como nos diz Teixeira Gomes, enquanto foi embaixador em Londres não teve tempo para criar romances, pois vivia-os na realidade<sup>157</sup>. Contudo, durante este período como diplomata, ainda consegue colaborar com a revista luso-brasileira *Atlântida*, dirigida por João de Barros, com a publicação, entre 1916 e 1918, de três textos: *Alcobaça* (1916), *Évora* (1917) e dois excertos da segunda edição da obra *Inventário de Junho* (1918)<sup>158</sup>.

Teixeira Gomes deixou a Inglaterra, e o cargo de embaixador, a 1 de outubro de 1923, com sentimento de missão cumprida<sup>159</sup> como assevera em entrevista a Norberto Lopes, a bordo do cruzador *Carysford*, colocado à sua disposição pelo governo inglês, «num gesto de deferencia que o honra»<sup>160</sup>, rumo a Portugal para assumir o cargo de Presidente da República, após a sua eleição em 06 de agosto desse ano, pelas duas Câmaras do Congresso da República. Porém, também a vida política nacional revelar-se-á uma tarefa hercúlea. Apesar dos seus esforços na procura de entendimentos entre os partidos para resolver os graves problemas que assolavam o país; preocupando-se, entre outros, com a diminuição do analfabetismo e o agravamento das contas públicas; os seus trabalhos saíram malogrados (Lopes, 1942, p. 142). A instabilidade política continuava tremenda, durante a sua presidência empossou sete governos<sup>161</sup>, as greves eram

---

<sup>156</sup> A mesma afirmação é feita por Viana de Carvalho em entrevista, poucos dias após a morte de Manuel Teixeira Gomes, ao jornalista Castro Soromenho (1941, p. 5) que acrescenta que esse famoso gabinete possuía «preciosidades artísticas [...], sempre de portas cerradas para os profanos.».

<sup>157</sup> Na *Carta a João de Barros (Com alguns dados autobiográficos)* Teixeira Gomes, referindo-se à sua vida como embaixador em Londres, afirma: «A minha vida em Londres foi de luta ininterrupta, e mais divertida, infinitamente, do que nunca poderia ser a contemplativa. Não escrevia romances: vivia-os; e amiúdo com êxitos a que jamais me seria dado aspirar na literatura escrita.» (Gomes, 2022, p. 210).

<sup>158</sup> Cf. [https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/atlantida/index/aut\\_0000027121/author](https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/atlantida/index/aut_0000027121/author) [consult. 09-07-2023].

<sup>159</sup> Na opinião de Mesquita (1984, p. 23) «representando os interesses da República Portuguesa como até então nunca teriam sido defendidos.».

<sup>160</sup> LOPES, Norberto – cit. 127, p. 6.

<sup>161</sup> O Presidente da República, Manuel Teixeira Gomes, deu posse aos seguintes chefes do governo: António Ginestal Machado (15/11/1923), Álvaro de Castro (18/12/1923), Alfredo Rodrigues Gaspar (06/07/1924), José Domingos dos Santos (22/11/1924), Vitorino Magalhães (15/02/1925), António Maria da Silva (01/07/1925) e Domingos Leite Pereira (01/08/1925).

constantes, as tentativas de golpe de estado frequentes, a inflação entre o oscilante e o galopante, a pobreza alastrava<sup>162</sup> (Lopes, 1942, p. 164).

Sentindo-se impotente para pôr termo a esta situação calamitosa, já que nas suas palavras: «Um presidente constitucional no nosso país que se conserve fiel aos juramentos prestados, é um mixto de “boneco de palha” e de “Senhor da cana verde”: o primeiro para ser mandado, e o segundo para ser insultado.»<sup>163</sup>, após dois anos e dois meses de angústia<sup>164</sup>, pede a renúncia ao cargo a 10 de dezembro de 1925, alegando problemas de saúde (Mesquita, 1984, p. 27-28)<sup>165</sup>.

Teixeira Gomes, enquanto Presidente da República, tinha por hábito reunir à “mesa” personalidades das artes e das letras, na maioria seus amigos, como João de Barros, Augusto Gil, Veiga Simões, José de Figueiredo e Columbano Bordalo Pinheiro. Para Urbano Rodrigues (1946, p. 265) eram «reuniões alegres de camaradas [...]. [Onde] se discutia, com ele problemas de arte, de história e temas literários num perfeito à-vontade.». Mais à frente, o mesmo autor (1946, p. 267), refere que o Presidente dava passeios por Lisboa aproveitando para visitar museus «em busca de novidades ou para rever telas e esculturas que apreciava.».

Entre o começo e o *terminus* da fase em apreço, Teixeira Gomes foi por três vezes retratado por aquele que considerava ser o melhor pintor português a captar os traços fisionómicos e psicológicos do “modelo”. Aquele que, após o primeiro contacto<sup>166</sup>, ficaria para sempre ligado pelo “cordão umbilical” do amor à arte, atestado em *Cartas a Columbano*. Columbano Bordalo Pinheiro pinta os dois primeiros retratos de Teixeira Gomes, em 1911<sup>167</sup>, pouco tempo antes da sua partida para Londres como embaixador e em 1925 retrata-o novamente, agora «já no final do mandato [de Presidente da

---

<sup>162</sup> Estes, e outros, problemas atravessaram toda a Primeira República, com maior ou menor agravo.

Durante os seus dezasseis anos, Portugal teve quarenta e cinco governos.

<sup>163</sup> GOMES, Manuel Teixeira – cit. 91, p. 342.

<sup>164</sup> Em carta datada de 20 de abril de 1927, dirigida ao amigo João de Barros, publicada no n.º 238 da revista *Seara Nova*, Manuel Teixeira Gomes afirma, na página 342, que na Presidência esteve «prisioneiro, aborrecido, e enjoado».

<sup>165</sup> Para um mais apurado conhecimento do mandato presidencial de Manuel Teixeira Gomes, veja-se o texto *Uma presidência na agonia da República*, de Mário Machado Fraião (*In* Ventura, coord., 2010, p. 63-101).

<sup>166</sup> Segundo Elias (2011, p. 369), Teixeira Gomes travou conhecimento com CBP nos inícios de 1911.

<sup>167</sup> No posfácio de *Cartas a Columbano*, Teixeira Gomes (1989, p. 170) revela que um destes dois primeiros quadros, o que ficou inacabado – em *pochade* –, ofereceu a Viana de Carvalho, seu secretário particular.

República], pouco tempo antes de ele se demitir» (Elias, 2011, p. 394). A primeira obra foi doada pelo próprio ao MNAC, em 1930<sup>168</sup>, e a segunda encontra-se na Galeria de Retratos Oficiais dos Presidentes da República do Palácio de Belém<sup>169</sup>.

É com o amigo Columbano Bordalo Pinheiro que, Manuel Teixeira Gomes, almoça a 11 de dezembro de 1925<sup>170</sup>, dia em que é lida no Congresso da República a sua carta de resignação. No dia seguinte deixa o Palácio de Belém e recolhe-se à sua casa da Gibalta, em Caxias (junto ao Farol da Gibalta)<sup>171</sup>, a qual tinha adquirido durante o mandato presidencial, com a intenção de a habitar após finalizar as funções como alto magistrado da Nação (Rodrigues, 1946, p. 230-232). Na *Carta a João de Barros (Com alguns dados autobiográficos)* revela que: «Solto de Belém podia ter reatado a minha vida “pré-histórica” e, no meu antigo escritório de Portimão, onde tenho a livraria, ou em Lisboa, na Gibalta, que arranjei com as coisas trazidas de Londres» (Gomes, 2022, p. 210). E, Norberto Lopes refere: «As colecções de arte e os documentos que se referem á sua acção politica e diplomatica guarda-os na sua casa da Gibalta, na Cruz Quebrada.»<sup>172</sup>.

### 2.1.3 O Exilado

A 17 de dezembro de 1925 deixa Portugal a bordo do navio holandês *Zeus* com rumo ao Mediterrâneo para não mais regressar, partindo para um exílio voluntário na procura de uma distância que lhe permitisse gozar a sua existência em plena liberdade.

No exílio aproveitou para realizar aquilo que mais o comprazia: viajar e escrever. Viajante indómito<sup>173</sup> revisita muitas das localidades que mais admirava; as suas gentes,

---

<sup>168</sup> Cf. <http://www.museuartecontemporanea.gov.pt/pt/pecas/ver/380/artist> [consult. 07/01/2023].

Abordaremos, novamente, esta obra de Columbano no quarto capítulo do nosso trabalho.

<sup>169</sup> Sobre esta questão veja-se a tese de doutoramento de Margarida Maria Almeida de Campos Rodrigues de Moura Elias, *Columbano no seu Tempo (1857-1929)*, defendida na Universidade Nova de Lisboa, em 2011, em particular as páginas 167, 369-370, 381-382 e 394-397.

<sup>170</sup> Cf. [https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/efemerides/manuelteixeiragomes/Imagens/ORebate\\_11Dez1925\\_0001.pdf](https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/efemerides/manuelteixeiragomes/Imagens/ORebate_11Dez1925_0001.pdf) [consult. 11/07/2023].

<sup>171</sup> A casa da Gibalta, numa expropriação por utilidade pública, foi demolida na década de 1940 (Azevedo, 2010, p. 101 nota 8) para dar lugar à estrada marginal (Lopes, 1942, p. 200).

<sup>172</sup> LOPES, Norberto – Visita ao antigo Presidente da República M. Teixeira Gomes no seu exilio voluntario em Bougie. In *Diário de Lisboa*. N.º 5818, ano 18 (2 de fevereiro de 1939), p. 4.

<sup>173</sup> O espírito de viajante nasceu-lhe precocemente, quando ainda no seminário tinha de viajar nas férias entre Portimão e Coimbra (Lopes, 1942, p. 45).

atmosferas, paisagens e património; como Paris, Versalhes, Ruão, Marselha, Florença, Pisa, Nápoles, Tunes e Argel<sup>174</sup>. A partir destas corresponde-se com inúmeras personalidades<sup>175</sup>, especialmente com João de Barros, Viana de Carvalho<sup>176</sup>, Castelo Branco Chaves<sup>177</sup>, Sousa Lopes<sup>178</sup>, José de Figueiredo e Columbano Bordalo Pinheiro a quem escrevia relatando as suas viagens e reflexões sobre múltiplos aspetos como política, literatura e arte.

No mês de setembro de 1931, em nova visita à cidade argelina de Bougie (atual Bejaïa), pensada para algumas semanas, sofre um «ataque cardíaco» que o atira para a cama (Lopes, 1942, p. 242-243). Apesar de recuperar, os seus 71 anos e a progressiva debilidade física obrigam o seu corpo, habituado a vaguear, a um paulatino sedentarismo. Nunca mais viajará para fora da Cabília<sup>179</sup> (Ventura, coord., 2010, p. 168). Aproveita para colaborar com os periódicos portugueses, manter a correspondência com os amigos e escrever e publicar os seus contos e novelas, apesar da progressiva cegueira que o inquieta.

Em novembro de 1931 publica no jornal *Liberdade* o artigo *Da dignidade do trabalho manual*, remetido, da cidade de Ruão a 6 de agosto de 1931, para o chefe da

---

<sup>174</sup> Na carta *Para um poeta pagão (Paralelo sacrílego)*, datada de 27 de outubro de 1928, Teixeira Gomes refere que desejava visitar Roma mas: «Se há coisa que me desgoste é não conseguir vencer certas incompatibilidades políticas com a Itália de hoje [...]» (Gomes, 2022, p. 242), revelando-se antifascista.

<sup>175</sup> Teixeira Gomes disse, em janeiro de 1939, a Norberto Lopes, que quando partiu para o exílio correspondia-se com sessenta pessoas (Cf. LOPES, Norberto – Último capítulo de um encontro breve. Teixeira Gomes, Cidadão de Bougie. In *Diário de Lisboa*. N.º 5820, ano 18 (4 de fevereiro de 1939), p. 4).

<sup>176</sup> Carlos Viana de Carvalho foi nomeado por Manuel Teixeira Gomes membro da sua Casa Civil, em outubro de 1923, na qualidade de seu secretário particular e durante o exílio continuou a colaborar com o antigo Presidente, nomeadamente na cópia e entrega das suas cartas em Portugal (Gomes, 1989, p. 198 nota 5).

<sup>177</sup> José Adjuto Castelo-Branco Chaves (1900-1992), mais conhecido por Castelo Branco Chaves, foi um crítico literário, historiador e ensaísta. Manteve estreitas relações de amizade com Teixeira Gomes, tendo publicado um primeiro estudo sobre o diplomata em 1934 e após a sua morte divulgou diversos textos inéditos, seguindo orientações do mesmo (Azevedo, coord., 2010, p. 217). Foi o fiel depositário e guardião do espólio de Manuel Teixeira Gomes (manuscritos, correspondência, documentação diversa) legados à Biblioteca Nacional de Portugal, em abril de 2005, pelo seu filho Fernando Castelo Branco (Cf. [https://acpc.bnportugal.gov.pt/espolios\\_autores/e46\\_gomes\\_manuel\\_teixeira.html](https://acpc.bnportugal.gov.pt/espolios_autores/e46_gomes_manuel_teixeira.html) [consult. 08-07-2023]).

<sup>178</sup> Adriano de Sousa Lopes (1879-1944) foi um pintor português, o qual segundo José-Augusto França (1991, p. 182) oscilou entre o academismo e o modernismo. Aluno na EBAL e bolseiro em Paris, na sua obra explorou diversas temáticas que vão da paisagem, passando pelas inspiradas em acontecimentos históricos e na literatura, até ao retrato. Destacou-se, ainda, como oficial-artista na Grande Guerra onde ficou encarregue de retratar o Corpo Expedicionário Português e assumiu a direção do MNAC entre 1927 e 1944. (Cf. França, 1991, p. 182 e Silva [et al.], 2022, p. 333-335).

<sup>179</sup> A Cabília é uma região do norte da Argélia, onde fica a localidade de Bougie.

redação do periódico, no qual defende a melhoria das condições de vida do operariado e a necessidade de o instruir<sup>180</sup>; alertando, ainda, para os malefícios de uma industrialização desenfreada no mundo laboral e para as desigualdades sociais (Rodrigues, 1982, p. 360-369). Teixeira Gomes, nos seus 71 anos de idade, coloca-se ao lado da luta do operariado (*práxis*) numa visão marxista do processo histórico da humanidade (Rodrigues, 1982, p. 375).

Ainda durante o exílio destaca-se a sua intensa participação na revista *Seara Nova*<sup>181</sup> onde colabora com diversos textos<sup>182</sup> como, entre outros, *Sintra* (26 de janeiro de 1928), *Carta para mestre Columbano* (26 de setembro de 1929), *Carta a João de Barros* (20 de fevereiro de 1930) e *Carta a Castelo Branco Chaves sôbre a génese de um romance* (5 de fevereiro de 1938). Muitos destes artigos publicados na *Seara Nova* seriam editados em livro, com a chancela editorial desta revista, como foi o caso de *Sintra* que surge na obra *Regressos*<sup>183</sup> (1935) e as epístolas a Columbano Bordado Pinheiro dariam origem, em 1932, à obra *Cartas a Columbano*.

Visão e alma de esteta, puro amante da vida, da arte e do belo (Ventura, coord., 2010, p. 11-12), corresponde-se com o «querido amigo» (Gomes, 1989) e pintor português, Columbano Bordalo Pinheiro, a partir das localidades que percorre, escrevendo ensaios sobre Arte. Nestas cartas deixa as suas impressões sobre as cidades, os monumentos, os museus<sup>184</sup>, a arte e os artistas. *Cartas a Columbano* é constituído por

---

<sup>180</sup> Sobre esta questão refere Manuel Teixeira Gomes: «Mas seja como for: é ao operariado que, [...] e depois de ter adquirido os meios de educação suficiente para lhe consentir que delibere por sua própria cabeça, e se liberte da influência ou tutela dos especuladores e charlatães da política; é ao operariado, pelo seu número e pela sua importância social, que mais tarde ou mais cedo competirá escolher o regime em que as nações – a humanidade – terá de viver, e investir no poder os homens próprios para dirigir a administração pública, e velar pela execução estreita das leis.» (In Rodrigues, 1982, p. 368).

<sup>181</sup> Manuel Teixeira Gomes colaborou durante vários anos com a revista *Seara Nova*, sendo amigo de iminentes *seareiros* como António Sérgio, partilhando dos seus ideais de liberdade e de oposição democrática a uma ditadura que, em 1925, enquanto Presidente da República vaticinou. No último almoço que teve com os comandantes das unidades militares, a 5 de dezembro de 1925, cinco dias antes de apresentar a sua renúncia ao cargo, virou-se para os generais presentes dizendo: «isto [o poder] vai-lhes directamente parar às mãos!» (Lopes, 1942, p. 253).

<sup>182</sup> Cf. [https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/index/aut\\_0000027121/author](https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/index/aut_0000027121/author) [consult. 09-07-2023].

<sup>183</sup> A obra *Regressos* é formada por um conjunto de textos evocativos das impressões de viagens que fez por Portugal, suas cidades e monumentos, e um texto sobre Santiago de Compostela.

<sup>184</sup> Teixeira Gomes, ao longo dos seus 81 anos, visitou inúmeros museus (alguns repetidamente), dos quais destacamos: o Museu Municipal do Porto e o MSR, no Porto; o MNAA e o MNAC, em Lisboa; o Museu do Prado, em Madrid; o Museu do Louvre, em Paris; o Museu Bargello, o Palácio Pitti e a Galleria degli Uffizi,

doze cartas e seis “Solilóquios”. Destes últimos, cinco foram escritos após a morte do pintor, revelando o desejo do escritor em manter o contacto com a memória de Columbano.

Para além de *Cartas a Columbano* e *Regressos*, entre 1932 e 1941, Manuel Teixeira Gomes publica, ainda, *Novelas Eróticas* (1935), *Miscelânea* (1937), *Maria Adelaide* (1938), *Carnaval Literário* (1939) e *Ana Rosa* (1941). A publicação, sob orientação de CBC, de *Londres Maravilhosa* deu-se no ano seguinte ao da sua morte (Azevedo, 2010, p. 39).

A sua escrita de forte plasticidade visual e pendor autobiográfico e memorialista (Rodrigues, 1982, p. 10), são reveladoras do homem que apesar de ter deixado o país, em dezembro de 1925, sem um único papel vivia nas palavras de Norberto Lopes rodeado «de recordações, de correspondência, de papelada velha» (Lopes, 1942, p. 230), as quais eram o «elo de ligação com o seu país» (Ventura, coord., 2010, p. 13) materializado, principalmente, através de uma “febre epistolar”<sup>185</sup>.

Momento marcante do seu exílio foi a visita, nos princípios de 1939, do jornalista do *Diário de Lisboa*, Norberto Lopes. O antigo Presidente da República recebe-o onde vive desde 1931, no «modesto mas confortável» (Lopes, 1942, p. 229) quarto número 13 do Hotel de l’Étoile (Vd. fig. 2.2 Anexo II) com vista para o Mediterrâneo<sup>186</sup>. Desta entrevista resultaria uma amizade e a publicação no ano seguinte à sua morte do livro *O Exilado de Bougie: perfil de Teixeira Gomes*, de Norberto Lopes.

Em 18 de outubro 1950, exatamente nove anos após a sua morte e inumação no cemitério de Bougie (que considerava «lindo», confessando ao jornalista: «Deve ser uma consolação ficar ali – mas com a certeza de que não nos vão lá incomodar.»<sup>187</sup>), os restos mortais de Manuel Teixeira Gomes foram trasladados<sup>188</sup> para o cemitério da sua terra natal, numa cerimónia que ficou marcada, apesar da ação da Polícia Internacional e de

---

em Florença; o Museu de Pintura do Palácio Longchamp, em Marselha; o Museu Plantin, em Antuérpia; o Ryjks-Museum, em Amesterdão; o Museu Britânico e o Museu Kensington, em Londres; o Museu Arqueológico de Cherchell, próximo de Argel e o Museu do Bardo, em Tunes (Cf. Gomes, 1989; Gomes, 2022 e Ventura, coord., 2010, p. 135-175).

<sup>185</sup> O exílio amplia-lhe o desejo de evocação, de rememoração... (Re)vive ao escrever as memórias, nas suas epístolas, numa «luta contra o esquecimento» (Ricoeur, 2007, p. 424).

<sup>186</sup> A proximidade do mar para Teixeira Gomes é fundamental; nasceu e decidiu viver e morrer junto dele.

<sup>187</sup> LOPES, Norberto – cit. 172, p. 4.

<sup>188</sup> Norberto Lopes foi um dos principais impulsionadores desta iniciativa.

Defesa do Estado (PIDE), pela contestação popular ao regime fascista (Quaresma, 2016), como um “Grito pela Liberdade”, amordaçada desde o 28 de Maio de 1926.

*Que sublime cruzada essa de correr mundo em busca do que é belo!...  
e felizes sem par aqueles que o encontram.*

GOMES, Manuel Teixeira – *Londres Maravilhosa e outras páginas dispersas*. 1ª Edição. Lisboa: Seara Nova, 1942, p. 124-125

## **CAPÍTULO 3 – MANUEL TEIXEIRA GOMES: ARTE E COLECIONISMO**

### **3.1 A sensibilidade estética e artística de Teixeira Gomes**

As leituras, o relacionamento com intelectuais e artistas<sup>189</sup>, as frequentes e longas viagens<sup>190</sup>, a convivência permanente com o património (monumentos, museus e galerias de arte) e a profunda reflexão do mundo que o rodeia converteram-no num esteta.

É consensual entre os seus biógrafos<sup>191</sup> que Manuel Teixeira Gomes era um apreciador, profundo, da cultura (inclusive da arte) clássica. Mas será que se restringia, unicamente, a esta matriz e aos seus cânones?

Sabemos, como referido no capítulo anterior, que a estima pela arte já existia desde os tempos da sua mocidade, quando aos 15 anos leu, atentamente, Raczyński e, ainda, que *Cartas a Columbano* (1932) são um manifesto, “amadurecido”, da sua visão estética do mundo artístico.

Na pesquisa que empreendemos no *Espólio de Manuel Teixeira Gomes* na Biblioteca Nacional de Portugal deparámo-nos com uma carta datada de 09 de março de 1881, remetida por Teixeira Gomes a Joaquim de Araújo, onde já evidência veia pela crítica da arte. Vejamos o que diz ao amigo sobre o quadro (de estilo academizante) *Phryne no areópago* (1861), do pintor (e professor) Jean Léon Gérôme (1824-1904): «As figuras estão bem dispostas, ricamente alumiadas, dum desenho de mestre; as caras dos

---

<sup>189</sup> Teixeira Gomes foi próximo de vários artistas portugueses como Soares dos Reis, mas também de estrangeiros como o escultor (e colecionador de arte medieval) americano George Grey Barnard (1863-1938), o qual estudou e trabalhou, em parte da sua vida, na Europa, principalmente em Paris onde recebeu influências de Auguste Rodin (1840-1917) (Cf. Gomes, 2022, p. 273-274 e <https://americanart.si.edu/artist/george-grey-barnard-240> [consult. 29-07-2023]).

<sup>190</sup> Vide Anexo I *Cronologia de apoio “Manuel Teixeira Gomes: excertos de uma biografia”*.

<sup>191</sup> Nomeadamente Norberto Lopes (1942), Urbano Tavares Rodrigues (1982), Maria da Graça Mateus Ventura (2010) e José Alberto Quaresma (2016).

velhos juizes concupiscentes e velhacos é que interpretam (?) duma maneira detestavel o sentimento grego pela forma humana»<sup>192</sup>.

Nesta carta Teixeira Gomes, aos 21 anos, revela apreço pela arte académica, que ainda na segunda metade do século XIX era ensinada em muitas das escolas oficiais ocidentais, as quais “congelaram” os valores da Antiguidade Clássica<sup>193</sup>, que irão conservar-se em Teixeira Gomes esteta<sup>194</sup>, como constatámos pela análise da carta remetida a João de Barros, redigida em janeiro de 1928, dizendo:

«Eu não creio que haja na História exemplo igual ao da Grécia, [...] que revelou e fixou o supremo canon da beleza plástica e intelectual; [...] domina e dominará eternamente o planeta que pisamos. [...] É uma figura grega; é uma paisagem grega; é uma scena grega; dizemos nós, e êsse enunciado basta para que a visão nos reconstitua quadros perfeitos de equilíbrio, luz e harmonia.».

(GOMES, Manuel Teixeira – Carta a João de Barros sôbre a "Grécia, musa do Ocidente". In *Seara Nova*. Lisboa: Seara Nova. N.º 127 (23 de agosto de 1928), p.126)

Na pintura admira, em particular, as paisagens, os retratos (e autorretratos), as naturezas-mortas e o nu, não descurando outros géneros como o histórico, o mitológico, as alegorias e as cenas de temática religiosa. Apresenta uma predileção, muito especial, pelo pintor Columbano Bordalo Pinheiro<sup>195</sup> que compara a Franz Halls (1580-1666), conforme afirma em *Cartas ao pintor Sousa Lopes sôbre a sua arte*<sup>196</sup>. Nestas cartas Teixeira Gomes caracteriza a obra de Sousa Lopes a qual, segundo a sua apreciação, apresenta as qualidades da boa pintura, principalmente «o rigor do desenho, a verdade da perspectiva, o resplendor da luz, o desfôgo da atmosfera, a combinação das côres, o equilíbrio dos volumes...». Mais à frente, na mesma carta datada de 14 de março de 1929,

---

<sup>192</sup> Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 17 *Gomes, Teixeira a Joaquim de Araújo - cópia*, 09/03/1881. Cópia de Castelo Branco Chaves.

<sup>193</sup> Segundo Pimentel [et al.] (2010, p. 194-195) a arte académica era «ensinada nas diversas Escolas de Belas Artes. [...] [impondo] uma rigidez de doutrina que perdurará ao longo de todo o século XIX».

<sup>194</sup> Para Manuel Teixeira Gomes a beleza da arte grega é intemporal, nas suas palavras: «Outras grandes manifestações de arte podem causar hoje entusiasmo e amanhã tédio; a arte grega, [...], impõe-se à admiração de uma forma constante, e parece ter um valor intrínseco, [...], que nada pode diminuir» (Gomes, 1989, p. 21).

<sup>195</sup> O qual Teixeira Gomes considera um «companheiro espiritual que, até involuntariamente, [...] [invoca], nos momentos de emoção artística» (Gomes, 1989, p. 20).

<sup>196</sup> GOMES, Manuel Teixeira – *Cartas ao pintor Sousa Lopes sôbre a sua arte*. In *Seara Nova*. Lisboa: Seara Nova. N.º 210 (19 de junho de 1930), p. 281-283.

afirma: «O que me diz do retrato do Viana da Mota, pelo Columbano, encanta-me [...]. Eu tenho como certo, [...], que vivendo o Columbano ainda alguns anos [...]. Será como o Franz Halls, de quem êle, afinal, é muito próximo parente, no temperamento e no gênio.».

Na primeira carta, escrita em Tunes a 04 de abril de 1927, refere-se a pintores como Claude Lorrain (1600-1682), William Turner (1775-1851) e Jean-Baptiste Corot (1796-1875) como alguns dos «mestres meus preferidos»<sup>197</sup>, a quem recorria, durante as suas deambulações, para num exercício de “pintor-artista” metamorfosear a natureza em arte, através da segmentação da «paisagem em quadros, isolando-os e emoldurando-os, logo, em imaginação; e depois, consoante o carácter do trecho apreendido, conjeturar: como é que o Claude Lorrain o simbolizaria; que luz lhe escolheria o Turner; como soaria ali a nota idílica do Corot?».

Logo em janeiro de 1926, cerca de um mês após o começo do seu exílio voluntário, Teixeira Gomes inicia a redação da obra *Cartas a Columbano*, autênticas dissertações sobre arte e estética<sup>198</sup>, que conclui em abril de 1931. Escritas ao sabor das viagens, «sem livros de consulta<sup>199</sup>, nem apoio de espécie alguma» (Gomes, 1989, p. 76), entre a Europa (Fiesole, Florença, Pisa, Versalhes e Ruão) e o Norte de África (Argel, Tunes e Bône), através delas é possível “seccionar” o seu quadro teórico sobre a matéria.

---

<sup>197</sup> De notar que os três artistas (Claude Lorrain, pintor barroco, francês radicado em Itália; Turner, pintor do Romantismo inglês; e Corot, francês, membro da *Escola de Barbizon*) marcaram, em períodos artísticos distintos, a pintura com as suas paisagens. Segundo Ernst H. Gombrich (1951, p. 295) Claude Lorrain, em obras de serena simplicidade, despertou o interesse do público para a beleza sublime da natureza e, durante um longo período, as pessoas julgavam trechos da paisagem real com base nos padrões definidos pelo artista. Ainda para Gombrich (1951, p. 392), foi Claude Lorrain quem converteu as ruínas romanas em “pitoresco”. Turner destacou-se com as suas paisagens tempestuosas, principalmente marinhas de grande força plástica, anunciadoras do Impressionismo (Pimentel [et al.], 2010, p. 206 e 219). Jean-Baptiste Corot, também, pode ser considerado um precursor deste movimento no estudo delicado às variações de luz e na sua paleta clara (Pimentel [et al.], 2010, p. 218).

<sup>198</sup> No prefácio a *Cartas a Columbano*, Urbano Tavares Rodrigues (1989, p. 10) diz: «Nestas Cartas a Columbano manifesta-se discretamente a soma de conhecimentos de Teixeira-Gomes e [...] o dom de admirar e de amar carnalmente as artes plásticas que dele fez um dos grandes viajantes europeus da sensação estética da primeira metade do nosso século.».

<sup>199</sup> Em carta a João de Barros (Tunes, 24 de dezembro de 1926), Manuel Teixeira Gomes refere que prefere escrever sobre uma paisagem, um quadro, um monumento... à distância e de memória (Azevedo, 2010, p. 68). E, na carta a Afonso Lopes Vieira (Portimão, 8 de março de 1910) diz o seguinte «a minha obcecante memória visual – a única memória que possui» (Rodrigues; Ferreira, 1999, p. 47).

Na primeira carta escrita em Argel, em janeiro de 1926, Teixeira Gomes manifesta que, apesar de sentir um grande apego pelas terras da “moirama” (Gomes, 1989, p. 82), considera a arte islâmica desprovida de encanto<sup>200</sup>, apelidando-a de «monótona [...], e quase anti-humana» (Gomes, 1989, p. 13). Pelo contrário as obras de arte greco-romana, que encontrou nos museus de Argel e de Cherchel (especialmente esculturas), estão em consonância com os seus padrões estéticos: «O Apolo de Cherchel é pura maravilha; o mesmo se pode concluir do Torso de Vénus - que está em Argel, mas foi descoberto em Cherchel – de um modelado tão vivo e sensual [...]» (Gomes, 1989, p. 13).

É ainda no Magrebe, que (re)visita repousadamente para absorver a sua beleza, especialmente na Tunísia onde encontra mais motivos de deleite estético e artístico do que na Argélia, referindo-se a «obras de arte grega, da melhor época, que estão no Museu do Bardo» (Gomes, 1989, p. 16-17).

Seguindo-lhe “as pisadas” apercebemo-nos que a arte (de raiz) clássica estava, continuamente, presente nos seus itinerários. Ainda em meados de 1926 deixa África e rumo a Itália. Sobre Nápoles diz, a Columbano, que o seu museu «não tem igual na representação da arte grega» (Gomes, 1989, p. 21), enaltecendo a coleção de escultura grega antiga que exalava uma atmosfera de «puro apaziguamento» (Gomes, 1989, p. 21). Em termos pictóricos, ainda neste museu, destaca os quadros de Ticiano (c.1488-1576) os quais conhece de anterior visita nos finais do séc. XIX (Gomes, 1989, p. 22).

Teixeira Gomes não vive somente do deslumbramento com o traço linear e composições equilibradas. Em Nápoles respira nas suas inúmeras igrejas o estilo Barroco (de que Ticiano foi um dos anunciadores), deixando-se embalar, quando não aparece mesclado com outros estilos, pelo seu sentido teatral e faustoso. Veja-se o que nos dá a conhecer nesta terceira carta: «E no entanto o barroco, [...], quando aparece sozinho, em Nápoles, é encantador. Há nesse estilo igrejas de uma harmonia tão luminosa, que eu não sei no mundo de espetáculo mais delicioso.» (Gomes, 1989, p. 22-23).

---

<sup>200</sup> Contudo em *Carta a José de Figueiredo (Corrente calamo)*, Tunes a 5 de março de 1927, (parte constituinte da obra *Miscelânea*), Manuel Teixeira Gomes refere que na sua recente viagem a Tunes ficou deslumbrado com a «grande mesquita de Kairuan [...] [a qual] é um assombro de graça e majestade, excedendo no concerto, a meu ver, e muito, a algo agitada inspiração que presidiu ao risco da Mesquita de Córdoba.» (Gomes, 2022, p. 183).

De regresso à cidade de Florença, por onde há quarenta anos tinha iniciado as suas peregrinações por Itália (conforme aludimos no segundo capítulo), que em encantos paisagísticos e artísticos considerava a mais bela a ponto de pensar que se o mar a banhasse «seria esta a minha terra preferida para morrer.» (Gomes, 1989, p. 24). Envolto pela arte toscana a sua sensibilidade estética é ativada e os seus cânones, classicizantes, saciados: «onde tudo é simplicidade e elegância, serenidade e harmonia.» (Gomes, 1989, p. 23). Nela admira as igrejas de *Santa Maria del Fiore (Duomo)* e de *S. Lourenço*, onde o «génio austero» da labuta de Filippo Brunelleschi (1377-1446), e de outros artistas do Renascimento italiano, «assinalou, em combinações da mais engenhosa simplicidade, a beleza suprema das linhas puras, igrejas mal iluminadas, e limpas de inúteis ornatos [...] suspensas em colunatas de prodigioso ritmo!» (Gomes, 1989, p. 23).

No seu ensaio rememorativo sobre *Alcobaça*, redigido em Londres em 1916, encontramos uma apreciação semelhante, mas, para um espaço puramente Gótico. Teixeira Gomes diz-nos: «A igreja do Mosteiro de Alcobaça é dos mais nobres e elegantes exemplares de arquitetura que tenho visto [...]. De majestoso efeito, na singeleza quase severa das suas linhas, a grande nave central dilata-se e ascende, sem demasias de ornamentação» (Gomes, 2022, p. 27). Os túmulos de D. Pedro I e de D. Inês de Castro encontram-se na mesma senda da sua avaliação: «O conjunto é de uma acabada elegância, de um perfeito equilíbrio.» (Gomes, 2022, p. 28).

Teixeira Gomes aprecia, ainda, certas obras do requintado tardo-gótico nacional, o Estilo Manuelino, como a *Torre de Belém* a qual compara aos palácios venezianos: «A Torre de Belém, [...], tem toda a graça e o carácter de um palácio veneziano [...]. Na cidade dos Doges nenhum me lembro que a supere em delicadeza, harmonia e elegância.» (Gomes, 2022, p. 49).

Na quarta carta (Florença, 20 de julho de 1926), Teixeira Gomes revela-nos a sua paixão e conhecimento esmerado pela arte do retrato. Começa por discorrer sobre a obra de Miguel Ângelo Lupi (1826-1883) e do retrato que pintou do poeta António Feliciano Castilho, o qual Columbano desejava adquirir para o MNAC. Admirador da obra de Lupi, Teixeira Gomes – numa articulação entre pintura, poesia e arquitetura – caracteriza desta forma o seu trabalho:

«a característica do seu talento, o extraordinário vigor do desenho sem dureza, aparentam-no com os grandes artistas florentinos da Renascença. O retrato da mãe do Sousa Martins é um Ghirlandaio vestido à moderna. Ora o estilo do Castilho tem igual característica: vigor e pureza de desenho. Há na sua obra páginas de tão severa elegância, de tão harmoniosa composição, como a capela dos “Pazzi”».

(Gomes, 1989, p. 28)

Estando em Florença não poderia deixar de (re)visitar a *Galeria Pitti*, descrevendo a sua coleção de autorretratos da seguinte forma: «A coleção [...] é assunto inesgotável de estudo, e motivo de incomparável deleite, para quem se ocupa e interessa por manifestações de arte e pretende entrar à intimidade dos grandes mestres.» (Gomes, 1989, p. 28-29).

Na décima carta (Tunes, 30 de abril de 1927) demonstra, novamente, erudição sobre pintura e os grandes mestres do (auto)retrato onde figura aquele que entre os seus vinte anos e a data da sua morte, em 1668, autorretratou-se dezenas de vezes, «numa sequência sem equivalente na história da arte.» (Pimentel [et al.], 2010, p. 170). Diz Teixeira Gomes a Columbano (e aos leitores): «Consulte as datas dos numerosos autorretratos do Rembrandt, e terá narradas de modo incomparável, e como jamais biógrafo algum o conseguiria fazer, as crises supremas da sua vida: as fases heróicas e as patéticas.» (Gomes, 1989, p. 97-98). Esta passagem revela, igualmente, na nossa opinião, que Manuel Teixeira Gomes considerava a pintura do autorretrato, como um documento histórico relevante, onde se podiam (re)conhecer os “atributos” do modelo.

Dos diversos apontamentos críticos aos autores e às obras com que se depara, na *Galeria Pitti*, realçamos uma em que aborda a presença portuguesa – a qual procura em todos os recantos que percorre – na pessoa *d’O Desejado*: «Lá se encontra um [...] curiosíssimo D. Sebastião. [...] O desenho é mole, sem modelado, nem tons no colorido, mas tão delicada e rara se pressente ali a beleza do modelo, que tudo esquece para só nele se pensar.» (Gomes, 1989, p. 30). Prossegue com a descrição fisionómica do rosto de D. Sebastião comparando esta obra com a que, ainda hoje, se encontra no Museu Nacional de Arte Antiga.

Ainda no interior do Palácio Pitti, aludindo ao pintor napolitano Salvador Rosa (1615-1673), podemos asseverar, de novo, a sua predileção pelo gênero da paisagem, aqui, em especial, pelas cenas marinhas, e a evolução da sua sensibilidade artística ao longo dos anos, diz-nos:

«Há no Palácio Pitti duas grandes “marinhas” do Salvador Rosa [...] que têm feito as minhas delícias. Já as conhecia, de quando aqui estive há quarenta anos, mas então não estava eu ainda “feito” para as sentir. Que prodigiosas obras-primas, e que horizontes novos elas abriram à pintura moderna! Quanto a mim, o Salvador Rosa é que rompeu o caminho ao sentimento da paisagem, desconhecido dos antigos, e estas duas marinhas tiveram neste sentido tanta ou mais importância do que os frescos do Masaccio, na igreja del Carmine, em relação à pintura da Renascença.».

(Gomes, 1989, p. 32)

Esta referência ao pintor, do Primeiro Renascimento (dito *Quattrocento*) italiano, Masaccio (1401-1428) é substantiva da erudição de Teixeira Gomes sobre história da arte. É comumente aceite que Masaccio foi o “criador”, seguindo as pisadas de Giotto di Bondone (c.1266-1337), da perspectiva linear na pintura, servindo-se da luz e da sombra para obter volumes e massas nas suas figuras de recorte escultórico, acentuando o realismo num rigoroso tratamento dos panejamentos (Pimentel [et al.], 2010, p. 119), conforme se pode visualizar num dos seus frescos, mencionados por Teixeira Gomes, na *Capela Brancacci, da Igreja Santa Maria del Carmine*, em Florença.

William Turner, um dos nomes sonantes da paisagem marinha, marcou, com a sua visão lírica da natureza (Pimentel [et al.], 2010, p. 206), Teixeira Gomes. A descoberta das suas obras, nos museus londrinos durante a *Era Vitoriana*, causam-lhe deslumbramento e enriquecimento artístico: «Durante semanas, [...] estudei a sua obra [...]; encandeado no prisma opulento e fascinador da sua paleta; arrastado para o sonho de cor extreme e fluida das suas últimas composições» (Gomes, 1989, p. 98).

Relativamente às naturezas-mortas assegura, na décima carta, que desde tenra idade sentiu uma especial predileção pelo gênero, as quais lhe permitiram longos momentos de deleite estético, principalmente as obras dos primitivos flamengos, os quais «tratavam os acessórios com amor e minúcia iguais às da figura humana. [...] Pois bem:

nunca encontrei na obra de artista algum quadros de “natureza morta” com mais significação e espírito do que os do Columbano<sup>201</sup>.» (Gomes, 1989, p. 99).

O esteta Manuel Teixeira Gomes, tal como o devir da Arte, recorre a uma linguagem, mais ou menos expressiva, apropriada ao movimento artístico. De visita ao Museu Nacional do Bargello, (Gomes, 1989, p. 33) «onde se reuniu a flor da escultura florentina», destaca as obras de Donatello «de grande inspiração e magnífica execução» e enaltece o busto de Constanza Buonarelli, dizendo: «É uma obra do Bernini, e [...] quando esse busto se nos depara, o grande Donatello, [...], some-se, e o busto dessa mulher resplandece, como se fora, à luz do Sol, uma rara criação da vida real. [...] É a vida; é a vida, mas deflagrada no mármore, com que arte divina!».

Pelo exposto, até ao momento, poderíamos presumir que Teixeira Gomes teria predileção pela obra escultórica de Donatello (1386-1466), um dos primeiros renascentistas nesta arte plástica, contudo, de entre a considerável coleção de escultura do palácio do *Podestà*, inclina-se para a obra de um dos mais proeminentes escultores (e arquitetos) barrocos italianos: Gian Lorenzo Bernini (1598-1680). Teixeira Gomes pretere, aqui, os valores da escultura renascentista – naturalismo e harmonia – ao realismo e à força expressiva do Barroco. Mas na sua opinião Bernini era um clássico, conforme nos diz no quarto solilóquio (Bône, fevereiro de 1931): «Mas no Bernino [sic] os corpos vivem, são verosímeis; não se desfiguram com o movimento louco das roupagens, e as proporções são perfeitas, e os volumes são estudados a fundo [...], além de uma técnica suprema, pôs a emoção, e ficou sendo um clássico<sup>202</sup>.» (Gomes, 1989, p. 151).

Esta última citação aborda um dos aspetos valorizados por Teixeira Gomes na arte, que se prende com a impressão de dinamismo nas artes plásticas (Gomes, 2022, p. 278).

A longa estada em Florença, durante o ano de 1926, permitiu-lhe percorrer, novamente, muitas das localidades vizinhas como: Prato, Siena, S. Gimignano e Pistoia. No entanto a duradoura permanência com a obra de Miguel Ângelo, bem presente na

---

<sup>201</sup> Ao longo destas cartas e de outros escritos do autor é constante o enaltecimento da obra de Columbano, principalmente ao nível do domínio da técnica, da sua capacidade de ver o essencial no real, de exprimir o que vê em cores e linhas, de captar o carácter do retratado ou de dar “alma” a uma simples natureza-morta. (Gomes, 1989, 162-163).

<sup>202</sup> Na opinião de Teixeira Gomes, Bernini é um clássico porque domina a técnica (o saber-fazer) e consegue transportar para a arte a realidade.

cidade, perturba o seu espírito e sente necessidade de se refugiar em Pisa. Nesta localidade redige a sua sexta carta a Columbano, datada de 29 de setembro de 1926, onde explana os motivos para o ocorrido, num longo texto em que disserta sobre a vida e a obra do multifacetado artista do Renascimento Pleno e iniciador do Maneirismo, e nos permite compreender, mais aprofundadamente, a evolução da sua sensibilidade artística.

Através desta carta (Gomes, 1989, p. 43-55) conseguimos apurar que já nos anos 80 do século XIX procurava ter um discernimento pessoal «sobre as obras de arte que [...] [lhe] passavam diante dos olhos.» (Gomes, 1989, p. 43) e desde a sua adolescência estava familiarizado com a história de Florença, a qual leu com entusiasmo, bem como a biografia de grandes nomes ligados à mesma, como Dante Alighieri (1265-1321), Lourenço de Médicis (1449- 1492), Leonardo da Vinci (1452-1519)<sup>203</sup>, Miguel Ângelo (1475-1564), entre outros. Este último adquire na sua juvenil imaginação «proporções sobre-humanas» (Gomes, 1989, p. 45).

Quando visita pela primeira vez Florença o jovem Teixeira Gomes já conhece as obras de Miguel Ângelo do «Louvre, *Os Escravos*, em Bruges, a *Madona*, e os desenhos do Museu Britânico; as reproduções em gesso, as gravuras, e as fotografias, haviam-me revelado toda a sua obra de Roma e Florença» (Gomes, 1989, p. 45-46); lera, ainda, os seus poemas e epístolas e conhecia as suas teses sobre estética. No entanto, apesar de o considerar um «artista inigualável, de garras potentíssimas, capaz de domar todas as resistências da matéria» (Gomes, 1989, p. 48) não consegue ficar embevecido no frente-a-frente com algumas das suas obras, em particular naquelas em que o artista utiliza a inovadora técnica do *non finito* – como n’*Os Escravos* da Galeria da Academia de Florença – onde «na mesma obra, [usa] de uma técnica perfeita, ao lado de trechos apenas esboçados; [...] [criando] corpos contorcidos, a debater-se em prisões imaginárias, ou na própria pedra que faltava esculpir». Estas provocam-lhe inquietude, dizendo: «e esse processo parecia-me grosseiro, e era-me antipático.» (Gomes, 1989, p. 47). Na sua visão: «O *David*, serenamente triunfante, erecto, na pureza divina da sua nudez de adolescente,

---

<sup>203</sup> Leonardo da Vinci “recebe pouca atenção” em *Cartas a Columbano*. A única referência de destaque é quando no decorrer do enaltecimento dos desenhos preparatórios de Columbano e de Antoine Watteau (1684-1721), pintor francês do Rococó, diz de Leonardo da Vinci: «E se não fossem os desenhos do Vinci, por onde se lhe teria medido a portentosa altura do seu génio?» (Gomes, 1989, p. 96).

suporta mal a companhia daquela assembleia tumultuosa de formas torturadas.» (Gomes, 1989, p. 51).

Esta “animosidade” pela obra de Miguel Ângelo mantêm-se durante um longo período.

Aquando da sua viagem a Roma, ainda na década de 1880, ajuíza os frescos do teto da *Capela Sistina* e o *Moisés* no túmulo do papa Júlio II como «uma obsessão do Grandioso» e a *Pietà* do Vaticano «uma aberração pagã»<sup>204</sup> (Gomes, 1989, p. 47).

Nesta visita a Florença, durante o seu exílio voluntário, aproveitou inicialmente para aprofundar o estudo da biografia de Miguel Ângelo, palmilhando os lugares que assinalavam a presença do mestre, seguindo-se uma «piedosa romaria às suas obras, examinando-as uma a uma, não só à luz da crítica e do sentimento, [...] [mas enquadrando-as na sua existência] enlutada de terríveis provações» (Gomes, 1989, p. 53).

Nesta romaria, ao (re)visitar a *Catedral de Santa Maria das Flores*, depara-se com a *Pietà* (dita de Florença) «por detrás do coro, um grupo da *Descida da Cruz*, intensissimamente dramático, e dominado pela cabeça de José da Arimateia, dentro de um capuz, com as feições de Miguel Ângelo; é uma composição tremenda, da qual irradiam misteriosos resplendores.» (Gomes, 1989, p. 51). Teixeira Gomes entende que amadureceu a sua sensibilidade artística e que penetrou no, como ele mesmo apelida, “mistério” da obra do artista, o que lhe permitiu usufruir de «muitos dias de intenso gozo, de plenitude intelectual» (Gomes, 1989, p. 54). Mas, à medida que se impregnava da vida e da obra de Miguel Ângelo mais afluía o sentimento de infortúnio, que por uma ação osmótica lhe entranhava na alma, e teve de fugir da imagem angustiada de José da Arimateia, o próprio Miguel Ângelo e dos seus *Escravos*...

Sobre a obra pictórica de Miguel Ângelo em Florença, faz referência ao *tondo A Sagrada Família*, na *Galleria degli Uffizi*, considerando-a «a sua melhor obra de cavalete.» (Gomes, 1989, p. 51).

Ainda, sobre pintura, relata ao amigo na sétima carta (Pisa, 3 de novembro de 1926) a descoberta, em Pisa, de dois quadros do pintor português Álvaro Pires (ativo na

---

<sup>204</sup> Cerca de quarenta anos depois, em janeiro de 1929, na décima terceira carta (1.º Solilóquio) refere-se a esta *Pietà* da seguinte forma: «grupo onde a vida palpita em toda a sua lastimosa realidade» (Gomes, 1989, p. 129). Sente-se a evolução da sua sensibilidade artística.

Toscânia c. 1410-1434), um dos quais (o de melhor qualidade para Teixeira Gomes<sup>205</sup>) encontrava-se na igreja do convento de Santa Cruz de Fossabanda, descrevendo desta forma esta pintura da primeira metade do séc. XV de estilo, ainda, marcadamente gótico:

«É uma grande tábua, representando a Virgem de corpo inteiro, com o Menino Jesus ao colo, e cercada de anjos em adoração [...]. Mas a tonalidade do quadro, adoçado pelo tempo, é de uma suavidade que enleva, e no lançamento das figuras e das roupagens há mais saber do que se descobre nos outros pintores contemporâneos.»

(Gomes, 1989, p. 63-64)

Nesta descoberta acreditamos que Teixeira Gomes contou com a colaboração da Superintendência de Arte Medieval e Moderna para a Toscânia. A certificar, estas palavras, está a resposta do Inspetor Honorário dos Monumentos de Pisa<sup>206</sup>, datada de 18 de outubro de 1926 (uns dias antes desta sétima carta a Columbano), com informações relativas ao pintor português e a referência a duas obras suas em localidades pisanas: uma na igreja do convento de Santa Cruz (Fossabanda) e outra na igreja do convento franciscano de Nicosia, em Calci.

Ainda por Pisa compara o complexo da sua catedral<sup>207</sup> – com o seu batistério e campanário independentes –, vistos na penumbra, a um esqueleto humano: «eram ainda as mesmas ossadas maravilhosas, de perfeita eúritmia» (Gomes, 1989, p. 59). Mas, contemplados à luz do dia «esses monumentos têm a graça dos lírios floridos; são ricamente ornados, sem prejuízo da pureza das suas linhas.» (Gomes, 1989, p. 60).

Na décima primeira carta (Argel, 12 de novembro de 1927) conta a sua recente ida a Paris, onde, apesar das inúmeras visitas anteriores, redescobre – durante dois meses – os encantos das suas igrejas e do Museu do Louvre «não só o seu recheio, mas sobretudo a sua arquitectura, e a sua ornamentação escultural, e a sua decoração interna. [...] [abrindo-lhe um] inexaurível manancial de gozo estético» (Gomes, 1989, p. 103).

---

<sup>205</sup> Segundo Manuel Teixeira Gomes a obra possuía um dístico com «*Alvaro Pires Devora Pintou*» e encontrava-se reproduzido na obra *Storia dell'arte italiana* de Venturi (Gomes, 1989, p. 64).

<sup>206</sup> Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 6, pasta *Correspondência 1919-1921*, docs. *Ofício de "R. SOPRINTENDENZA ALL' ARTE MEDIEVALE E MODERNA PER LA TOSCANA I" e bilhete*, 18/10/1926. Vide doc. 1 Anexo III.

<sup>207</sup> O complexo conhecido por *Campo dos Milagres* é um notável exemplo da arquitetura românica toscana.

Se nas doze cartas, que tratamos até ao momento, Teixeira Gomes realiza uma análise crítica da obra de um grande número de nomes das artes plásticas<sup>208</sup>, nos seis solilóquios indaga, principalmente, sobre a Arte (e a sua função), a Obra de Arte, o Artista e o Belo, procurando explicações e definições. Pelo que poderíamos supor que nestas últimas reflexões, colocadas no papel entre janeiro de 1929 e abril de 1931, fosse possível vislumbrar e traçar um quadro concludente e coerente da sua sensibilidade estético-artística. Contudo, o mesmo logo no primeiro solilóquio confidencia que desejou «assentar em formas definitivas, as [...] experiências estéticas, e extrair daí um corpo de doutrina. Mas tudo se esvai e dissipa em solilóquios» (Gomes, 1989, p. 123) e no segundo monólogo (já Columbano tinha falecido) afirma que vai continuar a divagar sobre arte, mas sente que é uma tarefa hercúlea, dizendo: «perante a insuperável, patente, impossibilidade de definir seja o que for. “O que é Arte?” repetia mais uma vez» (Gomes, 1989, p. 134). Apesar do enunciado é possível retirar informação útil das mesmas para o nosso estudo.

Teixeira Gomes é da opinião que a Obra de Arte é de difícil definição e apreensão, e só à custa de muita investigação se pode ambicionar atingir as “portas” da sua compreensão. Para tal é necessário viajar intensamente, para conhecer obras de arte e conceber «discernimento artístico» (Gomes, 1989, p. 123).

Pugna pela importância do estudo e conhecimento dos “mestres” e das “escolas”, precedentes, e do domínio da técnica<sup>209</sup> pelo artista, dizendo: «Nas Belas-Artes, [...], a técnica - a linguagem [a gramática] - é soberana, e só se aprende frequentando e estudando os mestres.» (Gomes, 1989, p. 126). É dessa capacidade técnica que fala quando a caracteriza, em poucas palavras, na obra de Rembrandt: «A sua arte na distribuição da luz, e no seu aproveitamento para a composição dos quadros, torna-a um elemento primacial estético.» (Gomes, 1989, p. 128).

---

<sup>208</sup> Para além dos artistas elencados, em *Cartas a Columbano*, Teixeira Gomes menciona muitos outros (analisando as suas obras), como são de exemplo: Juan José Benjamin Constant, Jacques Émile Blanche, Juan Jacob Henner, John Singer Sargent, Léon Bonnat, Jean Paul Laurens, Albert Besnard, Sodoma, Pinturicchio, Botticelli, Mino de Fiesole, Velázquez, El Greco, Ingres, Delacroix, Rubens e Courbet.

<sup>209</sup> A *téchnê* grega, no sentido de domínio das regras que permitem a produção, nas palavras de Maria Gabriela Castro (2013, p. 37) «no sentido de saber-fazer, saber manual».

São estes, de igual modo, os axiomas que aponta para se ter alcançado o Belo na arquitetura clássica, o qual «reside no sentimento de [...] quase sublime serenidade, que inspiram a quem os contempla. Chegou-se aí pelo aturado estudo das proporções e da harmonia, feito nas escolas por gerações sucessivas» (Gomes, 1989, p. 129).

Belo que descobre, igualmente, no Realismo oitocentista do pintor e escultor Constantino Meunier<sup>210</sup>, que no seu comprometimento social e político executou com conhecimento da técnica, nas suas palavras, obras de génio modernas onde «realizou a síntese estética do operário, e o representou belo, grave, forte, resignado e melancólico, sem amargura» (Gomes, 1989, p. 130), que compara às boas obras do Renascimento.

Da mesma época – mas numa simbiose entre o Classicismo, o Romantismo e o Naturalismo – a obra maior de Soares dos Reis é descrita por Teixeira Gomes, no seu ensaio *No Porto (1893)*, com estas palavras: «a figura do “Desterrado” [1872] é uma obra-prima da estatuária moderna, [...] mau grado o convencionalismo de que não se libertou totalmente: é uma obra moça, de profunda emoção estética» (Gomes, 2022, p. 71-72).

Para Manuel Teixeira Gomes o Belo pode ser encontrado na Arte e na Natureza (Gomes, 1989, p. 155), sendo que a primeira desempenha um papel crucial no aformoseamento da vida, pelo que é necessário cultivá-la para atingir a felicidade (Gomes, 1989, p. 136). Este papel moral da arte, para Teixeira Gomes, está bem expresso nesta ideia, a qual acarreta ainda uma função social:

«Preparar a humanidade para fruir cabalmente da parte espectacular da vida [a arte], é, com certeza, levá-la à solução única do problema social. Não há divisão de bens materiais, mas simplesmente a plena e livre faculdade de gozar de um tesouro comum, o qual aumenta de riqueza à medida que mais o apreciam.»

(Gomes, 1989, p. 138)

Segundo Teixeira Gomes, o artista desempenharia o papel de pedagogo do cidadão na contemplação e compreensão da arte (Gomes, 1989, p. 138 e 146). Conceito que está muito próximo da visão neoclássica da arte. Artista que, na sua concepção,

---

<sup>210</sup> Constantino Meunier (1831-1905), pintor e escultor de origem belga próximo de Auguste Rodin na procura de uma nova estética para a escultura oitocentista. Preocupou-se com os temas sociais que o enquadram, na temática e no tratamento, no Realismo (Cf. <https://museumhelmond.nl/en/exhibitions/constantin-meunier/> [consult. 08-08-2023]).

encontra na Natureza a sua fonte de inspiração – o Belo – e a representa conforme à sua sensibilidade e interpretação (Gomes, 1989, p. 146 e 155). No seu entendimento, o artista não deverá ficar “encarcerado” no passado, antes deve seguir a máxima de que «“a tradição é um ponto de partida e nunca de chegada” .» (Gomes, 1989, p. 155). Teixeira Gomes não “fecha a porta” a novas correntes artísticas, isto é, a modernas interpretações da natureza pelos artistas plásticos.

E aqui entramos noutra problemática sobre a compreensão da sensibilidade estética e gosto artístico de Teixeira Gomes: qual a sua opinião sobre as vanguardas artísticas do final de oitocentos e inícios do século XX?

Certo, é, que não vislumbra o Belo nas obras de Picasso e de outros cubistas, como refere, no posfácio de *Cartas a Columbano*, quando discorrendo sobre as obras de Columbano patentes na exposição realizada, em Paris, na Galeria de Arte Nacional *Jeu de Paume*, em 1931, intitulada *L’Art Portugais de l’Époque des Grandes Découvertes au XX siècle* (Elias, 2011, p. 478), que visitou quando residiu em Ruão, menciona: «E na ala dos avançados (inclusive Picasso e os seus degenerados) não há ali tela mais louvada [*O Grupo do Leão* de Columbano], nem que provoque mais admiração ou surpresa, pelo arrojo da composição e o espontâneo ardor com que foi executado.» (Gomes, 1989, p. 172-173).

Vejamos o que nos revela, ainda, sobre esta matéria:

«Aos longos arrazoados, às estéticas fantasistas, às teorias singulares, é preciso opor o estudo dos elementos indispensáveis à expressão dessa arte, a qual assenta no desenho, na perspectiva, e na combinação das cores e “valores” tal como um temperamento privilegiado a consegue desenvolver e enriquecer, à força de trabalho e de uma obstinada, incansável, observação da Natureza e dos mestres.»

(Gomes, 1989, p. 149)

Na obra *Carnaval Literário* (1939) Teixeira Gomes explana a sua opinião sobre o Impressionismo (ou melhor uma das suas opiniões sobre este movimento), dizendo:

«É nos impressionistas que esta pecha [a falta de unidade nas composições] mais se nota; mas o que há de mais desagradável nos maiores dentre eles é que a obcecação dos efeitos de luz, sobretudo nos retratos ao ar livre, desvia o artista da observação rigorosa dos volumes, de modo que os corpos opacos parecem vastos. [...]

Enjoados de tanto destempero, quando mesmo enquadrado na mais fecunda e brilhante das escolas modernas, a impressionista, já a crítica e o público falam novamente com respeito no “classicismo”».

(Gomes, 2022, p. 401)

O Impressionismo recebe de Teixeira Gomes uma dualidade de críticas. No ensaio *No Porto (1893)*, escrito em Bougie nos idos de outubro de 1931, onde nos relata a sua visita à cidade nortenha e aos seus museus, a determinado momento aborda esta corrente artística, afirmando:

«Eu considero o pintor Marques de Oliveira<sup>211</sup> um grande impressionista, que nada perde à comparação dos maiores da escola francesa, os Sisley, os Pissarro, os Monet. Ninguém entre nós [...] o igualou na notação rápida e definitiva de certos efeitos de luz; tudo quanto lhe saía, ao primeiro jato, do pincel era de uma realidade, de uma graça, de uma frescura a cuja poesia ninguém ficava insensível.»

(Gomes, 2022, p. 73)

Em duas cartas a Columbano (décima e seguinte) datadas de 1927, sem utilizar diretamente o termo modernismo ou vanguarda, Teixeira Gomes, alude, acreditamos, a estes movimentos artísticos de forma depreciativa.

Na primeira, (Tunes, 30 de abril de 1927), diz: «Refiro-me a certas sínteses, às simplificações extremas, que em meia dúzia de borrões postos a esmo devem figurar um retrato, ou nos pescoços de girafa que é moda pôr nos bustos humanos.» (Gomes, 1989, p. 94).

Na segunda, (Argel, 12 de novembro de 1927), em que explica a Columbano a importância do jazz na música e na poesia contemporâneas (Gomes, 1989, p. 106), refere que «um bom quadro moderno, [...] ou é um embrechado de tintas violentas, aplicadas à espátula, ou um esboço indeciso de composição decorativa. E contudo, a distância, todas estas coisas esborreteadas alegram a vista.» (Gomes, 1989, p. 111).

---

<sup>211</sup> Neste ensaio o esteta destaca, ainda, obras de outros nomes maiores do Naturalismo português como uma paisagem, que adjetiva de “francesa”, de Silva Porto e vários estudos (paisagens, figuras e naturezas-mortas) de Henrique Pousão (1859-1884).

No mesmo ano, em carta datada de 05 de março de 1927, escreve ao amigo José de Figueiredo, o ainda diretor do MNAA, para lhe dar conta das suas “peregrinações” no exílio, sobretudo – de assuntos de interesse para o destinatário – sobre as novas descobertas arqueológicas ocorridas em África (que viu *in loco*) e sobre a organização dos museus que ia visitando (Gomes, 2022, p. 179). A certo momento, quando aborda a sua visita ao Palácio Pitti – diz-nos algo que enriquece o tema sobre a sua visão das vanguardas artísticas – refere que teve conhecimento, recente, da existência de uma grande coleção de obras de arte (pinturas e esculturas) de três correntes artísticas contemporâneas (Pontilhismo, Cubismo e Futurismo) instalada no último andar do palácio. Mas, por força da presença, em Florença, de outras opções mais do seu agrado não se proporciona à contemplação dessas, justificando-se, a José de Figueiredo, desta forma: «Em Florença, as velhas pinturas dos Uffizi e da Pitti encandeiam, e talvez por isso nunca me fosse possível entrar à intimidade daquelas outras manifestações artísticas, por mais que elas me acenassem com as suas cores incendiárias.» (Gomes, 2022, p. 186).

É, também, a José de Figueiredo que recorre para auxiliar Calouste Gulbenkian, servindo de intermediário entre o erudito especialista e o colecionador<sup>212</sup>. No dia 27 de junho de 1923, já no final da sua atividade diplomática, Teixeira Gomes envia, de Londres, duas cartas: uma a José de Figueiredo e outra a Calouste Gulbenkian<sup>213</sup>.

Ao destacado museólogo, historiador e crítico de arte pede-lhe a gentileza de verificar, a pedido de Gulbenkian, a autenticidade de «duas *soupières* “Germain” que ostentam o brasão da família Galveias», acreditando que os seus conhecimentos sejam suficientes para esclarecer o assunto<sup>214</sup>.

---

<sup>212</sup> Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 5, pasta *Correspondência Particular 1923*, subpasta *Com Calouste Gulbenkian e José de Figueiredo*.

<sup>213</sup> Calouste Sarkis Gulbenkian (1869-1955), milionário de origem arménia, “construiu” uma majestosa coleção de arte a qual legou por testamento à fundação com o seu nome. Gulbenkian recorria, frequentemente, a consultores especialistas – como José de Figueiredo ou Kenneth Clark (diretor da National Gallery de Londres entre 1934 e 1946) – para verificar a autenticidade e qualidade das peças que desejava adquirir, pois só “comprava o melhor” (Perdigão, 1969, p. 71). O melhor para este colecionador advinha de certas condições que diziam respeito à autenticidade, qualidade e bom estado de conservação da peça (Perdigão, 1969, p. 71). A que acrescia o seu gosto pessoal (Perdigão, 1969, p. 56), pois para ele «a obra de arte só era verdadeira quando lhe dava prazer.» (Perdigão, 1969, p. 154). Sobre esta matéria veja-se a obra *Calouste Gulbenkian Coleccionador*, de José de Azeredo Perdigão (1969) e a dissertação de mestrado, *Estudo dos objectos de vitrine da coleção Calouste Gulbenkian: desenvolvimento e proposta de catálogo*, de Ana Isabel da Cruz (2022).

<sup>214</sup> Vide doc. 2 Anexo III.

Ao colecionador arménio informa-o de que o Dr. José de Figueiredo se encontra em Paris, disponível e apto para o ajudar na autenticação das *soupières* “Germain”<sup>215</sup>.

Logo no dia 30 de junho, do mesmo ano, Calouste Gulbenkian remete de Paris uma missiva para Manuel Teixeira Gomes onde lhe agradece o obséquio, confirmando que irá reunir com José de Figueiredo e no regresso a Londres encontrar-se-á com o ministro português<sup>216</sup>.

Esta troca de correspondência, atesta, no nosso entendimento, que Teixeira Gomes era próximo de eminentes personalidades do mundo da arte e do colecionismo, como o eram o museólogo português e um dos maiores (e mais exímios) colecionadores do seu tempo, Calouste Gulbenkian.

O “Senhor cinco por cento” apresenta outras semelhanças na área em estudo, mas também dissemelhanças, com o diplomata «*dandy* mundano» (Rodrigues; Ferreira, 1999, p. 14) português. Algumas dessas afinidades prendem-se com a vasta cultura geral; a noção de obra de arte como documento histórico; a grande paixão (e conhecimento) pela arte, pelo colecionismo e pelas viagens. Estas eram, para ambos, tidas como momentos para fruir a Natureza e a Arte<sup>217</sup> (as quais lhes permitem sonhar e apaziguar), mas igualmente como meio para aprimorar os seus conhecimentos através do contacto direto com a obra de arte.

Ao contrário de Calouste Gulbenkian que “venerava” a cultura e arte egípcias (Perdigão, 1969, p. 60), Teixeira Gomes considerou o Egipto uma desilusão, como refere a Columbano: «E é assim que um país como o Egipto, por exemplo, nada mais desperta em

---

<sup>215</sup> Vide doc. 3 Anexo III.

<sup>216</sup> Vide doc. 4 Anexo III.

<sup>217</sup> José de Azeredo Perdigão (1969, p. 21) menciona que para Calouste Gulbenkian: «As artes plásticas e os encantos da natureza eram o refrigerio do pesado trabalho [...] [na gestão dos seus negócios].». Perdigão na mesma obra (1969) analisa os diários de Gulbenkian relativos a um conjunto de périplos realizados entre 1928 e 1934, em redor do Mediterrâneo e Europa (Marrocos, Argélia, Tunísia, Egipto, Palestina, Síria, Espanha, Itália, França, Alemanha e Áustria). Diários que revelam a sensibilidade artística do seu autor, a qual, segundo Perdigão (1969, p. 52), «muito se reflectiram na composição das suas colecções». Nestas “memórias de viagem” Gulbenkian, à semelhança de Manuel Teixeira Gomes, descreve com um “olhar” de esteta os monumentos, os museus, as obras de arte, as cidades e paisagens que contempla. Em Madrid visita o Museu do Prado onde fica encantado com obras de Ticiano, Rubens, Tintoretto, Van Dyck, etc. Nas palavras de Perdigão (1969, p. 30), o arménio tinha «uma assinalada preferência pela pintura das escolas flamenga e italiana», o que corresponde a mais uma analogia com Teixeira Gomes, a que se juntam as prazenteiras passagens pelo Museu do Prado (as quais fazemos referência no segundo capítulo).

certos espíritos, sobretudo se eles são de origem ou cultura helénica, além de uma tal ou qual curiosidade» (Gomes, 1989, p. 114).

Já em Portugal, exercendo as funções de alto magistrado da Nação, Manuel Teixeira Gomes recebe uma carta enviada de Londres, com a data de 14 de maio de 1924, da sociedade *The Picture Lovers Society*<sup>218</sup>, assinada por um Herman Tas (*Art Director*)<sup>219</sup>, a solicitar os seus préstimos na identificação de um almirante português presente numa pintura de Gonsales Coques (1614/18-1684). Esta missiva, no nosso juízo, indica-nos que Teixeira Gomes no período em que foi Presidente da República manteve a sua ligação com o mundo da arte e que, pelo menos, nos círculos londrinos era tido como uma figura reputada no campo da arte, isto é, um *connaisseur*<sup>220</sup>.

Pelo exposto consideramos que os limites da sensibilidade estética e do gosto artístico de Teixeira Gomes, particularmente na pintura e na escultura, terminam no Impressionismo, do qual já revela alguma “aversão”<sup>221</sup> e, na sua opinião, a partir daí começa o «destempero», como confidencia a Sousa Lopes (Gomes, 2022, p. 199), abrindo caminho para os “degenerados”, isto é, para as vanguardas artísticas como o Fauvismo, o Cubismo, o Futurismo, o Surrealismo, o Abstracionismo... pelo que reclama por um regresso aos valores estéticos do «classicismo» (Gomes, 2022, p. 199), os quais encontrava nas obras academizantes de Sousa Lopes.

Teixeira Gomes acompanha, igualmente, o fascínio ocidental pelo exotismo das culturas orientais, em particular a japonesa e a chinesa, surgido com a expansão europeia da época moderna, e muito popular nos finais de oitocentos e inícios do séc. XX<sup>222</sup>. Encantamento que lhe levará a constituir uma considerável coleção de arte asiática,

---

<sup>218</sup> Não conseguimos encontrar informação fidedigna sobre a associação londrina, *The Picture Lovers Society*, sita na 67ª Baker Street, London W.

<sup>219</sup> Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 7, pasta *Correspondência recebida. Anos 20 – 1925*, doc. *Sem Título*, 14/05/1924. Vide doc. 5 Anexo III.

<sup>220</sup> Segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2003, p. 1044) o termo francês *Connaisseur* aplica-se àquele que é especialista em determinada área do saber. Nas artes plásticas diz-se de pessoa esclarecida sobre objetos de arte ou que é competente para emitir juízos críticos sobre arte.

<sup>221</sup> Por exemplo, Teixeira Gomes enaltece os estudos de Monet sobre Londres, mas desagradam-lhe a série da Catedral de Ruão (Gomes, 2022, p. 200-201).

<sup>222</sup> Em *Carta a Viana de Carvalho (Sobre arte chinesa)*, datada de Paris a 6 de julho de 1932, Teixeira Gomes (2022, p. 232) refere que, segundo lhe disse um perito, os preços dos frascos de rapé nos leilões londrinos e parisienses tinham subido vertiginosamente, nos últimos dez anos, devido à sua desenfreada procura. O que é revelador deste fascínio europeu pela arte oriental.

especialmente «de garrafinhas para simonte<sup>223</sup>» (Gomes, 2022, p. 230), favorecida pela sua permanência em Londres e longas passagens por Paris onde se realizam frequentes leilões de objetos orientais e onde teve a oportunidade de conhecer importantes coleções como a doada, em 1909, pelo colecionador inglês George Salting ao *Victoria & Albert Museum* (Gomes, 2022, p. 231), composta por 318 frascos de rapé (Ribeiro, 2005, p. 36 nota 111).

### 3.2 Manuel Teixeira Gomes, o Colecionador

A primeira referência, em termos cronológicos, alusiva ao colecionismo de objetos por parte de Manuel Teixeira Gomes é fornecida pelo próprio no seu ensaio *Lisboa (1895)*<sup>224</sup>, onde recorda momentos da sua estada nesta cidade entre maio e agosto de 1895, aludindo ao facto de ter granjeado «fama de colecionador perito» (Gomes, 2022, p. 117) junto dos seus amigos e camaradas literatos por, ocasionalmente, adquirir «algum objeto antigo» (Gomes, 2022, p. 117) o que despertava a curiosidade e a jocosidade destes, julgando que o escritor tinha o seu quarto de hotel convertido num museu. A 9 de junho desse ano Teixeira Gomes promete, a Jorge O'Neill (1849 – 1925), apresentar-lhes os seus *bibelots* «quando tivesse algum digno de exposição.» (Gomes, 2022, p. 117).

Na novela *O sítio da mulher morta*, parte integrante do livro *Novelas Eróticas* (1935), num texto de ficção de pendor autobiográfico, em que relata uma história amorosa na primeira pessoa ocorrida na localidade de Pegos Verdes (Portimão), onde Teixeira Gomes tinha propriedades, o qual, na qualidade de narrador, alude a uma “pequena coleção” existente no seu escritório nessa prosperidade<sup>225</sup>. Diz-nos o autor: «O meu escritório estava instalado numa casa térrea, assaz vasta, à entrada da vila [de Portimão], [...]. Ali tinha os meus livros, [...], e alguns quadros e objetos artísticos da maior estimação, adquiridos durante as minhas viagens [...]» (Gomes, 2021, p. 215).

---

<sup>223</sup> A expressão “garrafinhas para simonte” é uma referência aos fracos de rapé. Simonte é o termo empregue para designar o tabaco utilizado para cheirar (Cf. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/simonte> [consult. 11-10-2023]).

<sup>224</sup> Ensaio rememorativo, integrado na obra *Regressos*, redigido em outubro de 1933 na localidade de Bougie (Cf. Gomes, 2022, p. 101-137).

<sup>225</sup> Esta é a segunda referência ao embrionário colecionismo em Manuel Teixeira Gomes.

Esta novela remete-nos para um espaço-tempo anterior à sua investidura como Ministro Plenipotenciário de Portugal em Londres, onde chega a 7 de abril de 1911 para exercer o cargo. Instala-se no «aristocrático»<sup>226</sup> Hotel *Coburg* onde permanece, temporariamente, porque encontra o palacete da missão diplomática portuguesa desprovido de grande parte do seu recheio, já que o anterior embaixador, o Marquês de Soveral, tinha levado tudo o que era seu<sup>227</sup>, logo após a Implantação da República em Portugal.

Decidido a residir na mansão sita no número 12 de Gloucester Place (Vd. fig. 3.1 Anexo II), Teixeira Gomes vê-se na necessidade de recheiar, condignamente, o edifício da Legação Portuguesa em Londres, adquirindo, igualmente, objetos artísticos imbuído pelo seu arrebatamento com a fruição da Arte.

Na senda das palavras de Urbano Rodrigues<sup>228</sup>, o colecionismo de arte em Manuel Teixeira Gomes extravasava a mera contemplação. No seu relato “romanesco da vida de Teixeira Gomes” ao descrever a compra, paga com um cheque, pelo diplomata na leiloeira Christie, Manson & Woods de um disputado busto em bronze do imperador romano Vitélio, o qual solicitou ao vendedor o obséquio de o entregar no próprio dia, revela que: «Sempre que adquiria um quadro, uma escultura, um *biblot*, o seu maior prazer era ir admirá-lo, limpá-lo às vezes ele próprio, e escolher-lhe o lugar. Fiquei a sabê-lo naquela tarde pelo que me disse e pelo que vi.» (Rodrigues, 1946, p. 70). Ao chegarem à embaixada portuguesa já lá se encontrava o embrulho com o lote comprado que Teixeira Gomes agarra e ergue para admirar e coloca junto da lareira, dizendo para

---

<sup>226</sup> Carta de Manuel Teixeira Gomes a Afonso Lopes Vieira, datada de 16 de maio de 1911 do (londrino) Hotel *Coburg* (In Rodrigues; Ferreira, 1999, p. 70).

<sup>227</sup> Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 22 *Apontamentos sobre Teixeira Gomes. Teixeira Gomes e a sua Coleção de Obras de Arte*, doc. *As coleções de obras de arte de M. Teixeira Gomes*, s.d., p. 4.

<sup>228</sup> Urbano Rodrigues (1888-1971), romancista, dramaturgo, deputado, jornalista e diretor do jornal *O Mundo* (Cf. <http://livro.dglab.gov.pt/sites/DGLB/Portugues/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=9140> [consult. 23-09-2023]) conhece Teixeira Gomes na capital inglesa, em julho de 1916, quando o primeiro, na qualidade de secretário, acompanhou Afonso Costa (Ministro das Finanças) e Augusto Soares (Ministro dos Negócios Estrangeiros) para acordar com a Inglaterra os trâmites da participação portuguesa na Grande Guerra (Rodrigues, 1946, p. 19 e Lopes, 1942, p. 121). Urbano Rodrigues e Manuel Teixeira Gomes, a partir deste momento, construíram uma sólida amizade, que se prolongará pelos tempos. Urbano Rodrigues visitará Teixeira Gomes, em Londres, noutras oportunidades, será seu confidente e amigo íntimo durante a sua vivência no Palácio de Belém e seu correspondente no exílio e, ainda, uma das personalidades que conheceram a casa da Gibalta (Rodrigues, 1946, p. 8).

Urbano Rodrigues: «Assim, com este reflexo do fogo, veja como é belo... [...]. Quem há-de gostar muito dele é a minha grande amiga... *a que sabe!* No dia em que o admiremos juntos é que eu terei o verdadeiro prazer desta posse...» (Rodrigues, 1946, p. 71).

A compra de objetos artísticos e antiguidades para Teixeira Gomes passava também pelo sentimento de posse e de partilha com aqueles que lhe eram mais próximos.

A capital inglesa revela-se o local ideal para o amante da arte que necessita, na qualidade de alto representante da República Portuguesa, de mobilar e decorar com requinte, de colecionador, um palacete com sua afamada casa *Maple & Co. Ltd.* – multifacetado estabelecimento de comercialização de mobiliário, estofadores, decoração e negociantes de antiguidades – e reputadas leiloeiras como a *Christie, Manson & Woods*<sup>229</sup>; a *Sotheby, Wilkinson & Hodge's*<sup>230</sup>; a *Puttick and Simpson*<sup>231</sup>; a *Glendining & Co., Ltd.*<sup>232</sup>; a *Phillips, Son & Neale*<sup>233</sup>; a *Foster*<sup>234</sup>; a *Robinson, Fisher & Co.*<sup>235</sup>, entre outras, mas também em *marchands* e antiquários conceituados. Locais que Manuel Teixeira Gomes passará a frequentar assiduamente entre 1912 e o fim da sua carreira diplomática, em 1923<sup>236</sup>. Nas suas passagens por Paris, particularmente entre 1919 e 1920, aproveita para fazer aquisições a leiloeiros como Fernand Lair-Dubreuil (1867-1931). E, em Itália compra, no ano de 1922, objetos artísticos em Génova. Para concretizar este propósito

---

<sup>229</sup> Atual Christie's (Cf. <https://www.nga.gov/collection/provenance-info.699.html#biography> [consult. 13-09-2023]).

<sup>230</sup> Designação, entre 1864 e 1924, da atual Sotheby's (Cf. <https://www.sothebys.com/en/about/our-history> [consult. 13-09-2023]).

<sup>231</sup> Fundada em 1794 por James Fletcher, a londrina Puttick & Simpson foi comprada em 1846 por Thomas D. Puttick e William S. Simpson. Em 1923 tinha as suas galerias de exposição e venda ao público no número 47 da Leicester Square (Cf. <https://www.britishmuseum.org/collection/term/BIOG42825> [consult. 14-09-2023]).

<sup>232</sup> Casa de leilões e avaliadores de antiguidades, belas-artes, numismática e propriedades filatélicas, ativa em Londres nas primeiras décadas do século XX, passou a integrar a leiloeira Bonham's (Cf. <https://www.britishmuseum.org/collection/term/BIOG91376> [consult. 14-09-2023]).

<sup>233</sup> Atualmente designada por Phillips, esta casa de leilões foi fundada, em 1796, por Harry Phillips (Cf. <https://www.phillips.com/about> [consult. 14-09-2023]). Em 1923 tinha as suas galerias de exposição e venda ao público no número 73 da New Bond Street.

<sup>234</sup> A casa de leilões Foster foi fundada em 1810, com sede no número 54 de Pall Mall, Londres.

<sup>235</sup> A leiloeira Robinson, Fisher & Co. à época tinha sede em Willis's Rooms, King Street, St. James Square.

<sup>236</sup> Segundo Castelo Branco Chaves a capital britânica, à época, «era o melhor mercado de bric-a-brac» (n.p.) em quantidade e relação preço-qualidade (Cf. Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 22 *Apontamentos sobre Teixeira Gomes. Teixeira Gomes e a sua Coleção de Obras de Arte*, doc. *Sem Título*, s.d.).

recorre a capitais próprios, por forma a não melindrar as finanças do erário público numa época de grande contenção<sup>237</sup>, mas assegurando a propriedade das suas aquisições.

As compras, desde o mobiliário, passando por objetos pessoais, a obras de arte, são registadas pelo próprio em dois documentos: um tipo caderno pautado paginado, pela pena do autor, de 1 a 74 – que constitui as anotações das compras realizadas, essencialmente, em Londres entre junho de 1912 e agosto de 1923<sup>238</sup> – com um título no início de cada página (p. 1: «Despesas de estofados na Legação e tapetes», p. 2: «Estofados e arranjos na mobília da Legação e tapetes», p. 3-20 e 26-74: «Mobília e objectos de arte», p. 21: «Livros», p. 22 e 24: em branco, p. 23: «Estofados, arranjos na mobília e decoração da Legação, tapetes, etc.», p. 25: «Roupa de casa e mais utensílios (palavra elegível)»); um segundo documento<sup>239</sup> formado por um grupo de folhas avulsas de diferentes tipos de papel com as compras efetuadas em Paris, entre outubro de 1919 e junho de 1920<sup>240</sup>, num total de sete páginas não numeradas, intituladas «Lista A – Compras em Paris», «Objectos comprados em Paris – B», «Compras feitas em Paris – Lista C», «Compras em Paris – Lista D» e, por fim, uma única folha manuscrita na totalidade da página frontal com a inscrição no topo «Compras – E» onde constam compras realizadas em Génova entre abril e maio de 1922<sup>241</sup>.

---

<sup>237</sup> Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 22 *Apontamentos sobre Teixeira Gomes. Teixeira Gomes e a sua Coleção de Obras de Arte*, doc. *As coleções de obras de arte de M. Teixeira Gomes*, s.d., p. 4-5.

<sup>238</sup> Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 4 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*.

<sup>239</sup> Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 5 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*.

<sup>240</sup> Teixeira Gomes visitava, com regularidade, a capital francesa nomeadamente nas suas viagens entre a Inglaterra e Portugal (fazendo escala em Paris e Madrid) e em 1919-1920 é um dos representantes portugueses em algumas das conferências pós-guerra (*Vide Anexo I*).

<sup>241</sup> Neste período, abril-maio de 1922, Manuel Teixeira Gomes chefia a delegação portuguesa na Conferência Internacional de Génova. Instala-se em Nervi. (*Vide Anexo I*).

Em ambos os inventários<sup>242</sup>, constituídos por um denso texto manuscrito<sup>243</sup>, Teixeira Gomes registou – à maneira de um livro de contabilidade comercial (realidade a que estava habituado dos tempos de negociante) –, na maioria das situações, as suas compras com a indicação da data, do vendedor (ou local da compra) e valor da aquisição (em libras esterlinas no caso do primeiro documento, em francos da lista A a D e em liras na folha avulsa E, com a conversão para libras, nestes últimos casos, anotada no final de cada lista por Teixeira Gomes), bem como uma breve descrição da peça, por vezes, acompanhada de comentários pessoais como a coleção de proveniência de determinadas peças.

As compras registadas no primeiro documento, que passaremos a designar por *Inventário de Londres*, totalizam em 2 de agosto de 1923 a quantia de 5.441 libras, 15 shillings e 6 pence. Nas últimas três entradas deste inventário (p. 74) Teixeira Gomes apontou duas vendas que efetuou e a totalidade das suas ofertas. A primeira venda data de 09 de agosto de 1923 e surge com a inscrição: «Venda feita a P. Moore, quadros, etc»<sup>244</sup> onde arrecada 20 libras; a segunda no valor de 26 libras está datada de 30 de agosto (do mesmo ano) e refere-se a uma venda a M. Spere de dois vasos chineses. No seu último registo surge «Presentes até hoje» (23 de setembro de 1923) no valor de 47 libras, 2 shillings e 6 pence, perfazendo o valor final de 5.348 libras e 13 shillings. O dispêndio monetário das aquisições em Paris e Génova (que intitularemos *Inventário de Paris-Génova*) encontram-se no final de cada lista: Lista A - 306 libras, Lista B – 6 libras e 10 shillings, Lista C – 15 libras, Lista D – 12 libras e 10 shillings, Lista E - 63 libras. Estes

---

<sup>242</sup> Algumas folhas desta documentação encontram-se num avançado estado de degradação, por vezes, com perda de parte da mesma (e da informação nela contida). Situação que coadjuvada com a «bela caligrafia cursiva» de Manuel Teixeira Gomes (Rodrigues; Ferreira, 1999, p. 16) – que fez «suar bastante» Urbano Tavares Rodrigues e Vitor W. Ferreira (1999, p. 16) – impede uma leitura integral da documentação. Outra personalidade intimamente conhecedora desta caligrafia foi Castelo Branco Chaves que copiou inúmeros manuscritos de Teixeira Gomes, incluindo os *Apontamentos – Extratos dos cadernos de notas de M. Teixeira-Gomes*, e nem sempre percebeu a sua caligrafia pelo que o termo «ilegível» (Gomes, 2022, p. 478 notas 15, 16 e 17) surge “amiúde”.

<sup>243</sup> No inventário registado no caderno pautado, por vezes, o autor articula o texto manuscrito com a colagem de recortes de catálogos de leilões.

<sup>244</sup> Logo por debaixo deste texto, surge o seguinte apontamento «a Foster, em 16 d’ Outº 1916», o qual não conseguimos enquadrar devidamente, pois no inventário não consta nenhum registo, de compra ou venda, datado de 16 de outubro de 1916.

valores – Lista A a Lista E – foram transportados<sup>245</sup> por Teixeira Gomes para o primeiro documento, pelo que o valor de 5.348 libras e 13 shillings é o somatório das compras em Londres, Paris e Génova.

Aos dois inventários encontram-se, em diversas pastas pertencentes ao mesmo conjunto (caixa número 48), apenas alguns dos comprovativos (faturas/recibos) das compras efetuadas<sup>246</sup>.

Pela análise<sup>247</sup> dos dois inventários, o de Londres e o de Paris-Génova, conseguimos ter uma noção mais aproximada do colecionismo em Teixeira Gomes.

No *Inventário de Londres*<sup>248</sup> a primeira entrada, enquadrada em despesas de estofados e tapetes, data de 4 de junho de 1912 onde despendeu na Hampton & Sons<sup>249</sup> a de soma £27.0.5. Entre as inúmeras compras de tapetes conta-se o registo, a 12 de agosto de 1915, na Foster, de um tapete persa, quatro pequenos tapetes chineses e um tapete turco por 14 libras; na Robinson, Fisher & Co., a 13 de outubro de 1915, de um tapete persa com fundo escuro por £4.12.0; no final do ano de 1915 (2 de dezembro) compra, entre outros, na Foster, um tapete persa bordado por £4.4.0; a 5 de setembro de 1917, na Phillips, Son & Neale, adquire, por 13 libras, dois tapetes persas antigos, um deles com bordas azuis.

Quanto a mobiliário, objetos decorativos e utilitários, para além de outros, compra na Speelman Bros., a 7 de julho de 1914, um par de pedestais em mármore por 9 libras e uma cómoda, em mogno, Luís Filipe por 4 libras; a 22 de julho de 1914 adquire um par de pedestais em madeira preta com aplicações em bronze, por £3.10.0; e na mesma casa, a

---

<sup>245</sup> Por exemplo o valor total das compras que Teixeira Gomes realizou entre 29 de outubro de 1919 e 01 de fevereiro de 1920 na capital francesa, registadas em quatro páginas densamente manuscritas intituladas «Lista A – Compras Paris –» (Cf. Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 5 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*), surge apontado no inventário de 74 páginas com uma entrada a 6 de fevereiro de 1920 onde se pode ler: «Compras em Paris (lista A)» e o valor de 306 libras (Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 4 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*, p. 30).

<sup>246</sup> Os recibos/faturas, existentes, são, maioritariamente, de compras realizadas em Londres, havendo 14 de aquisições em Paris. Não conseguimos localizar os recibos/faturas das compras realizadas em Génova.

<sup>247</sup> Os dados que apresentamos são excertos dos dois extensos inventários, constituídos no total por 82 páginas de difícil leitura.

<sup>248</sup> Salvo se expressamente mencionado, todas as referências que se seguem relativas ao *Inventário de Londres* têm como fonte: Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 4 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*.

<sup>249</sup> Reputado fabricante de mobiliário londrino, estabelecido desde c. 1830 (Cf. <https://antiquesworld.co.uk/hampton-and-sons-antique-furniture/> [consult. 19-10-2023]).

20 de outubro de 1914, arrecada duas colunas em talha dourada por 9 libras. Ao negociante de antiguidades Louis Mossel, em 5 de novembro de 1914, faz compras que totalizam 60 libras: um contador chinês por 40 libras, uma mesa (estilo renascença) em pau preto por 12 libras, um contador em pau preto com embutidos em marfim por 6 libras e um tinteiro estilo Império por 2 libras. No dia 8 de dezembro de 1914 compra três cinzeiros de prata por 18 shillings<sup>250</sup>. Num leilão da Puttick and Simpson, a 18 de fevereiro de 1915, compra uma estante em mogno (estilo georgiano) com uma fénix – entre duas rosas – esculpida na cornija, por £10.10.0; a 22 de fevereiro de 1915 regista a aquisição, em Lisboa, de um jogo de mesa para chá por £4.5.0 e de um contador de mogno por £11.10.0; no leilão da Puttick and Simpson, realizado a 19 de março de 1915, compra *bibelots* em marfim e ébano, por £2.10.0, onde se inclui um par de retratos em marfim de senhoras fim-de-século, bem como um punhal por £5.5.0 do século XVII com punho em ágata, bainha de prata e cravejado de pedras e por £4.2.6 um cofre de madeira ornamentado com plaquetas de vidro decoradas com vistas e figuras; a 24 de março de 1915, num leilão em Willis's Rooms, da Robinson, Fisher & Co., desembolsa £1.14.0 por uma mesa de jogo em mogno com tampos; a 30 de março de 1915, num leilão da Phillips, Son & Neale, compra, por 5 libras, um grande cofre italiano de madeira com embutidos de ébano e marfim, tendo na tampa uma representação da caça ao falcão; no leilão da Foster, a 8 de abril de 1915, adquire por 6 libras uma mesa holandesa com embutidos e pernas em espiral; no leilão da Puttick and Simpson, realizado a 9 de abril de 1915, desembolsa £2.10.0 por uma pequena mesa redonda estilo Império; a 16 de abril de 1915 despende 65 libras na Knight Frank & Rutley (empresa londrina, fundada em 1896, de avaliações, pesquisas e leilões<sup>251</sup>) em diversas peças de mobiliário, entre as quais duas poltronas em pau-cetim com pinturas por £11.11.0 e, por £33.12.0, um canapé e duas poltronas em pau-cetim com pinturas e embutidos; no leilão da Puttick and Simpson, realizado a 23 de abril de 1915, paga 32 libras por um contador com suporte em laca inglesa, preto e dourado; a 4 de maio de 1915, no leilão da Phillips, Son & Neale, compra um par de vasos *cloisonnés* por £6.6.0; num leilão da Robinson, Fisher & Co., a 2 de junho

---

<sup>250</sup> Não conseguimos identificar o nome do vendedor.

<sup>251</sup> Cf. <https://www.knightfrank.com/about-us/history> [consult. 04-11-2023].

de 1915, adquire, por £9.10.0, um guarda-roupa holandês com embutidos; a 10 de junho de 1915, num leilão da Christie, Manson & Woods, gasta £6.6.0 num contador italiano com embutidos em placas de marfim com assuntos mitológicos; na Robinson, Fisher & Co., a 13 de outubro de 1915, despende 24 libras num canapé e seis poltronas Luís XV, em madeira dourada e cobertas de seda, e £3.10.0 numa grande cadeira de braços forrada a damasco; a Louis Mossel, compra a 29 de outubro de 1915, por 30 libras, um grande contador de laca vermelha com suporte; a 17 de novembro de 1915, num leilão da Robinson, Fisher & Co., compra, por 6 libras, três figuras em marfim (obra flamenga) e uma cómoda de secretária com embutidos (obra holandesa), por £9.5.0; a 10 de dezembro de 1915, num leilão da Phillips, Son & Neale, compra, entre outros, um contador em madeira, ébano, marfim e tartaruga por £10.10.0 e duas colunas torcidas de mármore verde por 7 libras; num leilão da Phillips, Son & Neale, realizado em 19 de abril de 1916, adquire uma escrivaninha estilo Luís XIV por 9 libras; a 7 de junho de 1916, num leilão da Robinson, Fisher & Co., compra, por 6 libras, uma poltrona Luís XV forrada de brocado de seda; a 6 de fevereiro de 1917, no leilão da Phillips, Son & Neale, compra quatro castiçais pequenos de prata por £5.19.0 e uma salva de prata por cinco libras; a Louis Mossel adquire, a 26 de fevereiro de 1917, um grande espelho com moldura em talha dourada por £8.10.0; na Phillips, Son & Neale, no leilão do dia 30 de outubro de 1917, compra por £2.2.0 uma caixa de Sèvres azul e dourada, pintada com crianças, e uma caixa de rapé decorada com cenas de jardim.

No tocante a objetos de origem oriental, as aquisições são incomensuráveis, das quais mencionamos as que se seguem: uma espada chinesa com bainha de osso comprada a 12 de novembro de 1914, por 5 shillings, ao negociante de antiguidades Leonard Partridge; no leilão da Foster, do dia 18 de fevereiro de 1915, compra um par de jarras vermelhas, em forma de garrafa, de vidro opaco por £1.10.0 e um pássaro em jade escuro por £1.8.0, ambos de proveniência chinesa; a 23 de fevereiro de 1915, no leilão da Phillips, Son & Neale, emprega £7.15.0 na aquisição de cinco figuras de barro chinesas representando deuses e quatro vasos chineses, um de cor castanha em forma de pera; no

leilão da Foster, do dia 25 de fevereiro de 1915, compra um par de *qilins*<sup>252</sup> chineses em jade por £6.10.0; a 2 de março de 1915, no leilão da Phillips, Son & Neale, adquire uma espada japonesa pequena com bainha em madeira e aplicações em ébano e marfim por três libras e uma outra espada japonesa grande de marfim com infinitas figuras em relevo por £10.10.0; a 16 de março de 1915, no leilão da Phillips, Son & Neale, compra, entre outros, uma pequena caixa de madeira preta com tampa em jade e outras peças por £1.6.0, dez pequenos objetos chineses de marfim que designa de «“netsukies”»<sup>253</sup> por £1.1.0, dez figuras chinesas esculpidas em raízes de madeira por £1.14.0 e, pelo mesmo valor (£1.14.0) um pequeno *biombo* com suporte de madeira preta e ornamentado de marfim e quinze figuras de animais; num leilão da Puttick and Simpson, realizado a 19 de março de 1915, compra *bibelots* em bronze, por £1.15.0, onde se inclui um par de figuras chinesas cavalgando golfinhos; a 4 de maio de 1915, no leilão da Phillips, Son & Neale, compra um pequeno contador chinês de laca preta e oiro por 4 libras; a 10 de dezembro de 1915, num leilão da Phillips, Son & Neale, compra, entre outros, um par de vasos japoneses por £3.3.0; a 1 de janeiro de 1916, num leilão da Phillips, Son & Neale, compra, entre outros, um par de quadros japoneses pintados em seda por £1.18.0 e um vaso de porcelana (“sangue de boi”) em forma de garrafa por £2.2.0; a 4 de maio de 1916, num leilão da Foster, compra três bronzes – dois em cloisonné – de figuras de deusas chinesas, pelo valor de £5.6.0; a 22 de novembro de 1916, num leilão da Robinson, Fisher & Co., adquire por £2.2.0, um grande vaso japonês e por £6.15.0 um vaso chinês esmaltado com fundo acastanhado; na Robinson, Fisher & Co., a 25 de janeiro de 1917, gasta 4 libras num vaso chinês em formato de garrafa, com figuras alusivas ao *Cão de Foe*, de colorido profundo; num leilão da Glendining & Co., Ltd., realizado em 26 de março de 1917, compra quarenta e um frascos de rapé de variados tipos e materiais (pedras duras,

---

<sup>252</sup> O *Quilin* é uma criatura quimérica da mitologia chinesa (Cf. <https://www.christies.com/en/stories/mythical-creatures-in-the-life-and-art-of-ancient-china-c1c2d296024540649dddefa739e53cb4> [consult. 30-10-2023]).

<sup>253</sup> Cf. Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 4 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*, p. 7.

porcelana, vidro, etc.), bem como diversos inros<sup>254</sup>, tsubas<sup>255</sup>, netsukes<sup>256</sup> e outros objetos decorativos orientais em marfim; a 4 de maio de 1917, num leilão da Phillips, Son & Neale, compra dez garrafinhas chinesas de vidro pintadas por duas libras; a 25 de julho de 1917, marca presença no leilão da Glendining & Co., Ltd.<sup>257</sup> dedicado à venda, especialmente, de objetos japoneses da *Gilbertson Collection* da qual adquire o lote 811 por duas libras, correspondendo a duas pequenas caixas de metal, uma com incrustações de aves e outra prateada com a figura mítica de *Hankwai*.

Relativamente a esculturas, as compras de Teixeira Gomes ascendem às centenas, entre as quais no ano de 1914 adquire a 13 de julho, a Louis Mossel, duas estatuetas de adolescentes, em bronze, com pedestal em mármore violeta, por £5.10.0; a 28 de julho despende 7 libras num bronze de Napoleão a cavalo e £ 5.10.0 num bronze de Napoleão de pé; a 20 de agosto, na casa C. Collier, gasta £4.10.0 num busto de bacante, em bronze, de Étienne Falconet (1716-1791); a 8 de setembro regista a aquisição de um busto de rapariga com chapéu, do século XVIII, em mármore, por 12 libras; na Speelman Bros., a 20 de outubro, compra a estatueta *Lutadores*, em bronze, por 6 libras<sup>258</sup>.

---

<sup>254</sup> *Inro* (termo japonês) que significa caixa de medicina. Consiste numa pequena caixa lacada, ricamente decorada, com compartimentos sobrepostos (Cf. Lucie-Smith, 1990, p. 108-109).

<sup>255</sup> A *tsuba* (termo japonês) consiste numa placa metálica que serve de guarda-mãos nas espadas japonesas (Cf. Lucie-Smith, 1990, p. 201).

<sup>256</sup> *Netzuke* ou *Netsuke* (termo japonês) é uma cavilha que atada a um cordão de seda segura o *Inro* ao cinturão do Kimono que tradicionalmente não tem bolsos. A sua particularidade consiste em apresentar o formato de uma pequena escultura em diversos materiais (marfim, osso, metal, madeira, etc.), numa infinidade de temas (animais, máscaras, etc.) onde se inclui o folclore japonês (Cf. Lucie-Smith, 1990, p. 135). Para além da sua função utilitária eram, também, objetos com uma forte índole simbólica e estética. Foram muito apreciados e procurados pelos colecionadores europeus entre os finais do século XIX e inícios da centúria seguinte.

<sup>257</sup> Este leilão realizou-se, em Londres, entre os dias 23 e 26 de julho de 1917 e na capa do catálogo a Glendining & Co., Ltd. anunciava: «Catálogo de uma importante e valiosa coleção de obras de arte japonesas, incluindo lacas, inro, netsuké, espadas e móveis para espadas: sendo a terceira parte da *Gilbertson Collection*» (tradução nossa) (Cf. <https://archive.org/details/catalogueofimpor00glen/mode/1up> [consult. 01-11-2023]).

<sup>258</sup> Este bronze foi adquirido, no mesmo dia, conjuntamente com dois pedestais em talha dourada. No dia anterior, a 19 de outubro de 1914, a Speelman Bros. (negociantes de obras de arte) remetem a Teixeira Gomes uma missiva onde aceitam a sua proposta de 6 libras pela estatueta e dizem que 10 libras é um bom preço pelos pedestais, os quais o colecionador comprou por 9 libras. Isto indicia que Manuel Teixeira Gomes, por vezes, regateava os preços das peças que comprava (Cf. Museu da Presidência da República – *Arquivo Teixeira Gomes*, cota descritiva ATG/CX006/109, *Sem título*, 19/10/1914, [consult. 19-10-2023]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.arquivo.museu.presidencia.pt/details?id=140916&detailsType=Description> >).

A 21 de abril de 1915, num leilão da Robinson, Fisher & Co., compra por £3.15.0 uma figura em bronze de um lutador ferido.

No ano de 1916, a 17 de janeiro, compra a T. J. Harries, por £6.6.0, um grande busto de Vénus em mármore; na Christie, Manson & Woods, a 3 de fevereiro, compra, por £9.19.6, um par de estatuetas do séc. XVIII, em bronze, representando Cupido e Marte, com peanha (pequeno pedestal) em mármore preto; num leilão da Robinson, Fisher & Co., a 22 de novembro, adquire um grupo escultórico em bronze<sup>259</sup> sob base circular de mármore amarelo pelo valor de £8.15.0.

A 2 de março de 1917, na casa londrina Leonard Partridge (*Curios & Objets d'Art*), desembolsa 5 libras por um par de figuras esculpidas em madeira colorida, que considera serem obra italiana ou espanhola e na Puttick and Simpson, a 2 de novembro de 1917, compra, entre outros, os lotes 121 e 134, por £8.8.0<sup>260</sup>, que corresponde, respetivamente, a um busto francês do século XVIII representando Vénus e um busto masculino sob pedestal quadrado. Por cima desta última peça Teixeira Gomes escreveu, no seu inventário, «(Busto de Adriano)»<sup>261</sup>.

No que concerne a pinturas e gravuras, adquiriu na ordem das centenas, entre as quais a 20 de agosto de 1912, por 8 libras, na casa Harvey, dois quadros, um dos quais representando um naufrágio<sup>262</sup> e outro uma cabeça.

No ano de 1914, a 2 de setembro, a Philip Moore<sup>263</sup>, compra um óleo representando um santo que surge com o apontamento «cópia de Murillo?»<sup>264</sup> e por cima a lápis «(Claudio Coelho)» por 2 libras; a 10 de setembro do mesmo ano, na casa de antiguidades de Louis Mossel, torna-se dono, por 1 libra, de um óleo de temática religiosa

---

<sup>259</sup> A falta de legibilidade do texto não nos permite afirmar com absoluta certeza, mas conseguimos perceber que é um bronze de oficina francesa e provavelmente uma reprodução de uma obra do reconhecido escultor *rocaille* francês Claude Michel (1738-1814), dito Clodion.

<sup>260</sup> Cf. Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 12 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*, doc. *Recibo de Puttick and Simpson datado de 02/11/1917*.

<sup>261</sup> Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 4 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*, p. 28.

<sup>262</sup> Por cima de «naufrágio», Teixeira Gomes escreveu a lápis «do Turner?» (Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 4 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*, p. 3).

<sup>263</sup> Casa londrina especialista em molduras e quadros antigos e modernos.

<sup>264</sup> Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 4 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*, p. 3.

de José Ribera (c.1591-1652); a Philip Moore, a 25 de setembro, desembolsa 3 libras por um quadro a óleo onde figura a cena bíblica de Judite e Holofernes; na The Marble Arch Gallery, a 9 de novembro, compra, entre outros, o quadro *Flores e frutos* de Campidoglio<sup>265</sup> por 8 libras, o retrato dos pais do reformador protestante escocês John Knox (1514- 1572) da escola de Holbein por 7 libras, uma pintura sobre cobre mostrando a Conversão de S. Paulo no valor de 3 libras e um pequeno quadro de Marià Fortuny representando uma mulher deitada ou sentada por 5 libras; poucos dias depois (a 14 do mesmo mês), ainda na The Marble Arch Gallery, faz compras de pinturas no valor de 35 libras, onde se encontram uma grande marinha de Gallofre (1849-1902) por 9 libras, uma obra de Franz Halls e o retrato de uma dama de Zucchero (c. 1542-1609) – no valor 5 libras, cada uma –<sup>266</sup>, uma paisagem de Amalfi do pintor francês Claude-Joseph Vernet (1714-1789) por 3 libras, uma paisagem de Johann Christian Vollerdt (1708-1769) por 9 libras e uma cena de acampamento de A. Cuyp<sup>267</sup> no valor de 4 libras; ainda na The Marble Arch Gallery, a 26 de novembro, faz compras no valor de 50 libras<sup>268</sup>, nomeadamente da obra *Cavalos lutando* de Théodore Géricault (1791-1824) por 6 libras, uma obra de Eugène Delacroix (1798-1863) representando uma cena do massacre de Chios também por 6 libras, duas aguarelas de Henri Harpignies com paisagens (uma delas em Beaulieu) por 10 libras, a obra *Retrato de cão com touca*, de Ignacio Zuloaga (1870 – 1945), por 2 libras e uma natureza-morta representando um ramo de narcisos de Fantin-Latour por 4 libras.

No ano de 1915, a 21 de janeiro, num leilão da Robinson, Fisher & Co., adquire, entre outros, um grande quadro representando a conversão de um príncipe por 6 libras,

---

<sup>265</sup> Campidoglio, acreditamos tratar-se do pintor italiano seiscentista Michelangelo di Campidoglio (1625 - 1669), o qual revelou talento na representação de naturezas-mortas com flores e frutas (Cf. <https://www.christies.com/en/lot/lot-4892897> [consult. 28-10-2023]).

<sup>266</sup> Teixeira Gomes à frente do nome destes dois pintores – F. Halls e Zucchero – registou um ponto de exclamação, o que para nós poderá ser um indicador do seu apreço pelas obras ou pelos artistas ou pelo facto de serem obras confirmadas dos artistas.

<sup>267</sup> Aelbert Cuyp (1620-1691), natural dos Países Baixos, A. Cuyp destacou-se no género da paisagem à maneira italiana. As suas obras eram populares entre os colecionadores ingleses de setecentos (Cf. <https://www.nationalgallery.org.uk/artists/aelbert-cuyp> [consult. 04-11-2023]).

<sup>268</sup> O estado avançado de degradação da folha não permite a leitura total das compras realizadas por Manuel Teixeira Gomes neste dia na The Marble Arch Gallery.

um quadro «estilo espanhol»<sup>269</sup> (que avalia de muito bom) de Cristo e Verónica por £1.14.0, um quadro flamengo com muitas figuras a meio corpo cantando por 4 libras que classifica de muito bom, uma pintura sobre cobre do século XVIII género de Claude Lorrain intitulado *A baía* (palavra ilegível) por 5 libras; a 4 de fevereiro, também num leilão da Robinson, Fisher & Co., compra uma pasta com gravuras de Giovanni Battista Piranesi (1720 – 1778) sobre o tema *Vistas de Itália* por £3.6.0, três conjuntos de gravuras (num total de 29 gravuras) por £3.1.0, seis águas-fortes atribuídas a Rembrandt (1606 – 1669) por £6.6.0, vinte e seis águas-fortes de vários autores (incluindo algumas atribuídas a Rembrandt) por £2.14.0, uma pasta com vinte e oito aguarelas por 2 libras, onze quadros a óleo emoldurados por £23.12.0 entre os quais um intitulado *Vista d'Anvers*<sup>270</sup> por £2.5.0; a 11 de fevereiro, num leilão da Robinson, Fisher & Co., desembolsa 15 shillings por duas aguarelas atribuídas ao pintor William Roxby Beverley (1811–1889), uma representando o interior de uma igreja e a outra uma cena num porto marítimo e compra seis aguarelas (duas paisagens, uma representando um moinho de vento e figuras, uma vista de castelo, uma cena num canal de Veneza e um jardim) atribuídas a Richard Parkes Bonington (1802-1828) por £6.10.0; no leilão da Foster do dia 25 de fevereiro de 1915 compra, entre outros quadros, um óleo de escola espanhola representando duas santas mulheres por duas libras; a 11 de março, num leilão da Robinson, Fisher & Co., compra, por 10 shillings aquilo que descreve como um pequeno quadro a óleo, escola holandesa, representando uma mulher num burro que um rapaz procura reter e ao seu lado um velho de barbas; ainda em março, agora no dia 18 no leilão promovido pela Foster adquire, entre outros, um quadro atribuído a F. Guardi<sup>271</sup>, por £4.15.0, que descreve como na sua maneira de representar uma cena marinha com vários navios; a 25 de março deste ano, na Robinson, Fisher & Co., compra onze quadros

---

<sup>269</sup> Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 4 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*, p. 5.

<sup>270</sup> Esta foi uma das diversas ofertas de Manuel Teixeira Gomes à Cruz Vermelha Inglesa para angariação de fundos de beneficência através da sua venda em leilões. No caso desta obra, Teixeira Gomes refere que deu a 05 de março de 1915 (poucos dias após a sua compra) à instituição para ser leiloado pela Christie's (Cf. Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 4 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*, p. 5).

<sup>271</sup> Acreditamos que F. Guardi será o pintor veneziano Francesco Guardi (1712-1793), que se destacou com as suas *vedute* (vistas) onde são frequentes a representação de cenas marinhas com barcos nos canais de Veneza (Cf. <https://www.nationalgallery.org.uk/artists/francesco-guardi> [consult. 30-10-2023]).

entre os quais quatro retratos, um pequeno quadro a óleo de um interior de igreja por uma libra, um pequeno quadro a óleo de Linder por £1.6.0 e, por £2.10.0, compra um óleo de Erskine Nicol que descreve como «Loja do Sapateiro [...] por Nicol»<sup>272</sup>. A 29 de abril de 1915, num leilão da Robinson, Fisher & Co., compra, entre muitas outras obras, um retrato de um santo que descreve como muito barbudo do Ribera<sup>273</sup> por £2.15.0, um retrato, em tamanho natural, de Carlos II em miúdo – em quadro com moldura em talha – por £5.5.0<sup>274</sup>; uma pequena paisagem marinha de escola francesa por uma libra. A 30 de abril de 1915, num leilão promovido pela Christie, Manson & Woods, compra, por £3.3.0, um desenho colorido de Richard Parkes Bonington representando Henrique IV recebendo um embaixador.

O ano de 1915 foi profícuo na aquisição de pinturas e gravuras, a 13 de maio num leilão da Robinson, Fisher & Co., compra, entre outros, um pastel representando uma senhora sentada (escola inglesa) por 5 libras, um grande retrato do arquiduque Alberto<sup>275</sup> (com moldura em talha) por £19.19.0; a 2 de junho de 1915 num leilão da Robinson, Fisher & Co., compra, por £3.3.0 um quadro, com moldura, da escola napolitana representando um porto e a 16 de agosto, do mesmo ano, compra, por 9 libras, a Philip Moore, um grande retrato de senhora do século XVII que acredita ser de D. Catarina de Bragança<sup>276</sup>, pela mão, segundo o vendedor, de Francisco de Zurbarán (1598-1664) ou do seu atelier.

---

<sup>272</sup> Cf. Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 4 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*, p. 8.

<sup>273</sup> Manuel Teixeira Gomes à frente do nome de Ribeira colocou um ponto de interrogação.

<sup>274</sup> Por cima deste registo Manuel Teixeira Gomes escreveu «pintura original do grande Sir C. Phillips» (Cf. Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 4 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*, p. 10). Sir Charles Philips (1708-1747) foi um retratista de sucesso, da primeira metade do séc. XVIII, entre a nobreza inglesa (Cf. <https://www.npg.org.uk/collections/search/person/mp07422/charles-philips> [consult. 30-10-2023]).

<sup>275</sup> O manuscrito não nos permite, para além do que referimos com integridade, uma leitura plena devido à sua ilegibilidade. Mas, é possível reconhecer o nome do pintor Rubens, isto é, Peter Paul Rubens (1577-1640). O arquiduque Alberto VII da Áustria (n.1559-m.1621), o qual exerceu o cargo de Vice-Rei de Portugal durante o reinado de Filipe I, foi realmente retratado pelo pintor da sensualidade e colorido vibrante, contudo não conseguimos certificar a autoria desta obra (Cf. <https://masp.org.br/index.php/acervo/obra/o-arquiduque-alberto-vii-da-austria> [consult. 30-10-2023]).

<sup>276</sup> A investigadora Susana Varela Flor comprovou recentemente, num artigo científico, que esta associação da personagem retratada à figura de D. Catarina de Bragança não deve ser tomada como certa (Cf. FLOR, Susana Varela – Representations of Catherine of Braganza in Portuguese National Collections: A Continuous Visual Construction?. In *The Court Historian*, Vol. 27, Nº 3, (2022), p. 228-244).

Durante o ano de 1916 continua as suas aquisições de quadros. A 27 de janeiro deste ano, num leilão da Robinson, Fisher & Co., adquire, por £1.6.0, um quadro a óleo, atribuído a F. Mola<sup>277</sup>, narrando a história bíblica de Salomé com a cabeça de São João Baptista num prato; no leilão da Foster do dia 2 de fevereiro de 1916 compra, entre outros quadros, uma paisagem com figuras de Fortuny, pelo valor de £4.10.0; a 27 de setembro, num leilão da Phillips, Son & Neale, emprega £3.3.0 para possuir um quadro a óleo que lhe recorda obras de Claude Lorrain e a 6 de dezembro, num leilão da Foster, adquire, por £10.10.0, a obra *A Expulsão dos Vendilhões do Templo* de J. Bassano<sup>278</sup> que descreve como «de admirável composição (desenho, colorido e movimento), em perfeito estado de conservação, com moldura de talha dourada.»<sup>279</sup>.

No ano de 1917, a 1 de novembro, num leilão da Robinson, Fisher & Co., adquire um quadro a óleo de escola italiana representando, segundo o catálogo *Vénus e Adónis*, para Teixeira Gomes *Céfalo e Prócris*, por 3 libras, e o óleo *Prometeu acorrentado à rocha* atribuído, segundo o catálogo, a Zurbarán, por £2.10.0, que Teixeira Gomes caracteriza como obra de grande vigor<sup>280</sup>; no leilão da Foster, realizado a 28 de novembro, arrematou o lote 25B que corresponde a duas gravuras de temática mitológica, uma *Vénus* e uma *Vénus e Cupido*, por £1.18.0<sup>281</sup>; a 19 de dezembro de 1917, no leilão da Phillips, Son &

---

<sup>277</sup> Presumimos que seja uma referência ao pintor barroco de origem italiana Pier Francesco Mola (1612 – 1666) (Cf. <https://www.nationalgallery.org.uk/artists/pier-francesco-mola> [consult. 09-10-2023]).

<sup>278</sup> Jacopo da Ponte (1510/15 – 1592), também conhecido por Il Bassano ou Bassano, foi um dos mais influentes pintores do século XVI em Veneza. Para alguns especialistas a forma realista e direta de tratar certas temáticas, como as religiosas, faz dele um precursor do naturalismo barroco. Bassano e filhos (Francesco, Gerolamo, Leandro e Gian Battista) geriram uma notável oficina que ganhou reputação por toda a Europa, mesmo durante o séc. XVII, pelo seu peculiar estilo maneirista, distinto e caprichoso (Cf. <https://www.museodelprado.es/en/the-collection/artist/bassano-jacopo-jacopo-dal-ponte/334000c8-8cd4-40a2-be92-0097c0f1034c> [consult. 31-10-2023]). Teixeira Gomes, numa das muitas visitas ao Museu do Prado (esta a 15 de janeiro de 1918), após analisar o óleo *A Expulsão dos Mercadores do Templo* (c. 1568) de J. Bassano estava inclinado em atribuir o seu quadro ao filho deste, de nome Francesco Bassano. Diz-nos o colecionador, no seu diário: «M. do Prado — Bassano — Encontro uma “expulsão dos mercadores” muito semelhante à minha mas com variantes e sobretudo à esquerda, onde há um rapaz ajoelhado com as mãos sobre uma grande gaiola. Os brancos aproximam-se mais dos meus. Estou em atribuir o meu Bassano ao Francisco (cujos brancos são iguais aos meus) e que teria copiado o quadro de outro do pai.» (Gomes, 2022, p. 491).

<sup>279</sup> Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 4 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*, p. 17.

<sup>280</sup> Cf. Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 4 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*, p. 28.

<sup>281</sup> Cf. Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 4 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*, p. 29 e Biblioteca Nacional de Portugal –

Neale, emprega £6.16.6 para comprar um grande óleo com a *Sagrada Família*, de autor desconhecido, que Teixeira Gomes considera muito interessante e coloca a possibilidade de ser de escola espanhola; a 13 de dezembro, num leilão da Robinson, Fisher & Co., adquire duas obras de W. Etty, R. A., uma pintura por £2.12.6 intitulada *A Nude Figure* e um *Estudo para São João* por 3 libras; a 19 de dezembro de 1917, num leilão da Foster, compra um quadro de pequenas dimensões designado *Retrato de um nobre com gola e punhos de renda*, atribuído no catálogo a Diego Velázquez (1599-1660), por £3.3.0, que Manuel Teixeira Gomes avalia como interessante mas que considera ser uma cópia do grande pintor barroco espanhol e a 27 de dezembro compra a Philip Moore, por £2.2.0, o quadro *Estudo de mulher nua* de W. Etty, R. A..

A 7 de janeiro de 1918, após ser convocado por Sidónio Pais, Teixeira Gomes deixa Londres chegando dez dias depois a Lisboa, onde acaba por ser demitido, a 25 de janeiro, pelo “Presidente-Rei”, do seu cargo de Ministro Plenipotenciário em Londres. Razão que poderá explicar, em parte, o facto de não constar nenhum registo de compras no seu *Inventário de Londres* nos anos de 1918 e 1919, já que durante este período “deambulou” entre Portugal, Madrid, Londres e Paris.

Na capital francesa entre outubro de 1919 e junho de 1920 realiza diversas aquisições, algumas das quais é possível verificar através dos recibos<sup>282</sup>, em leiloeiros como Robert Bignon<sup>283</sup>, sito no número 41 da Rue de la Victoire, a quem, a 12 de janeiro de 1920, faz compras no valor total de 213 francos. No dia seguinte a Lair Dubreuil, com morada no número 6 da Rue Favart, adquire três lotes, no valor de 348 francos e 20 cêntimos, incluindo um bronze com o número de catálogo 102 por 89 francos; no dia 16 do mesmo mês desembolsa 341 francos e 50 cêntimos na mesma casa e no dia seguinte participa num leilão onde gasta 98 francos e 50 cêntimos. Ao *commissaire-priseur* Henri

---

*Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 12 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*, doc. *Recibo da Foster datado de 28/11/1917*.

<sup>282</sup> Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 14 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*. Nesta pasta encontram-se catorze recibos de compras em Paris, sendo que um é de uma compra de calçado e outro passado por uma loja de construção. Optamos pela análise destes recibos porque o inventário de Paris (Lista A a Lista D) não nos permite, no geral, uma leitura íntegra da sua informação.

<sup>283</sup> O Hôtel Drouot era o local da realização dos leilões orientados por Robert Bignon, Lair Dubreuil ou Henri Baudoin, em que Teixeira Gomes participou.

Baudoin, com loja no número 10 da Rue de la Grange - Batelière, no dia 7 de novembro de 1919, arremata um prato e duas miniaturas por 190 francos e 35 cêntimos; em 27 de dezembro do mesmo ano, participa em dois leilões, promovidos pelo mesmo leiloeiro, despendendo num 603 francos e 95 cêntimos em artigos onde se incluem vasos e pratos e no outro 364 francos e 25 cêntimos, em vasos, potes e outros objetos.

Na sua passagem por Génova, entre abril e maio de 1922, Teixeira Gomes realizou algumas compras na cidade italiana as quais registou no documento que intitulou de «Compras – E»<sup>284</sup>. O local da maioria das aquisições é nomeado como «numa loja de Génova» onde, por exemplo, a 25 de abril compra uma caixa de rapé – estilo Luís XV – de metal por 80 liras, um metal esmaltado por 120 liras, uma miniatura inglesa por 200 liras; dois dias depois na mesma loja adquire, por 220 liras, uma estatueta de bronze dourado representando um santo ajoelhado e de mãos postas que julga ser S. Pedro; no dia 29 de abril, por 220 liras, compra uma caixa de mosaico de pedras duras com fundo de ágata montada em metal dourado e, por 80 liras, uma caixa de rapé redonda em tartaruga com uma placa dourada com a representação de um crucifixo; a 3 de maio desembolsa 1.130 liras por um grupo em bronze com a cena da *Pietà* e 1.200 liras por um bronze com a figura de uma santa mulher; a 11 de maio compra uma caixa de rapé de prata por 90 liras; a 22 de maio despende 200 liras numa estatueta em bronze representando um homem e 600 liras em duas miniaturas.

O segundo período de permanência do diplomata na capital inglesa (de abril de 1919 a 1 de outubro de 1923) é marcado, ao nível do colecionismo, por uma frequência, progressivamente, mais intensa em leilões. Alicerçámos esta afirmação na análise da pasta 13 (*Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*) da caixa 48 do *Espólio de Teixeira Gomes* da Biblioteca Nacional de Portugal, onde nos deparámos com noventa e um talões (recibos) de compras realizadas por Manuel Teixeira Gomes, entre 6 de fevereiro de 1920 e 2 de agosto de 1923<sup>285</sup>, em leiloeiras londrinas,

---

<sup>284</sup> Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 5 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*

<sup>285</sup> Em 6 de agosto de 1923, Manuel Teixeira Gomes é eleito Presidente da República, o que explica, na nossa opinião, o “ponto final” nas suas compras em leilões londrinos, pois a 01 de outubro desse ano regressa a Portugal. De mencionar, ainda, que estes recibos constituem uma parte das compras realizadas por Teixeira Gomes neste período de 06/02/1920 a 02/08/1923, já que no *Inventário de Londres* compreende-se, muitas, outras aquisições para além das constantes nos referidos talões.

numa sucessão, por vezes, quase diária e com um impressionante volume de aquisições, conforme podemos constatar na tabela 3.1 (*Vd. Anexo IV*). Pela análise desta tabela é possível atestar que estas compras foram realizadas em seis casas: a Christie, Manson & Woods; a Sotheby, Wilkinson & Hodge's; a Puttick and Simpson; a Glendining & Co., Ltd., a Foster e a Phillips, Son & Neale.

Através de um exame mais aprofundado (*Vd. Tabela 3.2. Anexo IV*) verificamos que Teixeira Gomes nos cerca de três anos e meio – período que medeia entre a primeira e a última compra – comprou nestas seis leiloeiras seiscentos e vinte lotes, com destaque para a casa Glendining & Co., Ltd que totaliza quatrocentos e noventa e sete desses lotes, seguida da Puttick and Simpson (cinquenta e sete) e da Sotheby, Wilkinson & Hodge's (cinquenta). Na Phillips, Son & Neale adquire oito lotes. E, nas leiloeiras Christie, Manson & Woods e Foster quatro lotes. Se nos focarmos na compra de lotes por ano, 1922 sobressaí como o mais intenso nos seus cento e oitenta e seis arrematados por Teixeira Gomes, seguindo-se 1921 (cento e sessenta e seis), 1920 (cento e treze). O ano de 1923 perfaz até 02 de agosto noventa e um lotes. O somatório dos lotes adquiridos sem data ou com data ilegível perfaz a considerável soma de sessenta e quatro.

Este período (fevereiro de 1920 a agosto de 1923) é também marcado pela preponderância na aquisição de artigos de origem oriental, especialmente da China e do Japão. Na Puttick and Simpson, a 6 de fevereiro de 1920, compra o lote 106, por £1.11.6, que corresponde a uma tigela de porcelana chinesa antiga decorada com cachos de uvas<sup>286</sup>.

O intervalo de fevereiro de 1920 a agosto de 1923 é, igualmente, relevante pela qualidade de determinadas peças que entram para a coleção de Teixeira Gomes, como são de exemplo a aquisição, por 120 libras, no leilão promovido pela Robinson, Fisher & Co., a 20 de outubro de 1920, do lote 138, o qual no catálogo anunciava: «AN IMPORTANT BRONZE GROUP, THE DEATH OF BUCEPHALUS, [...], signed BARYE<sup>287</sup>, [...]».

---

<sup>286</sup> Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 13 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*, doc. *Recibo do leilão n.º 5439* & Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 4 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*, p. 30.

<sup>287</sup> Antoine-Louis Barye (1795-1875) foi um pintor, gravador e, principalmente, escultor parisiense oitocentista com obras premiadas que vão desde a grande encomenda estatal à produção de miniaturas

From the Barbedienne Collection, Paris»<sup>288</sup>. Teixeira Gomes regista no seu inventário, ao lado desta informação, o seguinte apontamento:

«Representa tudo menos a morte de Bucephalo, é um dos quatro grupos que estão no museu de escultura moderna do Louvre. São reproduções dos grupos em mármore que figuram na fachada do Louvre. Este grupo representa a “Guerra” e foi fundido por Barbedienne. O Barye mesmo reproduzia estes grupos (...).»<sup>289</sup>

(Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 4 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*, p. 37)

E, a 20 de fevereiro de 1923, num leilão da Christie, Manson & Woods, compra, por £28.6.0, uma escultura em marfim da *Virgem e o Menino*. Obra francesa, do século XV, proveniente da *Trapnell Collection*.

Para além de presença assídua nos leilões, Teixeira Gomes, continua, entre fevereiro de 1920 e agosto de 1923, a frequentar lojas de antiguidades na capital inglesa como a de A. Maurice (com casa no n.º 78 da Wigmore Street) onde compra, a 20 de abril de 1920, uma figura em bronze por 14 libras<sup>290</sup> a qual regista no seu inventário como uma «estatueta de bronze representando um fauno (palavra elegível) sobre um vaso grego e tocando n’uma “flauta do deus Pã”»<sup>291</sup>.

Segundo os comprovativos de compras, em Londres e em Paris, Manuel Teixeira Gomes pagava as suas aquisições, em leilões, antiquários e *marchands*, em dinheiro ou em cheque, as quais vão mobiliar, decorar e enformar – na medida da sua sensibilidade estética e artística – o interior do palacete da Embaixada de Londres.

O recheio deste imóvel foi compilado num documento manuscrito, tipo inventário, intitulado *Mobiliário, tapetes, objectos d’arte, etc, existentes na Legação de*

---

para uma burguesia ciosa de se ver rodeada de arte (Cf. <https://www.nga.gov/collection/artist-info.39083.html> [consult. 07-10-2023]).

<sup>288</sup> Cf. Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 4 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*, p. 37.

<sup>289</sup> Os quatro grupos a que Teixeira Gomes faz referência são as obras *A Guerra, A Paz, A Ordem e A Força* de Barye. O Museu de Belas-Artes de Reims possui exemplares destas obras em bronze, também da fundição de Ferdinand Barbedienne (1810-1892) (Cf. <https://musees-reims.fr/oeuvre/la-guerre> [consult. 01-11-2023]).

<sup>290</sup> Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 13 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*, doc. *Fatura de A. Maurice*.

<sup>291</sup> Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 4 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*, p. 33.

*Londres e que pertencem a M. Teixeira-Gomes*<sup>292</sup>, segundo Castelo Branco Chaves por Teixeira Gomes provavelmente em 1919<sup>293</sup>, o qual nos permite ter uma noção do ambiente e do investimento aplicado pelo mesmo na mobilação e decoração, incluindo com objetos de arte, das áreas públicas e privadas desta residência. O documento encontra-se estruturado por divisões e andares da mansão, o qual aqui se transcreve<sup>294</sup>, para uma melhor perceção: «no hall de entrada todos os quadros, um cofre ou arca de madeira com embutidos de marfim, duas estatuetas equestres de bronze, duas grandes colunas (torcidas) de mármore, os tapetes móveis, todos os objetos de arte (bustos, estatuetas, vasos, etc.) móveis que se encontram em cima das mesas e da chaminé e o grande grupo em bronze *A Guerra* do Barye; no hall da escada um cofre ou arca de noqueira com enfeites esculpidos (obra italiana), um armário com portas enfeitadas com losangos de espelhos, os quadros e porcelanas e *cloisonnés*, um grande espelho com moldura de talha doirada, os tapetes móveis; na escada o tapete e as barras de arame que o seguram e todos os quadros, colunas, estatuetas e mais objetos de arte que nela se encontram, bem como duas lanternas venezianas de talha doirada; na sala de jantar todos os tapetes, todos os quadros, todas as *appliques* (candeeiro de suspensão e candeeiro móvel) para eletricidade e um cofre de ferro (antigo) com peanha de madeira pintado com flores; no gabinete de *toilette* – do primeiro andar – tudo quanto ele contém incluindo o espelho que está sobre o fogão; na sala de trabalho – do primeiro andar – tudo quanto ali se encontra salvo as duas *appliques* que estão na parede do fogão; no salão – do primeiro andar – tudo quanto ali se encontra salvo o lustre pendente ao meio do teto e o espelho sobre o fogão; na saleta – do primeiro andar – tudo quanto ali se

---

<sup>292</sup> Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 5 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*, doc. *Mobiliário, tapetes, objectos d’arte, etc, existentes na Legação de Londres e que pertencem a M. Teixeira-Gomes*, s.d..

<sup>293</sup> Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 22 *Apontamentos sobre Teixeira Gomes. Teixeira Gomes e a sua Coleção de Obras de Arte*, doc. *As coleções de obras de arte de M. Teixeira Gomes*, s.d., p. 6. De mencionar que este excerto do texto da mão de Castelo Branco Chaves aparece cortado a lápis na diagonal, podendo conjecturar-se que o seu autor não tinha a certeza destas palavras já que o documento não está datado. Somos da opinião que este documento é posterior a 20 de outubro de 1920, porque Manuel Teixeira Gomes faz referência ao grupo escultórico em bronze *A Guerra* do Barye o qual foi adquirido nesta data.

<sup>294</sup> Transcrição adaptada, na ortografia e formatação, do texto original, mas que respeita a integridade do seu conteúdo.

encontra exceto as duas *appliques* que estão na parede do fogão e o espelho sobre o fogão; no segundo andar tudo quanto se encontra em todas as suas divisões.».

Este inventário, apesar de sucinto, indica que grande parte do recheio do palacete da legação era património de Manuel Teixeira Gomes, o qual já, pelo menos, a partir dos finais de 1915 procurava proteger.

A 19 de outubro de 1915 o Crédit Lyonnais remeteu a Teixeira Gomes um memorando onde lhe dá conhecimento do seguro, efetuado na Lloyds, que cobria o recheio da propriedade, no número 12 de Gloucester Place, no valor de £2.600 organizado da seguinte forma: £450 para o rés-do-chão, £150 para a escadaria, £1750 para o primeiro piso e £250 para o segundo piso, fazendo referência à inclusão nesta proteção dos «objetos de arte, quadros e estatuetas» (tradução nossa)<sup>295</sup>. No ano seguinte, aquando da renovação, por um ano, da apólice deste seguro a qual menciona expressamente «Mobiliário, Obras de arte, etc...» (tradução nossa)<sup>296</sup>, Teixeira Gomes solicita ao Crédit Lyonnais uma majoração do capital seguro no valor de £200 para os bens instalados no rés-do-chão e de £400 para os do primeiro piso. Este pedido poderá ser um indício do aumento do número de bens adquiridos pelo diplomata, entre os finais de 1915 e outubro de 1916, para estas zonas da casa.

Neste ano de 1916, Urbano Rodrigues, de visita a Londres, trava conhecimento com Manuel Teixeira Gomes. Na sua obra *A Vida Romanesca de Teixeira Gomes*, publicada em 1946, Urbano Rodrigues, descreve-nos a residência oficial de Gloucester Place, da seguinte forma:

«Tudo era um primor de arranjo. Muito se surpreendiam deste cuidado as senhoras que visitavam a Legação atraídas pela fama das coleções [...] além da viagem ao redor das vitrinas, dos quadros e das esculturas. [...] O quarto de dormir era uma sala cheia de móveis preciosos, de quadros e *bibelots* como as do piso nobre.», mencionando, ainda, a existência de um «lindo biombo chinês» e uma pequena cama «que poderia ser [...] de um asceta.».

---

<sup>295</sup> Museu da Presidência da República – *Arquivo Teixeira Gomes*, cota descritiva ATG/CX012/087, *Memorando do Crédit Lyonnais para Manuel Teixeira Gomes*, 19/10/1915, [consult. 18-09-2023]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.arquivo.museu.presidencia.pt/details?id=129990&detailsType=Description> >

<sup>296</sup> Fundação Mário Soares – *DTE - Documentos Manuel Teixeira Gomes*, pasta 08083.096, *Sem Título*, 16/10/1916, [consult. 19-09-2023]. Disponível na Internet: <URL: <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=08083.096#!1> >

(Rodrigues, 1946, p. 23-24)

O mesmo Urbano Rodrigues referindo-se ao embaixador afirma:

«Convidava-me a miúdo a visitar os seus novos quadros, [...] a segui-lo nas excursões pelos armazéns do Christie<sup>297</sup>. [...] Muitas vezes ficávamos a divagar até tarde – naqueles salões encantadores de Gloucester Place, onde havia sempre uma novidade, mais uma peça de louça da China, mais um bronze florentino mais uma *garrafinha*... (coleções riquíssimas de pequenos vasos para perfume que foi sempre aumentando<sup>298</sup>).»

(Rodrigues, 1946, p. 21)

Urbano Rodrigues considera mesmo que os quadros e *bibelots* de Manuel Teixeira Gomes que pôde contemplar na Legação de Londres poderiam facilmente pela sua qualidade e quantidade formar um museu (Rodrigues, 1946, p. 33).

Para além das fontes escritas é possível conhecer o recheio da sua residência na capital inglesa, e em parte a coleção construída por Manuel Teixeira Gomes até 1923, através da análise de fontes iconográficas coevas, nomeadamente de cinco fotografias do seu interior: a primeira em que Teixeira Gomes é retratado, por volta de 1920, junto da lareira na Legação Portuguesa em Londres (*Vide* fig. 2.1 Anexo II); a segunda, datada de 1923, em que Manuel Teixeira Gomes se encontra sentado (*Vd.* fig. 3.2 Anexo II) e as restantes (*Vd.* figs. 3.3 a 3.5 Anexo II) de espaços da casa (sala de visitas, sala de estar e o seu gabinete de trabalho). Pela observação das fotografias podemos verificar, tal como nos descreve Urbano Rodrigues, a existência de inúmeros *bibelots* e quadros – de diversas dimensões – a decorar as paredes dos compartimentos (alguns em cavaletes), bem como um considerável número de esculturas de pequenas dimensões, de quatro bustos – um em cada compartimento do palacete – destacando-se o busto do rapaz romano em bronze e base de mármore (*Vd.* fig. 2.1 Anexo II) que está exposto no Museu de Portimão fazendo parte da atual *Coleção Manuel Teixeira Gomes* deste museu, que

---

<sup>297</sup> Urbano Rodrigues refere-se à conceituada *Christie's*.

<sup>298</sup> Mais à frente nas páginas 107-108, Urbano Rodrigues diz-nos, ainda, que esta coleção de pequenos frascos para perfume ou veneno (numa alusão aos frascos de rapé e aos *inros*), que lhe provocavam arrebatamento, eram de diversos materiais, «uns de prata lavrada, outros de cristal de rocha, outros abertos em pedras de valor!», os quais se encontravam no gabinete de trabalho de Manuel Teixeira Gomes no primeiro andar.

analisaremos no próximo capítulo. Na fotografia em que aparece retratado de pé junto da lareira (*Vide* fig. 2.1 Anexo II) é, igualmente, possível identificar parte da sua Coleção de Numismática.

As coleções de arte (e de outros objetos com funções decorativas) de Manuel Teixeira Gomes, segundo Urbano Rodrigues<sup>299</sup> e Castelo Branco Chaves<sup>300</sup>, arrebatavam quem as conhecia no sumptuoso interior da residência da legação como foi o caso de Constance Deighton Simpson que em carta a Teixeira Gomes revela-se encantada com as «coisas admiráveis e inesquecíveis» (tradução nossa)<sup>301</sup> às quais o diplomata consagrou tanta dedicação e que estava prestes a ter de se afastar.

Este afastamento de Londres e da sua coleção, por razões de um «dever maior» (tradução nossa)<sup>302</sup>, estará, na nossa opinião, associado com a sua futura eleição para a presidência da República, a 06 de agosto de 1923, e o regresso a Portugal, a 01 de outubro do mesmo ano.

Impossibilitado, devido ao elevado custo financeiro do frete<sup>303</sup>, de trazer para território nacional todas as peças da sua imensa coleção de mobiliário e objetos artísticos decide-se pela alienação, de uma parte considerável, em quatro leilões londrinos, realizados no último trimestre de 1923, tendo João António de Bianchi<sup>304</sup> servido de intermediário entre Teixeira Gomes e as casas leiloeiras.

---

<sup>299</sup> Cf. Rodrigues, 1946, p. 23.

<sup>300</sup> Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 22 *Apontamentos sobre Teixeira Gomes. Teixeira Gomes e a sua Coleção de Obras de Arte*, doc. *As coleções de obras de arte de M. Teixeira Gomes*, s.d., p. 9.

<sup>301</sup> Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 5, pasta *Correspondência Particular 1923*, subpasta *Correspondência – Simpson, Constance Deighton*, doc. *Sem Título*, 11/07/[1923]. *Vide* doc. 6 Anexo III.

<sup>302</sup> Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 5, pasta *Correspondência Particular 1923*, subpasta *Correspondência – Simpson, Constance Deighton*, doc. *Sem Título*, s.d..

<sup>303</sup> Segundo o *Diário de Lisboa*, de 04 de outubro de 1923, o frete ascendia ao valor de 500 contos: «TENDO corrido que o transporte do mobiliário do Sr. Teira (sic) Gomes, de Londres para Lisboa, acarretaria para o Estado um gasto de 500 contos, sabemos que tal boato carece de qualquer fundamento, pois que é proposito assente de S. Ex.<sup>ª</sup> promover a sua venda, visto não ter meios para o fazer transportar á sua custa e não desejar, nem por sombras, onerar o Tesouro Publico. As coisas de que se fez acompanhar tambem nada custarão ao país.» (DIÁRIO DE LISBOA – Sem Título. In *Diário de Lisboa*. N.º 766, ano 3 (4 de outubro de 1923), p. 1, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos. Disponível na Internet: <URL: <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05741.005.01045#11> >).

<sup>304</sup> João António de Bianchi foi, entre 26 de setembro de 1923 e 24 de abril de 1924, Encarregado de Negócios Interino na Legação de Portugal em Londres (Cf. <https://portaldiplomatico.mne.gov.pt/relacoesbilaterais/paises-geral/titulares/reino-unido-titulares> [consult. 28-09-2023]). Após a saída de Teixeira Gomes é J. A. Bianchi quem assegura a legação londrina.

O primeiro deu-se a 18 de outubro nas galerias da Foster, no número 54 de Pall Mall, onde arrecada £120.2.6<sup>305</sup> (*Vide doc. 14 Anexo III*) com a venda dos lotes 209 a 251 e 310 a 333 os quais o catálogo mencionava serem «Propriedade de um Cavalheiro que partiu para o estrangeiro». Num primeiro conjunto de lotes (209 a 234) designado por *Old China* incluíam-se, essencialmente, peças de origem chinesa e japonesa. Um segundo grupo (235 a 251) intitulado *Miscelâneas* para além dessas latitudes, encontrámos lotes com peças de proveniência francesa, italiana, holandesa, persa e indiana. O último conjunto (lotes 310 a 333) era composto por mobiliário de proveniência diversa, nomeadamente norueguesa, inglesa, francesa e chinesa, bem como tapeçaria, principalmente, indiana.

A análise do catálogo remetido a João António de Bianchi pela Foster «assinalando a propriedade vendida» (tradução nossa) (*Vd. doc. 14 Anexo III*) de Manuel Teixeira Gomes no leilão, permite-nos saber que o lote 225 foi o mais valioso do primeiro conjunto – *Old China* –, licitado por £5.10.0, correspondendo a um serviço de chá *Staffordshire*<sup>306</sup> antigo de 58 peças, decorado com flores e painéis púrpura e dourados.

Um relógio francês em bronze dourado (*ormolu*), decorado com crianças numa carruagem puxada por cabras sobre base oblonga, com 20 polegadas de largura por 15 de altura (lote 242), vendido por 8 libras, atingiu o valor mais elevado do grupo *Miscelâneas*.

O lote 328, vendido por £10.10.0, foi a peça de mobiliário decorativo mais cotada. Trata-se de um armário inglês, datado como antigo, com decorações chinesas e lacado de vermelho e dourado.

Os lotes mais comedidos não atingiram o valor de uma libra esterlina. No primeiro grupo (*Old China*) o lote 228 (um par de vasos de cerâmica japonesa, decorado com painéis de guerreiros em baixo-relevo e um jarro de cerâmica de cor castanha com nervuras) foi vendido por 3 shillings. Os lotes 238, 243, 244 e 248 (*Miscelâneas*) foram licitados por 4 shillings, cada um, correspondendo, respetivamente, a um suporte oval em

---

<sup>305</sup> Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 7, pasta *Correspondência Particular de Puttick and Simpson (Londres, 1923, Outubro - Novembro) + Cartas de M. Foster e J. A. Bianchi. Catálogos - Antiguidades*, doc. *Sem Título*. Em particular a carta de Messrs. Foster, de 19 de outubro de 1923, para J. A. de Bianchi, o Catálogo da Foster de 18 de outubro de 1923 e o recibo passado pela Foster em nome de J. A. Bianchi, de 18 de outubro de 1923, com o resultado da venda em leilão.

<sup>306</sup> Este serviço de chá não sendo de origem oriental, mas sim britânico, encontra-se no conjunto *Old China*.

*ormolu*, estilo Império, decorado com figuras femininas esculpidas e uma chávena em vidro azul e, ainda, duas outras peças (lote 238); o lote 243, também formado por vários objetos, continha um suporte em laca vermelha japonesa, uma bandeja quadrada em laca preta e dourada, dois tinteiros (um em ónix e outro prateado); a figura de homem reclinado, esculpida em madeira japonesa, corresponde ao lote 244; por fim o último lote (248) era constituído por peças de que faziam parte um vaso e tampa de latão persa decorado com figuras equestres em medalhões, uma caixa e tampa de aço e uma cabeça de homem indiano em bronze.

Do último conjunto (mobiliário) a peça que atingiu o menor valor de licitação foi o lote 311, vendido por 9 shillings, que consistia numa prateleira suspensa norueguesa decorada com cesto de flores, dragões, cabeças e pergaminhos.

No dia seguinte, a 19 de outubro, a Puttick and Simpson promove um leilão dedicado, exclusivamente, a peças da coleção de Teixeira Gomes<sup>307</sup>, o qual é anunciado, a 16 de outubro de 1923, pelo periódico *Daily Telegraph* que refere que na próxima sexta-feira serão leiloados «móveis ingleses e europeus e [...] antigas porcelanas chinesas pertencentes ao Presidente Teixeira-Gomes», acrescentando que a «porcelana inclui exemplares dos vários tipos de peças coloridas e esmaltadas dos períodos K'ang-hsi e Ch'ien-lung<sup>308</sup>.» (tradução nossa)<sup>309</sup> (Vd. doc. 8 Anexo III). Neste leilão Teixeira Gomes colocou à venda 191 lotes catalogados em objetos de arte (lotes 1 a 29), cerâmicas (lotes 30 a 35A), porcelana chinesa (lotes 36 a 100), mobiliário decorativo (lotes 101 a 131), tapetes chineses do período Qianlong (lotes 132 a 138), tapetes orientais (lotes 139 a 162) e mobiliário (lotes 163 a 191).

---

<sup>307</sup> Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 7, pasta *Correspondência Particular de Puttick and Simpson (Londres, 1923, Outubro - Novembro) + Cartas de M. Foster e J. A. Bianchi. Catálogos - Antiguidades*, doc. *Sem Título*. Catálogo da Puttick and Simpson de 19 de outubro de 1923.

<sup>308</sup> Referência aos períodos dos reinados dos imperadores Kangxi (1662-1722) e Qianlong (1736-1795), grandes protetores das artes, da dinastia Qing (1644-1911), em que, segundo Maria Antónia Pinto de Matos, a porcelana chinesa atinge o auge da perfeição (Cf. MATOS, Maria Antónia Pinto de, coord. – *Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves: Roteiro*. 1ª Edição. Lisboa: Ministério da Cultura, 2002, p. 56).

<sup>309</sup> Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 7, pasta *Correspondência Particular de Puttick and Simpson (Londres, 1923, Outubro - Novembro) + Cartas de M. Foster e J. A. Bianchi. Catálogos - Antiguidades*, doc. *Sem Título*. Recorte do jornal *Daily Telegraph* de 16 de outubro de 1923.

Dos objetos de arte faziam parte dez bustos, entre os quais um de origem francesa (datado como antigo) da deusa Diana em mármore branco, sob pedestal circular, com 22,5 polegadas de altura (lote 14).

Dos sete lotes de cerâmica encontra-se um prato circular em majólica de Florença, canelado e pintado com temática mitológica (Apolo, Pan e Midas), de 12 polegadas de diâmetro (lote 33).

Ao nível da porcelana chinesa, a qual se evidencia pela maior quantidade de lotes, deparámo-nos nos lotes 37 e 38 com sete pares de pequenos *koros*, em *blanc de chine*.

Dos trinta lotes de mobiliário decorativo faziam parte um par de pedestais de mármore italiano, com colunas torcidas e capitéis coríntios, com 65 polegadas de altura (lote 101).

De entre os tapetes chineses do período Qianlong, o lote 138 correspondia a um tapete desenhado com vários painéis e medalhões em fundo vermelho-púrpura, com a borda decorada com cabeças e padrão-chave (medidas: 11 pés por 6 pés).

Os tapetes orientais (lotes 139 a 162), mais numerosos do que os anteriores, incluíam três lotes (141, 145 e 146) de tapetes *Bokhara*<sup>310</sup>. O primeiro de pequenas dimensões (5 pés por 3 pés) possuía a típica decoração padronizada sob um fundo vermelho.

Nos vinte e oito lotes de mobiliário (163 a 191) ressaltava a diversidade, onde se podia encontrar desde um baú de madeira de cipreste (lote 191), entalhado com a águia bicéfala das armas do Imperador Carlos I de Espanha e V do Sacro Império Romano-Germânico (1500 – 1558); um pequeno armário, em noqueira da Flandres, com as frentes das gavetas de vidro pintadas (lote 186) a um cofre em carvalho francês com a frente esculpida com formas em arcadas (lote 171).

Apesar do valor arrecadado totalizar £466.4.0<sup>311</sup>, o leilão, segundo a Puttick and Simpson, não foi um sucesso, havendo lotes «para os quais não houve licitação»<sup>312</sup>

---

<sup>310</sup> Bokhara, designação dos reputados tapetes turcomanos produzidos originalmente na região com o mesmo nome no atual Usbequistão (Cf. <https://www.bazarturcomano.pt/produto/tapete-bokhara-afeganistao/> [consult. 03-10-2023]).

<sup>311</sup> No catálogo deste leilão não se encontram registados os valores por lote.

<sup>312</sup> Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 7, pasta *Correspondência Particular de Puttick and Simpson (Londres, 1923, Outubro - Novembro) + Cartas de M. Foster e J. A. Bianchi. Catálogos - Antiguidades*, doc. *Sem Título*. Carta da Puttick and Simpson de 20 de outubro de 1923.

(tradução nossa) (*Vide* doc. 9 Anexo III) pelo que sugerem que estes sejam remetidos para a Phillips, Son & Neale onde se espera possam interessar aos seus compradores.

Esta, a Phillips, Son & Neale, a 13 de novembro, coloca em leilão 16 lotes de Teixeira Gomes<sup>313</sup>, entre os quais se encontram escultura, mobiliário e faiança de origem oriental e europeia. A venda totaliza a quantia de £30.19.0, conforme se constata pela análise do catálogo anotado com o registo das vendas propriedade de Manuel Teixeira Gomes. Os lotes 113 e 114 foram aqueles que atingiram as licitações mais elevadas, ambos por 4 libras. O primeiro refere-se a um par de bustos de imperadores romanos com 22 polegadas de altura cada e o lote 114 a uma placa italiana, do século XVI, esculpida com o tema da Ressurreição e com o fundo pintado com uma Anunciação. Pelo contrário o lote 112 (busto de um jovem em mármore branco italiano com 21,5 polegadas, sobre base circular) foi vendido pela quantia mais baixa, 6 shillings.

Será a Puttick and Simpson a incumbida de leiloar, no dia 7 de dezembro, umas das obras maiores da coleção de Teixeira Gomes, o grupo escultórico em bronze *A Guerra* de Antoine-Louis Barye a qual foi adquirida pela galeria nova iorquina Clarke's Art Galleries.

Na carta de 04 de outubro de 1923<sup>314</sup> a leiloeira propõe J. A. de Bianchi – o qual após consultar Manuel Teixeira Gomes anuiu à proposta – (*Vide* doc. 10 Anexo III)<sup>315</sup> que a obra seja integrada numa importante venda onde serão arrematados «tapeçarias e mobiliário francês antigo» (tradução nossa) (*Vide* doc. 7 Anexo III), com um catálogo, onde figurará uma reprodução da obra (*Vd.* doc. 9 Anexo III<sup>316</sup>), que atravessará o Atlântico para cativar colecionadores, de arte francesa, norte-americanos. No mesmo escrito a casa Puttick and Simpson considerava que a peça tinha boas hipóteses de ser

---

<sup>313</sup> Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 7, pasta *Correspondência Particular de Puttick and Simpson (Londres, 1923, Outubro - Novembro) + Cartas de M. Foster e J. A. Bianchi. Catálogos - Antiguidades*, doc. *Sem Título*. Catálogo da Phillips, Son & Neale de 13 de novembro de 1923.

<sup>314</sup> Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 7, pasta *Correspondência Particular de Puttick and Simpson (Londres, 1923, Outubro - Novembro) + Cartas de M. Foster e J. A. Bianchi. Catálogos - Antiguidades*, doc. *Sem Título*. Carta da Puttick and Simpson de 04 de outubro de 1923.

<sup>315</sup> Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 7, pasta *Correspondência Particular de Puttick and Simpson (Londres, 1923, Outubro - Novembro) + Cartas de M. Foster e J. A. Bianchi. Catálogos - Antiguidades*, doc. *Sem Título*. Carta de J. A. de Bianchi de 22 de outubro de 1923.

<sup>316</sup> Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 7, pasta *Correspondência Particular de Puttick and Simpson (Londres, 1923, Outubro - Novembro) + Cartas de M. Foster e J. A. Bianchi. Catálogos - Antiguidades*, doc. *Sem Título*. Carta da Puttick and Simpson de 20 de outubro de 1923.

arrematada por um valor a rondar as £500 (ou mais). A mesma Puttick & Simpson, a 12 de novembro de 1923<sup>317</sup>, envia a J. A. de Bianchi o catálogo do leilão agendado para 7 de dezembro, onde a peça figurará com o número de lote 50<sup>318</sup>. No catálogo, segundo Castelo Branco Chaves, constava expressamente neste lote a referência a ser «Propriedade de Sua Excelência o Presidente Teixeira-Gomes» (tradução nossa)<sup>319</sup> removido da residência da Legação Portuguesa em Londres. Ainda com base na mesma fonte, o grupo escultórico era descrito, no catálogo, como sendo uma relevante obra em bronze do artista francês (semelhante a outro grupo em mármore existente no Museu do Louvre), de grandes dimensões (38,5 polegadas de altura) assente num pedestal octogonal em mármore com 30 polegadas de altura, onde figurava uma personagem masculina coroada de louros pousada num cavalo, tendo como arauto um menino de pé tocando trombeta (tradução nossa).

A Clarke's Art Galleries, a 9 de fevereiro de 1924, remete uma carta para o então Presidente da República de Portugal, Manuel Teixeira Gomes, (Vd. doc. 12 Anexo III)<sup>320</sup>, onde o apelida de grande amante da arte e colecionador e informa que pretende expor, o mais brevemente possível, a obra ao seu público. Por outro lado, procura saber mais informações sobre a peça que adquiriu, especialmente a confirmação de Teixeira Gomes<sup>321</sup> como seu antigo proprietário e se a mesma pertenceu à «coleção original formada por Bardedienne<sup>322</sup>» (tradução nossa).

Da análise aos lotes colocados à venda, nos quatro leilões, por Teixeira Gomes sobressai a inexistência de pinturas, as quais, provavelmente, terão sido transferidas para Portugal, com o restante das suas coleções de arte, e colocadas na casa da Gibalta, a qual

---

<sup>317</sup> Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 7, pasta *Correspondência Particular de Puttick and Simpson (Londres, 1923, Outubro - Novembro) + Cartas de M. Foster e J. A. Bianchi. Catálogos - Antiguidades*, doc. *Sem Título*. Carta da Puttick & Simpson de 12 de novembro de 1923.

<sup>318</sup> Não encontramos o catálogo do leilão onde foi vendido a obra *A Guerra*, nem mesmo o recibo da venda.

<sup>319</sup> Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 23 *Coleções de Arte de Teixeira Gomes*, doc. *Coleções de Teix<sup>a</sup> Gomes*, s.d..

<sup>320</sup> Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 7, pasta *Correspondência Particular de Puttick and Simpson (Londres, 1923, Outubro - Novembro) + Cartas de M. Foster e J. A. Bianchi. Catálogos - Antiguidades*, doc. *Sem Título*. Carta da Clarke's Art Galleries de 9 de fevereiro de 1924.

<sup>321</sup> Não encontramos resposta de Teixeira Gomes a esta missiva nos arquivos que investigamos.

<sup>322</sup> Julgamos, pelo que anteriormente se disse, que esta referência à "Collection F. Barbedienne" está associada ao autor da fundição da obra desenhada por Antoine-Louis Barye.

após aquisição sofreu obras de remodelação e reparação para o receber depois de findo o mandato presidencial<sup>323</sup>.

As descrições deste palacete (em Caxias), onde Teixeira Gomes residiu por uns breves dias entre 12 e 17 de dezembro de 1925, são fornecidas por quem o visitou, especialmente Urbano Rodrigues que reviu no seu interior «móveis, quadros, pequenas peças ornamentais muito da [...] [sua] simpatia.» (Rodrigues, 1946, p. 286), bem como Viana de Carvalho e Castelo Branco Chaves<sup>324</sup>. Este último conheceu a habitação e o muito que ainda restava das suas coleções após 1925 quando a visitava na companhia de Viana de Carvalho para «examinar qualquer peça de que Teixeira Gomes [lhe] [...] recomendara o conhecimento.»<sup>325</sup>. Desabitada, a mansão, convertera-se, nas suas palavras, num «armazem de excelente mobiliário, uma arrecadação de ricos quadros, um depósito de preciosas colecções de arte oriental e europeia.»<sup>326</sup> com quadros a forrar a totalidade das paredes.

Em *Carta a Viana de Carvalho (Sobre arte chinesa)*, datada de Paris a 6 de julho de 1932, parte integrante da obra *Miscelânea*, Teixeira Gomes aborda a sua imensa coleção de arte oriental, trazida de Londres, que se encontrava “depositada” na Gibalta, particularmente dos frascos de rapé que quando comparava com os exemplares que descobria em antiquários, coleções particulares e museus os considerava «mera reprodução, reduzida ou ampliada, dos modelos que [...] [possuía].» (Gomes, 2022, p. 230). *Bibelots* que em Londres se encontravam, segundo o seu proprietário, expostos nas prateleiras de «três grandes armários» classificados «em porcelana, pedra, vidro, pedras duras, e diversas.» (Gomes, 2022, p. 231), os quais arrebatavam os visitantes pelo seu irresistível encanto.

---

<sup>323</sup> Cf. Rodrigues, 1946, p. 232.

<sup>324</sup> A estes três devemos, ainda, acrescentar o jornalista Castro Soromenho. Este considerava que as coleções de arte de Manuel Teixeira Gomes eram dignas de figurarem nos melhores museus da Europa onde «ocupariam um recanto para artistas de eleição.» (Soromenho, 1941, p. 5).

<sup>325</sup> Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 22 *Apontamentos sobre Teixeira Gomes. Teixeira Gomes e a sua Colecção de Obras de Arte*, doc. *As colecções de obras de arte de M. Teixeira Gomes*, s.d., p. 1.

<sup>326</sup> Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 22 *Apontamentos sobre Teixeira Gomes. Teixeira Gomes e a sua Colecção de Obras de Arte*, doc. *As colecções de obras de arte de M. Teixeira Gomes*, s.d., p. 1.

Viana de Carvalho terá sido dos três o que melhor conheceu o recheio da casa da Gibalta, pois foi ele, na qualidade de mandatário de Teixeira Gomes, que durante o seu exílio ficou encarregue da missão de ofertar a amigos, a museus nacionais e outras instituições públicas, obras das coleções que ali permaneciam, as quais, nas palavras de Norberto Lopes, eram «obras de arte de inestimável valor.»<sup>327</sup>.

Viana de Carvalho, em 11 de outubro de 1933, endereça uma carta a João de Barros onde refere o desejo de Teixeira Gomes presentear o poeta com uma Vénus em bronze da «coleção da Gibalta», a qual irá «em breve busca-lo e pessoalmente entregaria ao meu querido Amigo [João de Barros]» (Azevedo, 2010, p. 186).

O hábito de oferecer *bibelots* e/ou objetos de valor artístico é uma constante em Teixeira Gomes. Em maio de 1905 obsequia o amigo Malheiro Dias com um «alfinete Luís XV» (Gomes, 2022, p. 481). E, durante a sua permanência em Londres para além de presentear amigos como a família Crowe (que referimos no segundo capítulo) e o Conde de Tovar (funcionário da legação londrina, a quem Teixeira Gomes ofereceu, em 10 de dezembro de 1915, o busto em bronze de Étienne Falconet que comprou em 20 de agosto do ano anterior<sup>328</sup>), apoia instituições como a British Red Cross Society através da angariação de fundos de beneficência com a oferta de peças da sua coleção para serem leiloadas, como aconteceu em abril de 1915<sup>329</sup> (e nos inícios de 1916) – decorria a Grande Guerra –, em que a Christie, Manson & Woods coloca à venda um quadro a óleo de Mola; uma gravura de Pieter Stevens van Gunst (1659-1724), representando o retrato de Lord William Villiers pintado por Van Dyck; e uma gravura de Robert Strange (1721-1792), representando o retrato de Henrietta Maria, esposa de Carlos I, e seus filhos, pintado por Van Dyck<sup>330</sup>.

---

<sup>327</sup> LOPES, Norberto – cit. 169, p. 4.

<sup>328</sup> Cf. Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 4 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*, p. 3.

<sup>329</sup> Museu da Presidência da República – *Arquivo Teixeira Gomes*, cota descritiva ATG/CX008/0011, *Carta de Christie, Manson & Woods para Manuel Teixeira Gomes*, 16/04/1915, [consult. 09-10-2023]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.arquivo.museu.presidencia.pt/details?id=127796&detailsType=Description> >.

<sup>330</sup> Fundação Mário Soares – *DTE - Documentos Manuel Teixeira Gomes*, pasta 08084.004, *Sem Título*, 1916, [consult. 09-10-2023]. Disponível na Internet: <URL: <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=08084.004#!3> >.

No entanto, as suas maiores doações foram realizadas a instituições portuguesas as quais tiveram início, ainda, durante o período da sua estada em Belém e intensificam-se durante o seu autoexílio.

Em 1923, já na presidência da República, (Carrilho, 2016, p. 205), doou ao Museu Nacional dos Coches a obra *Retrato de D. Catarina de Bragança*. Num retrato de corpo inteiro, de autor desconhecido, em óleo sobre tela com 163 x 133,5 cm, datado entre 1662-1668, a suposta Infanta de Portugal e Rainha de Inglaterra é representada sentada e de semblante sereno<sup>331</sup>.

Na última fase da sua vida, auxiliado por Viana de Carvalho, distribui grande parte do recheio da casa da Gibalta – que funcionava como “arrecadação” das suas coleções – por museus nacionais e municipais: Museu Nacional de Arte Contemporânea, Museu Nacional de Arte Antiga, Museu Nacional Machado de Castro, Museu Municipal do Porto, Museu Municipal da Cidade de Lisboa e Museu José Malhoa. E, ainda, à Casa da Moeda<sup>332</sup> a quem ofereceu a sua Coleção de Numismática<sup>333</sup> (Rodrigues, 1946, p. 304), com a oferta, nas suas palavras, de «150 medalhas» (Lopes, 1942, p. 237), tendo sido reconhecido pelo ato por António de Oliveira Salazar, através de carta, o que o deixou honrado dizendo, em entrevista a Norberto Lopes: «Sei que lhe atribuíram alguma importância. É isso que me consola.» (Lopes, 1942, p. 238).

As doações ao Museu Nacional de Arte Contemporânea serão objeto da nossa análise no subcapítulo 4.2.

---

<sup>331</sup> Este poderá ser o quadro comprado por Manuel Teixeira Gomes a Philip Moore, por 9 libras, em 16 de agosto de 1915, que o diplomata, como dissemos anteriormente, julgava ser o retrato de D. Catarina de Bragança. Veja-se o que afirmamos a este propósito na nota 273 que figura na página 85 do presente trabalho. Obra com o n.º de inv. *HD 0004* (Cf. <http://matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objetos/ObjetosConsultar.aspx?IdReg=148283> [consult. 10-10-2023]).

<sup>332</sup> No dia 6 de janeiro de 1935 o jornal *O Diabo* dava notícia da oferta recente por Teixeira Gomes de «145 medalhas antigas que vão enriquecer as colecções dêste estabelecimento, já anteriormente beneficiadas por Sua Excelência.» acrescentando que o mesmo dava assim continuidade à sua «generosa atitude de dotar os museus portugueses de colecções valiosas» (Cf. *O DIABO – Outra valiosa oferta do sr. Teixeira Gomes ao País*. In *O Diabo*. N.º 28, ano I (6 de janeiro de 1935), p. 8, Fundação Mário Soares / DLT - Documentos Luís Trindade. Disponível na Internet: <URL: <http://www.casacomum.org/cc/visualizador?pasta=06665.000.50028#!8> >).

<sup>333</sup> O Presidente da República, Manuel Teixeira Gomes, inaugurou oficialmente, a 14 de junho de 1924, o Museu Numismático Português (Cf. <https://www.museucasadamoceda.pt/historia> [consult. 10-10-2023]).

Ao Museu Nacional de Arte Antiga, Teixeira Gomes doou, designadamente, dois óleos. O *Retrato de Philipp Melanchton*, de Lucas Cranach, o Jovem (1515-1586). Obra, em suporte de madeira, datada do terceiro quartel do séc. XVI, com 33 x 26 cm<sup>334</sup>. E, um óleo sobre tela, com 87 x 72,5 cm, do séc. XVII, escola espanhola (bem patente no seu carácter tenebrista), representando São Francisco de Assis<sup>335</sup>.

Quanto ao Museu Nacional Machado de Castro doou, entre setembro de 1937 e janeiro 1941, uma importante coleção de arte oriental, constituída, aproximadamente, por mil objetos provenientes da China e do Japão, «dos quais seiscentos e trinta e um, são frascos de rapé.» (Ribeiro, 2005, p. 2) e os restantes *tsubas*, *inros* e *netzukes* os quais segundo carta, datada de Coimbra de 8 de janeiro de 1941, remetida pelo diretor do museu, Vergílio Correia<sup>336</sup>, a Viana de Carvalho se encontravam em bom estado de conservação e permitiam à instituição projetar uma sala com as doações de Teixeira Gomes junto do espaço dedicado à Coleção de Camilo Pessanha<sup>337</sup> (Ribeiro, 2005, p. 44). Ideia que se coadunava com o propósito de Teixeira Gomes em valorizar «com a sua doação, o conjunto de arte oriental existente no Museu.» (Ribeiro, 2005, p. 2).

A coleção de frascos de rapé, de variados tipos e materiais – pedras duras, porcelana, vidro, entre outros materiais – (Gomes, 2022, p. 231), doada por Manuel Teixeira Gomes ao MNMC foi exaustivamente estudada por José Ribeiro<sup>338</sup> que os considerou a «quase todos de excelente qualidade, [...] podendo considerar-se, no contexto europeu, umas das mais representativas no que toca a frascos de rapé» (Ribeiro, 2005, p. 45).

---

<sup>334</sup> Obra com o número de inventário 1737 *Pint* (Cf.

<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=251043&EntSep=3#gotoPosition> [consult. 10-10-2023]).

<sup>335</sup> Obra com o n.º de inventário *MNAA1912*, atualmente no Paço dos Duques de Bragança (Cf.

<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=985126> [consult. 10-10-2023]).

<sup>336</sup> Vergílio Correia (1888-1944), foi aluno e professor da Universidade de Coimbra. Para além de arqueólogo e jornalista foi, ainda, diretor do MNMC entre 1929 e 1944 (Cf.

<https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4343874> [consult. 11-10-2023]).

<sup>337</sup> A coleção de objetos orientais doados por Teixeira Gomes (e pelo poeta Camilo Pessanha, que aludimos de forma breve no primeiro capítulo do nosso trabalho) ao Museu Nacional Machado de Castro, encontram-se atualmente, em parte, patentes na exposição permanente *Presença Portuguesa na Ásia* do Museu do Oriente, em Lisboa (Cf. <https://www.foriente.pt/detalhe.php?id=26F4A205-A55B-473F-A6D7-0FC959095D3D&area=exposicoes> [consult. 10-10-2023]).

<sup>338</sup> Cf. RIBEIRO, José Diogo Henriques Sêco - *Subsídios para o estudo do património artístico de Coimbra [texto policopiado]: a colecção de frascos de rapé de Manuel Teixeira Gomes*. Coimbra: [s.n.], 2005.

O Museu Municipal do Porto foi “bafejado”, durante o exílio de Manuel Teixeira Gomes, com dois retratos<sup>339</sup>, um do doador no auge da sua vivacidade de boémia literária, com cerca de 22 anos, pintado pelo amigo Marques de Oliveira, com 45,8 x 37,7 cm, e o retrato a três quartos da 3ª Viscondessa de Meneses, pintado pelo seu pai – o Visconde de Menezes (1817-1878) –, por volta de 1878, com 132,5 x 92 cm, os quais Teixeira Gomes, aquando da oferta, solicitou à instituição que ficassem «a olhar um para o outro» (Lopes, 1942, p. 238-239) (*Vide* fig. 3.6 Anexo II).

Em relação ao Museu Municipal da Cidade de Lisboa, Manuel Teixeira Gomes, na entrevista a Norberto Lopes, menciona que a partir de Bougie deu-se ao trabalho «de fazer uma “sala de repouso” no Museu das Galveias, com coisas que tinha na Gibalta.» (Lopes, 1942, p. 236), revelando-se desagradado com o facto destas suas ofertas não estarem em exposição. Em resposta à entrevista publicada no *Diário de Lisboa* do dia 2 em fevereiro de 1939, Jaime Lopes Dias (Diretor dos Serviços Centrais da Câmara Municipal de Lisboa), afirma em carta endereçada, a 3 de fevereiro de 1939, ao mesmo jornal, que os «objectos oferecidos por Sua Excelência constituem o recheio da Sala Teixeira Gomes, situada no andar nobre do Palácio Galveias» (*In* Lopes, 1942, p. 238) e patentes ao público. Na mesma carta Jaime Lopes Dias faz-nos a descrição destas doações<sup>340</sup>, concretizadas entre 1933 e 1935, declarando:

«as seguintes ofertas ao Museu Municipal instalado no Palácio Galveias: 1 quadro a óleo da Torre de Belém; 1 quadro a óleo representando o cruzador inglês “Carysford”, [...]; 1 quadro a óleo, de Luciano Freire; 1 quadro “Marinha Algarvia”, de Falcão Trigo; 1 água-forte, de Sousa Lopes; 1 preguiceira D. João V; 1 banco de pau preto, com torcidos, composto por 126 peças; 1 baú antigo, de couro lavrado; 1 cómoda; 1 canapé de assentos de dobradiças; 4 cadeiras de dobradiças; 1 espelho; 1 relógio de pau preto; 2 imagens de bronze; 1 mesa de ébano, tampo assente em quatro dragões alados; 1 figura chinesa da época Ming.».

(*In* Lopes, 1942, p. 237-238)

---

<sup>339</sup> Com a extinção do Museu Municipal do Porto estas duas obras foram integradas, pela Câmara Municipal do Porto, em regime de depósito, no Museu Nacional Soares dos Reis, onde ainda se encontram. A primeira com o n.º de inventário 119 *Pin CMP/ MNSR* e a segunda com o n.º de inventário 124 *Pin CMP/ MNSR* (Cf. <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=305287> e <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=304770&EntSep=5#fotoPosition> [consult. 10-10-2023]).

<sup>340</sup> O legado de Teixeira Gomes ao Museu Municipal da Cidade de Lisboa encontra-se, entre 06 de outubro de 2023 e 28 de abril de 2024, patente ao público no Museu Lisboa – Palácio Pimenta na exposição *Longe da Vista* (Cf. <https://www.museudelisboa.pt/pt/acontece/longe-da-vista> [consult. 10-10-2023]).

No ano da inauguração do Museu José Malhoa, em 1934, Manuel Teixeira Gomes oferece à instituição, um mármore da Antiguidade Clássica, com 36 cm de altura, representando o torso de um nu feminino. E, em data que desconhecemos, um óleo sobre estuque com duas faces representando num dos lados a Virgem Maria e no lado oposto um busto de mulher. Obra, executada em Portugal, por autor desconhecido do séc. XVIII, com 52 x 40 cm<sup>341</sup>.

Na opinião de José Gameiro: «Estas doações [...], revelam-nos um Teixeira Gomes generoso, algo dividido entre o seu assumido e radical afastamento de Portugal e o íntimo desejo de uma presença imaterial no País» (Gameiro; Lapa; Afonso, 2009, p. 8), isto é, um homem que deseja ser recordado por um legado onde está patente a sua sensibilidade estética, artística e cultural.

---

<sup>341</sup> Obras, respetivamente, com o n.º de inventário *Esc 2* (Cf. <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=42434> [consult. 10-10-2023]) e *MJM 1979 [DEPÓSITO]* (esta última encontra-se, atualmente, no Palácio Nacional de Mafra) (Cf. <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=992561> [consult. 10-10-2023]).

*A imensa e incomparável satisfação de compreender e de sentir uma grande obra de arte — Sinfonia, poema, estátua ou quadro — complica-se da mais estranha sensação de orgulho, como se dessa compreensão nos viesse uma força nova e uma nova riqueza intangível, ao abrigo das contingências sociais, a posse de um tesouro cujo valor real depende unicamente da faculdade de lhe apreciar as maravilhas; um tesouro que pode ser franqueado ao público, que não pede portas de ferro nem fechaduras de segrêdo para guardar.*

GOMES, Manuel Teixeira – *Londres Maravilhosa e outras páginas dispersas*. 1ª Edição. Lisboa: Seara Nova, 1942, p. 97

## **CAPÍTULO 4 – A COLEÇÃO MANUEL TEIXEIRA GOMES DO MUSEU DE PORTIMÃO**

### **4.1 A Coleção Manuel Teixeira Gomes do Museu de Portimão**

Apesar da venda de parte da sua vasta coleção de arte, objetos decorativos e mobília nos leilões londrinos, das diversas ofertas a amigos e instituições e das inúmeras doações a museus nacionais o que restou deste acervo, pelo menos em parte, aportou à terra natal do portimonense. Fundamentamos esta asserção em dois testemunhos.

O primeiro é-nos legado pelo jornalista Castro Soromenho que, no seu artigo do dia 30 de outubro de 1941 (doze dias após o falecimento de Teixeira Gomes) publicado no semanário *Vida Mundial Ilustrada: Semanário Gráfico de Actualidades*<sup>342</sup>, afirma:

«Num ambiente de arte, onde os quadros de Columbano ocupam o primeiro lugar, fomos encontrar Viana de Carvalho a encaixotar as preciosidades artísticas de Manuel Teixeira Gomes, restos do recheio da sua casa da Gibalta, em Caxias, a-fim-de seguirem para o Algarve.»

(Soromenho, 1941, p. 5)

Urbano Rodrigues de visita à cidade Portimão<sup>343</sup>, em maio de 1944, elucida-nos, ainda, que: «Em duas casas acolhedoras, onde fui encontrar muitos dos seus móveis e dos

---

<sup>342</sup> SOROMENHO, Castro – Teixeira Gomes. Aspectos inéditos da vida do artista, diplomata e homem de Estado. In *Vida Mundial Ilustrada: Semanário Gráfico de Actualidades*. Lisboa: J.P. Martins, 1941-[1946]. Ano 1, Nº 24, (30 de outubro de 1941), p. 5 e 8.

<sup>343</sup> Urbano Rodrigues (1946, p. 307) revela, ainda, que Teixeira Gomes doou milhares de livros à autarquia onde nasceu, os quais em maio de 1944 se encontravam na biblioteca camarária «limpos e catalogados».

seus quadros, alguns dos seus *bibelots* mais queridos – e, sem dúvida, uma doce e feliz sobrevivência do seu espírito –» (Rodrigues, 1946, p. 307-308).

Entre dezembro de 1999 e janeiro de 2007 o Museu de Portimão adquiriu em leilões, realizados pelas casas *Dinastia – Antiquários, Leiloeiros e Galeria de Arte, Lda.* e *Cabral Moncada Leilões*, ambas com estabelecimento em Lisboa, um conjunto de obras de arte e objetos que pertenceram a Teixeira Gomes (e alguns à sua coleção de Londres), os quais foram colocadas à venda, através das leiloeiras, por descendente(s) de Manuel Teixeira Gomes<sup>344</sup>.

Pelo cruzamento destas informações admitimos que as peças compradas pelo Museu de Portimão nestes leilões saíram, pelo menos em parte, daquilo que restou das coleções da casa da Gibalta e rumou a Portimão.

O Museu de Portimão instalado, desde maio de 2008, no edifício da antiga fábrica de conservas de peixe *Feu Hermanos*, na zona ribeirinha de Portimão, é um espaço tutelado pela edilidade (Soares, 2012, p. 35). No seu interior encontra-se a exposição de referência *Portimão - Território e Identidade*, onde se procura apresentar através de uma visão diacrónica a história socioeconómica e cultural das populações e personalidades que marcaram o seu território e identidade.

O penúltimo Presidente da Primeira República, filho da terra, é evocado através da existência do núcleo *Manuel Teixeira Gomes – viajante, político e escritor* (Vide fig. 4.1 Anexo II), o qual existe desde 17 de maio de 2008<sup>345</sup>. O percurso expositivo, apesar de sucinto, apresenta-se coeso, desvendando algumas das mais importantes facetas do homem que ficava encantado com sinfonias de compositores como Schubert ou Franz Liszt, com uma escultura da Antiguidade Clássica ou de Bernini, um retrato de Columbano ou uma marinha de Turner, um monumento ou um museu, ou uma simples paisagem<sup>346</sup>.

O circuito inicia com duas obras anunciadores do seu grave apreço, desde os tempos da juventude, pela cultura greco-romana. A primeira, o óleo sobre cobre *Vista de*

---

<sup>344</sup> Informação gentilmente cedida pelo Dr. Pedro Branco, investigador adstrito ao Espólio de Manuel Teixeira Gomes, do Museu de Portimão.

<sup>345</sup> Cf. Anexo V - *Entrevista à Dr.ª Isabel Soares*.

<sup>346</sup> Em *Carta a João de Barros (Com alguns dados autobiográficos)*, Tunes, 20 de abril de 1927, escreve ao amigo dizendo a determinado momento: «os museus, as igrejas, os monumentos abrem-se-me como outras tantas portas para o paraíso; [...] olho [...] para a paisagem com a encantada curiosidade de um ressuscitado» (Gomes, 2022, p. 212).

*Porto de Mar com ruínas* (Vide fig. 4.2 Anexo II), séc. XVIII de escola italiana, o qual nos remete para o seu desejo permanente de proximidade com o mar<sup>347</sup> e a sua profunda admiração pela Antiguidade Clássica, nas ruínas de um edifício de gramática clássica<sup>348</sup>, mas também para os trechos de paisagens idealizadas por Claude Lorrain (1600-1682) a quem diversas vezes recorria para imaginar o idílico, conforme referimos no subcapítulo 3.1<sup>349</sup>. Ao lado desta tela deparamos com o *Busto de Romano* (Vide fig. 4.3 Anexo II), obra que nos remete para o ano de 1920, junto da sua lareira na Legação de Londres (onde ela se encontrava, em local de destaque, conforme podemos verificar na fig. 2.1 Anexo II). Revelador do gosto refinado de Teixeira Gomes este busto em bronze, tecnicamente perfeito, assente numa base em mármore, de um jovem em pose de lado a três quartos de tratamento cuidado e feições serenas.

De seguida entramos no campo da sua vida enquanto diplomata e Chefe de Estado, com uma peça de elevado requinte que lhe foi oferecida pela Câmara Portuguesa de Comércio e Indústria de Londres<sup>350</sup> aquando da sua eleição, em 1923, para o cargo de Presidente da República. Trata-se de um tinteiro em prata (Vide fig. 4.4 Anexo II), em estilo neoclássico, inglês do século XIX, com dois reservatórios para tinta separados por uma caixa retangular onde se destaca uma lamparina. O discurso continua com uma alusão aos altos serviços prestados à Nação, através da digníssima *Condecoração da Ordem da Torre e Espada* (Vide fig. 4.5 Anexo II) formada pelo colar, laço da banda e placa. Esta condecoração honorífica está ladeada pela espada com bainha (Vide fig. 4.6 Anexo II) que usou na cerimónia de investidura como Presidente da República, em 05 de outubro de 1923. Peça «constituída por lâmina trabalhada e gravada [com a inscrição]

---

<sup>347</sup> Manuel Teixeira Gomes, em *Cartas a Columbano* (1932), diz «o desejo de me aproximar do mar, cuja vista me é imprescindível, a períodos certos, mas sobretudo no Outono.» (Gomes, 1989, p. 58).

<sup>348</sup> Esta obra tem algumas semelhanças com a comprada por Teixeira Gomes no leilão da Robinson, Fisher & Co., realizado em Willis's Rooms, a 21 de janeiro de 1915, que aludimos no capítulo anterior. Ambas têm como suporte o cobre, as duas são do século XVIII e têm por paisagem uma baía. E, o óleo *Vista de Porto de Mar com ruínas* parece-nos, também, inspirado em obras do pintor francês Claude Lorrain.

<sup>349</sup> GOMES, Manuel Teixeira – cit. 193, p. 281-283.

<sup>350</sup> Conforme podemos ver na inscrição gravada na frente do tinteiro.

"Fábrica de Toledo", punho em madeira com aplicações em latão com guarda em copo para protecção da mão e bainha que protege a espada.»<sup>351</sup>.

O itinerário prossegue fazendo-se a ponte e associação entre a vida do político e o amante das artes<sup>352</sup>, através do óleo sobre tela *Retrato de Manuel Teixeira Gomes*<sup>353</sup>, de Columbano Bordalo Pinheiro (*Vide fig. 4.7 Anexo II*), executado no ano em que assume funções na Legação de Londres, com o retratado sentado de mãos cruzadas e semblante tranquilo, com um busto neoclássico ao fundo à direita a dar profundidade à cena onde sobressaem tonalidades mais sombrias e a mancha de cor. Obra que manifesta, ainda, o seu grande apreço pela arte do retrato, em especial, quando "saído das mãos" do mestre português que encarava como um «companheiro espiritual» (Gomes, 1989, p. 20) das emoções artísticas com quem tinha duelos<sup>354</sup> sobre escolas e valores artísticos, «cada um defendendo o seu gosto e o seu ponto de vista.» (Rodrigues, 1946, p. 248).

Segue-se um conjunto de três peças de mobiliário que nos remete para as suas leituras e intensa produção literária: um armário livreiro (*Vide fig. 4.8 Anexo II*)<sup>355</sup>, de oficina inglesa do séc. XIX/XX, estilo George III, em madeira de mogno com duas portas envidraçadas; uma papelreira (*Vide fig. 4.9 Anexo II*), estilo D. José / D. Maria I, peça de feitura portuguesa do séc. XIX/XX, em pau santo e folha de pau santo com entalhamentos, interior em mogno com gavetas, em que: «A parte superior apresenta o tampo com fechadura ao centro, uma vez aberto apresenta um interior com cinco gavetas pequenas e seis compartimentos abertos e um fechado.»<sup>356</sup>. A parte inferior é formada por três grandes gavetas com puxadores laterais e fechadura ao centro em

---

<sup>351</sup> MUSEU DE PORTIMÃO - CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E ARQUIVO HISTÓRICO – *Inventário da Coleção Manuel Teixeira Gomes*. Portimão: Museu de Portimão - Centro de Documentação e Arquivo Histórico, s.d.. *Vide* Quadro 4.1 Anexo IV, objeto com o n.º de inventário: A338.

<sup>352</sup> E que trazem à memória as fortes amizades que edificou.

<sup>353</sup> Esta obra pertence ao Museu Nacional de Arte Contemporânea e encontra-se, atualmente, em depósito no Museu de Portimão, por protocolo realizado entre as duas entidades, o qual abordaremos no subcapítulo 4.2.

<sup>354</sup> Segundo Urbano Rodrigues (1946, p. 247), ambos gostavam da companhia um do outro como «dois velhos gatos».

<sup>355</sup> Este armário livreiro é semelhante ao que se encontrava na sua Sala de Trabalho na Legação de Londres, conforme é possível verificar através da comparação da fig. 3.5 (ver canto inferior direito) com a fig. 4.8 do Anexo II.

<sup>356</sup> MUSEU DE PORTIMÃO - CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E ARQUIVO HISTÓRICO – *Inventário da Coleção Manuel Teixeira Gomes*. Portimão: Museu de Portimão - Centro de Documentação e Arquivo Histórico, s.d.. *Vide* Quadro 4.1 Anexo IV, objeto com o n.º de inventário: D968.

bronze dourado; por fim uma cadeira de secretária (*Vide* fig. 4.10 Anexo II), de fabrico holandês do séc. XIX, em madeira de mogno com embutidos de motivos florais e assento estofado em seda adamascada.

A encimar o mobiliário encontram-se duas vitrinas, uma com cinco peças de pequenas dimensões: uma caixa em marfim, do século XIX de produção chinesa, trabalhada em rendilhado com motivos florais e paisagens orientais (*Vd.* fig. 4.11 Anexo II); um par de frisos em bronze, de fabrico europeu do século XIX, com relevos decorativos alusivos a uma festa em honra de Baco (*Vd.* fig. 4.12 Anexo II); duas pequenas esculturas de Buda, uma em turquesa e uma em ametista do século XIX, fabricadas na China (*Vd.* figs. 4.13 e 4.14 Anexo II) e uma escultura de pequenas dimensões de um homem com turbante a ler um papiro, em bronze dourado, do século XIX, produzida na Europa (*Vd.* fig. 4.15 Anexo II).

A segunda vitrina encerra uma belíssima *Espada japonesa Tachi com bainha* (*Vd.* fig. 4.16 Anexo II), com punho e bainha em marfim, integralmente esculpidos com motivos orientais, a qual julgamos ter sido adquirida (ou apresentar sérias semelhanças) por Teixeira Gomes, no dia 2 de março de 1915, no leilão da Phillips, Son & Neale, por £10.10.0, que o mesmo descreve como uma espada japonesa grande de marfim com infinitas figuras em relevo.

Os objetos destas duas vitrinas, denunciadores do colecionador multifacetado, aludem à sua matriz clássica, mas também à sua sedução pela cultura muçulmana e fascínio pelas culturas orientais, em especial a chinesa e a japonesa.

O percurso da exposição é completado por um friso cronológico que unifica o discurso, existindo, ainda, um módulo interativo «onde o visitante poderá explorar e aprofundar o seu conhecimento relativamente ao Manuel Teixeira Gomes.»<sup>357</sup>.

O pequeno núcleo *Manuel Teixeira Gomes – viajante, político e escritor* apresenta-nos, para além destas três facetas, o colecionador cosmopolita, culto e multifacetado. De notar que as peças expostas datam do séc. XVIII aos inícios do séc. XX, com predominância para a centúria de oitocentos.

---

<sup>357</sup> Cf. Anexo V - *Entrevista à Dr.ª Isabel Soares.*

Para além dos objetos e obras de arte em exposição, a *Coleção Manuel Teixeira Gomes* do Museu de Portimão conta, ainda, com noventa e duas peças em reserva<sup>358</sup> (*Vide* Quadro 4.1 Anexo IV), perfazendo um total de cento e seis.

Estas peças, em exposição e em reserva, foram incorporadas no Museu de Portimão através da sua aquisição em leilão, em duas fases distintas.

Primeiro a 15 dezembro de 1999 num leilão da casa Dinastia – Antiquários, Leiloeiros e Galeria de Arte Lda. onde são adquiridas três condecorações (*Condecoração Inglesa – Ordem do Império Britânico, Condecoração da Banda das Três Ordens e Condecoração da Grã-Cruz da Ordem de Santiago da Espada*), as duas espadas (espada da Fábrica de Toledo e a *Espada Japonesa (Tachi)*), que se encontram em exposição, e o serviço de copos com o número de inventário A340 (*Vide* Quadro 4.1 Anexo IV). À mesma leiloeira, em março de 2000<sup>359</sup>, foi comprada a *Condecoração da Ordem da Torre e Espada*.

Num segundo momento, entre maio de 2006 e janeiro de 2007, em leilões da *Cabral Moncada Leilões* dedicados a pintura, antiguidades, obras de arte, pratas e joias, realizados concretamente entre 22 e 25 de maio de 2006 (leilão n.º 81), 16 a 19 de outubro de 2006 (leilão n.º 82), 20 a 23 novembro de 2006 (leilão n.º 84) e, por fim, entre 15 e 18 de janeiro de 2007 no leilão n.º 85. Nestes quatro leilões são adquiridas as restantes noventa e nove peças da coleção.

Para além das quatro condecorações (medalhística) e das duas espadas (armas) a coleção, segundo o inventário, é formada por uma grande diversidade de categorias, com funções predominantemente decorativas ou utilitárias.

No conjunto contabilizam-se dezassete pinturas, todas em reserva, seis de origem oriental (China) do séc. XIX, com a designação *Figuras Orientais* e onze ocidentais, datadas entre o século XVIII e XIX, nomeadamente, das escolas francesa, italiana, holandesa e espanhola. Nestas encontramos o óleo sobre tela, *Retrato de cão com touca*

---

<sup>358</sup> Informação recolhida na análise às fichas de inventário, em formato analógico, e aos objetos da *Coleção Manuel Teixeira Gomes* do Museu de Portimão - Centro de Documentação e Arquivo Histórico, as quais tivemos a oportunidade de analisar *in loco*.

<sup>359</sup> Informação, gentilmente, cedida pelo Dr. Pedro Branco e pela Dr.ª Ana Alexandre, do Museu de Portimão. O museu não possui o catálogo deste leilão, onde, segundo a mesma fonte, só adquiriram este lote.

(Vide fig. 4.17 Anexo II), de I. Zuloaga, o qual fazia parte da coleção de Teixeira Gomes em Londres, adquirido na *The Marble Arch Gallery*, em 26 de novembro de 1914, por duas libras, conforme referimos no subcapítulo 3.2. Na tela encontra-se representada a cabeça de um cão com tronco e indumentária feminina. A obra *Marinha – Tempestade* de autor desconhecido, Europa, séc. XIX (Vide fig. 4.18 Anexo II), também merece o nosso destaque por poder ser o naufrágio que comprou a 20 de agosto de 1912 na casa Harvey<sup>360</sup> e, também, por nos remeter para as dissertações do colecionador em torno da obra do pintor inglês, William Turner. Diz-nos Teixeira Gomes: «A descoberta do Turner foi um dos assombros da minha vida.» (Gomes, 1989, p. 98). Este óleo sobre tela de médias dimensões, 70 x 90 cm, retrata uma paisagem marinha tempestuosa, com semelhanças na temática, na pincelada larga e no tratamento formal, embora de inferior qualidade, com a tela *Naufrágio*, de William Turner (1805, Tate Britain, Londres).

As pinturas são todas de pequena ou média dimensão como é de exemplo o óleo sobre tela, com 24 x 36 cm, designado *Senhora, Ancião e Menino* (Vide fig. 4.19 Anexo II). Na nossa opinião esta obra corresponde à que foi adquirida por Teixeira Gomes a 11 de março de 1915, por 10 shillings, num leilão da Robinson, Fisher & Co.<sup>361</sup>. Teixeira Gomes descreve-o como um pequeno quadro a óleo, da escola holandesa, representando uma mulher num burro que um rapaz procura reter e ao seu lado um velho de barbas.

O quadro de maiores dimensões, com 78 x 122 cm, é o óleo sobre tela *Natureza morta-flores e frutos* (Vide fig. 4.20 Anexo II), que está inventariado pelo Museu de Portimão<sup>362</sup>, conforme consta igualmente no catálogo do leilão<sup>363</sup>, como sendo de escola espanhola do século XVIII / XIX. No entanto, pelo cruzamento da informação com o *Inventário de Londres*<sup>364</sup>, acreditamos que esta obra seja do pintor italiano Michelangelo

---

<sup>360</sup> Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 4 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*, p. 3.

<sup>361</sup> Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 4 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*, p. 7.

<sup>362</sup> Cf. MUSEU DE PORTIMÃO - CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E ARQUIVO HISTÓRICO – *Inventário da Coleção Manuel Teixeira Gomes*. Portimão: Museu de Portimão - Centro de Documentação e Arquivo Histórico, s.d., n.p.. Vide E413 Quadro 4.1 Anexo IV.

<sup>363</sup> Cf. CABRAL MONCADA LEILÕES – *Leilão de Pintura, Antiguidades, Obras de Arte, Pratas e Jóias (Leilão nº 81)*. Lisboa: AGIR, 2006, p. 150.

<sup>364</sup> Cf. Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 4 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*, p. 4.

di Campidoglio (1625-1669) pela temática que notabilizou este pintor – a representação de naturezas-mortas de frutas e flores, numa paleta aberta e rica e numa técnica cuidada – mas principalmente pelo registo de Manuel Teixeira Gomes que no seu inventário, a 9 de novembro de 1914, aponta a compra por 8 libras, na The Marble Arch Gallery, da obra *Flores e frutos* de Campidoglio, a qual mencionámos com capítulo anterior.

A coleção contém trinta e cinco esculturas, principalmente de pequenas dimensões, sendo a peça o *Busto de Romano* a de maiores dimensões com 43 cm de altura, 26 cm de comprimento e 22 cm de largura. Neste grupo contam-se oito peças de origem europeia datadas entre os séculos XIX e XX, nomeadamente o pequeno bronze *Nu Masculino*, de autor desconhecido, com base em mármore (*Vide fig. 4.21 Anexo II*) que nos relembra o apreço de Manuel Teixeira Gomes por obras com dinamismo (Gomes, 2022, p. 278), mas também com expressividade como se pode apreciar na escultura, em madeira, de pequenas dimensões, de origem oriental (China), do século XIX ou inícios da centúria de novecentos (*Vide fig. 4.22 Anexo II*)<sup>365</sup>. Obra em que o escultor aproveitou as dimensões e a configuração da matéria para criar uma *Figura de Oriental* (ancião ou Buda) sorridente de olhos entreabertos e testa franzida. As reservas do Museu de Portimão contam com quatro exemplares (inventário n.º *E383, E385, E386 e E417*) destas esculturas de pequenas dimensões em madeira, originárias da China, que poderão ser provenientes da aquisição realizada, em 16 de março de 1915, por Teixeira Gomes no leilão da Phillips, Son & Neale, onde, como mencionámos no capítulo anterior, adquiriu dez figuras chinesas esculpidas em raízes de madeira por £1.14.0<sup>366</sup>.

A coleção é formada por oito peças de mobiliário – de notar que estamos a contabilizar o *E406* (Par de cadeiras francesas), do século XIX/XX em estilo Luís XV / Luís XVI, adquiridas no leilão n.º 81 da Cabral Moncadas Leilões, como uma peça – das quais três, que referimos anteriormente, se encontram em exposição. Este mobiliário, predominantemente do séc. XIX ou inícios de novecentos em madeiras de elevada qualidade como é o mogno, é todo de origem europeia (Inglaterra, Holanda e Portugal), à

---

<sup>365</sup> Peça que tem semelhanças com a descrição feita ao lote 244 no catálogo da Foster de 18 de outubro de 1923 (primeiro leilão de alienação de parte da coleção de Teixeira Gomes em Londres que analisámos no subcapítulo 3.2), onde se menciona uma figura de homem reclinado esculpida em madeira japonesa.

<sup>366</sup> Cf. Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 4 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*, p. 7.

exceção do escritório oriental, do século XIX, com o número de inventário *E376* (*Vide* Quadro 4.1 Anexo IV) em madeira com relevos em laca e madrepérola de motivos vegetalistas. Neste grupo encontramos a *Mesa de dois tampos – Jogo e fumo* (*Vide* fig. 4.23 Anexo II), holandesa de estilo neoclássico, datada do século XVIII / XIX, também em mogno com embutidos em pau cetim alusivos a flores e cachimbos, a qual tem semelhanças com a peça de mobiliário (mesa de jogo em mogno com tampos) comprada, por £1.14.0, no leilão da Robinson, Fisher & Co., de 24 de março de 1915<sup>367</sup>.

Inventariada na categoria de cerâmica a coleção possui, em reserva, uma travessa oitava, proveniente da China, em porcelana da Companhia das Índias, com a típica decoração a azul, no caso em apreço alusiva a uma paisagem oriental, datada do reinado Qianlong (1736-1795) (*Vide* fig. 4.24 Anexo II), a qual poderá ser semelhante a algum dos sessenta e quatro lotes de porcelana chinesa que colocou à venda no leilão da Puttick and Simpson realizado em Londres, a 19 de outubro de 1923, conforme analisámos no subcapítulo 3.2 do nosso trabalho.

A coleção é ainda composta por um conjunto significativo de quarenta peças sem categoria atribuída, associados, fundamentalmente, a funções utilitárias e decorativas como o par de castiçais em casquinha (*Vide* fig. 4.25 Anexo II) e a *Caixa de rapé* em prata (*Vide* fig. 4.26 Anexo II), que podemos enquadrar na categoria de ourivesaria, ambos do século XIX. O primeiro, par de castiçais, suporte de velas e decorativo, é uma peça inglesa, estilo Jorge III, em que o objeto se assemelha a uma coluna clássica da ordem coríntia. A caixa de rapé tem marca de ensaiador do Porto (1818-1836) e marca de ourives atribuída a Luís A. R. de Araújo (1810-1836). Esta última acreditamos que fosse uma peça de colecionador, pois desconhecemos o hábito de inalar rapé – generalizado à época – em Teixeira Gomes. Objeto que apresenta relevos decorativos com motivos alusivos ao Oriente.

Das cento e seis peças, as de origem oriental (principalmente chinesa e japonesa) são em número considerável, quarenta e três (o que corresponde a, sensivelmente,

---

<sup>367</sup> Cf. Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 4 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*, p. 8.

quarenta por cento do espólio), onde se incluem dez *netsukes*<sup>368</sup> em marfim (Vd. fig. 4.27 Anexo II) que expressam esse fascínio de Manuel Teixeira Gomes pelo colecionismo de peças orientais, em especial as “garrafinhas para simonte”, o que constituía nos finais do século XIX e primeiras décadas de noventa uma tendência comportamental entre os colecionadores do seu tempo e espaço.

Se tivermos em consideração as doações ao Museu Nacional Machado de Castro, que foram sensivelmente de mil objetos originários da China e do Japão, dos inúmeros lotes de peças orientais leiloados em 1923 provenientes da sua coleção de Londres e os que foram adquiridos pelo Museu de Portimão, conseguimos imaginar a imensa coleção de arte oriental de Teixeira Gomes. Apelidamos-lhe de “arte oriental” por que era assim que o seu colecionador as encarava, conforme se constata pela carta que endereçou ao diretor do museu de Coimbra (Machado de Castro), em 30 de setembro de 1937 (Gomes *apud* Ribeiro, 2005, p. 41-42), quando lhe assevera que os *netsukes* – nas missivas trocadas tratados como «máscaras japonesas» – não são peças de cariz etnográfico, mas sim «obras de arte, apreciadas desde há séculos no Japão».

A *Coleção Manuel Teixeira Gomes* do Museu de Portimão constitui, na nossa apreciação, uma amostra reveladora do colecionador eclético que foi Teixeira Gomes, das suas vivências e sensibilidade estética e artística, englobando, ainda, peças de carácter honorífico que recebeu ao longo da vida (caso da *Condecoração Inglesa*) e objetos utilitários como o *Paliteiro* ou o *Serviço de Copos*.

Relativamente ao estado de conservação das peças da coleção, predomina o bom estado, havendo poucas em estado razoável (caso da *Bíblia*) e, unicamente, o *Álbum de fotografias* (n.º de inventário: E437) encontra-se em mau estado, sendo de mencionar que o catálogo do leilão já faz referência a «faltas e defeitos»<sup>369</sup> neste lote.

---

<sup>368</sup> Manuel Teixeira Gomes no leilão realizado, em 16 de março de 1915, pela Phillips, Son & Neale comprou, como referimos no terceiro capítulo, dez pequenos objetos chineses de marfim que designa de *netsukes*, por £1.1 (Cf. Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 4 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*, p. 7).

<sup>369</sup> Cf. CABRAL MONCADA LEILÕES – *Leilão de Pintura, Antiguidades, Obras de Arte, Pratas e Jóias* (Leilão nº 81). Lisboa: AGIR, 2006, p. 240.

## 4.2 O legado de Manuel Teixeira Gomes ao Museu Nacional de Arte Contemporânea em depósito no Museu de Portimão

Manuel Teixeira Gomes, entre 1924 e 1934 (Gameiro; Lapa; Afonso, 2009, p. 12), ofereceu ao Museu Nacional de Arte Contemporânea - Museu do Chiado um conjunto variado de telas, indiciadoras do seu gosto pela pintura figurativa, que nas palavras de Pedro Lapa refletem «um gosto fim-de-século cosmopolita e diversificado, bastante diverso dos cânones nacionais do naturalismo tardio e que configuraram a maioria das colecções portuguesas então realizadas.» (Gameiro; Lapa; Afonso, 2009, p. 12).

O conjunto, legado por Teixeira Gomes ao MNAC em depósito no Museu de Portimão, é constituído por vinte quadros de pequenas e médias dimensões, datados entre os inícios dos séculos XIX e XX, enquadrados entre o Romantismo e o Naturalismo oitocentistas, distribuídos por seis géneros temáticos distintos: três retratos, sete paisagens, duas naturezas-mortas, cinco pinturas de género (cenas de costumes), dois nus e uma, peculiar, crucificação (*Vide* Quadro 4.2 Anexo IV).

Em termos de técnicas e materiais predominam o óleo sobre tela ou madeira, mas também fazem parte do grupo aguarelas sobre papel ou cartão e dois óleos sobre cartão.

Relativamente à autoria impera a diversidade e os autores estrangeiros, com nomes como Henri Harpignies (1819 – 1916), R.A. William Etty (1787 – 1849), Marià Fortuny (1838 – 1874), Henri Fantin-Latour (1836 – 1904), Alfred Stevens (1823 – 1906), R.A. Landseer (Sir Edwin Henry) (1802 – 1873), Josef Israels (1824 – 1911), Philippe Jaques Linder (1835-1914), Henri Rossoff ( ? - ? ), Erskine Nicol (1825 – 1904) e Léon Henri Antoine Loire (1821 - 1898); quatro obras são de autoria desconhecida e duas são de pintores portugueses (João Marques de Oliveira e Columbano Bordalo Pinheiro). Das vinte pinturas, onze estão assinadas pelo respetivo artista (*Vide* Quadro 4.2 Anexo IV).

Dos três retratos são de realçar, na nossa opinião, dois: o *Retrato de Manuel Teixeira Gomes*, doado ao MNAC em 1930 pelo retratado, da autoria de Columbano pela sua qualidade e que Manuel Teixeira Gomes considerava «uma obra-prima» onde o artista envolveu o modelo numa atmosfera de «“mistério”» que «esbate os acessórios» (Gomes, 1989, p. 171), o qual já analisámos no subcapítulo anterior; a *Cabeça de cocheiro*

*inglês*, de autor desconhecido, pelo seu forte realismo tenebrista, onde de um fundo escuro emerge, parcialmente, o rosto de um homem com as marcas da idade (*Vide* fig. 4.28 Anexo II). A forte expressividade deste óleo sobre tela recorda-nos a visita de Teixeira Gomes ao Museu Nacional do Bargello (*Vide* subcapítulo 3.1) quando dá maior relevo à obra escultórica de Bernini do que à de Donato Donatello.

Relativamente às paisagens destaca-se a obra do pintor português Marques de Oliveira, *Paisagem na praia da Aguda*, pelo seu *plein air* na tradição da *Escola de Barbizon*, pela sua “frescura” e pelo tratamento da cor e dos efeitos de luz, com apontamentos impressionistas (*Vide* fig. 4.29 Anexo II). Obra datada de 1922 e assinada pelo autor, que nos transporta para o apreço de Teixeira Gomes pelas paisagens e o seu enlevamento pelas obras do amigo de juventude boémia que no seu ensaio *No Porto (1893)*, o comparou a nomes maiores do Impressionismo, como Sisley, Pissarro e Monet. (Gomes, 2022, p. 73). Ainda dentro da mesma temática a aguarela *Paisagem (Beaulieu)* (*Vide* fig. 4.30 Anexo II) de Henri Harpignies, adquirida por Teixeira Gomes – como referimos no capítulo anterior – a 26 de novembro de 1914 na The Marble Arch Gallery<sup>370</sup>, merece a nossa referência a simplicidade apaziguadora da paisagem ensolarada, junto do mar, onde pontuam, em primeiro plano, duas figuras femininas sentadas num banco.

O óleo sobre tela, *Cebolas* (*Vide* fig. 4.31 Anexo II), de autor desconhecido, remete-nos para um cenário de «“vida parada”, como delicadamente lhe chamam os ingleses» (Gomes, 1989, p. 99) onde sobressaem, de forma singela, de um fundo enegrecido, umas cebolas, dois nabos, uma faca e uma garrafa. Teixeira Gomes nutria um especial gozo estético pela temática das naturezas-mortas, lamentando na décima carta a Columbano o facto de os artistas contemporâneos viverem obcecados pela representação de paisagens, descurando o género da «“natureza imóvel”» (Gomes, 1989, p. 99). O pequeno óleo *Flores* (*Vide* fig. 4.32 Anexo II), assinado (Henri Fantin-Latour) e datado (1875) pelo autor no canto superior direito da tela, enquadra-se nestas características e parece-nos corresponder à natureza-morta adquirida, por 4 libras, pelo diplomata em

---

<sup>370</sup> Cf. Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 4 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*, p. 4.

Londres a 26 de novembro de 1914, na The Marble Arch Gallery, onde Fantin-Latour representa um ramo de narcisos<sup>371</sup>, como referimos no anterior capítulo.

Para além das temáticas anteriormente referidas, Teixeira Gomes apreciava as cenas de género como a obra o *Sapateiro*, da autoria de Erskine Nicol (*Vide* fig. 4.33 Anexo II), a qual adquiriu a 25 de março de 1915 num leilão da Robinson, Fisher & Co.. A cena extravasa de realismo anedótico e narrativo, em que se observa um sapateiro em acesa discussão com um cliente e no canto inferior direito um cão a urinar. O óleo *Interior*, com 21 x 31 cm, de Marià Fortuny corresponde, na nossa opinião, à obra comprada por Teixeira Gomes na The Marble Arch Gallery, a 9 de novembro de 1914, o qual descreve como um pequeno quadro com uma mulher deitada ou sentada de Marià Fortuny<sup>372</sup>, conforme é possível verificar na reprodução da pintura do século XIX (*Vide* fig. 4.34 Anexo II) onde uma rapariga ricamente vestida, junto de uma guitarra, fita o espectador, reclinada sobre um cadeirão.

Os dois nus, ambos óleos sobre madeira, são do pintor inglês William Etty. No *Estudo de nu*, com 50 x 37 cm, recortada de um fundo escurecido de mancha difusa, surge-nos a figura de um nu feminino de costas voltadas para o espectador (*Vide* fig. 4.35 Anexo II). Este óleo corresponde à compra realizada por Teixeira Gomes, por £2.2.0, a 27 de dezembro de 1917 a Philip Moore, do quadro *Estudo de mulher nua* do pintor inglês. No óleo *Mulher Nua*, com 44 x 53 cm, é destacada a sensualidade do corpo feminino (*Vide* fig. 4.36 Anexo II) nas formas roliças de uma *Odalisca*. Colocamos a forte possibilidade de esta ser a pintura comprada, por £2.12.6, a 13 de dezembro de 1917, na Robinson, Fisher & Co., intitulada no catálogo de *A Nude Figure*. Estes nus remetem-nos para a admiração do colecionador pela beleza do corpo humano, nomeadamente dos corpos molhados (Gomes, 2022, p. 273) ou na sua representação artística, em particular, nos mármore gregos e romanos (Gomes, 1989, p. 13 e Gomes, 2022, p. 154).

O *Cristo crucificado*, de autor desconhecido, é uma obra que aparenta distanciar-se no tema e no tratamento formal dos cânones estéticos de um Teixeira Gomes

---

<sup>371</sup> Cf. Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 4 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*, p. 4.

<sup>372</sup> Cf. Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 4 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*, p. 4.

anticlerical e ateu<sup>373</sup>, com predileção pelo desenho e colorido equilibrado, numa obra de forte capacidade plástica (*Vide* fig. 4.37 Anexo II), de traço livre, que nos recorda as suas palavras em *Cartas a Columbano* (décima primeira<sup>374</sup>) em que criticando depreciativamente as técnicas modernas na pintura, conclui dizendo: «E contudo, a distância, todas estas coisas esborreteadas alegram a vista.» (Gomes, 1989, p. 111). O que, para nós, é também o consumir do que analisámos no terceiro capítulo e nos permite caracterizar a sua sensibilidade estética e artística como ampliada e eclética que se reflete nas aquisições que fez em leilões e antiquários.

Estas vinte telas do MNAC<sup>375</sup> encontram-se presentemente em depósito no Museu de Portimão<sup>376</sup>, ao abrigo de um protocolo<sup>377</sup> celebrado, em 2009, entre estas duas entidades por um período de dez anos, o qual foi renovado em 2021. As obras do MNAC vieram para Portimão, nesse ano de 2009, para integrar a maior exposição de pinturas adquiridas pelo colecionador (Gameiro; Lapa; Afonso, 2009, p. 10).

A exposição temporária intitulada *Manuel Teixeira Gomes: o colecionador de pintura*<sup>378</sup> esteve patente ao público no Museu de Portimão entre os dias 17 de maio e 30 de agosto de 2009, servindo de antecâmara às *Comemorações dos 150 Anos do Nascimento de Manuel Teixeira Gomes*, realizadas em 2010 na sua cidade natal.

Para além das vinte telas do MNAC, fizeram parte da exposição um conjunto de dez telas pertencentes ao acervo do Museu de Portimão (que abordámos no subcapítulo anterior) e os dois retratos a óleo sobre tela doados pelo colecionador ao Museu Municipal do Porto, da autoria do Visconde de Menezes e Marques de Oliveira, os quais referimos no terceiro capítulo.

---

<sup>373</sup> Teixeira Gomes apesar de preferir os retratos, as naturezas-mortas, as paisagens e o nu adquiriu diversos quadros de temática religiosa, como mencionámos no capítulo anterior.

<sup>374</sup> *Vide* subcapítulo 3.1 deste trabalho.

<sup>375</sup> As quais se encontram em bom estado de conservação.

<sup>376</sup> Destas vinte telas a única obra exposta, atualmente, no Museu de Portimão é o *Retrato de Teixeira Gomes de Columbano*, a qual integra, como anteriormente referimos, o núcleo *Manuel Teixeira Gomes – viajante, político e escritor*. As restantes estão em reserva.

<sup>377</sup> Cf. Anexo V - *Entrevista à Dr.ª Isabel Soares*.

<sup>378</sup> A exposição foi uma forma de evocar a memória de Teixeira Gomes, principalmente na qualidade de colecionador de pintura, mas também como esteta e amante das artes.

Teixeira Gomes, segundo Pedro Lapa, aquando da doação das obras ao MNAC revelou o desejo que estas telas pudessem ser usufruídas pelo público, nomeadamente na sua terra natal (Gameiro; Lapa; Afonso, 2009, p. 12).

### 4.3 O Museu de Portimão e a salvaguarda da *Coleção Manuel Teixeira Gomes*

Os museus enquanto “guardiões de memórias”, logo preservadores do património, devem:

«atuar em três campos básicos: na investigação, na preservação e na comunicação [...]. Apesar da comunicação, através de publicações, exposições, site e congressos, justificar a preservação, deve haver um equilíbrio entre elas. [...] As exposições sem investigação tornam-se uma mera transmissão.».

(Chagas, 1996, p. 47 *apud* Carlan, 2008, p. 82)

Relativamente ao primeiro campo mencionado por Mário Chagas (1996, p. 47), citado por Claudio Umpierre Carlan (2008, p. 82), e segundo os responsáveis pelo Museu de Portimão<sup>379</sup>, a instituição realizou (e continua a empreender) investigação para a materialização e atualização do núcleo *Manuel Teixeira Gomes – viajante, político e escritor*, sublinhando a colaboração na publicação da obra *Cartas de Manuel Teixeira Gomes a João de Barros*, bem como a realização de encontros científicos, os quais surgem como apresentação de resultados de investigação e debate de ideias, com destaque para o colóquio *Manuel Teixeira Gomes – O político e o diplomata, o escritor e o artista*, realizado em 10 de dezembro de 2021<sup>380</sup>, e, ainda, a conferência *Teixeira Gomes, A Guerra e A Paz*, em dezembro de 2022, na qual o professor catedrático Nuno Severiano Teixeira abordou o importante papel de Teixeira Gomes na entrada de Portugal na Grande Guerra, nas conferências de paz e na Sociedade das Nações.

A coleção encontra-se disponível para estudos e investigações<sup>381</sup>. O Museu de Portimão conta com um Centro de Documentação e Arquivo Histórico onde é possível

---

<sup>379</sup> Cf. Anexo V - *Entrevista à Dr.ª Isabel Soares*.

<sup>380</sup> Cf. SUL INFORMAÇÃO [online] - *Museu de Portimão promove colóquio sobre a vida de Manuel Teixeira Gomes* [em linha]. (2021), 03 de dezembro de 2021.

<sup>381</sup> Cf. Anexo V - *Entrevista à Dr.ª Isabel Soares*.

consultar bibliografia e documentação útil para o desenvolvimento de estudos sobre a figura de Manuel Teixeira Gomes nas suas diversas facetas<sup>382</sup>.

No campo da preservação o Museu de Portimão procedeu à inventariação das peças da *Coleção Manuel Teixeira Gomes*<sup>383</sup> onde constam alguns dos principais elementos de uma ficha de inventariação, como o número de inventário, o registo fotográfico, a designação (e por vezes o título da peça) e descrição sucinta do objeto, a área, a categoria<sup>384</sup>, o tipo de função e os eventos/exposições em que a peça esteve (ou está) presente. Para além do mencionado, o museu procede à conservação das obras expostas e em reserva as quais, nas diversas visitas técnicas, constatámos que se encontram devidamente acondicionadas e protegidas, em ambiente controlado e climatizado. As peças do acervo, em reserva, estão convenientemente identificadas com o nome do museu, o número de inventário, a cota e a designação. Este último aspeto é comum a todos os objetos presentes na exposição.

Relativamente à comunicação salienta-se a criação, em maio de 2008, do núcleo *Manuel Teixeira Gomes – viajante, político e escritor* no circuito da exposição de referência *Portimão - Território e Identidade*; a realização de exposições temporárias com destaque para *Manuel Teixeira Gomes: o colecionador de pintura*<sup>385</sup>, que decorreu entre 17 de maio e 30 de agosto de 2009, a qual constituiu a maior exposição de telas adquiridas pelo colecionador, reunindo trinta e duas obras de três museus (Museu Nacional de Arte Contemporânea, Museu Nacional Soares dos Reis e Museu de Portimão) e a exposição *Manuel Teixeira Gomes: Entre Dois Séculos e Dois Regimes*, inaugurada em maio de 2010, aquando das Comemorações Nacionais do 150.º Aniversário do seu nascimento<sup>386</sup>.

---

<sup>382</sup> Segundo Carlan (2008, p. 82) é necessário um trabalho contínuo de investigação interdisciplinar para se produzir conhecimento através do estudo do acervo de um museu, criando-se desta forma o “Património”, isto é, a reconstrução cultural de uma sociedade ou de um indivíduo.

<sup>383</sup> Tivemos oportunidade de estudar o inventário, em formato analógico, e as peças da *Coleção Manuel Teixeira Gomes* do Museu de Portimão - Centro de Documentação e Arquivo Histórico. Durante o período da nossa investigação o inventário foi disponibilizado, ao público, em formato digital em <http://pesquisa.museudeportimao.pt/index.php#>.

<sup>384</sup> Como já fizemos referência nem todas as peças estão categorizadas.

<sup>385</sup> Esta exposição foi acompanhada de um catálogo – com textos de José Gameiro, Pedro Lapa e Rui Afonso – editado, em 2009, pela Câmara Municipal de Portimão e pelo Museu de Portimão.

<sup>386</sup> Cf. CENTRO NACIONAL DE CULTURA [online] - *Museu de Portimão comemora 2º aniversário* [em linha]. (2010), s.d..

Ainda, no que diz respeito à divulgação e comunicação o museu realiza visitas orientadas ao núcleo evocativo do colecionador, a dinamização de atividades educativas em que se destaca a «realização de um filme de animação sobre o Teixeira Gomes.»<sup>387</sup>.

Outro meio de salvaguarda e divulgação do legado de Manuel Teixeira Gomes levado avante pelo Museu de Portimão tem sido a aquisição de obras de arte e outros objetos pertencentes à sua figura em leilões, mas também a concretização de protocolos como o anteriormente indicado com o MNAC e a recetividade a doações, como é de exemplo, a realizada a 28 de maio de 2022, pelo Sr. António Macieira Coelho<sup>388</sup> do quadro *A adoração dos Reis Magos à Casa Manuel Teixeira Gomes*. Esta obra, segundo o doador, foi oferecida pelo antigo Presidente da República ao seu pai, o «professor Eduardo Coelho (1895-1974), que se correspondeu com Manuel Teixeira Gomes e a quem o escritor ofereceu esta pintura, já na fase final da sua vida.»<sup>389</sup>.

O gosto em presentear amigos com obras de arte e *bibelots* da sua coleção (que abordámos no terceiro capítulo) reveste-se de grande importância neste caso da obra *A adoração dos Reis Magos*, que legada ao Museu de Portimão poderá ser usufruída pelo público em geral e dessa forma ir de encontro aos desejos de Teixeira Gomes de “descerrar” a arte ao cidadão comum (*Vide* epígrafe deste capítulo), conforme alude em carta a Manuel Mendes (Bône, 3 de dezembro de 1930), onde refere:

«A acção educadora de uma obra de arte verdadeira é sempre efectiva [...]. O verdadeiro progresso [...] consiste em educar o Povo para a Arte e não em fazer arte para entreter o Povo [...]. [...] É a Arte que descobre os tesouros mais ricos e belos do Universo, e pondo-os à disposição de toda a gente faculta-lhes o gozo integral.»

(Gomes *apud* Rodrigues, 1982, p. 356-357).

Ao empreender a investigação, a preservação e a comunicação desta coleção, o Museu de Portimão apresenta-se como um protetor do legado de Manuel Teixeira Gomes, particularmente enquanto colecionador e amante das artes.

---

<sup>387</sup> Cf. Anexo V - *Entrevista à Dr.ª Isabel Soares*.

<sup>388</sup> Em cerimónia pública na qual tivemos a oportunidade de estar presentes.

<sup>389</sup> Cf. SUL INFORMAÇÃO [online] - *Aniversário de Manuel Teixeira Gomes assinalado com doação de pintura* [em linha]. (2022), 31 de maio de 2022.

#### 4.3.1 O futuro Núcleo Museológico *Casa Manuel Teixeira Gomes*

No dia 28 de maio de 2022 integrado nas Comemorações do 162.º Aniversário do Nascimento de Manuel Teixeira Gomes, em Portimão, para além da doação do quadro *A adoração dos Reis Magos*, foi apresentado publicamente o programa preliminar do futuro *Núcleo Museológico da Casa Manuel Teixeira Gomes*, no qual, segundo a direção do Museu de Portimão, esta pintura integrará, após ser estudada e restaurada, o seu acervo<sup>390</sup>.

Atualmente este local, *Casa Manuel Teixeira Gomes*, instalado, desde 2009, na antiga residência da família de Teixeira Gomes (*Vide* fig. 4.38 Anexo II), funciona como um espaço de evocação da vida e obra do antigo Presidente da República, principalmente nas suas vertentes como político, escritor e amante das artes através da realização de eventos musicais e exposições de artes plásticas de artistas locais.

Esta iniciativa, a cargo da autarquia local, consiste na reconversão da antiga residência da família de Teixeira Gomes, em Portimão, local onde nasceu e viveu parte da sua vida, num núcleo museológico que congregue diversas valências, enquadrando-se num projeto mais amplo da edilidade que prevê a reabilitação e valorização histórica e patrimonial da zona onde a habitação se localiza, adquirindo um edifício anexo<sup>391</sup>, que em tempos pertenceu à família de Teixeira Gomes, e procurando recuperar a fachada original através da remoção de intervenções deturpadoras realizadas ao longo da última centúria, revelando a sua «personalidade arquitectónica e histórica»<sup>392</sup>, bem como a sua adaptação às novas valências.

A entrada no espaço – encarado como uma “peça ou objeto museológico” numa simbiose entre arquitetura e valências interiores – será feita pelo lado poente, virado para o rio Arade, fazendo-se notar as preocupações com a acessibilidade e a formulação de um discurso e percurso museológico destinado a todos os possíveis visitantes.

---

<sup>390</sup> Cf. POSTAL [online] - *Portimão: Doação de pintura e apresentação de futuro núcleo museológico assinalam 162º aniversário do nascimento de Manuel Teixeira Gomes* [em linha]. (2022), 31 de maio de 2022.

<sup>391</sup> Designado por “Edifício da Tralha”.

<sup>392</sup> Cf. Anexo V - *Entrevista à Dr.ª Isabel Soares*.

No seu interior prevê-se para além da criação de um gabinete de investigação sobre a sua vida e obra e de disseminação dos estudos realizados sobre o mesmo, a construção da exposição de referência *Manuel Teixeira Gomes – O regresso a casa*<sup>393</sup> onde esteja patente a riqueza desta personalidade multifacetada, materializada, em boa medida, na *Coleção Manuel Teixeira Gomes* do Museu de Portimão na qual é evidenciada a sua faceta como colecionador de arte e de objetos das artes decorativas.

Segundo a direção do Museu de Portimão a exposição de referência contará com o acervo da *Coleção Manuel Teixeira Gomes*, sob alçada da autarquia, e se necessário serão realizados protocolos para a cedência de peças que permitam cobrir lacunas no discurso museológico, o qual se deseja lúdico, interativo, dinâmico e educativo destinado a jovens estudantes, à população local e aos inúmeros turistas que visitam a cidade e a região<sup>394</sup>.

A vertente educativa destinada aos jovens estará bem vincada neste novo espaço através, nomeadamente, de atividades desenvolvidas pelos serviços educativos do Museu de Portimão, o qual terá a gestão e dinamização do mesmo<sup>395</sup>.

A direção do Museu de Portimão deseja, ainda, que o lugar seja um reflexo da personalidade que homenageia desenvolvendo eventos, como exposições ligadas às artes plásticas e ao património local e atividades musicais.

A revitalização da área através da criação deste núcleo museológico<sup>396</sup> contribuirá para a «atratividade da zona», ampliando a oferta de percursos culturais do município, o qual deseja revelar a sua «história e identidade»<sup>397</sup>, aos visitantes e locais, que passa naturalmente pelo insigne “filho da terra” que a elevou, em 11 de dezembro de 1924, a Cidade de Portimão<sup>398</sup>.

---

<sup>393</sup> Cf. Anexo V - *Entrevista à Dr.ª Isabel Soares*.

<sup>394</sup> Segundo José Amado Mendes (2013, p. 61), os museus desempenham uma importante missão científica, cultural, educativa, social, económica e turística.

<sup>395</sup> Segundo Mendes (2013, p. 31-45) os museus apresentam grandes potencialidades pedagógicas, podendo (e devendo) ser um poderoso aliado no processo de ensino-aprendizagem na formação de cidadãos mais conhecedores, ativos e participativos.

<sup>396</sup> Os museus podem (re)valorizar o espaço onde se inserem (Mendes, 2013, p. 17).

<sup>397</sup> Cf. Anexo V - *Entrevista à Dr.ª Isabel Soares*.

<sup>398</sup> Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico – *Coleção Manuel Teixeira Gomes*, cx. 5, código de referência *PT/MP-CDAH/MTG/011*, doc. *Edital de elevação de Portimão a cidade*, 1924. Disponível na Internet: <URL: <http://pesquisa.museudeportimao.pt/index.php> > [consult. 23-11-2023].

## CONCLUSÃO

Consideramos que Teixeira Gomes possuía vastos conhecimentos no campo da história da arte e uma sensibilidade estético-artística eclética que vai da Antiguidade Clássica, e suas ressonâncias, ao Naturalismo (com certas notas de apreciação para o Impressionismo). Teixeira Gomes, não estando enclausurado na arte clássica, mas por ela moldado, encontra o belo na arte greco-romana e nas suas reminiscências ao longo dos séculos, em particular no Renascimento italiano dos sécs. XV e XVI, mas também em certas manifestações do Maneirismo, do Barroco, do Romantismo, do Realismo e do Naturalismo. Note-se, ainda, que é capaz de se deixar seduzir por certas obras da arte medieval, do Românico ao Gótico, e manifesta fascínio pelas culturas orientais, em particular a japonesa e a chinesa. Julgamos que Manuel Teixeira Gomes não admira a arte islâmica porque o seu gosto pauta-se pelo figurativismo. Conhece as vanguardas artísticas as quais lhe provocam antipatia, ou às quais não deixa “espaço” para a contemplação e compreensão. É um homem formado na segunda metade do séc. XIX onde ainda prevalece, como explicámos no primeiro capítulo desta dissertação, o Naturalismo.

Manuel Teixeira Gomes foi um homem cosmopolita, viajado e visitante assíduo de museus e galerias de arte, o qual no período que permaneceu em Londres (1911-1923) formou, fruto do seu gosto pessoal, uma grandiosa, heterogénea e requintada coleção de arte e objetos decorativos, denunciadora do esteta e amante da arte. Como revelámos no terceiro capítulo, apesar de haver indícios plausíveis de colecionismo antes da sua partida para a capital inglesa, é nesta, a partir de 1912, que de forma regular, até 1923, consolida esta prática devido, em primeiro lugar, à necessidade de mobilar e decorar o palacete da legação portuguesa em Gloucester Place – coadunado com a existência de um fervilhante mercado de antiguidades e leilões de arte em Londres<sup>399</sup> – e numa procura de afirmação social que se harmoniza-se com a sua condição de alto representante diplomático português na embaixada mais importante, à época, para o país. Por outro lado, a sua

---

<sup>399</sup> Sobre este assunto Teixeira Gomes, na décima Carta a Columbano (30 de abril de 1927), diz-nos: «Praticamente, se comprei obras antigas, ou de autores já falecidos, foi porque nos leilões ingleses elas aparecem em tal abundância que dão para todos os gostos e para todas as posses.» (Gomes, 1989, p. 93).

paixão pelo belo impele-o a rodear-se de arte e objetos decorativos que deseja possuir<sup>400</sup>, contemplar e partilhar com os mais próximos. Por fim, um certo desejo de afetar as *ladys* será outro dos motivos que o impulsiona à prática deste *sport* de que fala Alfredo Keil (1905), por vezes num certo gosto bricabraque em linha com a moda da época.

Frequentador habitual, e por vezes compulsivo, de leilões<sup>401</sup>, mas também de antiquários e *marchands*, principalmente na capital inglesa e francesa, Teixeira Gomes adquiriu medalhística, arte (pintura, gravura e escultura)<sup>402</sup>, e objetos das artes decorativas (mobiliário, tapeçaria, porcelanas, *bibelots*, etc.) de diferentes épocas, com prevalência para os sécs. XVIII e XIX e inícios de novecentos, e proveniências, do ocidente ao oriente. Desta última latitude construiu uma coleção única de frascos de rapé, inros, tsubas e netsukes os quais doou, em grande parte, ao Museu Machado de Castro.

O desmembramento desta notável coleção, representativa do importante contributo de Manuel Teixeira Gomes para o colecionismo de inícios do século XX, dá-se em dois momentos, primeiro com o seu regresso a Portugal em outubro de 1923 e a venda de parte da mesma em quatro leilões londrinos e, posteriormente, durante o seu autoexílio com as generosas doações a diversas instituições portuguesas. Estas últimas ajudaram na formação e/ou consolidação do acervo de alguns museus portugueses, permitindo ao público, como era seu desejo (Lopes, 1942, p. 236-237), a fruição de obras da sua coleção.

Julgamos que a riqueza e a diversidade da *Coleção Manuel Teixeira Gomes* do Museu de Portimão onde, como o comprovámos no quatro capítulo desta investigação, se encontram diversas peças que fizeram parte da sua coleção em Londres (adquiridas, entre 1999 e 2007, pelo museu em cinco leilões), permitirá a criação de um núcleo

---

<sup>400</sup> Na nossa visão este desejo de posse pelo que considera belo levará Manuel Teixeira Gomes a um autêntico ímpeto colecionista, nomeadamente, de objetos de origem oriental, os quais adquiriu na ordem das centenas e que não necessitaria dos mesmos, nesta ordem de grandeza, para mobilar e decorar a sua residência.

<sup>401</sup> O mês de março de 1915 é exemplar do extraordinário furor colecionista de Teixeira Gomes. No *Inventário de Londres* surgem referências a inúmeras compras realizadas em leilões nos dias 2, 5, 11, 16, 18, 19, 23, 24, 25, 30 e 31, dinamizados pela Phillips, Son & Neale; Foster; Robinson, Fisher & Co. e Puttick and Simpson (Cf. Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 4 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*, p. 6-8).

<sup>402</sup> Das artes plásticas comprou obras de autores anónimos e desconhecidos, cópias de obras de artistas de renome e originais destes (ou atribuídas) como José Ribera, Franz Halls, Théodore Géricault ou Falconet.

museológico ímpar no país sobre o colecionismo desenvolvido pelo amante da arte nos inícios de noventa, representando uma interessante amostra dessa sua dimensão enquanto colecionador e um exemplo da importância do colecionismo privado para a museologia, como o foram a ação de outros colecionadores como D. Fernando II, D. Luís, Conde de Carvalhido, José Relvas e Calouste Gulbenkian.

Acreditamos, ainda, que este futuro núcleo museológico (*Casa Manuel Teixeira Gomes*) poderá ser uma mais-valia para a cidade de Portimão (e para o Algarve), promovendo a cultura e o património no seio da população local e escolar e um motor de novos dinamismos, incrementando o turismo cultural e a economia, o que por certo agradaria ao defensor da democratização da arte, e desta como um bem público possível de contribuir para a formação da sociedade, e ao viajante incansável e comerciante perspicaz que foi Teixeira Gomes. Figura de proa na política nacional durante a Primeira República e escritor de grande plasticidade visual, que no seu arguto olhar encarava o mundo com visão de esteta.

O Museu de Portimão, como outros museus, mostra-se como um continuador dos ideais oitocentistas e da Primeira República quanto à concepção de que os museus são para além de repositórios de bens patrimoniais, mais ou menos antigos, mais ou menos valiosos, instituições com a maior relevância na educação da sociedade.

Estimamos que o presente trabalho de investigação deu um contributo válido e relevante para a compreensão do colecionismo em Teixeira Gomes e da sua sensibilidade estético-artística, bem como da importância patrimonial da *Coleção Manuel Teixeira Gomes* pertencente ao Museu de Portimão e da pertinência do futuro Núcleo Museológico *Casa Manuel Teixeira Gomes*.

Porém, estamos conscientes que não exaurimos o assunto, havendo muitos “trilhos” possíveis de percorrer e que contribuirão para o avanço do conhecimento do colecionismo em Manuel Teixeira Gomes, nomeadamente através do aprofundamento da análise dos inventários de Londres e Paris-Génova; do exame mais apurado dos catálogos dos três primeiros leilões, realizados em Londres nos finais de 1923; da investigação do atual paradeiro de muitas das peças da *Coleção de Teixeira Gomes*, como o grupo escultórico em bronze *A Guerra*. Por outro lado, na nossa opinião, seria significativo

estudar, após a sua inauguração, o discurso museológico do Núcleo Museológico *Casa Manuel Teixeira Gomes* articulando-o com as diversas facetas desta personalidade *sui generis*.

## BIBLIOGRAFIA

### Fontes Manuscritas

- Arquivo Manuel Teixeira Gomes* – Fundação Mário Soares  
*Arquivo Teixeira Gomes* – Museu da Presidência da República  
*Coleção Manuel Teixeira Gomes* – Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico  
*Espólio de Manuel Teixeira Gomes (E 46)* – Biblioteca Nacional de Portugal

### Fontes Impressas

- AZEVEDO, Manuela de, coord. – *Cartas de M. Teixeira Gomes a João de Barros*. Seleção, prefácio e notas de Manuela de Azevedo. 2ª Edição. Lisboa: Câmara Municipal de Portimão / Câmara Municipal da Figueira da Foz, 2018
- BARRANHA, Helena – Os primeiros 50 anos do Museu Nacional de Arte Contemporânea. In LAPA, Pedro; TAVARES, Emília org. – *Arte Portuguesa do século XX (1910-1960)*. Catálogo da coleção, Vol. 2. Lisboa: Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado e Leya, 2011, p. 15-25. Disponível na Internet: <URL: [https://www.academia.edu/36279385/Os\\_primeiros\\_50\\_anos\\_do\\_Museu\\_Nacional\\_de\\_Arte\\_Contempor%C3%A2nea](https://www.academia.edu/36279385/Os_primeiros_50_anos_do_Museu_Nacional_de_Arte_Contempor%C3%A2nea) >
- CABRAL MONCADA LEILÕES – *Leilão de Pintura, Antiguidades, Obras de Arte, Pratas e Jóias (Leilão nº 81)*. Lisboa: AGIR, 2006
- CABRAL MONCADA LEILÕES – *Leilão de Pintura, Antiguidades, Obras de Arte, Moedas, Pratas e Jóias (Leilão nº 82)*. Lisboa: António Coelho Dias, S.A., 2006.
- CABRAL MONCADA LEILÕES – *Leilão de Pintura, Antiguidades, Obras de Arte, Pratas e Jóias (Leilão nº 84)*. Lisboa: AGIR, 2006
- CABRAL MONCADA LEILÕES – *Leilão de Pintura, Antiguidades, Obras de Arte, Pratas e Jóias (Leilão nº 85)*. Lisboa: AGIR, 2007
- CARLAN, Claudio Umpierre – Os Museus e o Patrimônio Histórico: uma relação complexa. In *História*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho. Vol. 27, Nº 2, (2008), p. 75-88. Disponível na Internet: <URL: <https://www.scielo.br/j/his/a/ZMYTZstWXQmcpBJdz6fxtBQ/#>>
- CARRILHO, António Jorge Botelho- *Os Museus em Portugal durante a 1.ª República* [em linha]. Évora: Universidade de Évora, 2016. Tese de Doutoramento em História apresentada à Universidade de Évora, 2016. [consult. 14-04-2023]. Disponível na Internet: <URL: <http://hdl.handle.net/10174/17298> >
- CASTRO, Maria Gabriela – *Estética e teorias da arte* [em linha]. Ponta Delgada: Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais da Universidade dos Açores, 2013. Relatório da disciplina apresentado no âmbito das provas públicas requeridas para a obtenção do título de Agregado na Universidade dos Açores, 2013. [consult. 27-07-2023]. Disponível na Internet: <URL: <http://hdl.handle.net/10400.3/2892> >
- CHAVES, Castelo Branco – M. Teixeira Gomes. Lisboa: Seara Nova, 1934
- CHICÓ, Mário Tavares; GUSMÃO, Artur Nobre de; FRANÇA, José Augusto, coord. – *Dicionário da Pintura Universal*. Vol. 3. Lisboa: Estúdios Cor, 1973
- CHICÓ, Mário Tavares; GUSMÃO, Artur Nobre de; FRANÇA, José Augusto, coord. – *Dicionário da Pintura Universal*. Vol. 1. Lisboa: Estúdios Cor, 1962

- COUTO, Sónia Alexandra de Castro – *Objectos da colecção arqueológica do Museu Nacional Soares dos Reis: estudo e mediação*. [em linha]. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011. Dissertação de Mestrado em História e Património – ramo de Mediação Patrimonial apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011. [consult. 23-04-2023]. Disponível na Internet: <URL: <http://hdl.handle.net/10216/64593> >
- CRUZ, Ana Isabel Zany Pampulim Martins Caldeira da – *Estudo dos objectos de vitrine da colecção Calouste Gulbenkian: desenvolvimento e proposta de catálogo* [em linha]. [S.l.]: Universidade Aberta, 2022. Dissertação de Mestrado em Estudos do Património apresentada à Universidade Aberta, 2022. [consult. 07-08-2023]. Disponível na Internet: <URL: <http://hdl.handle.net/10400.2/12022> >
- DIÁRIO DE LISBOA – Sem Título. In *Diário de Lisboa*. N.º 766, ano 3 (4 de outubro de 1923), p. 1, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos. Disponível na Internet: <URL: [http://hdl.handle.net/11002/fms\\_dc\\_32197](http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_32197) ou <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05741.005.01045#!1> >
- DIAS, Carlos Malheiro – Alfredo Keil. In *Ilustração Portuguesa*. Lisboa: O Século, 1903-1993. Vol. IV, II série, N.º 87, (21 de outubro 1907), p. 513 -519. Disponível na Internet: <URL: <https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/IP5.htm> >
- DINASTIA – ANTIQUÁRIOS, LEILOEIROS E GALERIA DE ARTE, LDA. – *Catálogo de Antiguidades com peças de interesse internacional. Um dos mais importantes leilões realizados esta época*. Lisboa: [s.n.], 1999
- ELIAS, Margarida Maria Almeida de Campos Rodrigues de Moura - *Columbano no seu Tempo (1857-1929)* [em linha]. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2011. Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea (Séculos XIX-XX) apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2011. [consult. 20-01-2023]. Disponível na Internet: <URL: <http://hdl.handle.net/10362/7229> >
- FERREIRA, José Medeiros – A República no Mundo. In *Viva a República. 1910-2010*. [S.l.]: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2010, p. 173-178 [catálogo]
- FERREIRA, Maria Emília de Oliveira - *Lisboa em Festa: a Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental Portuguesa e Espanhola, 1882. Antecedentes e Materialização*. [em linha]. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2010. Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2010. [consult. 22-02-2023]. Disponível na Internet: <URL: <http://hdl.handle.net/10362/15502> >
- FIGUEIREDO, José de – O museu nacional de arte antiga, de Lisboa. In *Atlântida*. Lisboa: Atlântida. N.º 2 (15 de dezembro de 1915), p. 142-153. Disponível na Internet: <URL: [https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/atlantida/in-issue/iss\\_0000000129/52](https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/atlantida/in-issue/iss_0000000129/52) >
- FIGUEIREDO, José de – O Museu Nacional de Arte Contemporânea. In *Atlântida*. Lisboa: Atlântida. N.º 7 (15 de maio de 1916), p. 658-660. Disponível na Internet: <URL: [https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/atlantida/in-issue/iss\\_0000000134/54](https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/atlantida/in-issue/iss_0000000134/54) >
- FLOR, Susana Varela – Representations of Catherine of Braganza in Portuguese National Collections: A Continuous Visual Construction?. In *The Court Historian*, Vol. 27, N.º 3,

- (2022), p. 228-244. Disponível na Internet:  
 <<https://doi.org/10.1080/14629712.2022.2137342> >
- FRANÇA, José-Augusto – *A Arte em Portugal no século XX (1911-1961)*. 3ª Edição. Lisboa: Bertrand Editora, 1991
- FRANÇA, José-Augusto - *História da Arte em Portugal. O Pombalismo e o Romantismo*. 1ª Edição. Lisboa: Editorial Presença, 2004
- GAMEIRO, José; LAPA, Pedro; AFONSO, Rui – *Exposição Manuel Teixeira Gomes – O colecionador de pintura*. Portimão: Câmara Municipal de Portimão e Museu de Portimão, 2009
- GOMBRICH, Ernst H. – *The Story of Art*. Nova Iorque: Phaidon Publishers, 1951
- GOMES, Manuel Teixeira – *Agosto Azul*. Braga: Edições Vercial, 2012 (E-book)
- GOMES, Manuel Teixeira – Carta a Columbano. In *Seara Nova*. Lisboa: Seara Nova. N.º 124 (12 de julho de 1928), p. 63-65. Disponível na Internet: <URL: [https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss\\_0000000725/3](https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss_0000000725/3) >
- GOMES, Manuel Teixeira – Carta a Columbano. In *Seara Nova*. Lisboa: Seara Nova. N.º 128 (13 de setembro de 1928), p. 147-149. Disponível na Internet: <URL: [https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss\\_0000000729/7](https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss_0000000729/7) >
- GOMES, Manuel Teixeira – Carta a Columbano. In *Seara Nova*. Lisboa: Seara Nova. N.º 131 (4 de outubro de 1928), p. 203-204. Disponível na Internet: <URL: [https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss\\_0000000732/3](https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss_0000000732/3) >
- GOMES, Manuel Teixeira – Carta a Columbano. In *Seara Nova*. Lisboa: Seara Nova. N.º 136 (8 de novembro de 1928), p. 303-305. Disponível na Internet: <URL: [https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss\\_0000000737/3](https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss_0000000737/3) >
- GOMES, Manuel Teixeira – Carta a Columbano. In *Seara Nova*. Lisboa: Seara Nova. N.º 155 (1 de abril de 1929), p. 164-165. Disponível na Internet: <URL: [https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss\\_0000000802/4](https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss_0000000802/4) >
- GOMES, Manuel Teixeira – Carta a Columbano. In *Seara Nova*. Lisboa: Seara Nova. N.º 217 (14 de agosto de 1930), p. 10-13. Disponível na Internet: <URL: [https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss\\_0000002187/10](https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss_0000002187/10) >
- GOMES, Manuel Teixeira – Carta a Columbano. In *Seara Nova*. Lisboa: Seara Nova. N.º 228 (27 de novembro de 1930), p. 189-191. Disponível na Internet: <URL: [https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss\\_0000002197/13](https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss_0000002197/13) >
- GOMES, Manuel Teixeira – Carta a Columbano. In *Seara Nova*. Lisboa: Seara Nova. N.º 248 (14 de maio de 1931), p. 115-117. Disponível na Internet: <URL: [https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss\\_0000002217/3](https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss_0000002217/3) >
- GOMES, Manuel Teixeira – Carta a João de Barros sobre a "Grécia, musa do Ocidente". In *Seara Nova*. Lisboa: Seara Nova. N.º 127 (23 de agosto de 1928), p. 125-126. Disponível na Internet: <URL: [https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss\\_0000000728/5](https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss_0000000728/5) >
- GOMES, Manuel Teixeira – Carta a João de Barros. In *Seara Nova*. Lisboa: Seara Nova. N.º 238 (12 de fevereiro de 1931), p. 339-345. Disponível na Internet: <URL: [https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss\\_0000002207/3](https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss_0000002207/3) >
- GOMES, Manuel Teixeira – Carta a João de Barros. In *Seara Nova*. Lisboa: Seara Nova. N.º 201 (20 de fevereiro de 1930), p. 137-139. Disponível na Internet: <URL: [https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss\\_0000002170/9](https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss_0000002170/9) >

- GOMES, Manuel Teixeira – Carta a João de Barros. In *Seara Nova*. Lisboa: Seara Nova. N.º 135 (1 de novembro de 1928), p. 288-290. Disponível na Internet: <URL: [https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss\\_0000000736/8](https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss_0000000736/8) >
- GOMES, Manuel Teixeira – Carta a João de Barros. In *Seara Nova*. Lisboa: Seara Nova. N.º 262 (17 de setembro de 1931), p. 339-340. Disponível na Internet: <URL: [https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss\\_0000000839/3](https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss_0000000839/3) >
- GOMES, Manuel Teixeira – Carta para Columbano Bordalo Pinheiro. In *Seara Nova*. Lisboa: Seara Nova. N.º 117 (12 de abril de 1928), p. 409-413. Disponível na Internet: <URL: [https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss\\_0000000718/9#](https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss_0000000718/9#) >
- GOMES, Manuel Teixeira – Carta para mestre Columbano. In *Seara Nova*. Lisboa: Seara Nova. N.º 180 (26 de setembro de 1929), p. 179-181. Disponível na Internet: <URL: [https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss\\_0000002149/3](https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss_0000002149/3) >
- GOMES, Manuel Teixeira – Cartas ao pintor Sousa Lopes sobre a sua arte. In *Seara Nova*. Lisboa: Seara Nova. N.º 210 (19 de junho de 1930), p. 281-283. Disponível na Internet: <URL: [https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss\\_0000002179/9](https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss_0000002179/9) >
- GOMES, Manuel Teixeira – Evocações plásticas (Carta ao dr. José Pontes). In *Seara Nova*. Lisboa: Seara Nova. N.º 165 (13 de junho de 1929), p. 323-324. Disponível na Internet: <URL: [https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss\\_0000000812/3#](https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss_0000000812/3#) >
- GOMES, Manuel Teixeira – *Londres Maravilhosa e outras páginas dispersas*. 1ª Edição. Lisboa: Seara Nova, 1942
- GOMES, Manuel Teixeira – *Obras completas de M. Teixeira-Gomes (Cartas a Columbano)*. Prefácio de Urbano Tavares Rodrigues; notas de Urbano Tavares Rodrigues, Helena Carvalhão Buescu e Vitor Wladimiro Ferreira. 3ª Edição. Venda Nova: Bertrand Editora, 1989
- GOMES, Manuel Teixeira – *Obras completas de M. Teixeira-Gomes (Gente Singular; Novelas Eróticas; Maria Adelaide; Ana Rosa)*. Coordenação de José Alberto Quaresma e Nuno Júdice; prefácio de Helena Carvalhão Buescu. Vol. II. 1ª Edição. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2021
- GOMES, Manuel Teixeira – *Obras completas de M. Teixeira-Gomes (Regressos; Miscelânea; Carnaval Literário; Londres Maravilhosa e outras páginas dispersas)*. Coordenação de José Alberto Quaresma e Nuno Júdice; prefácio de Helder Macedo. Vol. III. 1ª Edição. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2022
- GONÇALVES, Ramiro A. – Para além da Pintura. Alguns apontamentos sobre as outras coleções do conde Daupias. In *MIDAS* [Online], 11, (2020), [consult. 28-04-2023]. Disponível na Internet: <URL: <http://journals.openedition.org/midas/2032> > <DOI: <https://doi.org/10.4000/midas.2032> >
- GRILO, Fernando Jorge Artur – Coleccionismo e integração de património monástico em Portugal no início do século XX. A coleção José Relvas. In *ARTis ON*, N.º 3, (2016), p. 173-185. Disponível na Internet: <URL: <https://doi.org/10.37935/aion.v0i3.89> >
- GRILO, Fernando Jorge Artur – Coleccionismo e mercado de arte em Portugal no início do século XX. In NETO, Maria João; MALTA, Marize, eds. – *Coleções de arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX. Perfis e trânsitos*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2014, p. 487-501. Disponível na Internet: <URL: [https://www.academia.edu/30681538/Coleccionismo\\_e\\_Mercado\\_de\\_Arte\\_em\\_Portugal\\_no\\_in%C3%ADcio\\_do\\_Sec\\_XX](https://www.academia.edu/30681538/Coleccionismo_e_Mercado_de_Arte_em_Portugal_no_in%C3%ADcio_do_Sec_XX) >

- HENRIQUES, António – Gênese em Portugal dos Museu de Arte do Estado como Lugares de Instrução Pública e sua substituição pelos Museus de Contemplação (1833-1899). In *Revista História da Educação* [Online], Vol. 23, (2019). Disponível na Internet: <URL: <https://doi.org/10.1590/2236-3459/89519> >
- HOUAISS, Antônio [et al.] – *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa: Temas e Debates, 2003
- JIMÉNEZ-BLANCO, María Dolores – Buscadoras de belleza. Coleccionismo de arte y activismo. In *Revista Estudios Curatoriales*. Nº 1, (2012). Disponível na Internet: <URL: <https://revistas.untref.edu.ar/index.php/rec/article/view/705/645> >
- JIMÉNEZ-BLANCO, María Dolores; MACK, Cindy – *Buscadores de beleza: historias de los grandes coleccionistas de arte*. Barcelona: Ariel, 2007
- KEIL, Alfredo – *Collecções e museus de arte em Lisboa*. Lisboa: Livraria Ferreira & Oliveira, 1905
- LEMOS, Teresa Isabel de Lima Pimentel Almiro do Vale de Sande e – *O leilão da coleção Arroyo e o mercado de arte em Portugal no final da monarquia. [em linha]*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2015. Dissertação de Mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2015. [consult. 20-02-2023]. Disponível na Internet: <URL: <http://hdl.handle.net/10451/24494> >
- LIMA, Nuno Miguel – Henry Burnay no contexto das fortunas da Lisboa oitocentista. In *Análise Social*, Vol. 44, Nº 192, (2009), p. 565–588. Disponível na Internet: <URL: <http://www.jstor.org/stable/41012732> > ou <  
<URL: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1253274119E4wKP7ku9Cm54LC9.pdf> >
- LOPES, Norberto – *O Exilado de Bougie. Perfil de Teixeira Gomes. Com um estudo de João de Barros*. 2ª Edição. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1942
- LOPES, Norberto – Último capítulo de um encontro breve. Teixeira Gomes, Cidadão de Bougie. In *Diário de Lisboa*. N.º 5820, ano 18 (4 de fevereiro de 1939), p. 4, 5 e 7, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos. Disponível na Internet: <URL: <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05764.028.07171#!4> >
- LOPES, Norberto – Visita ao antigo Presidente da República M. Teixeira Gomes no seu exílio voluntario em Bougie. In *Diário de Lisboa*. N.º 5818, ano 18 (2 de fevereiro de 1939), p. 4-5, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos. Disponível na Internet: <URL: <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05764.028.07169#!4> >
- LOPES, Norberto – Visita ao antigo Presidente Teixeira Gomes. In *Diário de Lisboa*. N.º 5819, ano 18 (3 de fevereiro de 1939), p. 4 e 6, Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos. Disponível na Internet: <URL: <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05764.028.07170#!4> >
- LUCIE-SMITH, Edward – *Dicionário dos Termos de Arte*. Tradução de Ana Cristina Mântua. 1ª Edição. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990
- MALTA, Marize – Gostos ecléticos em coleções, repercussões em museus nacionais: o caso da coleção Ferreira das Neves. In *MIDAS* [Online], 11, (2020), [consult. 28-04-2023]. Disponível na Internet: <URL: <http://journals.openedition.org/midas/2067> > < DOI : <https://doi.org/10.4000/midas.2067> >

- MALTA, Marize; NETO, Maria João – Coleções de arte além-mar: encontros e perspectivas entre Portugal e Brasil. In *PÓS: Revista Do Programa De Pós-graduação Em Artes Da EBA/UFMG*. Vol. 4, (2014), p. 26 - 39. Disponível na Internet: <URL: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15477> >
- MARIZ, Vera – “não deixe sair o que ainda temos” – A evolução da legislação portuguesa relativa à exportação de obras de arte. In NETO, Maria João; MALTA, Marize, eds. – *Coleções de arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX. Coleções em exílio*. Lisboa: Caleidoscópio, 2018, p. 117-132. Disponível na Internet: <URL: [https://www.academia.edu/41463117/n%C3%A3o\\_deixe\\_sair\\_o\\_que\\_ainda\\_temos\\_A\\_evolu%C3%A7%C3%A3o\\_da\\_legisla%C3%A7%C3%A3o\\_portuguesa\\_relativa\\_%C3%A0\\_exporta%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_obras\\_de\\_arte\\_Neto\\_Maria\\_Jo%C3%A3o\\_Malta\\_Marize\\_Cole%C3%A7%C3%B5es\\_de\\_Arte\\_em\\_Portugal\\_e\\_Brasil\\_nos\\_s%C3%A9culos\\_XIX\\_e\\_XX\\_Cole%C3%A7%C3%B5es\\_em\\_Ex%C3%ADlio\\_Lisboa\\_Caleidosc%C3%B3pio\\_o\\_2018\\_pp\\_117\\_132](https://www.academia.edu/41463117/n%C3%A3o_deixe_sair_o_que_ainda_temos_A_evolu%C3%A7%C3%A3o_da_legisla%C3%A7%C3%A3o_portuguesa_relativa_%C3%A0_exporta%C3%A7%C3%A3o_de_obras_de_arte_Neto_Maria_Jo%C3%A3o_Malta_Marize_Cole%C3%A7%C3%B5es_de_Arte_em_Portugal_e_Brasil_nos_s%C3%A9culos_XIX_e_XX_Cole%C3%A7%C3%B5es_em_Ex%C3%ADlio_Lisboa_Caleidosc%C3%B3pio_o_2018_pp_117_132) >
- MARIZ, Vera – John Charles Robinson. O amigo e conselheiro. In NETO, Maria João, eds. – *Monserate Revisitado. A coleção Cook em Portugal*. Lisboa: Caleidoscópio, 2017, p. 117-129. Disponível na Internet: <URL: [https://www.academia.edu/35349106/Mariz\\_Vera\\_John\\_Charles\\_Robinson\\_O\\_amigo\\_e\\_conselheiro\\_Neto\\_Maria\\_Jo%C3%A3o\\_coord\\_Monserate\\_Revisitado\\_A\\_cole%C3%A7%C3%A3o\\_Cook\\_em\\_Portugal\\_Lisboa\\_Caleidosc%C3%B3pio\\_2017\\_pp\\_117\\_129](https://www.academia.edu/35349106/Mariz_Vera_John_Charles_Robinson_O_amigo_e_conselheiro_Neto_Maria_Jo%C3%A3o_coord_Monserate_Revisitado_A_cole%C3%A7%C3%A3o_Cook_em_Portugal_Lisboa_Caleidosc%C3%B3pio_2017_pp_117_129) >
- MATOS, Maria Antónia Pinto de, coord. – *Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves: Roteiro*. 1ª Edição. Lisboa: Ministério da Cultura, 2002
- MENDES, José Amado – *Estudos do património: museus e educação*. 2ª Edição. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013
- MESQUITA, José Carlos Vilhena – Teixeira Gomes, o escritor burguês. In *História*. Lisboa: Publicações Projomal, Lda. Nº 64, (fevereiro de 1984), p. 20-33. Disponível na Internet: <URL: <http://hdl.handle.net/10400.1/5015> >
- MUSEU DE PORTIMÃO - CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E ARQUIVO HISTÓRICO – *Inventário da Coleção Manuel Teixeira Gomes*. Portimão: Museu de Portimão - Centro de Documentação e Arquivo Histórico, s.d.
- MUSEU DE PORTIMÃO - CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E ARQUIVO HISTÓRICO – *Inventário da Coleção Manuel Teixeira Gomes do Museu do Chiado*. Portimão: Museu de Portimão - Centro de Documentação e Arquivo Histórico, s.d.
- NETO, Maria João – Coleccionadores e Connaisseurs de obras de arte: Francis Cook (1817-1901) e John Charles Robinson (1824-1913) em Portugal. In *Artis*, Nº 6, (2007), Lisboa: Instituto de História da Arte FLUL, 2007, p. 403-442
- NETO, Maria João; MALTA, Marize, eds. – *Coleções de Arte em Portugal e no Brasil nos séculos XIX e XX. Coleções reais e Coleções oficiais*. Lisboa: Caleidoscópio, 2020
- NORAS, José Raimundo; PRATES, Nuno – Vivências da família Relvas na Grande Guerra: entre negócios, arte e a política. In *Anais Leirienses - Estudos e Documentos*, Nº 3, (2019), p. 141-156. Disponível na Internet: <URL: <http://hdl.handle.net/10451/40735> >
- PERDIGÃO, José de Azeredo – *Calouste Gulbenkian Coleccionador*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1969

- PIMENTEL, António Filipe [et al.] – *História da Arte. Arquitetura, Escultura, Pintura*. Coimbra: Edições Minerva, 2010
- PINTO, Ana Lídia; MEIRELES, Fernanda; CAMBOTAS, Manuela Cernadas – *História da Arte Ocidental e Portuguesa, das origens ao final do século XX*. Porto: Porto Editora, 2001.
- POMIAN, Krzysztof - Coleção. Memória-História. In *Enciclopédia Einaudi*. Vol. 1. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1984
- QUARESMA, José Alberto - *Manuel Teixeira Gomes – Biografia*. Lisboa: INCM – Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2016 (E-book)
- RAMOS, Paulo Oliveira - Breve história dos museus em Portugal. In ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz, coord. – *Iniciação à museologia*. Lisboa: Universidade Aberta, 1993, p. 19-62
- RAMOS, Paulo Oliveira – Emília Ferreira – Lisboa em Festa: A Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental Portuguesa e Espanhola, 1882. Antecedentes de um Museu. In *MIDAS* [Online], 10, (2019), [consult. 22-04-2023]. Disponível na Internet: <URL: <http://journals.openedition.org/midas/1550> > <DOI: <https://doi.org/10.4000/midas.1550> >
- RAMOS, Rui – A Segunda Fundação (1890-1926). In MATTOSO, José, dir. – *História de Portugal*. [S.l.]: Círculo de Leitores, 1994. Vol. 6.
- RIBEIRO, José Diogo Henriques Sêco - *Subsídios para o estudo do património artístico de Coimbra [texto policopiado]: a coleção de frascos de rapé de Manuel Teixeira Gomes*. Coimbra: [s.n.], 2005. 2 vol. Dissertação de Mestrado em Museologia e Património Cultural apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2005
- RICOEUR, Paul – *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: Editora Unicamp, 2007
- ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz, coord. – *Iniciação à Museologia*. Lisboa: Universidade Aberta, 1993
- RODRIGUES, Urbano - *A Vida Romanesca de Teixeira Gomes*. Lisboa: Editora Marítimo-Colonial, Lda., 1946
- RODRIGUES, Urbano Tavares - *M. Teixeira Gomes: O Discurso do Desejo*. Lisboa: Edições 70, 1982
- RODRIGUES, Urbano Tavares; FERREIRA, Vítor Wladimiro – *O Cristal da Palavra – Cartas inéditas de Manuel Teixeira Gomes a Afonso Lopes Vieira*. Apresentação de Urbano Tavares Rodrigues e Vítor Wladimiro Ferreira. Lisboa: Edições Colibri e Câmara Municipal de Portimão, 1999
- ROQUE, Maria Isabel - Museologia oitocentista do património religioso em Portugal. In *Idearte: Revista de Teorias e Ciências da Arte*. Vol. 6, (2010), p. 117-145. Disponível na Internet: <URL: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/21258> >
- SERAFIM, Catarina – *Os arquivos de músicos: uma abordagem à luz do arquivo pessoal de Alfredo Keil [em linha]*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2013. Dissertação de Mestrado em Ciências da Informação e da Documentação apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2014. [consult. 25-02-2023]. Disponível na Internet: <URL: <http://hdl.handle.net/10362/13809> >
- SILVA, Raquel Henriques da – As artes durante a primeira República: tradição e modernidade. A pintura: predomínio do sistema naturalista. In *Viva a República. 1910-2010*. [S.l.]: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2010, p. 163-167 [catálogo]

- SILVA, Raquel Henriques da – Coleccionismo de arte no Portugal de Oitocentos. In *Henri Burnay. De banqueiro a colecionador*. Lisboa: Instituto Português de Museus, 2003, p. 11-21
- SILVA, Raquel Henriques da – Museu nacional de arte contemporânea / museu do chiado – da fundação aos anos de 1960. In Asensio, Lira, Asenjo & Castro, eds. - *Series Iberoamericanas de Museología*. Vol. 6, (2012), p. 77-88. Disponível na Internet: <URL: [https://repositorio.uam.es/bitstream/handle/10486/11566/57370\\_7.pdf](https://repositorio.uam.es/bitstream/handle/10486/11566/57370_7.pdf) >
- SILVA, Raquel Henriques da, coord. [et al.] – *Dicionário Quem é Quem na Museologia Portuguesa – edição revista e ampliada* [em linha]. 2ª Edição. Lisboa: Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/NOVA, 2022. Disponível na Internet: <URL: <https://doi.org/10.34619/oelt-t7xq> >
- SOARES, Clara Moura – A Coleção de arte do Conde do Ameal: o leilão de 1921 e as aquisições do Estado Português para os Museus Nacionais. In MALTA, Marize; NETO, Maria João; CAVALCANTI, Ana; OLIVEIRA, Emerson Dionísio de; COUTO, Maria de Fátima Morethy, eds. – *Coleções de Arte em Portugal e no Brasil nos séculos XIX e XX. Modos de ver e exibir em Brasil e Portugal*. Rio de Janeiro: Rio Books, 2016, p. 89-105. Disponível na Internet: <URL: [https://www.academia.edu/37438767/Clara\\_Moura\\_Soares\\_2016\\_A\\_Cole%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_arte\\_do\\_Conde\\_do\\_Ameal\\_o\\_leil%C3%A3o\\_de\\_1921\\_e\\_as\\_aquisi%C3%A7%C3%B5es\\_do\\_Estado\\_Portugu%C3%AAs\\_para\\_os\\_Museus\\_Nacionais\\_in\\_Cole%C3%A7%C3%B5es\\_de\\_Arte\\_em\\_Portugal\\_e\\_no\\_Brasil\\_nos\\_s%C3%A9culos\\_XIX\\_e\\_XX\\_Modos\\_de\\_ver\\_e\\_exibir\\_em\\_Brasil\\_e\\_Portugal\\_Rio\\_de\\_Janeiro\\_Rio\\_Books\\_pp\\_89\\_105](https://www.academia.edu/37438767/Clara_Moura_Soares_2016_A_Cole%C3%A7%C3%A3o_de_arte_do_Conde_do_Ameal_o_leil%C3%A3o_de_1921_e_as_aquisi%C3%A7%C3%B5es_do_Estado_Portugu%C3%AAs_para_os_Museus_Nacionais_in_Cole%C3%A7%C3%B5es_de_Arte_em_Portugal_e_no_Brasil_nos_s%C3%A9culos_XIX_e_XX_Modos_de_ver_e_exibir_em_Brasil_e_Portugal_Rio_de_Janeiro_Rio_Books_pp_89_105) >
- SOARES, Clara Moura – Os leilões de património artístico: uma consequência da Lei da Separação de 1911. In FERNANDES, Alexandra; AFONSO, Luís U., eds. – *Os leilões e o mercado da arte em Portugal. Estrutura, História e Tendências*. Lisboa: Scribe, 2012, p. 85-95. Disponível na Internet: <URL: [https://www.academia.edu/37432581/Clara\\_Moura\\_Soares\\_2012\\_Os\\_leil%C3%B5es\\_de\\_patrim%C3%B3nio\\_art%C3%ADstico\\_uma\\_consequ%C3%Aancia\\_da\\_Lei\\_da\\_Separa%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_1911\\_in\\_Fernandes\\_Alexandra\\_e\\_Afonso\\_Lu%C3%ADs\\_U\\_Ed\\_Os\\_leil%C3%B5es\\_e\\_o\\_mercado\\_da\\_arte\\_em\\_Portugal\\_Estrutura\\_Hist%C3%B3ria\\_e\\_Tend%C3%Aancias\\_Lisboa\\_Scribe\\_pp\\_85\\_95](https://www.academia.edu/37432581/Clara_Moura_Soares_2012_Os_leil%C3%B5es_de_patrim%C3%B3nio_art%C3%ADstico_uma_consequ%C3%Aancia_da_Lei_da_Separa%C3%A7%C3%A3o_de_1911_in_Fernandes_Alexandra_e_Afonso_Lu%C3%ADs_U_Ed_Os_leil%C3%B5es_e_o_mercado_da_arte_em_Portugal_Estrutura_Hist%C3%B3ria_e_Tend%C3%Aancias_Lisboa_Scribe_pp_85_95) >
- SOARES, Isabel Cristina Neto - *A Rede de Museus do Algarve: Funcionamento e Potencialidades* [em linha]. Évora: Universidade de Évora, 2012. Dissertação de Mestrado em Museologia apresentada à Universidade de Évora, 2012. [consult. 15-02-2023]. Disponível na Internet: <URL: <http://rdpc.uevora.pt/bitstream/10174/11788/1/tese%20doc%20final%2030-%2009-11.pdf> >
- SOARES, Mário - *Manuel Teixeira-Gomes – Uma Personalidade Singular*. Lisboa: Edições Asa/Câmara Municipal de Portimão, 2001
- SOROMENHO, Castro – Teixeira Gomes. Aspectos inéditos da vida do artista, diplomata e homem de Estado. In *Vida Mundial Ilustrada: Semanário Gráfico de Actualidades*. Lisboa: J.P. Martins, 1941-[1946]. Ano 1, Nº 24, (30 de outubro de 1941), p. 5 e 8. Disponível na Internet: <URL: [https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/VidaMundialIlustrada/N024/N024\\_item1/P5.html](https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/VidaMundialIlustrada/N024/N024_item1/P5.html) >

- SOTO, Victoria – *Dicionário de Pintura – Século XIX*. Lisboa: Editorial Estampa, 2001
- VAIRO, Giulia Rossi – A Bem da Nação: a passagem da Coleção Burnay nos Museus e Palácios Nacionais. In NETO, Maria João; MALTA, Marize, eds. – *Coleções de arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX. Perfis e trânsitos*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2014, p. 471-486. Disponível na Internet: <URL: [https://www.academia.edu/10649768/A\\_Bem\\_da\\_Na%C3%A7%C3%A3o\\_a\\_passagem\\_da\\_Colec%C3%A7%C3%A3o\\_Burnay\\_nos\\_Museus\\_e\\_Pal%C3%A1cios\\_Nacionais](https://www.academia.edu/10649768/A_Bem_da_Na%C3%A7%C3%A3o_a_passagem_da_Colec%C3%A7%C3%A3o_Burnay_nos_Museus_e_Pal%C3%A1cios_Nacionais) >
- VENTURA, Maria da Graça Mateus, coord. - *Manuel Teixeira Gomes: Ofício de Viver*. Lisboa: Tinta da China, 2010
- XAVIER, Hugo – “Propriedade Minha”: ourivesaria, marfins e esmaltes da coleção de D. Fernando II. Sintra: Parques de Sintra – Monte da Lua, 2022. Disponível na Internet: <URL: <https://www.parquesdesintra.pt/pt/aprender-em-casa/edicoes-e-artigos-digitais/colecoes-em-foco-edicoes-digitais/propriedade-minha-ourivesaria-marfins-e-esmaltes-da-colecao-de-d-fernando-ii/> >
- XAVIER, Hugo – A Galeria Nacional de Pintura da Academia de Belas Artes de Lisboa: da formação do acervo à criação do Museu Nacional de Belas Artes e Arqueologia (1834-1884). In *Belas Artes da Academia: Uma Coleção Desconhecida*, ANBA, (2016), p. 27-39. Disponível na Internet: <URL: [https://www.academia.edu/31579258/A\\_Galeria\\_Nacional\\_de\\_Pintura\\_da\\_Academia\\_de\\_Belas\\_Artes\\_de\\_Lisboa\\_da\\_forma%C3%A7%C3%A3o\\_do\\_acervo\\_%C3%A0\\_cria%C3%A7%C3%A3o\\_do\\_Museu\\_Nacional\\_de\\_Belas\\_Artes\\_e\\_Arqueologia\\_1834\\_1884](https://www.academia.edu/31579258/A_Galeria_Nacional_de_Pintura_da_Academia_de_Belas_Artes_de_Lisboa_da_forma%C3%A7%C3%A3o_do_acervo_%C3%A0_cria%C3%A7%C3%A3o_do_Museu_Nacional_de_Belas_Artes_e_Arqueologia_1834_1884) \_ >
- XAVIER, Hugo – As doações do conde de Carvalhido à Academia de Belas Artes de Lisboa. In NETO, Maria João; MALTA, Marize, eds. – *Coleções de arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX. Perfis e trânsitos*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2014, p. 399 -424. Disponível na Internet: <URL: [https://www.academia.edu/7377693/As\\_doa%C3%A7%C3%B5es\\_do\\_conde\\_de\\_Carvalhido\\_%C3%A0\\_Academia\\_de\\_Belas\\_Artes\\_de\\_Lisboa](https://www.academia.edu/7377693/As_doa%C3%A7%C3%B5es_do_conde_de_Carvalhido_%C3%A0_Academia_de_Belas_Artes_de_Lisboa) >
- XAVIER, Hugo – O mercado de arte e o rei D. Luís: a formação da galeria de pintura e do museu de antiguidades do Palácio da Ajuda. In M. Cabral de Moncada, eds. – *Museus, Palácios e Mercados de Arte*. Lisboa: Scribe, 2015, p. 94 -105. Disponível na Internet: <URL: [https://www.academia.edu/31541067/O\\_mercado\\_de\\_arte\\_e\\_o\\_rei\\_D\\_Lu%C3%ADs\\_a\\_forma%C3%A7%C3%A3o\\_da\\_Galeria\\_de\\_Pintura\\_e\\_do\\_Museu\\_de\\_Antiguidades\\_do\\_Pal%C3%A1cio\\_da\\_Ajuda](https://www.academia.edu/31541067/O_mercado_de_arte_e_o_rei_D_Lu%C3%ADs_a_forma%C3%A7%C3%A3o_da_Galeria_de_Pintura_e_do_Museu_de_Antiguidades_do_Pal%C3%A1cio_da_Ajuda) >
- XAVIER, Hugo – O Museu de Arte Ornamental da Academia de Belas Artes de Lisboa. In *Museu*. Vol. 19, (2012), p. 67-94. Disponível na Internet: <URL: [https://www.academia.edu/6300101/O\\_Museu\\_de\\_Arte\\_Ornamental\\_da\\_Academia\\_de\\_Belas\\_Artes\\_de\\_Lisboa](https://www.academia.edu/6300101/O_Museu_de_Arte_Ornamental_da_Academia_de_Belas_Artes_de_Lisboa) >

### Fontes Audiovisuais

- UNIVERSIDADE ABERTA – *Entre Nós* [em linha]: *Casa-Museu dos Patudos*. [Registo vídeo]. Realização de José Mexia; Tecnólogo Vítor Almeida. Lisboa: Universidade Aberta, 2004. 1 prog. vídeo (24 min., 44 seg.). Disponível na Internet: <URL: <http://hdl.handle.net/10400.2/5584> >

UNIVERSIDADE ABERTA - *Entre Nós* [em linha]: *Presidentes da República: Manuel Teixeira Gomes*. [Registo vídeo]. Realização de Paulo Oliveira e de Vanda Caixeiro; Técnica Teresa Ribeiro. Lisboa: Universidade Aberta, 2007. 1.º prog. vídeo (27 min., 44 seg.). Disponível na Internet: <URL: <http://hdl.handle.net/10400.2/5581> >

### Webgrafia

BRITANNICA [online] – *Encyclopedia Britannica* [em linha]. [consult. 23-11-2023].

Disponível na Internet <URL <https://www.britannica.com/> >

CASA COMUM – FUNDAÇÃO MÁRIO SOARES [online] – *Arquivo Manuel Teixeira Gomes* [em linha]. [consult. 11-10-2023]. Disponível na Internet <URL

[http://casacomum.org/cc/arquivos?set=e\\_6459#!e\\_6459](http://casacomum.org/cc/arquivos?set=e_6459#!e_6459) >

CENTRO NACIONAL DE CULTURA [online] - *Museu de Portimão comemora 2º aniversário* [em linha]. (2010), s.d. [consult. 13-10-2023]. Disponível na Internet <URL

<https://www.e-cultura.pt/artigo/5641> >

DICIONÁRIOS PORTO EDITORA [online] – *Infopédia* [em linha]. [consult. 13-11-2023].

Disponível na Internet <URL <https://www.infopedia.pt/> >

DIREÇÃO-GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL [online] – *MatrizNet* [em linha]. [consult. 15-10-2023]. Disponível na Internet <URL

<http://www.matriznet.dgpc.pt/matriznet/home.aspx> >

ICOMOS - PORTUGAL [online] – *ICOMOS - Portugal* [em linha]. [consult. 14-04-2023].

Disponível na Internet <URL <https://www.icomos.pt/> >

MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN [online] – *Museu Calouste Gulbenkian* [em linha].

[consult. 06-08-2023]. Disponível na Internet <URL <https://gulbenkian.pt/museu/> >

MUSEU CASA DA MOEDA [online] – *Museu Casa da Moeda* [em linha]. [consult. 10-10-2023]. Disponível na Internet <URL <https://www.museucasadamoeda.pt/> >

MUSEU DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA [online] – *Arquivo dos Presidentes - MPR* [em linha]. [consult. 10-10-2023]. Disponível na Internet <URL

<https://www.arquivo.museu.presidencia.pt/results?t=Manuel+Teixeira+Gomes&dp0=UnitDates&dpinit0=1850-01-01&dpgfn0=2023-05-05&s=Rank&sd=False&p=0&searchType=Description> >

MUSEU DE PORTIMÃO [online] – *Centro de Documentação – Catálogo Online* [em linha].

[consult. 25-11-2023]. Disponível na Internet <URL

<http://pesquisa.museudeportimao.pt/index.php> >

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA [online] – *Museu Nacional de Arte Antiga* [em linha].

[consult. 12-10-2023]. Disponível na Internet <URL

<http://www.museudearteantiga.pt/> >

MUSEU NACIONAL DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO CHIADO [online] – *Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado* [em linha]. [consult. 13-10-2023]. Disponível na

Internet <URL <http://www.museuartecontemporanea.gov.pt/> >

POSTAL [online] - *Portimão: Doação de pintura e apresentação de futuro núcleo*

*museológico assinalam 162º aniversário do nascimento de Manuel Teixeira Gomes*

[em linha]. (2022), 31 de maio de 2022. [consult. 13-10-2023]. Disponível na Internet

<URL <https://postal.pt/cultura/doacao-de-pintura-e-apresentacao-de-futuro-nucleo-museologico-assinalam-162o-aniversario-do-nascimento-de-manuel-teixeira-gomes%ef%bf%bc%ef%bf%bc/> >

- RTP ENSINA [online] – *Manuel Teixeira Gomes, o colecionador* [em linha]. [consult. 12-10-2023]. Disponível na Internet <URL <https://ensina.rtp.pt/artigo/manuel-teixeira-gomes-o-colecionador/> >
- SIGARRA - UNIVERSIDADE DO PORTO [online] – *Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto* [em linha]. [consult. 19-04-2023]. Disponível na Internet <URL [https://sigarra.up.pt/up/pt/web\\_base.gera\\_pagina?P\\_pagina=122498](https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?P_pagina=122498) >
- SUL INFORMAÇÃO [online] - *Aniversário de Manuel Teixeira Gomes assinalado com doação de pintura* [em linha]. (2022), 31 de maio de 2022. [consult. 13-10-2023]. Disponível na Internet <URL <https://www.sulinformacao.pt/2022/05/aniversario-de-manuel-teixeira-gomes-assinalado-com-doacao-de-pintura/> >
- SUL INFORMAÇÃO [online] - *Museu de Portimão promove colóquio sobre a vida de Manuel Teixeira Gomes* [em linha]. (2021), 03 de dezembro de 2021. [consult. 13-10-2023]. Disponível na Internet <URL <https://www.sulinformacao.pt/2021/12/museu-de-portimao-promove-coloquio-sobre-a-vida-de-manuel-teixeira-gomes/> >

## **ANEXO I**

**Cronologia de apoio “Manuel Teixeira Gomes: excertos de uma biografia”**

## **Cronologia de apoio “Manuel Teixeira Gomes: excertos de uma biografia”<sup>403</sup>**

### 1860

- Nascimento de Manuel Teixeira Gomes, a 27 de maio, em Vila Nova de Portimão, filho de José Libânio Gomes e de Maria da Glória Teixeira Gomes.

### 1866

- Manuel Teixeira Gomes frequenta, em Portimão, o Colégio de S. Luís de Gonzaga.

### 1870 - 1875

- Frequência do Seminário dos Olivais em Coimbra, onde José Relvas é seu colega de carteira na aula de Latim.

### 1875

- Matricula-se na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, onde tem como colegas Eduardo Abreu e Eduardo Burnay (1853 - 1924) (irmão do banqueiro e colecionador de arte Henri Burnay). Vive em Coimbra até 1877.

### 1877

- Em Lisboa inicia a fase de vida boémia intelectual. Convive com escritores e intelectuais como Fialho de Almeida.

### 1881

- Muda-se para a cidade do Porto, onde se matricula na Escola Médico-Cirúrgica.

---

<sup>403</sup> Principais fontes utilizadas para a elaboração da cronologia: GOMES, Manuel Teixeira – *Obras completas de M. Teixeira-Gomes (Cartas a Columbano)*. 3ª Edição. Venda Nova: Bertrand Editora, 1989; GOMES, Manuel Teixeira – *Obras completas de M. Teixeira-Gomes (Regressos; Miscelânea; Carnaval Literário; Londres Maravilhosa e outras páginas dispersas)*. Vol. III. 1ª Edição. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2022; QUARESMA, José Alberto - *Manuel Teixeira Gomes – Biografia*. Lisboa: INCM – Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2016 (E-book); RODRIGUES, Urbano Tavares - *M. Teixeira Gomes: O Discurso do Desejo*. Lisboa: Edições 70, 1982, p. 411-427; RODRIGUES, Urbano Tavares; FERREIRA, Vítor Wladimiro – *O Cristal da Palavra – Cartas inéditas de Manuel Teixeira Gomes a Afonso Lopes Vieira*. Lisboa: Edições Colibri e Câmara Municipal de Portimão, 1999, p. 112-117; VENTURA, Maria da Graça Mateus, coord. - *Manuel Teixeira Gomes: Ofício de Viver*. Lisboa: Tinta da China, 2010.

- No Porto frequenta a “Casa Bonjardim” – cenáculo político-literário instalado na padaria do pai do seu amigo Sampaio Bruno (José Pereira Sampaio) – onde convive com vários artistas e homens das letras como Soares dos Reis (escultor), Marques de Oliveira (pintor), Domingos Ciríaco Cardoso (músico), Joaquim Coimbra (poeta), Francisco Carrelhas (jornalista), Basílio Teles (ensaísta e político republicano), Queirós Veloso (historiador), Luís Botelho (crítico literário) e Joaquim de Araújo (diplomata).

- Funda, em conjunto, com Joaquim Coimbra e Queirós Veloso, o jornal de teatro *Gil Vicente*.

- Publica, no diário *Folha Nova*, o seu primeiro artigo. Colabora nos jornais *O Primeiro de Janeiro* e *Folha de Hoje*.

#### 1882

- Manuel Teixeira Gomes é retratado por Marques de Oliveira.

#### 1885

- Regressa a Portimão para trabalhar na empresa do patriarca de comércio de frutos secos. Inicia a fase da sua vida repartida entre a permanência de cerca de quatro a cinco meses por ano nos países do norte da Europa onde representa o negócio familiar, dois meses em Portimão e os restantes dedica-os a viajar pela bacia do Mediterrâneo.

- Manuel Teixeira Gomes visita Amesterdão.

#### 1886

- Teixeira Gomes visita, demoradamente, a Itália. Durante quatro meses permanece em Florença, palmilhando diversas localidades da Toscana. Nos oito anos seguintes regressará a Itália, calcorreando-a de “lés-a-lés”.

#### 1889

- Manuel Teixeira Gomes visita Sevilha, Barcelona, Génova e Florença.

#### 1890

- Manuel Teixeira Gomes visita o Rijksmuseum em Amesterdão.

### 1891

- Teixeira Gomes passa a representar na Alemanha, Bélgica<sup>404</sup>, França, Holanda e Inglaterra a sociedade *Sindicato dos Exportadores de Figos do Algarve*, liderada pelo pai. Nestes países aproveita os tempos livres para conhecer museus, galerias de arte e assistir a eventos musicais.

### 1893

- Manuel Teixeira Gomes, no seu périplo pela cidade do Porto, visita o Palácio de Cristal, a Igreja dos Clérigos, a Sé e o Paço Episcopal e o Museu Municipal do Porto.

### 1895

- Entre maio e agosto de 1895 permanece em Lisboa, onde participa nas Festas de Santo António e convive com personalidades como os escritores Fialho de Almeida, Alfredo Mesquita, Luís Osório e Silva Pinto; os poetas João de Deus e António Nobre e o caricaturista Celso Hermínio.

### 1897

- Em viagem a Inglaterra assiste aos festejos do Jubileu de Diamante da rainha Vitória e aproveita para visitar «miudamente os museus» londrinos.

- Manuel Teixeira Gomes visita Veneza, Nápoles, Pompeia, Sicília, Tunísia e Argélia.

### 1899

- Manuel Teixeira Gomes visita Constantinopla.

- Publica o seu primeiro livro, *Inventário de Junho*.

- Passa a viver maritalmente com Belmira das Neves.

---

<sup>404</sup> Na Bélgica visita as cidades de Antuérpia (onde conhece o Museu Plantin), Bruges, Gand, Bruxelas e Tournai (Ventura, coord., 2010, p. 149-150).

### 1902

- Manuel Teixeira Gomes visita Siracusa.

### 1903

- Publica o segundo livro, *Cartas Sem Moral Nenhuma*.
- Manuel Teixeira Gomes visita Cádiz<sup>405</sup>, Tenerife e Funchal.

### 1904

- Publica o terceiro livro, *Agosto Azul*.
- Manuel Teixeira Gomes visita o Palácio de Alhambra em Granada.

### 1905

- Falecimento do pai de Teixeira Gomes, a 16 de março.
- Entre abril e maio passa uma estada em Lisboa com Belmira das Neves, aproveitando para (re)visitar monumentos e museus (Mosteiro dos Jerónimos, Basílica da Estrela, Museu de Arte Sacra de São Roque, Museu de Artilharia e Museu Nacional de Belas Artes e Arqueologia) e conviver com diversas personalidades do mundo literário: Abel Botelho, Alfredo Mesquita, Carlos Malheiro Dias, Fialho de Almeida, Henrique de Vasconcelos, João de Barros, Trindade Coelho, etc. Durante este período conhece, entre outros, os seguintes homens das letras: Afonso Lopes Vieira, António Feijó, Júlio Dantas e Teixeira de Queirós.

- Publica *Sabina Freire*.

### 1906

- Nascimento da primeira filha, Ana Rosa.
- Manuel Teixeira Gomes torna-se membro do Partido Republicano Português.
- Teixeira Gomes colabora na revista *Arte e Vida*, com o artigo *Desenhos e Anekdotes de João de Deus*.

---

<sup>405</sup> As suas visitas a Espanha são muito frequentes, especialmente à Andaluzia, onde conhece localidades como Huelva, Jerez, Córdova, Granada e, em particular, a cidade de Sevilha pela qual nutre um especial deslumbramento.

### 1908

- Manuel Teixeira Gomes viaja por Espanha (Madrid, Ávila, Pamplona). Nesta última localidade assiste às festas de S. Firmino.

- Falecimento da mãe de Teixeira Gomes.

### 1909

- Publica *Gente Singular*.

### 1910

- Nascimento da segunda filha, Maria Manuela.

### 1911

- Columbano Bordalo Pinheiro pinta o primeiro retrato de Teixeira Gomes.

- A 23 de março, é nomeado Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário em Londres.

- A 3 de abril parte para Londres, onde chega a 7 de abril, e instala-se, temporariamente, no Hotel Coburgo.

- Teixeira Gomes torna-se membro da *Société Académique d'histoire Internationale*.

- A 11 de outubro Manuel Teixeira Gomes apresenta credenciais ao Rei Jorge V da Grã-Bretanha.

- Em dezembro vem de férias a Portugal.

### 1912

- A 30 de janeiro visita o Museu do Prado.

- Em fevereiro regressa a Londres.

- Em 24 de abril discursa numa conferência sobre Shakespeare, em Stratford-upon-Avon.

### 1913

- Entre abril e junho faz férias em Portugal.

### 1914

- Entre maio e junho faz férias em Portugal.

### 1915

- Manuel Teixeira Gomes apresenta um pedido de demissão do cargo de ministro em Londres, o que lhe foi negado.
  - A 8 de julho deixa Londres (via Paris-Madrid-Lisboa) a caminho de Portugal para se reunir com o Ministro dos Negócios Estrangeiros.
  - A 10 de julho percorre, novamente, o Museu do Prado.
  - Em 14 de julho visita, com Brito Camacho, uma exposição na Sociedade Nacional de Belas-Artes, em Lisboa.
  - A 18 de julho regressa a Londres, via Paris.

### 1916

- Em julho a missão do governo da “União Sagrada” visita Londres para definir com a Inglaterra, entre outros assuntos, o acordo relativo às embarcações alemãs aprisionadas por Portugal, o qual implicou a sua entrada na Grande Guerra. O ministro na capital inglesa acompanha a missão diplomática, onde trava conhecimento com Urbano Rodrigues.

### 1917

- Manuel Teixeira Gomes visita, em abril, João Chagas na Legação de Portugal em Paris.
  - Fundação, em 15 de novembro, da *Camoens Chair of Portuguese*, no King's College de Londres, impulsionada por Teixeira Gomes que foi eleito seu presidente de honra.

### 1918

- A 7 de janeiro, após ser convocado por Sidónio Pais, Teixeira Gomes deixa Londres via Paris, seguindo por Madrid – onde visita entre os dias 13 e 15 o Museu do Prado –, chega a Lisboa a 17, instalando-se no Hotel Avenida Palace.

- Sidónio Pais, em 25 de janeiro de 1918, demite compulsivamente Teixeira Gomes do seu cargo de Ministro Plenipotenciário.

- A 5 de fevereiro visita o Museu Nacional de Arte Contemporânea.

- Em julho, Teixeira Gomes faz férias na Figueira da Foz.

- Em novembro desloca-se à sua terra natal.

### 1919

- Em 11 de fevereiro o governo chefiado por José Relvas nomeia Manuel Teixeira Gomes para o cargo de Ministro Plenipotenciário e Enviado Extraordinário em Madrid.

- Em março, Manuel Teixeira Gomes é condecorado com a Gran-Cruz da Ordem de Sant'Iago da Espada.

- Entre março e abril é um dos representantes de Portugal na Conferência de Paz, em Paris.

- A 7 de abril passa a ser considerado diplomata de carreira.

- Em 24 de abril é transferido da chefia da Legação de Madrid para a de Londres, cargo onde permanecerá até à sua eleição como Presidente da República.

- Em agosto concorre às eleições presidenciais, apoiado pelo Partido Democrático, sendo preterido por António José de Almeida.

### 1922

- Em abril, Teixeira Gomes lidera a delegação portuguesa na Conferência Internacional de Génova.

- Em setembro, Teixeira Gomes chefia a delegação portuguesa à Assembleia-Geral da Sociedade das Nações, sendo eleito para o cargo de vice-presidente desta assembleia.

### 1923

- A 6 de agosto, Manuel Teixeira Gomes é eleito, pelo Congresso da República, para o cargo de Presidente da República.
- Em setembro, a convite da família real inglesa, passa uns dias no Castelo de Balmoral (residência de verão da Família Real Britânica na Escócia).
- A 1 de outubro deixa Londres em direção a Lisboa no cruzador inglês *Carysford*, disponibilizado pelo Governo inglês.
- A 5 de outubro toma posse da mais alta magistratura da Nação, prestando, perante o Congresso da República, juramento como Presidente da República.
- Em outubro nomeia as suas Casas Militar e Civil, escolhendo para seu secretário particular o Dr. Viana de Carvalho.
- A 4 de novembro visita, em Lisboa, a exposição dos “Cinco Independentes”<sup>406</sup>.
- A 15 de novembro, Manuel Teixeira Gomes empossa o governo chefiado por António Ginestal Machado.
- O novo governo liderado por Álvaro de Castro é investido, a 18 de dezembro, pelo Presidente da República.

## 1924

- A 6 de julho, Manuel Teixeira Gomes empossa um novo governo, desta feita presidido por Alfredo Rodrigues Gaspar.
- A 24 de agosto recebe, na residência oficial, a Infanta Maria Luísa de Bórbon, duquesa de Sevilha.
- O Presidente da República dá posse, a 22 de novembro, a um novo governo dirigido por José Domingos dos Santos.

## 1925

---

<sup>406</sup> Segundo José-Augusto França (1991, p. 100) a exposição dos “Cinco Independentes” foi «a primeira manifestação modernista dos anos 20 [em Portugal]». Nela estiveram patentes trabalhos de cinco artistas portugueses (Diogo de Macedo e Francisco Franco, ambos escultores e três pintores: Henrique Franco, Dórdio Gomes e Alfredo Miguéis) a viver, à época, na cidade de Paris os quais se pautavam por uma afirmação de independência na atitude e modernista na plástica.

- Columbano Bordalo Pinheiro pinta um novo retrato de Manuel Teixeira Gomes, o qual ficará na Galeria de Retratos Oficiais dos Presidentes da República do Palácio de Belém.

- A 15 de fevereiro, Manuel Teixeira Gomes empossa Vitorino Magalhães como Presidente do Ministério.

- No dia 24 de abril Manuel Teixeira Gomes apresenta a sua renúncia ao cargo de Presidente da República, que acaba por retirar após uma grande manifestação de apoio pelo Congresso da República.

- Manuel Teixeira Gomes dá posse, em 1 de julho, a António Maria da Silva como líder do novo governo.

- A 1 de agosto, o Presidente da República empossa o governo encabeçado por Domingos Leite Pereira.

- A 25 de setembro ocorre o falecimento do seu irmão, José Teixeira Gomes<sup>407</sup>.

- No dia 10 de dezembro de 1925 apresenta a sua renúncia definitiva ao cargo de Presidente da República.

- A 12 de dezembro deixa o Palácio de Belém e recolhe-se à sua casa da Gibalta, em Caxias.

- Parte para o exílio, a 17 de dezembro, no cargueiro holandês *Zeus*.

- No final de dezembro desembarca no Norte de África, na localidade de Orão. Visita Tlémcen, Taza, Fez e Mequinez.

## 1926

- Após um período em Argel, passa cinco semanas em Tunes, seguindo para Nápoles e Pompeia.

- No dia 11 de maio, Teixeira Gomes, chega a Florença, onde permanece até setembro.

- De Florença segue para Pisa, passa por Livorno e Cagliari.

- Em novembro deixa a Itália e rumo a Tunes.

---

<sup>407</sup> José Teixeira Gomes, irmão mais novo de Manuel Teixeira Gomes, ficou a gerir os negócios da família quando este último foi para Londres, em 1911.

### 1927

- No mês de maio deixa Tunes com destino a Marselha, seguindo depois para Paris.

- Em outubro Teixeira Gomes encontra-se em Argel.

- Visita na Argélia as localidades de Blidá, Bône e Constantina.

### 1928

- Manuel Teixeira Gomes visita Bône e Hipona. Nesta última conhece os vestígios da antiga *Hippo Regina*.

### 1929

- Permanece no Norte de África, principalmente entre Argel (Argélia) e Tunes (Tunísia).

### 1930

- Conserva-se no Norte de África.

- Entre maio e setembro visita o Norte da França (Ruão e Versalhes).

- Em outubro regressa ao Norte de África (Constantina, Bône e Tunes).

### 1931

- Manuel Teixeira Gomes passa a primavera e o verão de 1931 em França.

- A 5 de setembro Teixeira Gomes chega a Bougie (atual Bejaïa, na Argélia) e instala-se no quarto n.º 13 do Hotel de l'Étoile, onde fixa residência.

- Em novembro é publicado no jornal *Liberdade* o artigo de Teixeira Gomes *Da Dignidade do Trabalho Manual*.

### 1932

- Teixeira Gomes publica a obra *Cartas a Columbano*, 1.ª ed., Lisboa, Seara Nova.

#### 1934

- Colabora no jornal *O Diabo* com a coluna *Figuras e quadros de pouca monta*.

#### 1935

- Teixeira Gomes publica *Regressos*, 1.ª ed., Lisboa, Seara Nova e *Novelas Eróticas*, 1.ª ed., Lisboa, Seara Nova.

#### 1937

- Manuel Teixeira Gomes publica a obra *Miscelânea*, 1.ª ed., Lisboa, Seara Nova.

#### 1938

- Teixeira Gomes publica *Maria Adelaide*, 1.ª ed., Lisboa, Seara Nova. Em março deste ano o romance é proibido pela Censura.

#### 1939

- No final de janeiro, Manuel Teixeira Gomes recebe, em Bougie, a visita de Norberto Lopes, jornalista do *Diário de Lisboa*.

- Teixeira Gomes publica *Carnaval Literário*, 1.ª ed., Lisboa, Seara Nova.

- Em setembro, uma congestão pulmonar agrava o seu já debilitado estado de saúde.

#### 1941

- Publicação da obra *Ana Rosa*, Lisboa, Seara Nova.

- A 18 de outubro, após dois dias de agonia, Manuel Teixeira Gomes morre no quarto n.º 13 do Hotel l'Étoile, em Bougie. O corpo é sepultado, em caixão de chumbo, no cemitério cristão de Bougie, no jazigo da família Berg (proprietários do Hotel l'Étoile).

#### 1942

- Edição póstuma da obra *Londres Maravilhosa e outras páginas dispersas*, 1.ª ed., Lisboa, Seara Nova.

1950

- A 18 de outubro de 1950 ocorre a cerimónia de trasladação dos restos mortais de Manuel Teixeira Gomes para o cemitério de Portimão.

## **ANEXO II**

### **Ilustrações**



Fig. 2.1 – Retrato de Manuel Teixeira Gomes na Legação Portuguesa em Londres, c. 1920, Londres, Reino Unido (Autor: Russel & Sons // ©Museu da Presidência da República). Disponível na Internet: <URL: <https://www.museu.presidencia.pt/pt/conhecer/arquivo-dos-presidentes-mpr/destaques-arquivo-mpr/destaques-arquivo-mpr-20/#> > [consult. 13-07-2023].



Fig. 2.2 – Manuel Teixeira Gomes na varanda do seu quarto no Hotel de l'Étoile, 1933, Bougie, Argélia (©Museu de Portimão - Centro de Documentação e Arquivo Histórico). Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico – *Coleção Manuel Teixeira Gomes*, código de referência *PT/MP-CDAH/FOT-MTG/001*, doc. *MTG-D1-23*. Disponível na Internet: <URL: <http://pesquisa.museudeportimao.pt/index.php> > [consult. 13-07-2023].



Fig. 3.1 – Vista do exterior da Embaixada de Portugal em Londres, na atualidade  
(©NUNES, João Corrêa; GUIMARÃIS, Alberto Laplaine, coord. – *Embaixadas de Portugal (Portuguese Embassies)*. Lisboa: Polígono Editores, 2006, p. 94).



Fig. 3.2 – Manuel Teixeira Gomes entre os seus *bibelots* na sua residência em Londres, 1923 (©Museu de Portimão - Centro de Documentação e Arquivo Histórico).

Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico – *Coleção Manuel Teixeira Gomes*, código de referência *PT/MP-CDAH/FOT-MTG/001*, doc.

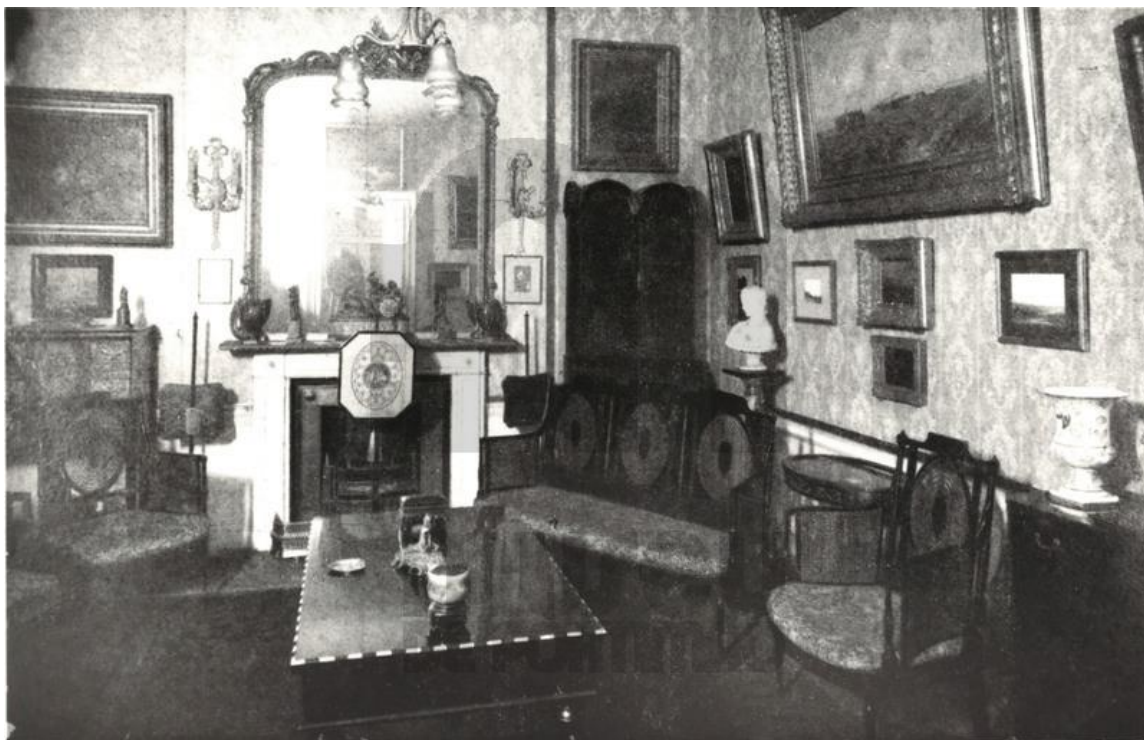
*MTG-D1-17*. Disponível na Internet: <URL:

<http://pesquisa.museudeportimao.pt/index.php> > [consult. 13-07-2023].



Sala de visitas na residência de Teixeira-Gomes em Londres

Fig. 3.3 – Sala de visitas na residência de Teixeira Gomes em Londres, s.d. (©Museu de Portimão - Centro de Documentação e Arquivo Histórico). Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico – *Coleção Manuel Teixeira Gomes*, código de referência *PT/MP-CDAH/FOT-MTG/001*, doc. *MTG-D1-60*. Disponível na Internet: <URL: <http://pesquisa.museudeportimao.pt/index.php> > [consult. 13-07-2023].



Saleta de estar, na residência de Teixeira-Gomes em Londres

Fig. 3.4 – Sala de estar na residência de Teixeira Gomes em Londres, s.d. (©Museu de Portimão - Centro de Documentação e Arquivo Histórico). Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico – *Coleção Manuel Teixeira Gomes*, código de referência *PT/MP-CDAH/FOT-MTG/001*, doc. *MTG-D1-61*. Disponível na Internet: <URL: <http://pesquisa.museudeportimao.pt/index.php> > [consult. 13-07-2023].



Gabinete de trabalho de Teixeira-Gomes em Londres

Fig. 3.5 – Gabinete de trabalho de Teixeira Gomes em Londres, s.d. (©Museu de Portimão - Centro de Documentação e Arquivo Histórico). Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico – *Coleção Manuel Teixeira Gomes*, código de referência *PT/MP-CDAH/FOT-MTG/001*, doc. *MTG-D1-62*. Disponível na Internet: <URL: <http://pesquisa.museudeportimao.pt/index.php> > [consult. 13-07-2023].



Fig. 3.6 – Recorte de imprensa *A olhar um para o outro...* Retratos da Viscondessa de Menezes e de Teixeira Gomes no Museu Municipal do Porto, s.d. (©Museu de Portimão - Centro de Documentação e Arquivo Histórico). Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico – *Coleção Manuel Teixeira Gomes*, código de referência *PT/MP-CDAH/FOT-MTG/001*, doc. *MTG-D3-23A*. Disponível na Internet: <URL: <http://pesquisa.museudeportimao.pt/index.php> > [consult. 10-10-2023].



Fig. 4.1 – Núcleo *Manuel Teixeira Gomes – viajante, político e escritor* (Autor: Ricardo Silva, 2023 // © Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico).



Fig. 4.2 – Autor desconhecido, *Vista de Porto de Mar com ruínas*, escola italiana, séc. XVIII, óleo sobre cobre, 24,5 cm alt. x 37,5 cm larg., Museu de Portimão (© Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico).



Fig. 4.3 – Autor desconhecido, *Busto de Romano*, Europa, séc. XVIII, bronze e base em mármore, 43 cm alt. (Peça) x 26 cm comp. (Peça) x 22 cm larg. (Peça), Museu de Portimão (© Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico).



Fig. 4.4 – Walter & John Barnard, *Tinteiro*, Inglaterra, séc. XIX, prata, 20 cm alt. x 34 cm comp. x 24 cm larg., Museu de Portimão (© Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico).



Fig. 4.5 – Frederico da Costa, *Condecoração da Ordem da Torre e Espada*, Lisboa, esmalte, ouro, prata dourada e metal dourado, Museu de Portimão (© Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico).



Fig. 4.6 – Fábrica de Toledo, *Espada*, Toledo, 1893, metal e madeira, 100 cm comp. x 12 cm larg., Museu de Portimão (© Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico).



Fig. 4.7 – Columbano Bordalo Pinheiro, *Retrato de Manuel Teixeira Gomes*, 1911, óleo sobre tela, 55 cm alt. x 43 cm larg., Museu Nacional de Arte Contemporânea (© Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado // © Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico).



Fig. 4.8 – *Armário de livros*, estilo Jorge III, Inglaterra, séc. XIX/XX, mogno, 123 cm alt. x 122 cm comp. x 35 cm larg., Museu de Portimão (© Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico).



Fig. 4.9 – *Papeleira*, estilo D. José/D. Maria, Portugal, séc. XIX/XX, pau santo e mogno, 109 cm alt. x 108 cm comp. x 56 cm larg., Museu de Portimão (© Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico).



Fig. 4.10 – *Cadeira de secretária*, Holanda, séc. XIX, mogno, pau cetim e seda adamascada, 55,5 cm alt. x 81,5 cm comp. x 65 cm larg., Museu de Portimão (© Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico).



Fig. 4.11 – *Caixa*, China, séc. XIX, marfim, 12 cm alt. x 24 cm comp. x 12 cm larg., Museu de Portimão (© Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico).



Fig. 4.12 – *Festa em honra do deus Baco*, Europa, séc. XIX, bronze, 29 cm comp. x 10 cm larg., Museu de Portimão (© Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico).



Fig. 4.13 – *Escultura [de Buda]*, China, séc. XIX, pedra turquesa, 5,7 cm alt. x 6 cm larg.,  
Museu de Portimão (© Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo  
Histórico).



Fig. 4.14 – *Escultura* [de Buda], China, séc. XIX, pedra ametista, 4,7 cm alt. x 6,7 cm larg., Museu de Portimão (© Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico).



Fig. 4.15 – *Figura com turbante lendo papiro*, Europa, séc. XIX, bronze dourado, 21 cm alt. X 5 cm larg., Museu de Portimão (© Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico).



Fig. 4.16 – Espada japonesa *Tachi* com bainha, Japão, s.d., metal e marfim, 99 cm comp. x 10 cm larg., Museu de Portimão (© Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico).



Fig. 4.17 – Ignacio Zuloaga, *Retrato de cão com touca*, Europa, séc. XIX, óleo sobre tela, 66 cm alt. x 49,5 cm larg., Museu de Portimão (© Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico).



Fig. 4.18 – Autor desconhecido, *Marinha - Tempestade*, Europa, séc. XIX, óleo sobre tela, 70 cm alt. x 90 cm larg., Museu de Portimão (© Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico).

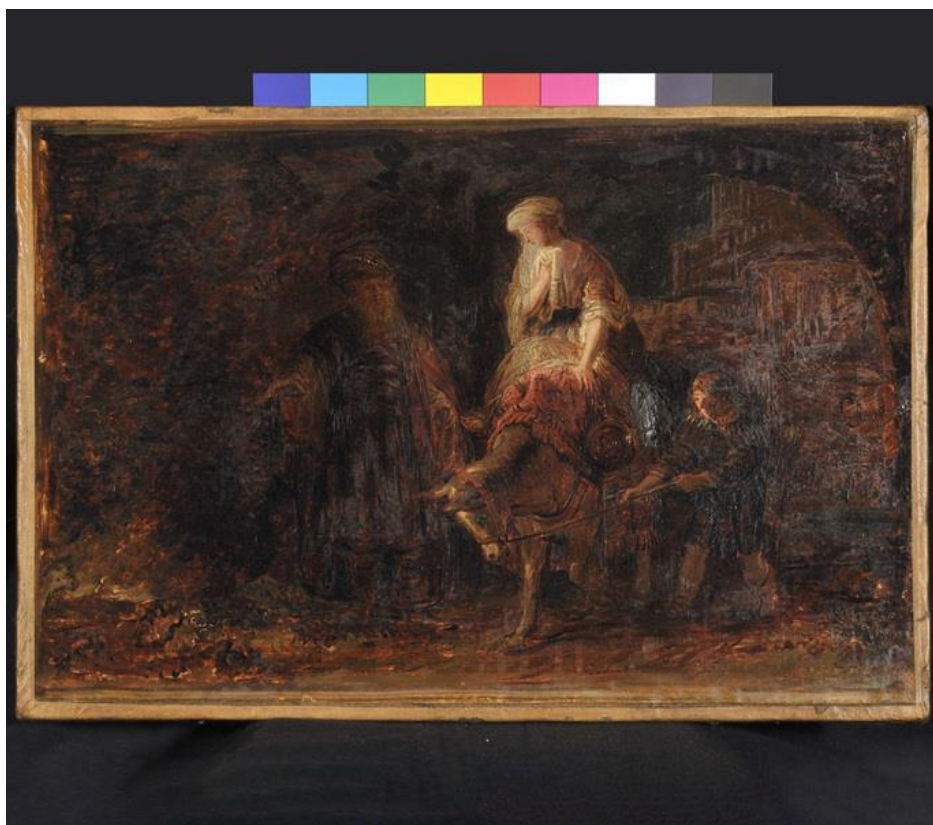


Fig. 4.19 – Autor desconhecido, *Senhora, Ancião e Menino*, escola francesa, séc. XIX, óleo sobre tela, 24 cm alt. x 36 cm larg., Museu de Portimão (© Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico).

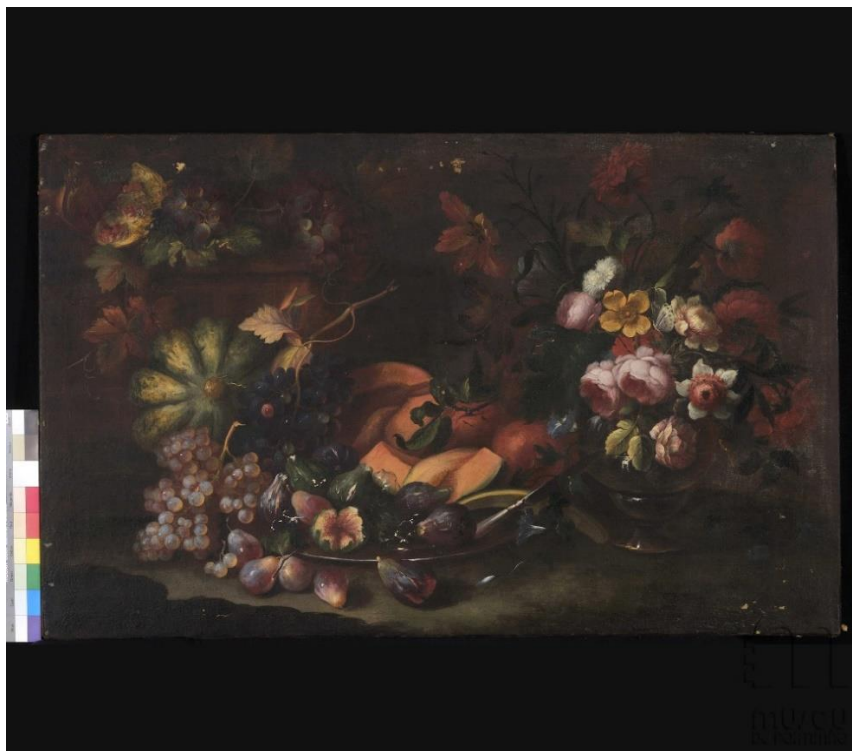


Fig. 4.20 – Atribuível a Michelangelo di Campidoglio, *Natureza morta – flores e frutos*, Europa, séc. XVII, óleo sobre tela, 78 cm alt. x 122 cm larg., Museu de Portimão (© Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico).



Fig. 4.21 – Autor desconhecido, *Nu Masculino*, Europa, séc. XIX / XX, bronze e base em mármore, 24,5 cm alt. x 10 cm comp. x 8,5 cm larg., Museu de Portimão (© Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico).



Fig. 4.22 – Autor desconhecido, *Figura de Oriental*, China, séc. XIX / XX, madeira, 26 cm alt. x 26 cm comp. x 20 cm larg., Museu de Portimão (© Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico).



Fig. 4.23 – *Mesa de dois tampos – Jogo e fumo*, estilo neoclássica, Holanda, séc. XVIII / XIX, mogno e embutidos em pau cetim, 76 cm alt. x 56 cm comp. x 33,5 cm larg., Museu de Portimão (© Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico).



Fig. 4.24 – *Travessa*, China, reinado de Qianlong, séc. XVIII, porcelana, 37 cm comp. x 29 cm larg., Museu de Portimão (© Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico).



Fig. 4.25 – *Par de castiçais*, estilo Jorge III, Inglaterra, séc. XIX, casquinha, 15 cm alt. x 8,3 cm comp. x 8,3 cm larg. (Peça), Museu de Portimão (© Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico).



Fig. 4.26 – Marca de ourives atribuída a Luís A. R. de Araújo (1810-1836), *Caixa de rapé*, Portugal, séc. XIX, prata, 8 cm comp. x 5,2 cm larg., Museu de Portimão (© Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico).



Fig. 4.27 – *Netsuke*, China, s.d., marfim, 3 cm alt. x 1,5 cm comp. x 1 cm larg., Museu de Portimão (© Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico).



Fig. 4.28 – Autor desconhecido, *Cabeça de cocheiro inglês*, séc. XIX-XX, óleo sobre tela, 35 cm alt. x 32 cm larg., Museu Nacional de Arte Contemporânea (© Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado // © Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico).



Fig. 4.29 – Marques de Oliveira, *Paisagem na praia da Aguda*, 1922, óleo sobre madeira, 31 cm alt. x 46,5 cm larg., Museu Nacional de Arte Contemporânea (© Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado // © Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico).



Fig. 4.30 – Henri Harpignies, *Paisagem (Beaulieu)*, 1891, aguarela sobre papel, 23 cm alt. x 30,5 cm larg., Museu Nacional de Arte Contemporânea (© Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado // © Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico).



Fig. 4.31 – Autor desconhecido, *Cebolas*, séc. XIX-XX, óleo sobre tela, 40 cm alt. x 51 cm larg., Museu Nacional de Arte Contemporânea (© Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado // © Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico).



Fig. 4.32 – Henri Fantin-Latour, *Flores*, 1875, óleo sobre tela, 32 cm alt. x 25 cm larg.,  
Museu Nacional de Arte Contemporânea (© Museu Nacional de Arte  
Contemporânea – Museu do Chiado // © Museu de Portimão – Centro de  
Documentação e Arquivo Histórico).



Fig. 4.33 – Erskine Nicol, *Sapateiro*, séc. XIX, óleo sobre tela, 48 cm alt. x 37 cm larg.,  
Museu Nacional de Arte Contemporânea (© Museu Nacional de Arte  
Contemporânea – Museu do Chiado // © Museu de Portimão – Centro de  
Documentação e Arquivo Histórico).



Fig. 4.34 – Marià Fortuny, *Interior*, séc. XIX, óleo sobre madeira, 21 cm alt. x 31 cm larg.,  
Museu Nacional de Arte Contemporânea (© Museu Nacional de Arte  
Contemporânea – Museu do Chiado // © Museu de Portimão – Centro de  
Documentação e Arquivo Histórico).



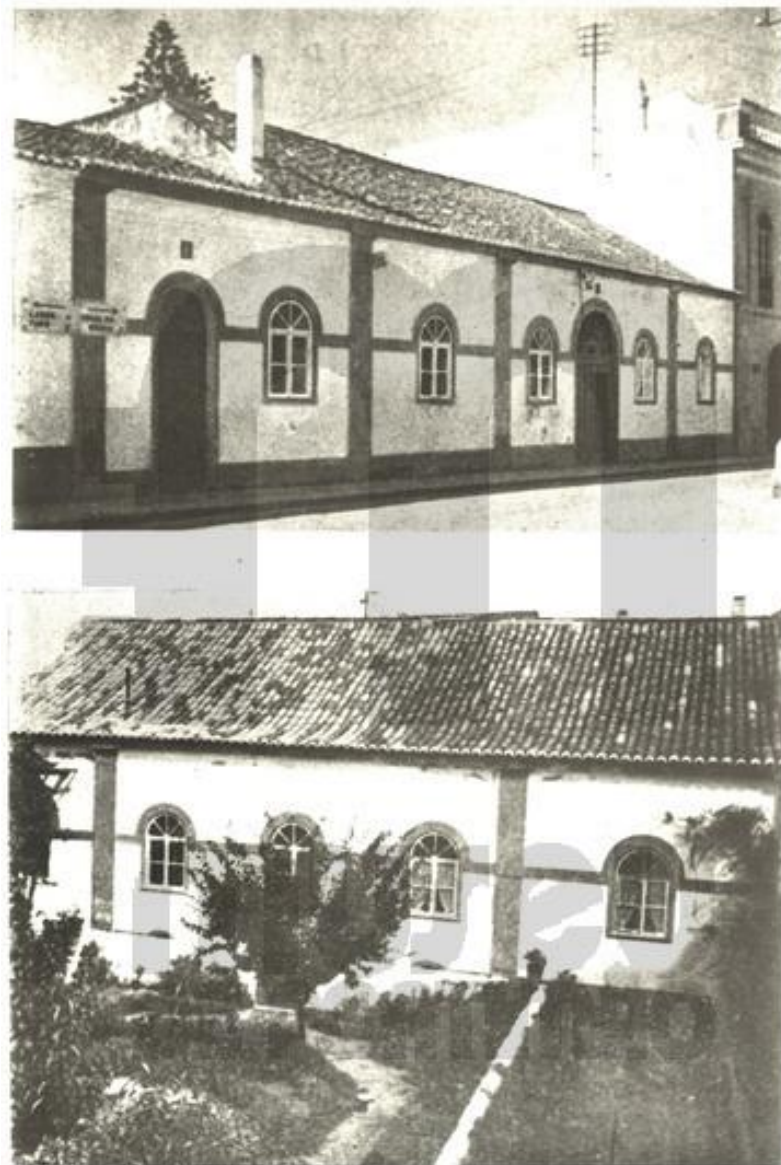
Fig. 4.35 – William Etty, *Estudo de nu*, séc. XIX, óleo sobre madeira, 50 cm alt. x 37 cm larg., Museu Nacional de Arte Contemporânea (© Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado // © Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico).



Fig. 4.36 – William Etty, *Mulher Nua*, séc. XIX, óleo sobre madeira, 44 cm alt. x 53 cm larg.,  
Museu Nacional de Arte Contemporânea (© Museu Nacional de Arte  
Contemporânea – Museu do Chiado // © Museu de Portimão – Centro de  
Documentação e Arquivo Histórico).



Fig. 4.37 – Autor desconhecido, *Cristo crucificado*, séc. XIX-XX, aguarela sobre papel, 23,5 cm alt. x 16 cm larg., Museu Nacional de Arte Contemporânea (© Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado // © Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico).



A CASA DE TEIXEIRA GOMES EM PORTIMÃO  
Dois aspectos da casinha algarvia de um só piso onde Teixeira  
Gomes nasceu e viveu uma parte da sua vida.

Fig. 4.38 – Antiga residência da família de Teixeira Gomes, atual espaço da *Casa Manuel Teixeira Gomes* e local do futuro Núcleo Museológico *Casa Manuel Teixeira Gomes*, s.d. (©Museu de Portimão - Centro de Documentação e Arquivo Histórico). Museu de Portimão – Centro de Documentação e Arquivo Histórico – *Coleção Manuel Teixeira Gomes*, código de referência *PT/MP-CDAH/FOT-MTG/001*, doc. *MTG-D1-57*. Disponível na Internet: <URL: <http://pesquisa.museudeportimao.pt/index.php> > [consult. 15-10-2023].

## **ANEXO III**

### **Transcrição e Tradução de Documentos**

Doc. 1 – Ofício de “R. SOPRINTENDENZA ALL' ARTE MEDIEVALE E MODERNA PER LA TOSCANA I”, datado de Pisa 18/10/1926 (Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 6, pasta *Correspondência 1919-1921*).

### **Transcrição**

«R. SOPRINTENDENZA ALL' ARTE MEDIEVALE E MODERNA PER LA TOSCANA I  
OGGETTO RICHIESTA DI NOTIZIE

Mi prego inviare alla S. V. l' accuso biglietto del Canonico Don Aristo Manghi, Ispettore Onorario dei Monumenti di Pisa, dal quale potrà desumere alcune notizie riguardanti la Tavola esistente nella Chiesa di S. Croce in Fossabanda.

Con Ossequio

L' Architetto

[Assinatura Ilegível]»

### **Tradução**

«R. SUPERINTENDÊNCIA DE ARTE MEDIEVAL E MODERNA PARA A TOSCANA I  
ASSUNTO PEDIDO DE NOTÍCIAS

Tenho a honra de enviar a S. V. o bilhete do Cónego Dom Aristo Manghi, Inspetor Honorário dos Monumentos de Pisa, do qual pode deduzir algumas informações sobre a Tábua existente na Igreja de S. Croce em Fossabanda.

Com respeito

O arquiteto

[Assinatura Ilegível]»

Doc. 2 – Carta de M. Teixeira-Gomes a José de Figueiredo, datada de Londres 27/06/1923 (Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 5, pasta *Correspondência Particular 1923*, subpasta *Com Calouste Gulbenkian e José de Figueiredo*).

### **Transcrição**

«Mon cher Figueiredo,

Le porteur de la présente mon ami M. Gulbenkian desirerait bien vous entendre su sujet de l'autenticité de deux soupières “Germain” qui portent les armes de la famille Galveias. Serviez-vous assez bon pour l'aider de vos lumières qui dans ce cas-ci devrait éclaircir définitivement le sujet.

Tout à Vous

M. TEIXEIRA-GOMES»

### **Tradução**

«Meu caro Figueiredo,

O meu amigo Sr. Gulbenkian gostaria de ouvir a sua opinião sobre a autenticidade de duas terrinas “Germain” que ostentam o brasão da família Galveias. Use da sua larga sabedoria o suficiente para ajudá-lo, o que, neste caso, deve definitivamente esclarecer o assunto.

Ao seu dispor

M. TEIXEIRA-GOMES»

Doc. 3 – Carta de M. Teixeira-Gomes a Calouste Gulbenkian, datada de Londres  
27/06/1923 (Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx.  
5, pasta *Correspondência Particular 1923*, subpasta *Com Calouste Gulbenkian e José de Figueiredo*).

### **Transcrição**

«Cher M. Gulbenkian: -

Ci - joint je vous envoie une lettre pour Monsieur de Figueiredo qui se trouve en ce moment à Paris, Hotel Avenida, Rue du Colysée, 41, et qui sans doute pourra vous aider dans la recherche de l'autenticité des soupières dont vous m'avez parlé.

Bien à Vous,

M. TEIXEIRA-GOMES»

### **Tradução**

«Caro Sr. Gulbenkian: -

Em anexo envio-lhe uma carta para o Sr. de Figueiredo que se encontra neste momento em Paris, Hotel Avenida, Rue du Colysée, 41, e que sem dúvida poderá ajudá-lo na procura da autenticidade das terrinas de que falou.

Atenciosamente,

M. TEIXEIRA-GOMES»

Doc. 4 – Carta de Calouste Gulbenkian ao Ministro de Portugal em Londres, datada de Paris 30/06/1923 (Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 5, pasta *Correspondência Particular 1923*, subpasta *Com Calouste Gulbenkian e José de Figueiredo*).

### **Transcrição**

«Son Excellence,

Le Ministre de Portugal,

LONDRES.

Excellence,

Je vous suis très reconnaissant de votre courtoisie pour m'avoir envoyé une lettre d'introduction pour Monsieur de Figueiredo.

J'irai le voir pour causer de l'objet en question et à mon retour à Londres je vous en parlerai.

Je vous prie d'agréer, Excellence, avec tous mes remerciements toutes les assurances de mes sentiments les plus dévoués.

C. S. Gulbenkian»

### **Tradução**

«Sua excelência,

O Ministro de Portugal,

LONDRES.

Excelência,

Agradeço muito a gentileza de me enviar uma carta de apresentação para o Sr. de Figueiredo.

Irei vê-lo para falar sobre o objeto em questão e no regresso a Londres falarei consigo.

Queira aceitar, Excelência, com todos os meus agradecimentos, todas as garantias dos meus mais devotados sentimentos.

C. S. Gulbenkian»

Doc. 5 – Carta remetida por *The Picture Lovers Society*, datada de Londres 14/05/1924 (Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 7, pasta *Correspondência recebida. Anos 20 – 1925*).

**Nota preliminar:** A caligrafia ilegível, de parte do texto, não nos permitiu uma leitura totalmente íntegra do mesmo.

### **Transcrição**

«Cher President Gomes.

Je me suis associée avec la Société et j'ai ici plus que 1000 Tableaux de tous genre, je suis maintenant a photographier 60 des meilleurs et vous envoyer ai une catalogue. Le but de la presente est de vous envoyer une photographie, d'un tableau par Gonsales Coques que represente un amiral portugese. Le bateau de guerre a les armes portugese.

Ce tableau a un ami de moi et il aime savoirs qui est l'amiral ?

Peut-être vous pogner le dire au trouver pour moi, ou de quelle institution portugese on peut chercher pour l'information ??

Dans l'espere que vous vous trouves bien et dans bonne santé votre mieux ami

Herman Tas.»

## Tradução

«Caro Presidente Gomes.

Fiz parceria com a Sociedade e tenho aqui mais de 1000 Pinturas de todos os tipos, agora estou a fotografar 60 das melhores e enviando-lhe um catálogo. O objetivo desta carta é enviar-lhe a fotografia de uma pintura de Gonsales Coques que representa um almirante português. O navio de guerra tem armas portuguesas.

Esse quadro é de um amigo meu e ele gostava de saber quem é o almirante?

Talvez me possa esclarecer, ou em que instituição portuguesa podemos procurar informação??

Na esperança de que você esteja bem e com boa saúde, seu melhor amigo

Herman Tas.»

Doc. 6 – Carta com o carimbo do Hotel Carlton em Londres remetida por Constance Deighton Simpson, a 11 de julho, provavelmente<sup>408</sup>, de 1923 (Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 5, pasta *Correspondência Particular 1923*, subpasta *Correspondência – Simpson, Constance Deighton*, doc. *Sem Título*).

## Transcrição

«Dear Excellency -

It was so very kind of you to show us the lovely and unforgettable things in your house.

Such memories are beautiful things to have. It makes one very sad to feel that perhaps the greater duty will take you away from London and the collection in which you have put so much of your interest and life.

---

<sup>408</sup> Apesar de não constar o ano, acreditamos ser de 1923 por se encontrar num conjunto de seis missivas em que só numa consta o ano, no caso o de 1923, e por fazer parte da pasta *Correspondência Particular 1923*. E, ainda, pelo teor da mensagem que fala num provável afastamento de Londres por razões de um «dever maior» o qual estará relacionado com as solicitações de amigos, desde maio de 1923, para uma eleição de Manuel Teixeira Gomes ao mais alto magistério da Nação (Lopes, 1942, p. 131-133).

"But the hopes that lost in some far distance seem may be the real life, and this the dream."

I wore my lovely necklace to the Russian Ball last night where it was much admired, I shall always wear it recalling the happy afternoon with which you honoured us.

I am just off on my way back to school - having enjoyed an unexpected holiday -

Yours sincerely

Constance Deighton Simpson»

### **Tradução**

«Prezada Excelência -

Foi muito gentil da sua parte mostrar-nos as coisas admiráveis e inesquecíveis da sua casa. Essas lembranças são coisas lindas de se ter. É muito triste sentir que talvez o dever maior o afaste de Londres e da coleção na qual você dedicou tanto do seu interesse e da sua vida.

"Mas as esperanças que se perderam em alguma distância parecem ser a vida real, e este o sonho."

Usei meu lindo colar no Baile Russo ontem à noite, onde foi muito admirado, sempre o usarei lembrando a tarde feliz em que você nos homenageou.

Estou a caminho da escola - depois de ter gozado umas férias inesperadas –

Com os melhores cumprimentos

Constance Deighton Simpson»

Doc. 7 – Carta da Puttick and Simpson, datada de 04 de outubro de 1923, para Senhor J. A. de Bianchi (Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 7, pasta *Correspondência Particular de Puttick and Simpson (Londres, 1923, Outubro - Novembro) + Cartas de M. Foster e J. A. Bianchi. Catálogos - Antiguidades, doc. Sem Título*).

### **Transcrição**

«Dear Sir,

With reference to Mr. Archer's call upon you to-day and the Barye bronze which Senhor Gomes wishes to sell, we think the best plan would be to include this group in an important sale of old French tapestries and furniture which will take place probably on November 30th. This catalogue will be sent to America, and thus the bronze will be brought to the attention of all collectors of French art.

While it is impossible for us to say definitely that the group will sell for £500, we think there is a very good chance of it's doing so under these circumstances, and perhaps for more. We enclose a scale of our charges and have marked those figures which would apply in this case.

As arranged with you we are sending Messrs. Waterlow's to photograph the group for catalogue illustration, but it would not be necessary for it to be removed here for a few weeks.

We believe you are sending this letter to Lisbon for President Gomes reply.

Yours faithfully,

*Puttick Simpson»*

### **Tradução**

«Caro senhor,

Relativamente ao contacto que hoje lhe fez o Sr. Archer e ao bronze Barye que o Senhor Gomes deseja vender, pensamos que o melhor plano seria incluir este grupo numa importante venda de tapeçarias e mobiliário francês antigo que terá lugar provavelmente no dia 30 de Novembro. Este catálogo será enviado para a América e assim o bronze será levado ao conhecimento de todos os colecionadores de arte francesa.

Embora seja impossível afirmar com certeza que o grupo será vendido por £500, achamos que há uma boa hipótese de que isso aconteça nessas circunstâncias, e talvez por mais. Anexamos uma escala dos nossos encargos e marcamos os valores que seriam aplicáveis neste caso.

Conforme combinado com vocês, estamos a enviar os Srs. Waterlow's para fotografar o grupo para ilustração do catálogo, mas não será necessário que ele seja removido daqui<sup>409</sup> por algumas semanas.

Acreditamos que vai enviar esta carta para Lisboa para o Presidente Gomes responder.

Com os melhores cumprimentos,

Puttick Simpson»

Doc. 8 – Recorte do jornal *Daily Telegraph* de 16 de outubro de 1923 (Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 7, pasta *Correspondência Particular de Puttick and Simpson (Londres, 1923, Outubro - Novembro) + Cartas de M. Foster e J. A. Bianchi. Catálogos - Antiguidades, doc. Sem Título*).

### **Transcrição**

«At 47, Leicester-square, on Friday, Messrs. Puttick and Simpson deal with old English and European furniture and old Chinese porcelain belonging to President Teixeira-Gomes, removed from the Portuguese Legation, 12 Gloucester-place, and others. The porcelain includes specimens of the various types of self-colour and enamelled pieces of the K'ang-hsi and Ch'ien-lung periods.»

### **Tradução**

«No 47, Leicester-square, na Sexta-feira, os Srs. Puttick e Simpson tratam [da venda] de antigos móveis ingleses e europeus e de antigas porcelanas chinesas pertencentes ao Presidente Teixeira-Gomes, retirados da Legação Portuguesa, 12 Gloucester-place, e outros. A porcelana inclui exemplares dos vários tipos de peças coloridas e esmaltadas dos períodos K'ang-hsi e Ch'ien-lung.»

---

<sup>409</sup> Julgamos que o autor da carta desejava escrever *daí* e não *daqui*. Isto é, não seria necessário remover o grupo escultórico da Legação Portuguesa em Londres, conforme podemos verificar nas próximas missivas da Puttick and Simpson de 20 de outubro e de 12 de novembro, ambas de 1923.

Doc. 9 – Carta da Puttick and Simpson, datada de 20 de outubro de 1923, para o Senhor J. Bianchi (Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 7, pasta *Correspondência Particular de Puttick and Simpson (Londres, 1923, Outubro - Novembro) + Cartas de M. Foster e J. A. Bianchi. Catálogos - Antiguidades, doc. Sem Título*).

### **Transcrição**

«Dear Sir,

We have the pleasure to send herewith marked catalogue shewing result of the sale of the china &c. yesterday, belonging to President Gomes.

No doubt you were aware the property was not good, still we had expected a better result than was actually the case.

You will notice there are some lots for which bidding was not forthcoming, and these we suggest should be sent for sale to Messrs. Phillips, Son & Neale, of New Bond Street, in the hope that they might appeal more to their buyers.

As you know, a photograph has already been taken of the Barye bronze group to be sold on December 7th. Would you please let us have particulars of this bronze, as to the height, also of the pedestal, and any other information which might be useful for cataloguing.

Yours faithfully,

Puttick Simpson»

### **Tradução**

«Caro senhor,

Temos o prazer de junto enviar o catálogo marcado apresentando o resultado da venda da China e etc. ontem, pertencente ao Presidente Gomes.

Sem dúvida você sabia que a propriedade não era boa, mas esperávamos um resultado melhor do que realmente aconteceu.

Você notará que há alguns lotes para os quais não houve licitação, e sugerimos que estes sejam enviados para venda aos Srs. Phillips, Son & Neale, de New Bond Street, na esperança de que possam atrair mais os seus compradores.

Como você sabe, já foi tirada uma fotografia do grupo de bronze de Barye que será vendido no dia 7 de dezembro. Por favor, forneça-nos os dados deste bronze, relativos à altura, também do pedestal, e quaisquer outras informações que possam ser úteis para catalogação.

Com os melhores cumprimentos,  
Puttick Simpson»

Doc. 10 – Carta de J. A. de Bianchi, datada de 22 de outubro de 1923, para a Puttick & Simpson (Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 7, pasta *Correspondência Particular de Puttick and Simpson (Londres, 1923, Outubro - Novembro) + Cartas de M. Foster e J. A. Bianchi. Catálogos - Antiguidades, doc. Sem Título*).

### **Transcrição**

«Dear Sir,

I beg to acknowledge the receipt of your letter of the 20th instant and marked catalogue showing the result of His Excellency Sir. Teixeira Gomes property which fetched a total of £466.4.0.

I beg to confirm my conversation with you this morning to the affect that the unsold lots be sent to Messrs. Phillips, Son & Neale, of New Bond Street for disposal.

As regards the Barye bronze I have heard from His Excellency and would ask you to make the necessary arrangements to include it in the sale in December as formarly suggested.

Yours faithfully,

J. A. DE BIANCHI»

### **Tradução**

«Caro senhor,

Confirmo o recebimento da sua carta do dia 20 do presente e o catálogo marcado mostrando o resultado da venda da propriedade de Sua Excelência Sr. Teixeira Gomes que arrecadou um total de £466.4.0.

Confirmo a nossa conversa desta manhã no sentido de que os lotes não vendidos sejam enviados para Phillips, Son & Neale, de New Bond Street para venda.

No que diz respeito ao bronze de Barye, ouvi de Sua Excelência e peço-lhe que tome as providências necessárias para incluí-lo na venda de Dezembro, conforme sugerido anteriormente.

Com os melhores cumprimentos,

J. A. DE BIANCHI»

Doc. 11 – Carta da Puttick & Simpson, datada de 12 de novembro de 1923, para o Dr. J. A. de Bianchi (Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 7, pasta *Correspondência Particular de Puttick and Simpson (Londres, 1923, Outubro - Novembro) + Cartas de M. Foster e J. A. Bianchi. Catálogos - Antiguidades, doc. Sem Título*).

### **Transcrição**

«Dear Sir,

We have pleasure to send catalogue herewith of our sale on December 7th in which the bronze group belonging to His Excellency President Gomes is lot 50.

We should be much obliged if you would kindly advise us in due course what reserve is to be placed on the group? We will write you later suggesting an appointment to remove the bronze to our sale-rooms.

Yours faithfully,

Puttick Simpson»

### **Tradução**

«Caro senhor,

Temos o prazer de enviar em anexo o catálogo da nossa venda do dia 7 de Dezembro em que o grupo de bronze pertencente a Sua Excelência o Presidente Gomes é o lote 50. Ficaríamos muito gratos se nos informasse, oportunamente, que reserva deverá ser colocada no grupo. Mais tarde lhe escreveremos sugerindo um agendamento para a remoção do bronze para as nossas salas de venda.

Com os melhores cumprimentos,

Puttick Simpson»

Doc. 12 – Carta da Clarke’s Art Galleries<sup>410</sup>, datada de 9 de fevereiro de 1924, para Sua Excelência o Presidente Teixeira-Gomes, Palácio das Necessidades, Lisboa, Portugal (Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 7, pasta *Correspondência Particular de Puttick and Simpson (Londres, 1923, Outubro - Novembro) + Cartas de M. Foster e J. A. Bianchi. Catálogos - Antiguidades, doc. Sem Título*).

### **Transcrição**

«Sir: -

Enclosed you will find a photograph of a bronze group by Bayre (sic) entitled "La Guerre". This group is thirty-eight inches high and stands on a marble octagonal pedestal thirty inches high. It is similar to another in marble at the Louvre.

It is our understanding that this important bronze was formerly your property when you were Minister to England, and was removed from the Portuguese Legation 12, Gloucester Place, W/, Londres. It has between the right foot of the boy and the horse's right leg a gold seal stamped "Collection F. Barbedienne". Does this seal signify that this bronze was in the original collection formed by Barbedienne.

---

<sup>410</sup> A *Clarke's Art Galleries*, propriedade de Augusto W. Clarke (leiloeiro e avaliador de arte), estava sediada no n.º 42-44 de East 58th Street, Nova Iorque, EUA.

Having been informed by one of your countrymen that you are a great lover of Art and a Collector, it would be of great interest to the American public to know that you were the former owner of this bronze.

We will appreciate a letter from your Excellency by the earliest mail, as it is our intention to place this on Public Exhibition in the very near future.

We beg to remain,

CLARKE'S GALLERIES

[Assinatura Ilegível]»

### **Tradução**

«Senhor: -

Em anexo encontra-se a fotografia de um grupo de bronze de Bayre (sic) intitulado "La Guerre". Este grupo tem trinta e oito polegadas de altura e assenta num pedestal octogonal de mármore de trinta polegadas de altura. É semelhante a outro em mármore do Louvre.

É nosso entendimento que este importante bronze era anteriormente propriedade sua quando era Ministro em Inglaterra, e foi retirado da Legação Portuguesa 12, Gloucester Place, W/, Londres. Possui entre o pé direito do menino e a perna direita do cavalo um selo dourado estampado "Collection F. Barbedienne". Este selo significa que este bronze estava na coleção original formada por Barbedienne.

Tendo sido informado por um dos seus compatriotas que você é um grande amante da Arte e Colecionador, seria de grande interesse para o público americano saber que você foi o antigo proprietário deste bronze.

Apreciaremos uma carta de Vossa Excelência com a maior brevidade possível, pois é nossa intenção colocá-la em Exposição Pública num futuro muito próximo.

Imploramos para permanecer,

CLARKE'S GALLERIES

[Assinatura Ilegível]»

Doc. 13 – Carta de Messrs. Foster, datada de 8 de outubro de 1923, para Joas. A. De Bianchi (Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 7, pasta *Correspondência Particular de Puttick and Simpson (Londres, 1923, Outubro - Novembro)* + *Cartas de M. Foster e J. A. Bianchi. Catálogos - Antiquidades, doc. Sem Título*).

### **Transcrição**

«Dear Sir,

We telephoned you on Friday last that the furniture china &c of M. Gomez had been delivered here. We have now catalogued it and propose including it in our sale on Thursday the 18th. October, a catalogue of which will be sent you a few days prior.

Yours faithfully,

Foster & Foster»

### **Tradução**

«Caro senhor,

Na passada Sexta-feira telefonámos para você informando que a mobília china e etc. de M. Gomez havia sido entregue aqui. Já o catalogámos e propomos incluí-lo na nossa venda de Quinta-feira dia 18 de Outubro, cujo catálogo lhe será enviado alguns dias antes.

Com os melhores cumprimentos,

Foster & Foster»

Doc. 14 – Carta de Messrs. Foster, datada de 19 de outubro de 1923, para J. A. de Bianchi (Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 7, pasta *Correspondência Particular de Puttick and Simpson (Londres, 1923, Outubro - Novembro)* + *Cartas de M. Foster e J. A. Bianchi. Catálogos - Antiquidades, doc. Sem Título*).

### **Transcrição**

«Dear Sir,

We enclose herewith marked catalogue of the property sold yesterday for His Excellency Senor Gomez, amounting to £120.2.6. We shall be forwarding a cheque less expenses a month from yesterday's date.

Yours faithfully,

Foster Foster»

### **Tradução**

«Caro senhor,

Anexamos aqui o catálogo assinalando a propriedade vendida ontem para Sua Excelência o Senhor Gomez, no valor de £120.2.6. Enviaremos um cheque menos despesas dentro de um mês a partir da data de ontem.

Com os melhores cumprimentos,

Foster Foster»

Doc. 15 – Carta de J. A. de Bianchi, datada de 22 de outubro de 1923, para Messrs. Foster (Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 7, pasta *Correspondência Particular de Puttick and Simpson (Londres, 1923, Outubro - Novembro) + Cartas de M. Foster e J. A. Bianchi. Catálogos - Antiquidades, doc. Sem Título*).

### **Transcrição**

«Dear Sirs,

I beg to acknowledge the receipt of your letter of the 19th instant enclosing marked catalogue informing me of the sale of His Excellency Senhor Gomes' property which fetched £120.2.6. and that your cheque will follow in a month's time.

Yours faithfully,

J. A. DE BIANCHI»

**Tradução**

«Caros senhores,

Confirmo a recepção da vossa carta do dia 19 do presente, anexando catálogo marcado, informando-me da venda da propriedade de Sua Excelência o Senhor Gomes, pelo valor de £120.2.6. e que o vosso cheque será enviado dentro de um mês.

Com os melhores cumprimentos,

J. A. DE BIANCHI»

## **ANEXO IV**

### **Quadros e Tabelas**

**Tabela 3.1:** Algumas das aquisições de Manuel Teixeira Gomes em leilões londrinos, entre 06/02/1920 e 02/08/1923

<b>Leiloeira</b>	<b>Data da realização do leilão</b>	<b>Número de lotes adquiridos por MTG</b>	<b>Quantia paga, em libras, por MTG pelo(s) lote(s)</b>
<i>Christie, Manson &amp; Woods</i>	- 08/02/1920	- 2	- 38.17
	- 16/03/1923	- 2	- 13.13
<i>Sotheby, Wilkinson &amp; Hodge's</i>	- 03/06/1920	- 3	- 19.2
	- 04/07/1921	- 1	- 6.10
	- 05/07/1921	- 3	- 16.10
	- 03/03/1922	- 4	- 4.2
	- 13/07/1922	- 16	- 12.10
	- 02/08/1922	- 6	- 24.10
	- 26/10/1922	- 9	- 25.13
	- 26/01/1923	- 1	- 3.15
	- 27/04/1923	- 2	- 7.13
	- 18/05/1923	- 1	- 3.3
- 31/07/1923	- 4	- 9.3	
<i>Puttick and Simpson</i> <sup>411</sup>	- 06/02/1920	- 1	- 1.11.6
	- 20/02/1920	- 1	- 3.13
	- 12/03/1920	- 2	- 6.16.6
	- 30/04/1920	- 1	- 4.14.6
	- 14/05/1920	- 1	- 12.12
	- 28/07/1920	- 2	- 1.7.6
	- 06/08/1920	- 1	- 3.13.6
	- 15/10/1920	- 8	- 25.4
- 17/12/1920	- 2	- 19.19	

<sup>411</sup> Nesta pasta encontra-se um recibo da Puttick and Simpson datado de 16/02/1917 referente à compra de 6 lotes por £7.5, o qual não integramos nesta tabela.

	- 14/01/1921	- 1	- 8.8
	- 28/01/1921	- 4	- 19.19
	- 25/02/1921	- 2	- 4.14.6
	- 06/05/1921	- 2	- 4.4
	- 20/05/1921	- 2	- 9.14.6
	- 27/05/1921	- 1	- 2.12.6
	- 17/06/1921	- 2	- 7.17.6
	- 13/01/1922	- 4	- 10.10
	- 10/02/1922	- 2	- 6.16.6
	- 10/02/1922	- 1	- 1.11.6
	- 17/02/1922	- 2	- 11.11
	- 24/03/1922	- 1	- 6.16
	- 16/02/1923	- 3	- 13.2.6
	- 23/02/1923	- 2	- 7.7
	- 01/03/1923	- 1	- 2.10
	- 15/06/1923	- 1	- 4.14.6
	- 13/07/1923	- 2	- 7.7
	- 20/07/1923	- 3	- 11.0.6
	- 15/12/192(?)	- 2	- 3.12.6
<i>Glendining &amp; Co., Ltd.</i> <sup>412</sup>	- 08/03/1920	- 1	- 3.5
	- 10/03/1920	- 17	- 42.15.6
	- 10/05/1920	- 1	- 5.10
	- 29/06/1920	- 8	- 15.3
	- 19/10/1920	- 25	- 64.18
	- 27/10/1920	- 9	- 19.96
	- 09/11/1920	- 15	- 23.9
	- 07/12/1920	- 10	- 15.13
	- 08/12/1920	- 3	- 7.18

<sup>412</sup> Nesta pasta encontra-se um recibo da Glendining & Co., Ltd. datado de 26/03/1917 referente à compra de 34 lotes por £51.10.6, o qual não integramos nesta tabela.

- 02/03/1921	- 4	- 5.14
- 04/03/1921	- 21	- 42.4
- 04/03/1921	- 7	- 9.15
- 11/04/1921	- 5	- 6.14
- 12/04/1921	- 31	- 46.8
- 23/05/1921	- 28	- 53.19.6
- 11/07/1921	- 19	- 18.10
- 26/09/1921	- 3	- 4.2
- 27/09/1921	- 16	- 30.0.6
- 27/09/1921	- 1	- 1.1
- 25/10/1921	- 2	- 5
- 26/10/1921	- 2	- 3.16
- 21/11/1921	- 4	- 10.5
- 08/12/1921	- 5	- 21.18
- 31/01/1922	- 9	- 20.11
- 27/02/1922	- 21	- 43.7
- 28/02/1922	- 39	- 66.7.6
- 29/03/1922	- 5	- 18.14
- 26/06/1922	- 9	- 11.7
- 28/06/1922	- 18	- 35.12.6
- 25/10/1922	- 16	- 21.5
- 04/12/1922	- 8	- 20.16
- 16/12/1922	- 16	- 28.9
- 26/02/1923	- 15	- 32.7
- 27/02/1923	- 9	- 11.11
- 28/ 02/1923	- 4	- 5.10
- 12/03/1923	- 6	- 12.3
- 20/03/1923	- 11	- 15.10
- 03/05/1923	- 10	- 20.11
- 04/05/1923	- 4	- 4.14

	- 12/06/1923	- 2	- 2.18
	- 13/06/1923	- 3	- 8.9
	- 13/06/1923	- 1	- 1.6
	- sem data	- 17	- 41.4.6
	- sem data	- 16	- 29.4.6
	- sem data	- 10	- 14.12
	- sem data	- 2	- 6.15
	- sem data	- 5	- 8.3
	- sem data	- 4	- 8.18
<i>Foster</i>	- 02/08/1923	- 4	- 11
<i>Phillips, Son &amp; Neale</i>	- sem data	- 8	- 29.1

**Fonte:** Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 13 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G..*

**Tabela 3.2:** Algumas das aquisições de Manuel Teixeira Gomes em leilões londrinos, entre 06/02/1920 e 02/08/1923

<b>Leiloeira</b>	<b>Ano</b>	<b>Número de recibos/compras por ano</b>	<b>Número de lotes comprados por ano</b>	<b>Total de lotes adquiridos por leiloeira no período</b>
<i>Christie, Manson &amp; Woods</i>	- 1920	- 1	- 2	- 4
	- 1923	- 1	- 2	
<i>Sotheby, Wilkinson &amp; Hodge's</i>	- 1920	- 1	- 3	- 50
	- 1921	- 2	- 4	
	- 1922	- 4	- 35	
	- 1923	- 4	- 8	
<i>Puttick and Simpson</i>	- 1920	- 9	- 19	- 57
	- 1921	- 7	- 14	
	- 1922	- 5	- 10	
	- 1923	- 6	- 12	
	- sem data	- 1	- 2	
<i>Glendining &amp; Co., Ltd.</i>	- 1920	- 9	- 89	- 497
	- 1921	- 14	- 148	
	- 1922	- 9	- 141	
	- 1923	- 10	- 65	
	- sem data	- 6	- 54	
<i>Foster</i>	- 1923	- 1	- 4	- 4
<i>Phillips, Son &amp; Neale</i>	- sem data	- 1	- 8	- 8
<b>Somatórios</b>		- 91	- 620	- 620

**Fonte:** Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 13 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*.

**Quadro 4.1:** A *Coleção Manuel Teixeira Gomes* do Museu de Portimão

<b>Categoria</b>	<b>N.º I</b>	<b>Designação / Título</b>	<b>Local de execução / Autoria</b>	<b>Data</b>	<b>Loc.</b>	<b>Incorp.</b>	<b>Obs.</b>
<b>Medalhística</b>	A335	<i>Condecoração Inglesa – Ordem do Império Britânico</i>	Inglaterra  Garrard & Co. Limited	Desc.	R	D 1999	
	A336	<i>Condecoração da Banda das Três Ordens</i>	Portugal  Frederico Costa Lda.	Desc.	R	D 1999	
	A337	<i>Condecoração da Grã-Cruz da Ordem de Santiago da Espada</i>	Portugal  Frederico Costa Lda. e A. C. Bragança & Moniz	Desc.	R	D 1999	Condecoração concedida a MTG em 20 de março de 1919 <sup>413</sup>
	A712	<i>Condecoração da Ordem da Torre e Espada</i>	Portugal  Frederico Costa Lda.	Desc.	E	Adquirido à leiloeira Dinastia em	

<sup>413</sup> Cf. <https://www.ordens.presidencia.pt/?idc=153&list=1> [consult. 16-10-2023].

						março de 2000 <sup>414</sup>	
Armas	A338	Espada	Espanha  Fábrica de Toledo	Séc. XIX 1893	E	D 1999	Em metal, latão e madeira. Espada usada na tomada de posse, em 1923, por MTG.
	A339	<i>Espada Japonesa (Tachi)</i> <sup>415</sup>	Japão	Desc.	E	D 1999	Em metal, punho e bainha em marfim inteiramente esculpidos com cenas orientais. Fortes probabilidades de ser proveniente da coleção de MTG em Londres.

<sup>414</sup> Informação, gentilmente, cedida pelo Dr. Pedro Branco e pela Dr.ª Ana Alexandre do Museu de Portimão. O museu não possui o catálogo deste leilão, onde, segundo a mesma fonte, só adquiriram este lote.

<sup>415</sup> Colocamos como provável ser esta a espada japonesa adquirida por Teixeira Gomes, a 2 de março de 1915, no leilão da Phillips, Son & Neale, por £10.10.0.

<b>Escultura</b>	D957	<i>Busto de Romano</i>	Europa	Séc. XIX	E	CML 81/2006	Em bronze com base em mármore. Proveniente da coleção de MTG em Londres.
	D960	Figura Oriental	Japão	Séc. XIX	R	CML 81/2006	Em bronze de pequenas dimensões.
	D967	<i>Figura com turbante lendo papiro</i>	Europa	Séc. XIX	E	CML 81/2006	Em bronze dourado de pequenas dimensões.
	E381	<i>Buda</i>	China	Séc. XIX	E	CML 84/2006	Em pedra turquesa de pequenas dimensões.
	E382	Escultura	China	Séc. XIX	R	CML 84/2006	Em madrepérola de pequenas dimensões.
	E383	<i>Figura Oriental</i>	China	Séc. XIX / XX	R	CML 84/2006	Em madeira de pequenas dimensões. Peça com algumas probabilidades de ser proveniente

							da coleção de MTG em Londres.
E385	<i>Figura Oriental</i>	China	Séc. XIX / XX	R	CML 84/2006	Em madeira de pequenas dimensões. Peça com algumas probabilidad es de ser proveniente da coleção de MTG em Londres.	
E386	<i>Figura Oriental</i>	China	Séc. XIX / XX	R	CML 84/2006	Em madeira de pequenas dimensões. Peça com algumas probabilidad es de ser proveniente da coleção de MTG em Londres.	
E387	<i>Buda</i>	China	Séc. XIX	E	CML 84/2006	Em ametista de pequenas dimensões.	

E388	<i>Buda</i>	China	Séc. XIX	R	CML 84/2006	Em lápis-lazúli de pequenas dimensões.
E389 E447 E448 E449 E450 E451 E452 E453	Escultura	Desc.	Desc.	R	CML 84/2006	Conjunto de oito miniaturas em lápis-lazúli com a designação <i>Animais Diversos</i> .
E407	<i>Pietà e figura feminina</i>	Europa	Séc. XIX	R	CML 81/2006	Em bronze de pequenas dimensões.
E408	<i>Máscara Indígena</i>	Europa	Séc. XIX / XX	R	CML 81/2006	Pesa-papéis em bronze com base em mármore.
E409	<i>Figura masculina sentada</i>	Europa	Séc. XIX	R	CML 81/2006	Em bronze dourado com base em mármore.
E410	<i>Nu masculino</i>	Europa	Séc. XIX / XX	R	CML 81/2006	Em bronze dourado com base em mármore.
E411	<i>Busto feminino</i>	Europa	Séc. XIX	R	CML 81/2006	Em bronze patinado

							com pedestal em madeira.
E412	<i>Nu Masculino</i>	Europa	Séc. XIX	R	CML 81/2006		Em bronze com pedestal em mármore.
E417	<i>Figura de Oriental</i>	China	Séc. XIX / XX	R	CML 81/2006		Em madeira de pequenas dimensões. Peça com algumas probabilidades de ser proveniente da coleção de MTG em Londres.
E384	<i>Buda</i>	Oriente	Séc. XIX / XX	R	CML 84/2006		Netsuke em marfim.
E438 E439 E440 E441 E442 E443 E444 E445 E446	Netsuke	Oriente	Séc. XIX / XX	R	CML 84/2006		Conjunto de <i>Dez Netsuki diversos</i> <sup>416</sup> (Ancião, figura com criança, humanoide, Buda, etc.).

<sup>416</sup> Segundo o catálogo do leilão CML 84/2006 a peça com o n.º de inventário E384 fazia parte deste conjunto de dez *netsukes*.

							Em marfim de pequenas dimensões.
<b>Mobiliário</b>	D959	Cadeira de secretária	Holanda	Séc. XIX	E	CML 81/2006	Em mogno, pau cetim e seda adamascada.
	D964	Armário de livros	Inglaterra	Séc. XIX/X X	E	CML 81/2006	Estilo Jorge III.
	D968	Papeleira	Portugal	Séc. XIX/X X	E	CML 81/2006	Estilo D. José / D. Maria.
	D969	Vitrine de suspensão	Holanda	Séc. XIX / XX	R	CML 81/2006	Estilo neoclássico.
	E376	Escritório	Oriente	Séc. XIX	R	CML 84/2006	Escritório em madeira, com relevos em laca e madrepérola.
	E404	Cadeira	Holanda	Séc. XIX	R	CML 81/2006	Estilo rocaille.
	E405	Mesa de dois tampos – jogo e fumo <sup>417</sup>	Holanda	Séc. XVIII/ XIX	R	CML 81/2006	Estilo neoclássico. Peça, provavelmente,

<sup>417</sup> Esta poderá ser a peça de mobiliário (mesa de jogo em mogno com tampos) que Manuel Teixeira Gomes adquiriu, por £1.14.0, no leilão da Robinson, Fisher & Co. de 24 de março de 1915.

							proveniente da coleção de MTG em Londres.
	E406	Cadeira\par (Par de cadeiras)	França	Séc. XIX / XX	R	CML 81/2006	Par de <i>Fauteuils</i> , estilo Luís XV / Luís XVI.
Pintura	D962	<i>Menina contando dinheiro</i>	Escola francesa	Séc. XIX	R	CML 81/2006	Óleo sobre tela; cena de costumes.
	D963	<i>Vista de Porto de Mar com Ruínas</i> <sup>418</sup>	Escola italiana	Séc. XVIII	E	CML 81/2006	Óleo sobre cobre; <i>capriccio</i> (caprichos). Obra com algumas probabilidades de ser proveniente da coleção de MTG em Londres.
	E394	<i>Senhora, Anciã e Menino</i> <sup>419</sup>	Escola francesa	Séc. XIX	R	CML 84/2006	Óleo sobre tela; cena de costumes.

<sup>418</sup> Pintura com algumas semelhanças com a comprada por Teixeira Gomes no leilão da Robinson, Fisher & Co. de 21 de janeiro de 1915, que aludimos no terceiro capítulo. Ambas têm como suporte o cobre, as duas são do século XVIII e têm por paisagem uma baía. E, o quadro *Vista de Porto de Mar com ruínas* parece-nos, também, inspirado em obras do pintor francês Claude Lorrain.

<sup>419</sup> Esta obra corresponde à aquisição realizada por Teixeira Gomes a 11 de março de 1915, num leilão da Robinson, Fisher & Co., que o mesmo descreve como um pequeno quadro a óleo representando uma

							Obra, provavelmen te, proveniente da coleção de MTG em Londres.
E396	<i>Retrato de Senhora da Época Império</i>	Escola francesa	Séc. XIX	R	CML 85/2007	Pastel sobre papel; retrato.	
E413	<i>Natureza morta – flores e frutos<sup>420</sup></i>	Escola espanhola	Séc. XVIII / XIX	R	CML 81/2006	Óleo sobre tela; natureza- morta. Obra, muito provavelmen te, proveniente da coleção de MTG em Londres.	

mulher num burro que um rapaz procura reter e ao seu lado um velho de barbas (Cf. Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 4 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*, p. 7). Teixeira Gomes atribui a obra a escola holandesa, enquanto o inventário do Museu de Portimão refere escola francesa, no seguimento do catálogo do leilão n.º 84 da Cabral Moncada Leilões onde consta no lote 866 a mesma atribuição (Cf. CABRAL MONCADA LEILÕES – *Leilão de Pintura, Antiguidades, Obras de Arte, Pratas e Jóias (Leilão nº 84)*. Lisboa: AGIR, 2006, p. 147).

<sup>420</sup> Esta será a obra adquirida por Teixeira Gomes a 9 de novembro de 1914, por 8 libras, na *The Marble Arch Gallery* que referimos no terceiro e quatro capítulos, registada no *Inventário de Londres* como «1 quadro: Flores e frutos, de Campidoglio £8» (Cf. Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 4 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*, p. 4). Pelo que na nossa opinião na coluna relativa à autoria/local de execução será de constar Michelangelo di Campidoglio (1625-1669) e na datação propomos séc. XVII em vez de séc. XVIII/XIX.

E414	<i>Retrato de Fidalgo</i>	Escola holandesa	Séc. XIX	R	CML 81/2006	Óleo sobre tela colada sobre platex; retrato.
E415	<i>Retrato de cão com touca</i>	Ignacio Zuloaga	Séc. XIX	R	CML 81/2006	Óleo sobre tela; retrato. Placa com a inscrição: «I. Zuloaga». Obra proveniente da coleção de MTG em Londres.
E419	<i>Retrato de rapaz</i>	Europa	Séc. XIX	R	CML 81/2006	Óleo sobre tela; retrato.
E420	<i>Interior de catedral</i> <sup>421</sup>	Escola holandesa	Séc. XVIII / XIX	R	CML 81/2006	Óleo sobre madeira, cena religiosa. Obra com probabilidade de ser proveniente da coleção de MTG em Londres.

<sup>421</sup> Esta obra, *Interior de Catedral*, poderá ser a comprada por Teixeira Gomes, a 25 de março de 1915, num leilão da Robinson, Fisher & Co., por uma libra, que descreve como um pequeno quadro a óleo de um interior de igreja (Cf. Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 4 *Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G.*, p. 8).

E421	<i>Marinha – Tempestad e<sup>422</sup></i>	Europa	Séc. XIX	R	CML 81/2006	Óleo sobre tela; marinha. Obra com algumas probabilidad es de ser proveniente da coleção de MTG em Londres.
E422	<i>Henrique IV, rei de França, surpreendid o pelo embaixador a brincar com os netos</i>	Escola francesa	Séc. XIX	R	CML 81/2006	Guache sobre papel; cena de costumes.
E390 E454 E455 E456 E457 E458	<i>Figuras Orientais</i>	China	Séc. XIX	R	CML 84/2006	Conjunto de seis pinturas sobre papel de arroz com a designação <i>Figuras Orientais</i> .

<sup>422</sup> Obra com algumas hipóteses de corresponder à aquisição concretizada por Manuel Teixeira Gomes em 20 de agosto de 1912 na casa Harvey.

Cerâmica	E391	Travessa	China	Séc. XVIII	R	CML 84/2006	Reinado Qianlong. Porcelana da Companhia das Índias.
	Não categorizado						
	A340	Serviço de copos	Desc.	Desc.	R	D 1999	Serviço de 77 peças em cristal, com o monograma <i>TG</i> , iniciais de Teixeira Gomes.
	D954	Friso <i>Festa em honra do deus Baco</i>	Europa	Séc. XIX	E	CML 81/2006	Em bronze com relevos decorativos.
	D955	Castiçal par	Inglaterra	Séc. XIX	R	CML 81/2006	Estilo Jorge III.
	D956	Salva	Portugal	Séc. XIX / XX	R	CML 81/2006	Em prata. Marca de contraste Javali do Porto (1887- 1937) (Vidal – 73).
	D958	Bengala	Portugal	Séc. XIX / XX	R	CML 81/2006	Arte Nova. Em madeira e prata. Marca de contraste

							Javali de Lisboa (1887-1937) (Vidal – 72).
D961	Caixa	China	Séc. XIX	E	CML 81/2006	Em marfim esculpido e rendilhado com motivos florais e orientais.	
D965	Cinzeiro	Portugal  Ferreira Marques & Filhos (ourives)	Séc. XIX / XX	R	CML 81/2006	Em prata. Contraste Javali do Porto (1887-1937).	
D966	Tinteiro	Inglaterra  Walter & John Barnard (ourives)	Séc. XIX	E	CML 81/2006	Em prata. Estilo neoclássico. Oferecido a MTG, em 1923, pela Câmara Portuguesa de Comércio e Indústria de Londres.	
E377	Frasco de perfume duplo	Inglaterra	Séc. XIX	R	CML 82/2006	Em prata, metal dourado e	

							meias-pérolas de cultura. Contraste de Londres (1867-1868)
E378	Faca	Oriente	Séc. XIX / XX	R	CML 82/2006		Em aço e osso.
E379	Placa	China	Séc. XIX	R	CML 84/2006		Reinado Jiaqing. Porcelana da Companhia das Índias.
E380	Faca	Oriente	Séc. XIX	R	CML 82/2006		Em aço, folha de prata e madeira.
E392	Prato	China	Séc. XIX	R	CML 84/2006		Em metal <i>cloisonné</i> .
E393	Salva	Portugal	Séc. XIX / XX	R	CML 84/2006		Em prata. Contraste Javali do Porto (1887-1937) (Vidal – 73).
E395	<i>Chapéu de cerimónia</i>	China	Séc. XIX	R	CML 85/2007		Em alabastro.

E397	<i>Baía com barcos e dragão</i>	China	Séc. XIX / XX	R	CML 85/2007	Medalhão em marfim gravado a negro em suporte de madeira rendilhada.
E398	Taça	China	Séc. XIX	R	CML 85/2007	Em metal <i>cloisonné</i> .
E399	Jarra	China	Séc. XIX	R	CML 85/2007	Em metal <i>cloisonné</i> .
E400	Indeterminado	China	Séc. XIX	R	CML 85/2007	Em metal <i>cloisonné</i> .
E401	Vaso	China	Séc. XIX	R	CML 85/2007	Conjunto de três vasos de pequenas dimensões em metal <i>cloisonné</i> .
E402	<i>Corações</i>	China	Séc. XIX	R	CML 85/2007	Conjunto de duas caixas com forma de coração em metal <i>cloisonné</i> .
E403	<i>Taça</i>	China	Séc. XVIII	R	CML 85/2007	Em metal <i>cloisonné</i> . Reinado Qianlong.

E416	<i>Paisagem com figuras Orientais</i>	China	Séc. XIX / XX	R	CML 81/2006	Caixa em madeira entalhada e lacada de vermelho.
E418	Caixa	Oriente	Séc. XIX / XX	R	CML 81/2006	Caixa de madeira relevada e lacada, interior com polvilhado de ouro.
E423	Cigarreira	Portugal	Séc. XIX / XX	R	CML 81/2006	Arte Nova. Em prata. Contraste Javali do Porto (1887-1937) (Vidal-83).
E424	Caixa de tabaco	Áustria-Hungria	Séc. XIX	R	CML 81/2006	Em prata. Contraste de Viena (1825-1866), marca de ourives HV.
E425	Caixa de rapé	Portugal	Séc. XIX	R	CML 81/2006	Em prata. Marca de ensaiador do Porto (1818-1836).

							Marca de ourives atribuída a Luís A. R. de Araújo (1810-1836).
E426	<i>Construções e Flores</i>	Portugal	Séc. XIX / XX	R	CML 81/2006	Cigarreira em prata. Contraste Javali de Lisboa (1887-1937) (Vidal-77).	
E427	Bandeja	Portugal	Séc. XIX / XX	R	CML 81/2006	Em prata. Contraste Javali do Porto (1887-1937) (Vidal-73).	
E428	Cesto de pão	Portugal	Séc. XIX / XX	R	CML 81/2006	Em prata. Contraste Javali do Porto (1887-1937) (Vidal - 73).	
E429	Floreira	Portugal	Séc. XIX / XX	R	CML 81/2006	Em prata. Contraste Javali do Porto (1887-	

							1937) (Vidal - 73).
E430	<i>Arcos e Cruz de Cristo</i>	Portugal	Séc. XIX / XX	R	CML 81/2006	Serviço de chá e de café (quatro peças) em prata. Decoração ao gosto manuelino. Contraste Javali do Porto (1887-1937) (Vidal-73).	
E431	Paliteiro	Portugal	Séc. XIX / XX	R	CML 81/2006	Em prata. Contraste Javali do Porto (1887-1937) (Vidal-83).	
E432	Talher	China	Séc. XIX / XX	R	CML 81/2006	Em madeira entalhada e marfim.	
E433	Caixa	Europa	Séc. XIX / XX	R	CML 81/2006	Em prata.	
E434	Castiçal par	Portugal	Séc. XIX	R	CML 81/2006	Em prata. Marca de ensaiador de	

							Lisboa (1822-1843). Marca de ourives atribuível a Manuel dos Santos (1804-1843).
E435	<i>Putti, mascarões e flores</i>	Inglaterra	Séc. XIX / XX	R	CML 81/2006	Cofre em prata rendilhada. Contraste de Chester (1899-1900). Marca de ourives Berthold Muller.	
E436	<i>Bíblia</i>	Holanda	Séc. XIX 1810	R	CML 81/2006	Aplicações em prata rendilhada e encadernação em pele.	
E437	Álbum de fotografias	Europa	Séc. XIX	R	CML 81/2006	Capa em prata.	

**Legenda:**

CML 81/2006 – Adquirido no leilão nº 81 da *Cabral Moncada Leilões* (Leilão de Pintura, Antiguidades, Obras de Arte, Pratas e Joias), realizado em Lisboa entre 22 e 25 de maio de 2006.

CML 82/2006 – Adquirido no leilão nº 82 da *Cabral Moncada Leilões* (Leilão de Pintura, Antiguidades, Obras de Arte, Moedas, Pratas e Joias), realizado em Lisboa entre 16 e 19 de outubro de 2006.

CML 84/2006 – Adquirido no leilão nº 84 da *Cabral Moncada Leilões* (Leilão de Pintura, Antiguidades, Obras de Arte, Pratas e Jóias), realizado em Lisboa entre 20 e 23 novembro de 2006.

CML 85/2007 – Adquirido no leilão nº 85 da *Cabral Moncada Leilões* (Leilão de Pintura, Antiguidades, Obras de Arte, Pratas e Joias), realizado em Lisboa entre 15 e 18 de janeiro de 2007.

D 1999 – Adquirido no leilão da *Dinastia – Antiquários, Leiloeiros e Galeria de Arte, Lda.*, realizado em Lisboa a 15 de dezembro de 1999.

Data – Datação

Desc. – Desconhecido(a)

E - Exposição

Incorp. – Incorporação

Loc. – Localização

N.º I – N.º Inventário

Obs. – Observações

R – Reserva

Séc. – Século

**Fontes:**

Anexo V - *Entrevista à Dr.ª Isabel Soares.*

Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 4  
*Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G..*

CABRAL MONCADA LEILÕES – *Leilão de Pintura, Antiguidades, Obras de Arte, Pratas e Jóias (Leilão nº 81)*. Lisboa: AGIR, 2006.

CABRAL MONCADA LEILÕES – *Leilão de Pintura, Antiguidades, Obras de Arte, Moedas, Pratas e Jóias (Leilão nº 82)*. Lisboa: António Coelho Dias, S.A., 2006.

CABRAL MONCADA LEILÕES – *Leilão de Pintura, Antiguidades, Obras de Arte, Pratas e Jóias (Leilão nº 84)*. Lisboa: AGIR, 2006.

CABRAL MONCADA LEILÕES – *Leilão de Pintura, Antiguidades, Obras de Arte, Pratas e Jóias (Leilão nº 85)*. Lisboa: AGIR, 2007.

DINASTIA – ANTIQUÁRIOS, LEILOEIROS E GALERIA DE ARTE, LDA. – *Catálogo de Antiguidades com peças de interesse internacional. Um dos mais importantes leilões realizados esta época*. Lisboa: [s.n.], 1999.

MUSEU DE PORTIMÃO - CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E ARQUIVO HISTÓRICO – *Inventário da Coleção Manuel Teixeira Gomes*. Portimão: Museu de Portimão - Centro de Documentação e Arquivo Histórico, s.d..

**Quadro 4.2:** Vinte pinturas – o legado de Manuel Teixeira Gomes ao Museu Nacional de Arte Contemporânea em depósito no Museu de Portimão

N.º I	Título	Autoria	Data de execução	Materiais e suportes	Dim. (cm)	Temática	Inscrições, ano da doação ao MNAC e historial da obra
557 (MC) K592 (MP)	<i>Paisagem</i> <i>(Beaulieu)</i>	Henri Harpignies	1891	Aquarela sobre papel	23 x 30,5	Paisagem	- Assinado e datado pelo autor no canto inferior esquerdo. - Inscrição no canto inferior direito « <i>Beaulieu</i> ». - Doada ao MNAC em 1924. - Obra da coleção de Londres.
558 (MC) K593 (MP)	<i>Paisagem</i>	Henri Harpignies	1888	Aquarela sobre cartão	19,5 x 28	Paisagem	- Assinado e datado pelo autor no canto inferior esquerdo.

646 – A (MC) K594 (MP)	<i>Retrato de Teixeira Gomes</i>	Columbano Bordalo Pinheiro	1911	Óleo sobre tela	55 x 43	Retrato	- Assinado e datado pelo autor no canto superior esquerdo. - Placa com a referência: «Oferecido pelo Ex. <sup>mo</sup> Senhor Manuel Teixeira Gomes». - Doado ao MNAC em 1930.
726 (MC) K595 (MP)	<i>Estudo de nu</i>	R.A. William Etty	Séc. XIX	Óleo sobre madeira	50 x 37	Nu	- Placa com a referência: «W. ETTY. “ESTUDO DE NU”. oferecido pelo Ex. <sup>mo</sup> Sr. M. Teixeira Gomes». - Obra da coleção de Londres.
727 (MC) K596 (MP)	<i>Interior</i>	Marià Fortuny	Séc. XIX	Óleo sobre madeira	21 x 31	Pintura de género	- Assinado pelo autor no canto inferior direito.

							- Placa com a referência: «FORTUNY. “INTERIOR”. Oferecido pelo Ex. <sup>mo</sup> Sr. M. Teixeira Gomes». - Obra da coleção de Londres.
728 (MC) K597 (MP)	<i>Paisagem</i> <sup>423</sup>	Marià Fortuny	Séc. XIX	Óleo sobre tela	35 x 50	Paisagem	- Obra, provavelmente, da coleção de Londres.
746 (MC) K598 (MP)	<i>Flores</i> <sup>424</sup>	Henri Fantin-Latour	1875	Óleo sobre tela	32 x 25	Natureza-morta	- Assinado e datado pelo autor no canto superior direito. - Placa com a referência: «Fantin-Latour (1836-1904). “Flores”.

<sup>423</sup> Esta poderá ser a obra adquirida por Manuel Teixeira Gomes no leilão da Foster, a 2 de fevereiro de 1916, onde comprou uma paisagem com figuras de Fortuny. Neste óleo sobre tela oferecido ao MNAC, intitulado *Paisagem*, de Mariano Fortuny, está representada uma paisagem com figuras (Cf. <http://matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=203986> [consult. 31-10-2023]).

<sup>424</sup> A pintura *Flores* de Henri Fantin-Latour, como referimos no quatro capítulo, parece-nos corresponder à natureza-morta adquirida, por 4 libras, pelo diplomata em Londres a 26 de novembro de 1914, na The Marble Arch Gallery.

							(Oferta do Ex. <sup>mo</sup> Sr. Manuel Teixeira Gomes)». - Obra, provavelmente, da coleção de Londres.
747 (MC) K599 (MP)	<i>Mulher nua</i> <sup>425</sup>	R.A. William Etty	Séc. XIX	Óleo sobre madeira	44 x 53	Nu	- Placa com a referência: «W. ETTY. "MULHER NUA". oferecido pelo Ex. <sup>mo</sup> Sr. M. Teixeira Gomes». - Obra, provavelmente, da coleção de Londres.
748 (MC) K600 (MP)	<i>Paisagem</i>	Alfred Stevens	Séc. XIX	Óleo sobre tela	25 x 32	Paisagem	
749 (MC) K601 (MP)	<i>Lord Russel</i>	R. A. Landseer, Sir Edwin Henry	1826	Óleo sobre cartão	36 x 26	Retrato	- Assinado e datado pelo autor no verso.

<sup>425</sup> Esta poderá ser a pintura comprada por Manuel Teixeira Gomes, pelo valor de £2.12.6, a 13 de dezembro de 1917, na Robinson, Fisher & Co., intitulada no catálogo de *A Nude Figure*.

750 (MC) K602 (MP)	<i>Mulher descascando fruta</i>	J. Israels	Séc. XIX	Óleo sobre madeira	30 x 21	Pintura de gênero	- Assinado pelo autor no canto inferior direito. - Placa com a referência: «ISRAEL. “MULHER DESCASCANDO FRUTA”. oferecido pelo Ex. <sup>mo</sup> Sr. M. Teixeira Gomes».
751 (MC) K603 (MP)	<i>Interior</i>	Philippe Jaques Linder	Séc. XIX	Óleo sobre madeira	18 x 12	Pintura de gênero	- Placa com a referência: «LINDER. “Interior”. Of. <sup>do</sup> pelo Ex. <sup>mo</sup> Sr. M. Teixeira Gomes».
752 (MC) K604 (MP)	<i>Paisagem francesa</i>	Henri Rossoff	Séc. XIX	Óleo sobre cartão	19 x 27	Paisagem	- Assinado pelo autor no canto inferior direito. - Placa referindo «Rosoff. “Paisagem Francesa”. Oferecido ao Museu pelo Ex.

							Sr. M. Teixeira Gomes».
754 (MC) K605 (MP)	<i>Cabeça de cocheiro inglês</i>	Autor desconhecido	Séc. XIX-XX	Óleo sobre tela	35 X 32	Retrato	- Placa referindo «Autor desconhecido, Cabeça de Cocheiro Inglez, Of. pelo Ex Sr. M. Teixeira Gomes».
755 (MC) K606 (MP)	<i>Cebolas</i>	Autor desconhecido	Séc. XIX-XX	Óleo sobre tela	40 x 51	Natureza-morta	
756 (MC) K607 (MP)	<i>Marinha</i>	Autor desconhecido	Séc. XIX-XX	Óleo sobre tela	32 x 40	Paisagem (Marinha)	
757 (MC) K608 (MP)	<i>Sapateiro</i>	Erskine Nicol	Séc. XIX	Óleo sobre tela.	48 x 37	Pintura de género	- Assinatura do autor no canto inferior direito e placa referindo «Oferecido pelo Ex. Sr. M. Teixeira Gomes».

							- Obra da coleção de Londres.
758 (MC) K609 (MP)	<i>Cristo crucificado</i>	Autor desconhecido	Séc. XIX / XX	Aquarela sobre papel.	23,5 x 16	Religiosa	
759 (MC) K610 (MP)	<i>Meninas no campo</i>	Léon Henri Antoine Loire	Séc. XIX	Óleo sobre tela	25 x 35	Pintura de género	- Assinado pelo autor no canto inferior esquerdo. - Placa com a referência: «LOIRE. “MENINAS NO CAMPO”. oferecido pelo Ex. <sup>mo</sup> Sr. M. Teixeira Gomes».
744 (MC) K611 (MP)	<i>Paisagem na praia da Aguda</i>	João Marques de Oliveira	1922	Óleo sobre madeira	31 x 46,5	Paisagem	- Assinado pelo autor no canto inferior direito.

**Legenda:**

Dim. - Dimensões

MC – Museu do Chiado - Museu Nacional de Arte Contemporânea

MP – Museu de Portimão

N.º I - N.º Inventário

Séc. – Século

**Fontes:**

Anexo V - *Entrevista à Dr.ª Isabel Soares.*

Biblioteca Nacional de Portugal – *Espólio de Teixeira Gomes (E46)*, cx. 48, pasta 4  
*Objectos de arte existentes na Embaixada de Londres, pertencentes a M.T.G..*

DIREÇÃO-GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL [online] – *MatrizNet* [em linha].  
[consult. 17-11-2023]. Disponível na Internet <URL  
<http://www.matriznet.dgpc.pt/matriznet/home.aspx> >.

GAMEIRO, José; LAPA, Pedro; AFONSO, Rui – *Exposição Manuel Teixeira Gomes – O coleccionador de pintura.* Portimão: Câmara Municipal de Portimão e Museu de Portimão, 2009.

MUSEU DE PORTIMÃO - CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E ARQUIVO HISTÓRICO –  
*Inventário da Coleção Manuel Teixeira Gomes do Museu do Chiado.* Portimão: Museu de Portimão - Centro de Documentação e Arquivo Histórico, s.d.

MUSEU NACIONAL DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO CHIADO [online] – *Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado* [em linha]. [consult. 17-11-2023]. Disponível na Internet <URL <http://www.museuartecontemporanea.gov.pt/> >.

## **ANEXO V**

### **Entrevista à Dr.<sup>a</sup> Isabel Soares**

Entrevista escrita (em formato de questionário) à Dr.<sup>a</sup> Isabel Soares (Chefe da Divisão de Museus, Património e Arquivo Histórico (DMPAH) da Câmara Municipal de Portimão) realizada, a 13 de julho de 2022, no âmbito do trabalho para a unidade curricular de *Seminário de Investigação* intitulado *A Coleção Manuel Teixeira Gomes no Museu de Portimão*, pelo mestrando Ricardo Manuel da Mota e Silva orientado pelo Professor Doutor Pedro Eugénio Dias Ferreira de Almeida Flor.

Q.1. Quando foi criado o núcleo *Manuel Teixeira Gomes – viajante, político, escritor* no Museu de Portimão?

Museu de Portimão (MP) - *O núcleo “Manuel Teixeira Gomes – Viajante, Político e escritor” faz parte do percurso Origem e Destino de uma Comunidade, da exposição de referência “Portimão – Território e Identidade” e foi inaugurado a 17 de Maio de 2008.*

Q.2. Que objetivos nortearam a criação deste núcleo dedicado ao antigo Presidente da República?

MP - *A exposição de referência tem como objetivo interpretar e dar a conhecer os principais momentos da nossa sociedade na sua interação histórica com a envolvente geográfica e natural, resultante do cruzamento de povos e culturas que passaram e se fixaram neste território. Por tal, o núcleo do Manuel Teixeira Gomes ocupa um lugar de destaque, sobretudo na viragem do século XIX, tendo sido presidente da República e elevando Vila Nova de Portimão a Cidade, foi sem dúvida uma figura de grande importância para a nossa cidade e para o nosso país.*

Q.3. Existiu alguma razão em particular na escolha das obras/peças expostas neste núcleo dedicado a Teixeira Gomes?

MP - *As peças escolhidas para o referido núcleo têm como objetivo contar a história deste ilustre portimonense nas suas diferentes facetas, enquanto político, escritor, viajante e também grande colecionador de arte. No mesmo núcleo é apresentada uma espécie de barra cronológica que dá a conhecer e completa o discurso museológico, assim*

como um módulo interativo, onde o visitante poderá explorar e aprofundar o seu conhecimento relativamente ao Manuel Teixeira Gomes.

Q.4. Que trabalho tem sido desenvolvido pelo Museu de Portimão em prol da aquisição, salvaguarda e divulgação da *Coleção Manuel Teixeira Gomes*?

MP - O Museu desenvolveu trabalho de investigação para a concretização do referido núcleo, e tem vindo a completar de forma continuada os conteúdos. Sublinhamos as duas publicações em que colaboramos, “*Cartas de Manuel Teixeira Gomes a João de Barros*” a exposição “*Portimão nos alvares do século XX – Dois séculos, dois Regimes*” e os seminários e palestras, destacamos o colóquio *Manuel Teixeira Gomes -o político, o diplomata, o escritor e o artista* e a conferência que está prevista para o dia da Cidade em 2022: “*TEIXEIRA GOMES, A GUERRA E A PAZ*” com Nuno Severiano Teixeira e ainda as visitas orientadas à exposição e todas as atividades educativas, destacando-se a realização de um filme de animação sobre o Teixeira Gomes.

Q.5. Quando e como foram adquiridas as peças da *Coleção Manuel Teixeira Gomes* que estão expostas e em depósito no Museu de Portimão?

MP - As peças foram adquiridas em leilão, primeiro em 1999 e depois entre Maio de 2006 e Janeiro de 2007.

Q.6. Em relação às telas pertencentes ao Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado em depósito no Museu de Portimão, quando foi realizado o protocolo de cedência e por quanto tempo?

MP - O protocolo foi realizado em 2009, no âmbito da exposição “*Manuel Teixeira Gomes: O Colecionador de pintura*”, com a duração de dez anos e entretanto renovado.

Q.7. Quais são as perspetivas futuras para estas telas?

MP - O objetivo é sem dúvida manter o protocolo estabelecido e que o mesmo seja renovado para que as obras possam continuar depositadas no Museu de Portimão.

Q.8. No passado dia 28 de maio [de 2022], no contexto das comemorações do 162º aniversário do nascimento de Manuel Teixeira Gomes realizadas em Portimão, foi apresentado publicamente o programa preliminar do futuro Núcleo Museológico Casa Manuel Teixeira Gomes.

Q.8.1. Quais são os objetivos deste futuro Núcleo Museológico Casa Manuel Teixeira Gomes?

MP – *Considera-se que a implementação do núcleo Museológico Casa Manuel Teixeira Gomes, nesta zona e o seu programa, deverá contribuir para a concretização dos seguintes objetivos:*

*1 -Reabilitação e Valorização do Património Histórico*

*Assumindo-se a Casa Manuel Teixeira Gomes como um “objeto museográfico” ou até mesmo como “peça” que agrega a própria exposição, aconselha-se na intervenção a realizar, o recenseamento e a recuperação dos principais e mais significativos elementos pré-existentes, corrigindo-se se possível algumas incongruências formais provenientes de intervenções recentes e compatibilizar com o edifício anexo com uma leitura única da fachada, como parte integrante de um todo. O objetivo é acentuar a personalidade arquitectónica e histórica do imóvel que durante o último século conheceu várias alterações e conseqüentemente certa descaracterização formal e espacial produzidas pelas sucessivas intervenções. (história do edifício e diferentes intervenções e usos do mesmo)*

*Dadas as circunstâncias atuais do edifício e aos elementos que são pertença da autarquia, assim como a sua imagem no imaginário da população de Portimão, destaca-se a fachada virada a poente e é nesta perspectiva que deverá ser considerada como futuro elemento determinante de acesso público ao núcleo.*

*Deverá ser dada importância á iluminação noturna da fachada, reformulando-se a atual bastante redutora do entendimento claro da construção, assim como a acessibilidade com a construção de rampas, saídas de emergência para o exterior, percursos e discursos museológicos a acessíveis a todos os visitantes, condições de conservação (temperatura, humidade, iluminação, ruído).*

*2- Valorização da relação entre os diferentes elementos patrimoniais e culturais da zona envolvente.*

*Num quadro integrador, pretende este núcleo, contribuir para o fortalecimento da revitalização urbana, ampliando a atratividade da zona pela valorização do edifício e envolvente, constituindo-se como polo importante de um percurso público diversificada dos equipamentos culturais do município.*

*Com excelente enquadramento junto de um Jardim com História e um teatro Municipal, onde esteve instalado um palacete e um edifício de estilo eclético que futuramente irá funcionar como centro de interpretação do património edificado do município, este será mais um polo cultural onde serão promovidos serviços educativos, documentais, artísticos, visando a criatividade, o debate de animação acessível e aberto a todos.*

*O Núcleo Museológico enquadra-se na missão do museu de Portimão e na sua política de incorporação, assim como na ideia de Museu enquanto museu de sociedade, identidade e território, designadamente na integração de unidades historicamente representativas e de elementos do património local, distribuídos pela área do território do Município, valorizando a sua difusão no contexto de um itinerário cultural coerente dinamizando o contato com a sua realidade patrimonial, assim como assegurar a criação de núcleos museológicos e apoiar logisticamente e tecnicamente os mesmo.*

*3- Investigação e divulgação da figura de MTG, das coleções e dos estudos a ele associados.*

*3.1 – Criar um Gabinete de Investigação sobre Manuel Teixeira Gomes*

*Promover a investigação e a publicação dos estudos sobre o Teixeira Gomes;*

*Desempenhar um papel ativos na vida cultural, científica e educacional do município em articulação com o Museu de Portimão;*

*Estudar e interpretar a vida e a obra de Manuel Teixeira Gomes nos diferentes campos de ação, enquanto político, escritor, viajante, comerciante.*

*4 – Elaboração de uma exposição de referência – MANUEL TEIXEIRA GOMES – O REGRESSO A CASA*

4.1 – *Elaboração de uma exposição de referência que dê a conhecer este ilustre portimonense nas suas diferentes facetas.*

Q.8.2. Quando germinou esta ideia?

MP - *O programa museológico surgiu ainda este ano, contudo a ideia de fazer um núcleo museológico com as condições necessárias para conservar e dar a conhecer as peças da coleção Manuel Teixeira Gomes já há algum tempo.*

*As aquisições da Casa onde nasceu o Teixeira Gomes e posteriormente o edifício da Tralha, anexa à mesma, permitiram criar as condições para elaborar o programa museológico que será uma base de trabalho para o futuro projeto, o núcleo museológico deverá dar a conhecer as coleções e os estudos realizados de forma lúdica, por forma a desempenharem um papel educativo, recorrendo também a soluções interativas que promovam a interdisciplinaridade, vários pontos de vistas dos investigadores e a exploração de recursos e/ou tecnologias educacionais. Deverá existir um diálogo entre os espaços, os objetos, os módulos, os mobiliários e o edifício.*

Q.8.3. Que peças e obras farão parte deste núcleo?

MP - *A coleção Manuel Teixeira Gomes que pertence ao Município de Portimão e ainda poderá ser necessário pedir algumas peças que se encontram fora de portas e que poderão ser cedidas para completarem o discurso museológico.*

Q.8.4. O quadro *A adoração dos Reis Magos* doado pelo Sr. António Macieira Coelho fará parte deste núcleo?

MP - *Sim, claro.*

Q.8.5. Este futuro núcleo museológico é dirigido a algum público em especial, isto é, aos turistas que visitam Portimão (tendo em consideração que Teixeira Gomes foi um viajante incansável), à população escolar ou, em particular, aos portimonenses?

MP – *O Núcleo museológico dará a conhecer a casa onde nasceu Manuel Teixeira Gomes e este ilustre portimonense que se destacou em diferentes áreas, enquanto:*

*Político*

*Escritor*

*Viajante*

*Comerciante*

*Aos portimonenses e igualmente a quem nos visita, contudo o núcleo contará também com um gabinete de investigação dedicado aos investigadores e estudiosos de Teixeira Gomes e terá uma componente interativa e educativas dedicada aos mais jovens através de atividades promovidas pelos nossos serviços educativos.*

**Q.8.6. O Núcleo Museológico Casa Manuel Teixeira Gomes poderá ser também uma forma de promoção do turismo cultural em Portimão?**

*MP - Sem dúvida. Este será um Núcleo museológico que dependerá do Museu de Portimão, e como sabem o nosso museu já tem bastantes protocolos com unidades de turismo, no sentido de dar a conhecer a nossa história e a nossa identidade. Assim, esses protocolos serão certamente alargados ao referido núcleo e tendo em conta que o mesmo se situa numa zona privilegiada, junto de um Jardim com História e um teatro Municipal, onde esteve instalado um palacete, este será mais um polo cultural onde serão promovidos serviços educativos, documentais, artísticos, visando a criatividade, o debate de animação acessível e aberto a todos. Desta forma, contribuirá para o fortalecimento da revitalização urbana, ampliando a atratividade da zona pela valorização do edifício e envolvente, constituindo-se como polo importante de um percurso público diversificada dos equipamentos culturais do município.*

**Q.8.7. Para além do mencionado, o que nos pode acrescentar sobre o futuro Núcleo Museológico Casa Manuel Teixeira Gomes?**

*MP - Não será só uma exposição de referência sobre o Manuel Teixeira Gomes, terá certamente uma componente cultural forte, ligada a arte, tendo em conta o gosto artístico do nosso ilustre portimonense. No espaço anexo à casa Manuel Teixeira Gomes e que fazia anteriormente parte da mesma, serão realizadas exposições ligadas à pintura, escultura, fotografia, história local e certamente à música.*

Q.9. Para além do referido nas questões anteriores gostaria de aludir algum aspeto que possa ser útil para a nossa investigação?

MP - *Apenas sublinhar a importância de existirem estudos que possam contribuir para um conhecimento mais aprofundado de Manuel Teixeira Gomes e congratulá-lo pelo fato de dedicar o seu estudo a esta temática.*